

C.16/8124
Alterosa



Beleza

*natural
harmoniosa*

*como a de Ann Shirley,
você também pode obter
hoje mesmo com*

PÓ
ROUGE
BATON TRU-COLOR
PAN-CAKE MAKE-UP
em



Harmonia de Cores

ANN SHIRLEY, estrela do filme RKO
"CASEI-ME POR ENGANO"
a esplêndida comédia musicada a ser
exibida brevemente.



Max Factor

HOLLYWOOD

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

CAPA

A capa desta edição apresenta uma fotografia de Mary Elliot, estrela da Metro, em tricromia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

O passado não morre, Marina...	
Antonio Abrão	
Premiado	2
A lenda do Rio das Velhas	
Lúcia M. de Almeida	6
A melhor vingança	
Ilza Montenegro	10
Castigo que Deus mandou	
Nóbrega de Siqueira . .	14
O outro lado da vida	
Antônio Silveira	18
Educada à inglesa	
Fernan S. Valdes	22
Matrimônio por conveniência	
Allene Corbis	26
A sonâmbula	
Dorotéa Black	32

LITERATURA

A idéia em marcha	
Alberto Olavo	41
Vitrine literária	
Cristiano Linhares . . .	42
Quem vê caras...	
Oscar Mendes	54
Batista Cepelos	
Carlos Maranhão	56
Machado de Assis ainda no cartaz	
Dionísio Garcia	72
Acalanto para a moça que trabalha	
Paulo Dantas	88
O personagem persegue o autor	
G. Teixeira da Costa	116

DIVULGAÇÃO

Bailarina absoluta	
Olga Obry	44
O trágico amor de Corneille	
Redação	48
Cartas dos Estados Unidos	
Huberto Rohden	52

HUMORISMO

De mês a mês	
Guilherme Tell	46
Paisagens locais	
Fábio Borges	62
Pingos de história	
Trad. de Joaquim Laranjeira	68

CINE E RÁDIO

A partir da página	106
----------------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda feminina	
A partir da página	74
Sugestões para a sua beleza	
Ivete Marion	92
A banana e o leite na beleza	
Redação	94

DIVERSOS

Sedas e Plumas	50
Esparsos	60
Página das Mães	64
Hinterlândia Poética . . .	67
Grafologia	112
Arte Culinária	114
No mundo dos enigmas . .	130



R E C O R D A

Guarda dentro de ti, no fundo da memória, a efêmera impressão das horas de alegria: minutos de prazer, segundos de harmonia, claros dias de amor, instantes de vitória.

Mais tarde, ao desenhar-se a lúgubre invernã, nos últimos quartéis da vida transitória, rememora, de cor, os trechos dessa história para a tua velhice, inanimada e fria.

Novo e estranho fulgor terás no olhar cansado... Por êsse reviver, que galvaniza e ilude, de novo pulsará teu coração parado.

E, sôbre o teu ocaso, embranquecido e rude, êsse sol de verão, que guardas do passado, há de rasgar manhãs de eterna juventude.

EDMUNDO COSTA



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editôra Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5 Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal): Cr\$ 30,00 para 1 ano e Cr\$ 55 00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

O Passado Não Morre, Marina...

Conto de Antonio Abrão

Ilustrações de Rodolfo

Antonio Abrão, estreitando nas letras através desta revista, constitui autêntica revelação de contista dotado dos principais predicados que lhe garantirão, sem dúvida, destacado lugar entre os maiores.

ALTEROSA concede-lhe, com justiça, o prêmio do mês.

TARDE de verão. O sol ainda é alto... O homem de terno cinza chegou ao pé da ladeira e seguiu-a com os olhos tristes, até o topo.

Depois olhou para os dois lados da rua observando a numeração. Começava justamente onde ele se encontrava.

— Hum, hum — murmurou — a casa deve ficar bem lá no alto.

O homem suspirou e deu início à penosa subida. Na mão direita carregava uma pequena valise. Não devia pesar muito, pois nem a quase natural inclinação dos ombros se lhe notava. O homem continuou subindo lentamente. O sol atingia-o de frente, dificultando-lhe a visão e projetando a sua sombra num sentido longo e cômico.

A calçada por onde vai andando é trágicamente tortuosa, e a rua é um aglomerado de pedras enormes, por onde a vegetação se alastra sem cerimônia.

Bairro pequeno e modesto, habitado em sua maioria por operários.

Nos quintais, as roupas estendidas nos varais, dão a agradável impressão de bandeiras coloridas, acenando aos visitantes.

Crianças pobres brincam e dançam de ciranda, pondo uma clarinada de alegria dentro da rua que a prefeitura esqueceu.

Lá de baixo chega o rumor surdo dos bondes rolando e os claxons distantes dos automóveis.

O homem vem andando e olhando as casas. Vem arfante quase. A subida fazia-o despendir um esforço mais acentuado. De repente para. Firma os olhos numa placa azul-desbotada, e murmura: — “Deve ser aqui. O número está meio apagado. Mas deve ser aqui”. Volta-se e abre um pequeno portal que dá para um jardim minúsculo e abandonado. Chega-se à porta e bate...

Dois minutos de espera... e mansamente se abre, aparecendo

no limiar graciosa menina loira.

— O senhor é o doutor?

— Sim. Mas como sabe?

— Mamãe disse que o senhor viria... Entre, faça o favor!

O homem caminha para uma sala modestamente mobilada. A menina o conduz até o quarto. Dentro ronda um ar abafado. Numa cama de casal, coberta por uma simples colcha, encontra-se encolhida uma mulher esquelética. No canto direito uma mesa com toalha cor-de-rosa tendo em cima copos, colheres, ampólas, algodão, frascos de remédios e uma infinidade de coisas. Na parede um quadro a óleo com uma paisagem do norte e no outro lado uma lapinha de Nossa Senhora com uma vela acesa. Na cabeceira da cama um velho terno pendurado que balança de vez em vez, quando a mulher tosse sacudindo a cama. Ao lado do travesseiro grande um surrado livro de orações.

O médico aproxima-se da enferma. Ela volve o pálido rosto e com um sorriso nos lábios quase já sem cor fala:

— Dr. Fernando?

— Exatamente, minha senhora.

— Esperava-o. Sente-se, por obséquio.

Fernando puxa uma cadeira ao lado. Senta-se.

— Creio que não está me reconhecendo, não é? — diz a mulher.

Fernando olha-a bem, com firmeza. Parece vislumbrar leve semelhança com alguém no passado. Mas foi coisa de momento. Porque também os fantasmas do passado muito raramente voltam. E ele confessa que sinceramente não consegue se lembrar dela.

— Eu já esperava por isso, — prossegue ela. Também não o culpo, estou bastante desfigurada.

— Mas quem é a senhora e por que perguntou se a reconhecia?

— Marina... — Ela pára um pouquinho para gozar a surpresa e molhando os lábios ressequidos, completa. — Marina Correia...

— Marina... Marina... Será que... Então você é...

— Sim, Fernando. Sómente, prematuramente envelhecida, enferrujada, aniquilada e sem aquelas doces ilusões de moça.

— Que surpresa! Mas espere lá, você não pode dizer que é tão velha assim. Se eu não soubesse mais ou menos qual a sua idade...

— Sei disso. Mas estou acabada. Não só de corpo como de alma. Essa doença me levou aos poucos.

— Não tanto, assim, Marina...

— Não queira me enganar, Fernando. Eu já lhe disse que não tenho mais ilusões. Sei perfeitamente qual o meu estado. É um caso perdido. Inda há pouco o vigário saiu daqui. Ai está. Nada mais resta. Chamei-o justamente por essa razão. Sei que você ignorava até mesmo que eu fosse viva, quanto mais morando aqui mesmo. Mas você é a única pessoa em quem eu poderia confiar, sem receios, sem restrições. Em princípio, certo receio impediu-me de chamá-lo. Pensei que ainda conservasse o velho ressentimento. Mas a última vez que o médico me visitou, falou, com franqueza, do meu estado. Aliás, a meu pedido. Caso perdido. Questão de horas. Assim, vi-me na contingência de chamá-lo. Agora, você está aqui, não como médico, mas sim como um amigo, como irmão. Eu precisava





muito que você viesse. Mas diga-me uma coisa: guarda ainda rancor de mim?

— Ora, ora, Marina. O que passou, passou. Esqueci tudo, com respeito ao que sucedeu. Guardei, no entretanto, aquela sua figurinha bonita de menina-e-moça, que ficou espontânea e clara como uma imagem viva no painel da minha memória.

— Está bem, Fernando. Mas você precisa saber a minha vida, desde aquele tempo até hoje. Talvez nada mais você saiba, a não ser do tempo em que éramos namorados. Você vai me fazer um grande favor. Mas somente sabendo de toda a minha vida passada, com todas as minúcias, indiscretas ou não, você compreenderá o meu pedido.

— Mas se diz que irá pedir-me um favor, por que então confiar-me os seus segredos mais íntimos, quando esses deveriam ficar unicamente com você? Por que iria cobrar preço tão alto por um favor?

— Sei, Fernando, — e a voz de Marina é como uma ave cansada à procura de um beiral para pousar. — Não se trata disso. Mas você precisa saber de tudo para compreender. Continuo a confiar em você como naquele tempo. O seu coração não mente. Vamos retornar ao passado, porque só assim você compreenderá a razão que me levou a chamá-lo e porque somente a você peço esse favor, que será para mim como um perdão seu e uma penitência minha, que, embora tarde, cumpri...

Marina tosses. Leva um lenço à boca. Respira com dificuldade e começa a contar.

“Vai longe aquele tempo. Você era então um brilhante estudante de medicina e eu trabalhava num laboratório. Recordo-me, como se fôra agora, do nosso último encontro. Tínhamos combinado que seria ali, no Viaduto. A tarde estava fria, envolvida pela garça. — E’ engraçado como, decorrido tanto tempo, a gente se recorde ainda dos mínimos detalhes. — Parece-me vê-lo, vindo ao meu encontro, com o chapéu puxado sobre a testa e abrigado sob um capote preto. Vinha sorrindo, com aquele sorriso sereno e forte dos que têm confiança na vida. Como se fôra hoje, estou lembrando. Você estendeu-me a mão, cumprimentando:

— Como vai, Mara? Era assim que você me tratava na intimidade, lembra-se?

— Assim, assim... — respondi...

— Vamos ao cinema, como combinamos ontem?

— Não sei, Fernando — disse sem ter o que dizer.

— Não quer ir então? Olhe para mim. Não se sente bem?

Realmente, você tinha razões de sobra para pensar assim, pois eu devia estar, naquele momento, terrivelmente pálida e transformada.

— Não. Não é nada. — Foi a minha resposta evasiva. — Vamos andar um pouco...

“Caminhamos em silêncio. Eu me sentia constrangida, abatida, sem coragem. Mordia os lábios a ponto de fazê-los sangrar. Ao mesmo tempo “pressentia” o seu olhar inquiridor — você sempre foi observador — caindo sobre mim como querendo perscrutar, desvendar o que ia no meu íntimo. Isso era natural, pois jamais me havia portado daquela maneira. Mas, creia-me Fernando, naqueles momentos tive ímpetos de fugir, chorar e nem sei o que fazer. Queria falar mas faltava-me a coragem, não sabia como começar. Estava desarmada. Tudo andava à roda. Queria, e ao mesmo tempo não queria. Dúvida. Eu tinha pena de magoá-lo. Não queria entristecê-lo com a revelação. A sua bondade era de uma força tremenda e irradiadora. Mas... era preciso que você soubesse a verdade. A verdade inteira. Embora cruel, era preciso que você soubesse, pois minha consciência queimava como brasa viva. E enquanto jogava com essa dúvida os seus olhos não se desprendiam de mim, Fernando.

“Pensei... Pensei mais. Recuperei o equilíbrio. E num gesto que tinha pouco de calma e muito de nervoso, puxei-o pela

*



Não passe pela vida sem viver! Use as “Pílulas de Reuter” para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puríssimos, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.



I-A

PR-1

gola do sobretudo, — lembra-se disso? — e encostamo-nos na balaustrada do viaduto. Então, numa ansia insofreável, fechando os ouvidos para a razão, falei tudo: era o final. Conhecera outro homem. Portanto, cada qual para o seu lado, em busca do seu destino... Era o melhor... Devia me esquecer...

— Falei... Falei... num impulso terrível. Mas embora toda essa “coragem”, não tive ânimo de encará-lo um só instante. Talvez fôsse aquela espécie de vergonha que sempre, ou quase sempre, a mocidade guarda consigo, sob suas palavras ou gestos.

“Quando terminei, mal acreditava ter dito tudo. Lembro-me que você saiu muito pálido, sem dizer nada, e eu fiquei estatelada naquele parapeto vendo as reclamações dançarem numa fusão confusa e gritante de cores. Quanto tempo fiquei ali, não sei. Quando me retirei já era tarde e a garça continuava caindo sobre a cidade.

Marina pára um pouco. Seu peito arfa pesadamente. Tosse. As asas de suas narinas abrem-se exageradamente para absorver, em largos haustos, um pouco de ar. Fernando vai até sua cama e lhe pede que descanse. Ela obstinada diz que não, e continua a desfiar o rosário das suas recordações.

“Voltei ao meu trabalho — prossegue — no laboratório e também a encontrar-me com Sérgio. Sabe você, agora, o nome dele. Era feliz. Amava esse homem com delírio. Você, Fernando, eu quis como a um irmão, como um amigo. Com calma e serenidade. Mas a Sérgio, eu quis como mulher: com ardência e arroubo. Pode parecer uma loucura o que estou dizendo. Mas é uma confissão sincera, um desabafo de alma e coração, portanto sem qualquer omissão da verdade.

“Uma noite — continua Marina — levei-o ao meu apartamento, onde morávamos eu e minha mãe. Lembra-se de Helena? Você não deve tê-la esquecido. Nessa noite ela não estava em casa, pois tinha ido passar uma semana em Santos. Chovia terrivelmente e um vento impiedoso fustigava tudo com violência. Meu apartamento era nosso último refúgio, pois já estávamos cansados de cinemas e passeios. Entramos. Dentro da sala a atmosfera era de paz e sossego. Tiramos nossos casacos. Sérgio aceitou um cálice de licor. O rádio estava baixo e a lâmpada de sobre a mesa, velada. A penumbra punha um tom de confidência no ambi-

ente e a tepidez um ar de aproximação, de romance... Estávamos sentados no sofá. Sérgio tomou-me as mãos, tomou-me nos braços, cingiu-me num abraço apertado e morno. Depois a sua boca foi se aproximando, mais e mais, cada vez mais... mais... Agora senti-a queimando como febre sobre a minha boca. Era o êxtase... O irremediável...

"Aconteceu... Deixei-me levar por aquela fascinação diabólica numa vertigem cega, sem poder reagir sem pensar no escuro que poderia ser o futuro. Àquela hora não procurava saber se haveria mais tarde um mundo de sofrimento, miséria, ódio. Esquecia que existia um amanhã. Senso de responsabilidade, para quê? O dia presente era o melhor e eu queria a glória louca desse dia. Não me importava saber a razão das coisas. Não pensava que a vida cobra caro pelos seus fugazes instantes de prazer... Não imaginava que a loucura de hoje poderia insurgir-se contra mim. Eu vivia no presente e para o presente. O futuro? Ora, deixaria que ele viesse, simplesmente... Era assim que eu "via" as coisas naquele instante. Veja você, com que facilidade ilusória pensamos resolver as coisas mais sérias da vida, nesses momentos de loucura..."

Mais uma vez Marina interrompe-se arfante. Tosse com dificuldade. Geme e lastima-se. Fernando tenta impedi-la que prossiga. Em vão. Embora cada vez mais enfraquecida, ela continua:

"Um dia, quando saía do laboratório com outras colegas, fui interpelada por uma senhora, tendo junto a si uma bela menina de olhos azuis. Era simpática essa mulher. Dessa simpatia que não faz espalhafato mas que atrai e agrada a gente, logo de início. Perguntou o meu nome. Respondi. Disse precisar muito falar comigo. Olhei-a bem nos olhos e qualquer coisa pareceu borbulhar dentro de mim. Era a intuição que despertava colocando-me de sobreaviso. Havia algo nos olhos dessa mulher que me punha inquieta, sobressaltada. Despedi-me das colegas e voltei-me para a mulher com o meu mais estudado e disfarçado sorriso, convidando-a, então, para andarmos. Então, calmamente — calma desassombrada, que faria inveja ao mais acirrado maometano — disse-me: "Venho conversar amigavelmente com você. Não pretendo fazer nenhum escândalo. Sei que seria mau para você se tal coisa acontecesse. Portanto, conservemos nossa linha e va-



mos falar com calma. Sei que estranha a minha atitude um tanto abrupta. Mas a exploração é esta: eu estou ao par de tudo que se diz repetido das relações da senhora com meu marido. Sei de tudo".

"Estaquei repentinamente! Trê-mula, senti que o sangue fugia completamente do meu rosto. Se talhassem as minhas faces naquele momento crelo que nenhuma gota de sangue sairia. Estonteada, mais surpresa que medrosa, tentei objeter: — Então ele é... Mas ela me interrompeu: — Sim, ele é casado.

— Mas eu de nada sabia. Isso para mim é uma revelação terrível. Ele nunca disse nada. Não sei como explicar essa situação. Eu... eu...

— Compreendo. Sei que você de nada sabia, até este momento. Não vim aqui para acusá-la. Creia, não guardo nenhum rancor contra você. Se houve erro, se houve alguém que prevaricou, foi ele, unicamente ele.

Percebi que ela fazia uma força inaudita para não chorar.

— Agora estou aqui, diante de você, com o meu orgulho abatido, com a minha dignidade partida, para pedir-lhe que o deixe. Nosso lar não possui mais a alegria de outros tempos. Sérgio já não tem mais aquele carinho e aquela solicitude de outrora. Tudo se transformou. Não traz nem mesmo aquele sorriso costumeiro para a sua própria filha. A senhora não sabe das minhas amarguras e das minhas agonias desde então. Como a vida tem surpresas desconcertantes! A senhora me compreende, não é verdade? Portanto, atenda-me. Quem lhe pede não é uma esposa, é uma mãe.


"Essa voz dolorida parecia vir do fundo do coração, daquele coração em frangalhos. Humilhara-se — ela que tinha todo o direito de se rebelar — em vir até junto a mim e quase implorar, como quem implora a migalha humilhante de uma esmola. Meu

— Continua na página 16 —

A Lenda Do Rio Das Velhas

Lúcia Machado de Almeida

Ilustrações de Rodolfo

UE noite, meu Deus! Dentro da tenda um negro enorme agonizava. Apanhara a febre, ninguém sabe como, e delirava, falando uma porção de coisas na sua língua africana. Borba Gato molhava-lhe o rosto com um lenço embebido em água e segurava-lhe a mão sem dizer nada. Ouvia-se de vez em quando o uivo de uma onça que rondava o acampamento. Era uma grande onça pintada e faminta, de olhos ferozes, que já havia devorado o cão "mascotte" da Bandeira.

Quanto perigo, quanta ameaça... E havia índios por detrás daqueles matos, índios que atiravam flechas envenenadas e que torturavam os prisioneiros. Mas Borba Gato e os companheiros não tinham medo de nada. Nem do frio nem da fome, nem das febres nem das feras. Lá iam eles, sempre para a frente, só pensando numa coisa: desbravar aquelas florestas virgens, decifrar aquela terra desconhecida onde dormiam tesouros fabulosos!

Finalmente o céu foi clareando. E, como um ser vivo, que desperta de um sonho, a mata acordou. Aquelas árvores enormes pareciam gente, como se dentro delas houvesse sangue em vez de seiva. Algumas eram jovens, quase crianças; outras, velhas e misteriosamente graves, como se tivessem sofrido muito e guardassem terríveis segredos.

Os pássaros cantavam e faziam uma barulhada infernal. O canto de alguns era variado e alegre, o de outros monótono e irritante como o da araponga. Dezenas de macaquinhos endiabrados pulavam de um galho para outro e se balançavam nos cipós, perseguindo papagaios muito verdes que gritavam espalhafatosamente. Cobras listadas, de olhos falcantes, escorregavam pelos troncos e algumas — as venenosas cascavéis — faziam um ruído esquisito com o chocalho que tinham na cauda.

Quando o sol acabou de nascer, o negro morreu. Borba Gato, auxiliado pelo escravo Julião, carregou o cadáver até a uma clareira perto da gruta. Abriram a cova, fizeram uma oração e enterraram-no. Mais um que ficava no meio do caminho! E o grupo já estava bem reduzido. Dez homens apenas. Borba Gato e Garcia Rodrigues, alguns escravos africanos e dois índios catequizados que se chamavam Arabutan (Pau Brasil) e Oropacen (Arco e Flecha).

Naquele mesmo dia continuaram a batida. Empunhando uma bandeira azul, ia o chefe na frente. Até que afinal estavam quase chegando ao Sabará-Bussu. Já aparecia ao longe o pico daquela serra resplandesciente, que há tanto tempo buscavam. Diziam que era toda de prata, e que perto dela, no Rio Uaimi-I, havia muito ouro.

A conversa ia animada. Arabutan e Oropacen falavam sobre os costumes dos índios botocudos, a cuja tribo haviam pertencido, quando uma flecha passou raspando pela orelha de Garcia.

— Índios! Índios! gritavam os negros. A flecha viera das margens do Rio Uaimi-I. Sem dúvida, havia ali perto um acampamento de indígenas. Seriam os Puris? Os Aimorés? E se fossem antropófagos?

— Mau, mau, disse Borba Gato. Amigos é que eles não são. E você, Garcia, com certeza vai ser o primeiro a servir-lhes de almoço.

Garcia, que era meio gordo, fez um riso amarelo e, com certo mal-estar, imaginou-se todo em pedaços, sendo assado no espeto, como churrasco. Mas o momento não era para brincadeiras, e Borba Gato ordenou a todos que preparassem os clavetes e ficassem de tocaia atrás de um barranco. Ouvia-se o toque de reunir dos índios, seguido de gritos, uivos e de uma nuvem de setas. Uma coisa estava bem clara: os selvagens, tendo percebido a presença dos bandeirantes, preparavam-se para atacá-los.

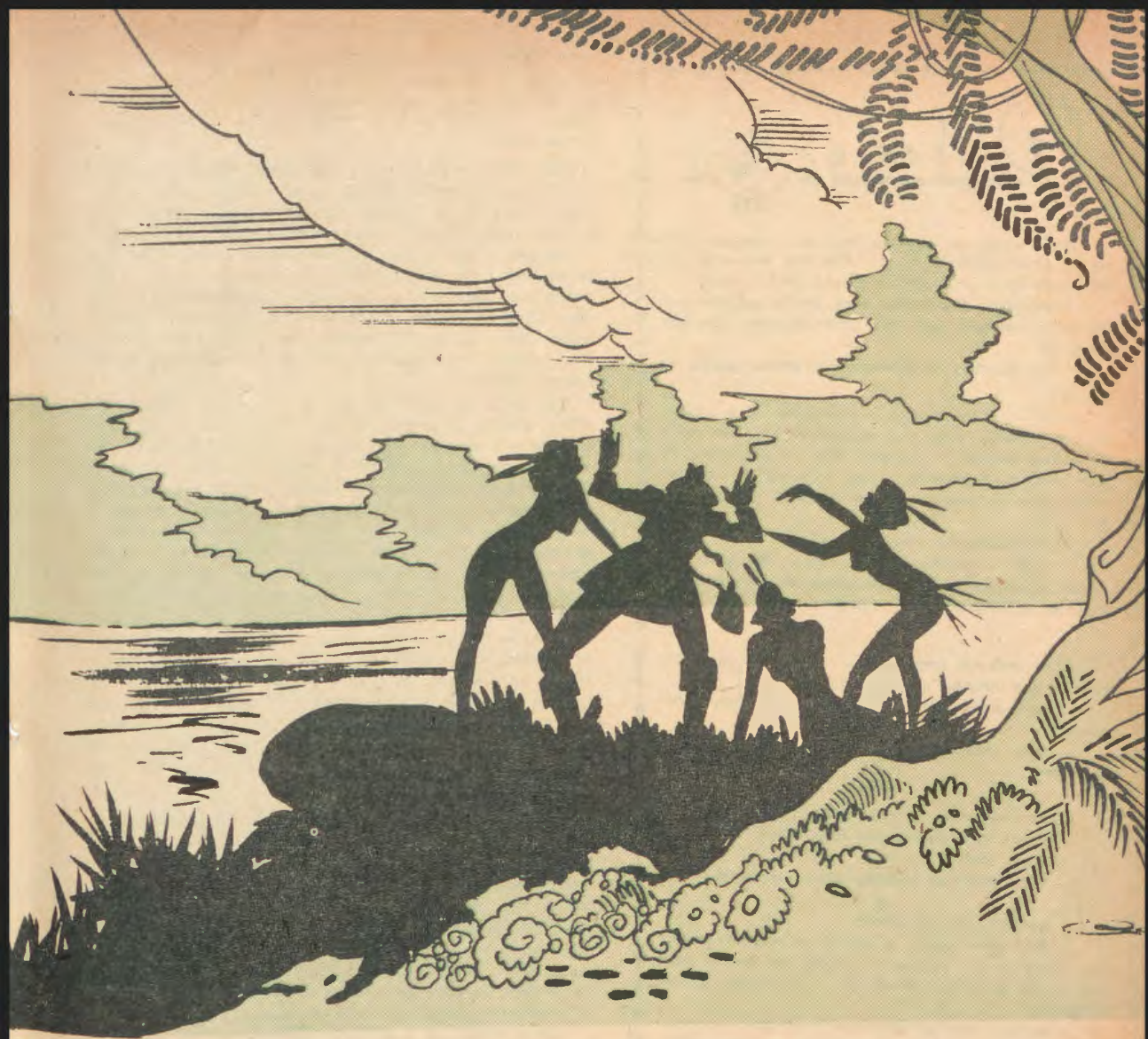
— São os botocudos! disse Arabutan, ao cair varado por uma flecha que viera da mesma direção que as outras.

O Chefe da Bandeira recomendou prudência e mandou que não atirassem logo. Que esperassem um pouco até verem em que davam as coisas. De onde estavam, podiam ver sem perigo o que se passava nas margens do rio. Havia cerca de duzentos índios, entre homens e mulheres. Eram bronzeados, tinham o corpo grotescamente pintado de amarelo com tinta de genipapo e o rosto riscado de vermelho de urucum. Os beiços eram furados e deles pendia um osso muito liso e branco. Osso de defunto inimigo, na certa. Quase todos tinham na cabeça um vistoso penacho de penas vermelhas ou verdes e usavam uma espécie de saíote de plumas, amarrada em volta da cintura.

Felos e mal encarados aqueles índios. Seria loucura guerreá-los, pois o número deles era vinte vezes maior. Borba Gato resolveu enfrentá-los de um modo mais hábil. Iria com Oropacen levar-lhes presentes, e o índio catequizado, como intérprete, lhes explicaria que os bandeirantes eram amigos. Ao cair da noite, Borba e o índio se prepararam para descer às margens do Uaimi-I, levando consigo uma porção de colares de missanga, faquinhas e espelhos. Mas, aí! Apenas Oropacen saiu do esconderijo e andou três passos, veio outro enxadame de flechas, uma das quais o atingiu no peito, matando-o. Borba Gato viu que era inútil qualquer aproximação e voltou para o barranco. Talvez fosse melhor ficar quieto, esperando reforços, isto é, aguardando a chegada do resto da Bandeira, que deveria reunir-se a eles no mesmo dia.

Mas a atitude dos botocudos era muito inquietante. Fizeram três grandes rodas e começaram uma dança esquisitíssima. Um atrás do outro, com a mão direita na cintura e o braço esquerdo caindo naturalmente. Rodavam no mesmo lugar e inclnavam-se de vez em quando para a frente, distendendo a perna e o pé direito. No meio de cada círculo, três chefes, cobertos de lindas plumas, davam pulos incríveis, chocalhando os maracás, que eram feitos com um fruto de casca dura, tal qual um côco, cheio de pedrinhas. E cantavam uma música monótona que mexia com os nervos da gente:

— Heu, heuau, heurara, heur, heura, ouêh!



O canto de guerra dos botocudos!

Foi escurecendo devagarzinho, e um luar suave e belíssimo clareou o rio, que parecia de metal líquido. Subitamente parou o canto. Curioso, Borba Gato levantou a cabeça, espreitou e viu que os índios debandavam desordenados, dando gritos de pavor. Dir-se-ia que haviam visto alguma coisa que os assustara muito. Mais espantado ainda ficou o grupo, quando percebeu que os botocudos fugiam a toda velocidade, desaparecendo nas matas.

Que teria acontecido? Prudentemente os bandeirantes resolveram esperar até ao dia seguinte para se aproximarem do Ua'mi-i. O silêncio absoluto durante a noite trouxe-lhes a certeza de que os índios haviam abandonado definitivamente o lugar. Pela manhã saíram do esconderijo e, quando chegaram às margens do rio, ficaram surpresos vendo ali três índias velhas olhando para eles. A mais idosa estava deitada numa rede e parecia muito doente. Era absurdamente feia. As unhas enormes e curvas, os cabelos esfiapados caindo pelos olhos... Deveria ter uns setenta anos, enquanto as outras andariam pelos cinquenta. Eram tão parecidas, que a gente via logo tratar-se de mãe e filhas.

Tinham o rosto tatuado e um grande furo nas orelhas, de onde saía uma espécie de cordão cheio de penduricalhos. Mas por que não tinham seguido os companheiros? Com certeza viram que seria difícil transportar a enferma numa fuga assim tão precipitada e preferiram ficar ao lado da velha mãe.

Borba Gato e Garcia aproximaram-se, mostrando os espelhos e colares de missangas vermelhas. Nenhum dos dois falava a língua tupi, apenas conheciam algumas palavras. Com espanto, viram que as duas índias mais moças aceitaram os presentes, enfiando os colares imediatamente no pescoço. Gostaram dos espelhos, e, quando viram a própria fisionomia refletida, começaram a falar e a rir alto, sacudindo as missangas do colar.

— Chéroam! Chéroam! diziam elas (o que, em tupi, significa "estou alegre").

— Arre, que em toda parte a mulher é sempre a mesma! falou Garcia. Aqui, no meio do mato, nessa idade e com essa feiura elas ainda gostam de se enfeitar!...

Borba Gato indicou-lhes a floresta por onde os botocudos tinham fugido, como a interrogar-lhe o que acontecera. As índias compreenderam e, com

Pilhérias



Duas mulheres casaram com dois músicos. Nada de extraordinário até aí. Um ano havia que se tinha casado a primeira, e quinze dias a outra.

A primeira empurrava num jardim público um carrinho ocupado por três esplendorosas meninas de peito.

— Que lindas! — exclamou a recém-casada ao vê-las:

— E'... disse a mamã, orgulhosa. E a propósito, continuou, veja que coincidência... Na noite de nossas bodas os companheiros de orquestra de meu marido fizeram-nos uma serenata e tocaram "Eram três meninas", de "O Micado". E' curioso, não acha?

A recém-casada pôs-se pálida.

— Oh! — exclamou assustada. Na noite do nosso casamento os companheiros de meu marido tocaram o "sexteto" da "Lúcia"!

*

Uma senhora encontra na rua uma rapariga, que foi sua criada, e pergunta-lhe:

— Como vais? Ganhas mais na casa onde estás agora?

— Não, senhora... Agora, trabalho de graça... Casei-me!

*

Dizia uma moça a uma amiga:

— Estou resolvida a ser telegrafista.

— Para quê?

— Para saber as notícias antes que os demais.

*

A mulher que foi salva:

— Oh! meu amigo, o senhor salvou minha vida, nunca mais o esqueceré! Como lhe hei de provar minha gratidão? Dando-lhe o meu amor ficará satisfeito?

O senhor, horrorizado com a oferta:

— Cale-se, senhora e deixe-me em paz, senão jogo-a de novo ao rio!

*

— O que vem a ser isso, minha pobre Maria? exclamou Laura ao entrar em casa desta e vendo-a literalmente banhada em lágrimas.

A recém-casada enxugou os olhos e fez visíveis esforços para aparentar serenidade. Em seguida, depois, conforme lhe foi possível, explicou:

— E' que o Alfredo teve de embarcar para o norte e deve demorar-se por lá duas semanas.

— Já sei isso — e, francamente, não vejo nessa breve ausência nenhum motivo de pranto!

— Mas é que já passou uma semana e ele tem-me escrito todos os dias dizendo-me que em nenhum dia se esquece de beijar muitas vezes o meu retrato...

— Estás doida! Então é por isso que choras?

— E achas que não tenho motivos? — exclamava a pobre Maria, não podendo mais reprimir as lágrimas. — Imagina tu que, pouco antes dele partir, eu, por brincadeira, tirei-lhe da mala o meu retrato que ele levava... e substituí-o pelo de minha mãe!

E, aqui, as lágrimas romperam-lhe mais fortes e continuas.

olhar apavorado, apontaram para o rio e para o céu. Começaram a dizer um porção de coisas, mas os bandeirantes só entenderam as palavras "iassi" (lua), "pira" (peixe) e "tata" (fogo). Que significaria aquilo?

Não fazia mal que as índias ficassem ali. Elas tratariam da velha doente e as outras duas poderiam ajudá-las a preparar a terra e a semear a roça que pretendiam plantar nas margens do Uaimi-l.

Seren e misterioso, deslizava o grande rio. E havia ouro em seu leito. Um ouro que brilhava ao sol e era mais claro do que o encontrado no córrego Tripuí, perto do Itacolomí. Passaram-se alguns dias. A velha doente acabou morrendo e as duas índias ficaram cozinhando e ajudando o escravo Julião.

Eis que, certa noite, em que o luar era muito claro, Borba Gato saiu e foi até à beira do rio para admirar o reflexo da lua na água. Mal chegara, vieram as duas índias aflitíssimas puxa-lo para dentro do acampamento, dando mostras de grande inquietação e falando novamente aquela estranha combinação de palavras: iassi, pira e tata. O bandeirante lembrou-se de que havia também luar na noite em que os botocudos haviam fugido de repente e ligou os fatos. Certamente existia entre eles alguma superstição que tivesse relação com a lua cheia. Borba Gato notou que, sempre que isso acontecia, as índias ficavam agitadas e evitavam olhar para o rio. E o que é mais interessante: riscavam no chão um desenho que fazia lembrar um S, como que para explicar-lhes de que se tratava. Não era um peixe, certamente. Parecia antes uma cobra, talvez. Mas que teria isso a ver com o rio? Com a lua? ou com o fogo?

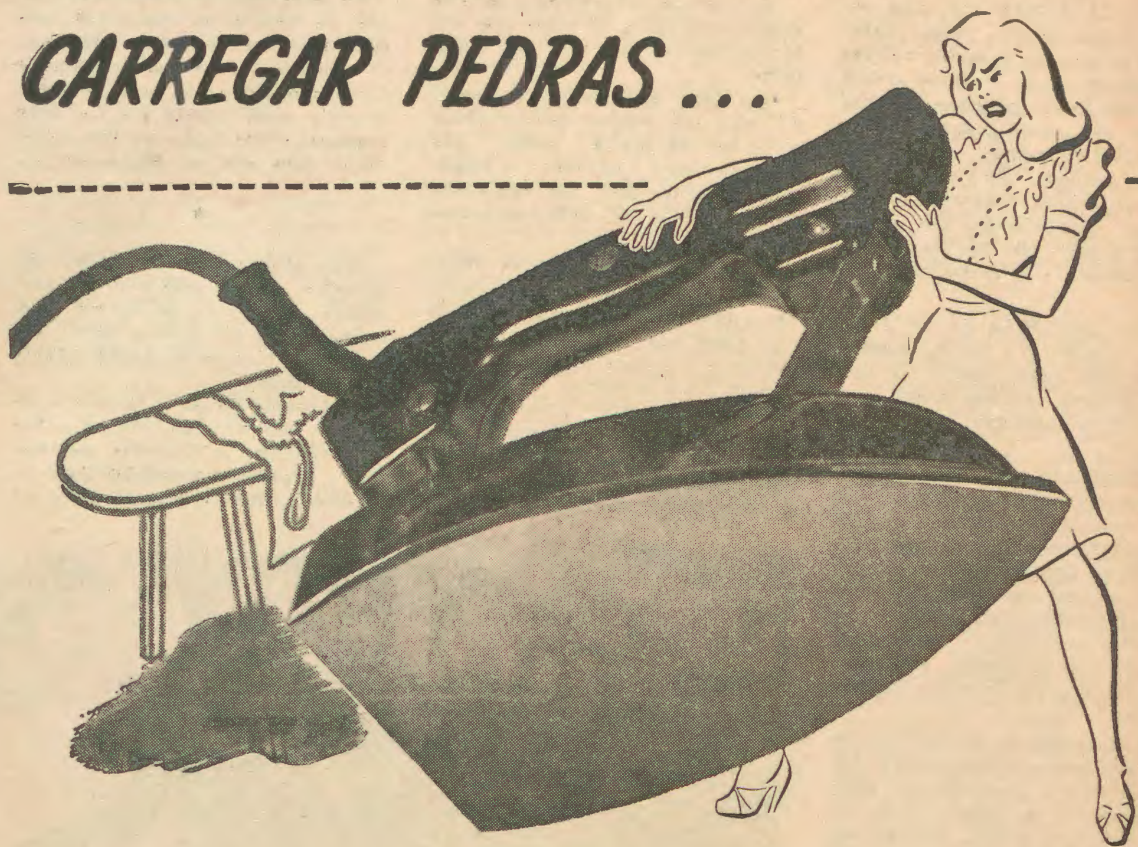
— As velhas enlouqueceram, dizia Garcia.

Mas Julião, que já entendia um pouco de tupi, acabou decifrando em parte o mistério: as índias afirmavam que, quando havia luar, vinha descendo o rio um bicho meio peixe, de olhos imantados, que magnetizavam as pessoas que o vissem, atraindo-as para o fundo das águas. Foi um custo para tirar isso da cabeça das mulheres. Finalmente, como os dias se passassem e nada acontecesse, ninguém se lembrou mais do caso.

Certa noite em que o céu estava muito estrelado, Julião saiu com as índias até à margem do Uaimi-l. Fazia calor, e a frescura que vinha da água era gostosa e suavizante. Uma lua cheia belíssima acabava de sair por detrás das nuvens, emprestando ao rio uma claridade flúida, quase sobrenatural. Julião, encantado, admirava esse espetáculo, quando notou uma coisa estranha: as águas estavam se engrossando, tornando-se como que metálicas! Não era alucinação. Era aquilo mesmo. Peló leito do Uaimi-l, em mágica transformação, escorria um líquido pesado, qual prata derretida, formando ondas que se entrecrocavam, fazendo um ruído surdo. E súbito, lá da curva do rio, veio surgindo a mais fantástica aparição que imaginar se possa! Era um gigantesco Cavalo-Marinho coberto de escamas, que deslizava rápido pelas águas, desprendendo fagulhas que estalavam estrepitosamente. Seu olhar de brasa era fixo, terrível, e ele lançava fogo pelas ventas que crepitavam como fornalhas! Arrastadas por uma força magnética, as duas índias voaram, atraídas vertiginosamente para aquele ser djabólico, desaparecendo no abismo. Julião, fortemente agarrado ao tronco de uma árvore, lutava com todas as forças, procurando resistir à atração do olhar imantado que o puxava para dentro do rio. Escondeu o rosto até que diminuísse

— Conclui na página 17 —.

— Passar roupa pesava-me como **CARREGAR PEDRAS ...**



**...mas, essa extrema sensação de desânimo desapareceu
com o uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo!**

As vezes, a mais leve das tarefas parece-nos tão pesada, tão árdua, tão penosa... É quando se torna necessário averiguar se não se trata de sangue pobre, fraco e desnutrido. Porque daí às vezes advém tal estado de depauperamento que o desânimo impede qualquer trabalho... Para os fracos e esgotados, nossos eminentes médicos recomendam Vinho Reconstituente Silva Araujo. É que esse poderoso fortificante contém cálcio, fósforo, quina e peptona. Assim, abrindo o apetite, estimulando a assimilação dos alimentos e reajustando tôdas as energias, Vinho Reconstituente Silva Araujo deve ser tomado quando o enfraquecimento geral e a indisposição para a menor tarefa somente podem ser combatidos mediante a ação de um poderoso revigorante do sangue.



Como outras sumidades, assim atesta o professor Augusto Paulino:

«Tenho empregado, de longa data e sempre com ótimos resultados, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, ótimo

e conhecido preparado que nunca falha nos casos indicados». Palavras como estas constituem os inúmeros testemunhos atestando o Vinho Reconstituente Silva Araujo como consagrado revigorante do sangue

Vinho Reconstituente **SILVA ARAUJO**

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!



MARIA LUIZA era uma cabocla bonita, dessa beleza simples e sem artifícios da gente do sertão. Olhos pretos e grandes, boca pequena, dentes miúdos. O cabelo negro e lustroso caía-lhe sobre os ombros em duas tranças. Às vezes, Maria Luíza as erguia, passando-as ao redor da cabeça como um diadema. Esse penteado lhe dava algo de imponente e soberbo ao rosto oval.

Estava prometida ao Zé Luís, um rapagão forte e sadio, capataz da Fazenda São Pedro, do Dr. Pedro Borges. iam-se casar e o dia já fôra marcado: 24 de junho.

Zé Luís não era bonito, mas seu temperamento expansivo e o porte viril, tornavam-no o que se pode dizer, um tipo agradável e simpático. Estava sempre alegre. Era o melhor cantador e violeiro da fazenda. Num desafio ou improviso ninguém o sobrepujava. Estava apaixonado pela Maria Luíza que era filha de um dos colonos.

Pela fazenda ia grande agitação. Faziam-se preparativos para os festejos joaninos — para aquela gente, a maior festa do ano. Naquele, então, prometiam ser pomposas. O Dr. Borges já havia escrito do Rio avisando que viria com a família e alguns amigos.

Não se falava em outra coisa. Todos aguardavam o grande dia com mal contida ansiedade. Zé Luís sentia-se contente, sobretudo porque ia enfim realizar o grande sonho de sua vida: casar-se com Maria Luíza.

O Dr. Borges chegara e, com ele, várias pessoas: moças e rapazes. Dentre estes, havia um, Carlos Rocha, estudante de medicina e sobrinho do dono da casa. Era órfão de mãe e o pai, riquíssimo, proporcionava-lhe uma vida folgada e independente. Dê-se modo, Carlos, além de estroina e farrista inveterado, era dado a aventuras amorosas que por várias vezes o haviam feito meter-se em complicações, das quais, aliás, saía sempre ileso. E para que haveria de servir tanto dinheiro senão para encobrir certos atos condenáveis que praticava?

O pai repreendia-o às vezes, dava-lhe conselhos, mas pouco adiantavam os "sermões do velho", como Carlos ironicamente foliava aos amigos.

Era bonito, trajava-se bem e tinha muita lábia, trunfos que lhe facilitavam o caminhar das aventuras.

Ora, logo que chegou à fazenda, não lhe passou despercebida a beleza de Maria Luíza. Seu temperamento ardente e impetuoso fizeram dele um apaixonado admirador da formosa sertaneja.

A princípio, Maria Luíza evitava-o. Mas intimamente, sentia uma pontinha de vaidade por se ver assediada por um moço da cidade e tão bem apessoado.

Esse foi o primeiro elo de uma cadeia de divagação, anseos e desejos irreprimíveis até então desconhecidos para ela, e que viria culminar em um grande erro que a faria sofrer muito.

Zé Luís nada percebia do abismo de trevas e amarguras que ameaçava ensombrar a felicidade que esperava com tanta certeza e convicção como se nada pudesse impedir o determinismo de uma ventura a que tinha direito como noivo, que era, de Maria Luíza.

★

Era véspera de S. João. No terreiro uma grande fogueira crepitava. O cheiro da batata doce assada fazia vir água à boca. Todos riam, cantavam, numa alegria sã e ru-dosa.

A família do Dr. Borges e os amigos estavam também ao redor da fogueira, misturados aos colonos e pessoas humildes das redondezas. Era a grande noite de



Vingança



Ilustração de Rocha

Igualdade e da fraternidade para eles. Todos se divertiam sem delimitações de classe ou posição social.

Os fogos de artifício estalavam, subindo ao céu num rastro de luz para voltarem desfeitos em lágrimas coloridas e brilhantes.

Durante o dia, no rodeio, Zé Luís, excitado pelos aplausos e gritos de entusiasmo da assistência encarapinhada na cerca de madeira, conseguira, num golpe de força e coragem, dominar um pôtro bravo que todos temiam, mesmo os mais valentes peões. Os assistentes aplaudiram o feito com verdadeiro frenesi.

Agora iam começar as cantigas e desafios. Maria Luíza ao lado de Zé Luís, pouco falava. Havia

nos seus olhos, por vezes, um brilho de ansiedade e inquietação. Entreteinha-se remexendo as brasas com uma vara. De vez em quando um galho seco estalava no braseiro donde subiam fagulhas vermelhas e cintilantes como estrelas.

Zé Luís, tomando a viola, cantou com a sua voz envolvente e harmoniosa, uma toada que falava de amor, paixão e vingança. Foi muito aplaudido. Só Maria Luíza se manteve silenciosa, forçando um sorriso. A ela parecia haver naquelas palavras uma advertência. No desafio ainda Zé Luís foi muito aclamado. Era como se naquela noite tudo contribuisse para o seu triunfo, no te da qual se lembraria mais tarde com amargura ante a mais dolorosa

derrota: o esfacelamento de seu sonho.

Bem defronte à Maria Luíza estava Carlos, quase devorando-a com os olhos, o que a fazia estremecer e corar, todas as vezes que os seus olhares se encontravam.

Ela já não sabia mais se amava algum dia a Zé Luís. Aceitava-o para esposo porque era forte, bom e amoroso. Habitara-se a ele, e sentira-se satisfeita em saber que a amava.

Mas agora surgira Carlos e, com ele, uma verdadeira revolução em seu íntimo. Quanto mais o evitava, quanto mais fugia, mais se sentia presa a ele por uma força invencível, dominadora. Esse estado íntimo perturbava-a e ensombrava seus grandes olhos. Poucas vezes havia falado com Carlos. Mas, as palavras dele, cheias de calor e promessas, eram agradáveis demais aos seus ouvidos inexperientes. "Era o canto da sereia, chamando, atraindo o incauto pescador".

Carlos dissera-lhe que era linda. Contara-lhe coisas da cidade que para ela tinham o sabor de um maravilhoso conto de príncipes, castelos e duendes. Convidara-a para ir morar lá. Levá-la-ia a todos os lugares bonitos. Veria gente, muita gente bem vestida, automóveis, cinemas...

Maria Luíza sonhara desde criança com tudo isso, quando ainda brincava pelos campos com as filhas do Dr. Borges. Elas vinham todos os anos. Falavam tanta coisa daquele mundo fantástico que ainda não lhe fora dado conhecer, aguçando-lhe a curiosidade, povoando seu cérebro de visões maravilhosas...

Agora, ante a idéia de realizar esse sonho, não sabia porque, sentia medo. Qualquer coisa lhe dizia que na cidade os momentos de ventura são efêmeros porque tudo é aparência, deslumbramento, brilho exterior que ofusca a vista para que não possam os olhos ver as misérias e dores que se ocultam por trás dessa luz.

Mas... quem resiste ao tentador apelo de uns lábios que se adora? Há em todos nós um demônio a impelir-nos sempre para o lado mau da vida. É a eterna luta entre o bem e o mal. Não poucas vezes, contra toda razão, vence o último!

Foi um choque para todos a notícia, que correu célere de boca em boca. Maria Luíza fugira



NOSSA cidade goza, merecidamente, a fama de ser uma das mais, higiénicas do país. Suas amplas avenidas apresentam sempre agradável aspecto de limpeza a que a elegância arquitetônica de seus edifícios torna ainda mais sugestivo.

O visitante, encantado, vibra ao poema verdejante da Avenida Afonso Pena, a docura do nosso céu, à imponência de nosso parque e, arriscando a vida como heróico pingente de nossos bondes, conhece os nossos bairros. Todas as impressões recebidas o impressionam e ele se sente numa cidade jovem e civilizada em que o espírito hospitaleiro de seu povo é característica encantadoramente humana.

Não sabe, porém, o que o aguarda. No seu passeio vespertino, olhara os cartazes dos cinemas. E hesita. Glória? Metrópole? Brasil? Por fim, entra num destes.

Não procuremos saber o que succedeu ao nosso visitante indefeso. Naturalmente, o mesmo que acontece conosco quando procuramos, num de nossos cinemas centrais a diversão necessária ao espírito: esperam-nos, nas poltronas, os percevejos e as pulgas implacáveis, cujas ferroadas transformam a comédia mais hilariante numa tortura nazista. Enquanto os "comandos" das pulgas atacam, os percevejos iniciam suas rondas de reconhecimento em regiões as mais perigosas. A irritação cresce, o ataque aumenta e o filme não acaba! Esse o drama anônimo do espectador!

Sentimo-nos desolados à evidência da ignorância da da Diretoria de nossa Saúde Pública sobre a transmissibilidade mórbida desses desabusos insetos, verdadeiro atentado à saúde do público. Confrange-nos a negligência do órgão de fiscalização sanitária.

Será possível que, da gorda receita dos preços exorbitantes das entradas, não sobre uma verba insignificante para manutenção dum encarregado de limpeza semanal ou mensal que seja?!

Chegam-nos diariamente inúmeras reclamações.

Decididamente, chegamos a esta dolorosa conclusão: ou a Saúde Pública acaba com as pulgas dos cinemas ou as pulgas acabam com a saúde do público...

com o sobrinho do Dr. Borges, no dia em que se devia unir a Zé Luís. A estupefação foi geral. Variavam os comentários.

Para Zé Luís a triste nova foi como se lhe houvessem dado um forte murro no peito. O coração pulsou forte, tremeu, quase parou. Ficou pálido e não encontrou palavras para dizer. Todo o seu ser vibrou de revolta, ódio, sede de vingança, num desespero mudo e violento. Seus olhos injetaram-se de sangue, crispou os dedos, mordeu os lábios e deixou-se cair sobre um tóro de madeira com a cabeça entre as mãos.

Ninguém sabe até que ponto pode uma desilusão abater uma criatura mesmo quando esta é forte e valente. Nem a que abismo conduziu um golpe do infortúnio.

Três anos são passados. Zé Luís é agora espectro do que foi Barba crescida e hirsuta, cabelos desgrenhados sob o chapéu jogado para trás, faces macilentas e o olhar sombrio, traz em seu todo o estigma de um fracassado, um ser marcado pelo destino. Passa os dias e as noites bebendo. Perdeu aquela vivacidade e a alegria de outrora. Fala pouco. Limita-se mais a ouvir o que dizem os outros. Se porventura alguém se refere ao nome, para ele, apesar de tudo, ainda tão querido, puxa o chapéu para os olhos e afasta-se em silêncio. Os companheiros o olham penalizados: — Pobre Zé Luís! Ainda não esqueceu.

Mais uma vez foi isso o que succedeu naquela noite. Estavam na vendinha do "seu" Joaquim jogando truque e bebericando. Alguém gracejou: — Como é Zé Luís? Você não canta mais? Ainda triste, está se acabando de tanto beber por causa de uma mulher, quando o mundo está cheio delas. Animo, rapaz!

Zé Luís, sem uma palavra, saiu cambaleando, perdendo-se na escuridão. Seguiu-se o comentário:

— Será que ele já sabe que a Maria Luiza voltou?

— Não diga! Quando chegou?

— Hoje cedo. Está mudada. Creio que sofreu muito.

— Ganhou o que merecia — alguém sentenciou.

Estava-se novamente em junho. Mas, nem sombras da ansiedade e anção daquele outro mês de junho que ficou marcado a ferro e fogo na lembrança de Zé Luís. Nunca mais ele tomará parte nos festejos. Enquanto os outros se divertiam, isolado a um canto, bebia, bebia, até rolar inconsciente, mergulhando num sono pesado e sem sonhos.

Não soubera ainda da presença de Maria Luiza na fazenda. Andava alheio a tudo e ninguém tivera coragem para dar-lhe a notícia. Temiam a reação. Todos o olhavam com interesse e até com curiosidade, como se quisessem ver naquele rosto marcado pelo sofrimento ou naqueles olhos sombrios um sinal ou um lampejo de que ele já sabia. Mas, qual! O rosto e os olhos de Zé Luís mantinham-se inexpressivos, inescrutáveis!

Maria Luiza já o vira de longe. Confrangeu-se-lhe o coração ver a que ruínas fora reduzido o seu guapo noivo de outrora. Ele caminhava ao longo da estrada que ia dar à "casa-grande", fustigando, de quando em vez com o chicote, a herva rasteira que crescia à margem. Sentiu desejos de correr atrás dele, falar-lhe, mas... teve medo.

Estava arrependida do mal que lhe fizera. Só agora sabia quanto errara saindo dali em busca de uma vida melhor e que para ela foi um verdadeiro inferno. A cidade era bonita, mas lá só teve dissabores e amarguras. Carlos, a princípio tão apaixonado, tornara-se frio, esquivo, acabando por abandoná-la. Ficará na miséria. Mês depois, nascia-lhe o filho já sem vida. Sofreu horrores até conseguir trabalho para viver. Angustiadíssima e cheia de saudade da fazenda e dos seus, resolvera voltar. Gostaria de tornar a ver Zé Luís. Talvez ele a odiasse, mas, mesmo assim, queria vê-lo.

Logo que chegou soube tudo. A desilusão abatera-o de modo trágico e desolador. Doe-lhe saber disso e sentiu o coração ralar-se de remorso.

Uma tarde, (coincidência!) era véspera de São João — Maria Luiza ia para a capela assistir à novena, quando, de um atalho, vê surgir Zé Luís. Estremeceu. Ele vinha de cabeça baixa e não a vira. Pensou em voltar ou esconder-se. Porém, algo mais forte que ela a fez parar e esperá-lo.

Zé Luís, absorto em sombrios pensamentos, ia passando sem a ver. Maria Luiza sentiu o coração aos pulos, e um nó na garganta. Com voz trêmula, abafada, quase num soluço, chamou:

— Zé Luís!...

Ele voltou-se rápido como se tivesse levado uma chicotada. Os olhares se cruzaram. Maria Luiza baixou o seu.

— Você?... Você aqui? Não. Não pode ser! — e Zé Luís esfregou os olhos com as costas das

AQUI ESTÁ O
SEGREDO
DE UMA DEZENA DE
BOLOS DIFERENTES!

★ Esta receita básica se presta para fazer inúmeros bolos, variando ligeiramente a combinação dos ingredientes, os molhos com que são servidos ou o formato com que são apresentados.



BÔLO AMARELO

$\frac{1}{2}$ chics. manteiga
1 chíc. açúcar
1 colh. (chá) essência
2 ovos
 $1\frac{1}{2}$ chics. farinha
 $\frac{1}{2}$ chíc. araruta
4 colhs. (chá) Royal
1 colh. (chá) sal
 $\frac{1}{2}$ chíc. leite

Unte a fôrma ou forminhas. Amasse a manteiga até ficar um creme. Junte aos poucos o açúcar, batendo bem. Junte a essência e, depois, os ovos, um a um, batendo bem depois de cada. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte, aos poucos, à primeira, os ingredientes peneirados, alternando com o leite, batendo sempre. Para fôrma grande, forno regular mais ou menos 1 hora; para forminhas ou fôrmas rasas, forno quente mais ou menos $\frac{1}{2}$ hora.

VARIAÇÕES: - Eis algumas sugestões para variar: Antes de derramar a massa na fôrma, junte nozes picadas ou então frutas passas ou cristalizadas em pedaços e previamente enfarinhadas. **Bôlo de Especiarias:** Peneire com os ingredientes secos as seguintes especiarias: 2 colhs. (chá) de canela, $1\frac{1}{2}$ de

noz moscada e $\frac{1}{2}$ de cravo em pó. Atualmente o leite de 2 colhs. (sopa). **Bôlo de Chocolate:** Acrescente 4 colhs. (sopa) cacau em pó com o açúcar e junte-os aos poucos à manteiga. Experimente este bôlo, que não é muito doce, com uma camada espessa de glacê do tipo macio, de laranja, limão ou côco.

CONFIRA AS MEDIDAS COM A NOVA LATA

Toda Receita Royal é baseada em chicanas padrões. Para resultados certos, confira sua chicara de medir com as indicações da nova lata de Fermento Royal.

Fermento em Pó **ROYAL**

A CHAVE DE MIL E UM PRATOS DELICIOSOS



SEMPRE atribui a degenerescência dos filhos de “seu” Vicente e de D. Chuta à série infindável de casamentos entre parentes que havia na família, uma das mais tradicionais do Oeste de São Paulo.

Estirpe ilustre, com raízes históricas fincadas no “Got-ta” bandeirante desde 1.600, seus membros, também tradicionalmente, vinham se casando com parentes.

Era tio com sobrinha, sobrinho com tia, primo com prima, um sei lá de casamentos consanguíneos que, dentro da lei de Mendel, não podiam dar em boa coisa.

E’ verdade que, por êsse meio, algumas qualidades eram nitidamente fixadas na família, assim como não se verificava a dispersão de fortuna acumulada em vários séculos. Mas, como as qualidades, os defeitos também tinham que ser fixados. Os defeitos e a sífilis.

Ricos, muito ricos, podres de ricos, d. Chuta e “seu” Vicente seriam capazes de abrir mão de tôdas as fortunas do universo, contanto que seus cinco filhos, dois homens e três mulheres, deixassem de ser mudos, contanto que aqueles que eram a carne de sua carne, o sangue de seu sangue, conseguissem dizer nem que fôsse apenas “papai”, sómente “mamãe”, palavras profundas que seus paternais ouvidos nunca escutaram ditas por aquelas bocas.

Façamos, no entanto, um retrospecto, contando a história tal qual ouvimo-la contar por gente chegada ao casal.

D. Chuta e “seu” Vicente casaram-se justamente no dia em que os velhos carrilhões de tôdas as igrejas badalaram solenemente, a assinalar à meia noite, a passagem do século.

Casório festivo, com sobre-casacas, cartolas luzidias, vestidos de tufo.

Passaram-se um, dois, três, quatro, dez anos, sem que nascesse um só filho.

Não havia meio de surgir o herdeiro da soberba fortuna de ambos, a qual consistia em fazendas de café, invernadas, terras e mais terras, máquinas de beneficiar, benfeitorias, gados, móveis e semoventes.

Após dez anos de casamento estéril, resolveram, a conselho de um médico, fazer uma estação de banhos de mar em Santos, levando velhas canastras de couro cheias de roupas, para uma longa estadia.

No trem, “seu” Vicente ia fumando seu cigarrão de palha, autêntico fumo tietê, e D. Chuta enjoando, enjoando.

Bem que podiam ser outros os enjoos de D. Chuta, ambos pensavam, enquanto o trem da Paulista ia ruminando léguas e léguas de chão.

Em Itirapina, que se chamava, então, Morro Pelado, terminava o ramal de Dois Córregos.

Teriam que aguardar, nêsse trecho, o trem da bitola larga, que vinha de Barretos.

Chegou o monstro de aço, botando fumaça pela chaminé.

Corre-corre de baldeação.

D. Chuta e “seu” Vicente arumaram-se num carro, não sem algum esforço.

Num banco próximo viajava uma família, que vinha de Barretos. O marido, a mulher e duas filhas encantadoras. Durante a viagem, D. Chuta pôde verificar que as meninas eram mudas. Falavam por mimica, expressavam-se por gestos, emitindo apenas sons guturais, confusos, ininteligíveis.

Era de cortar o coração.

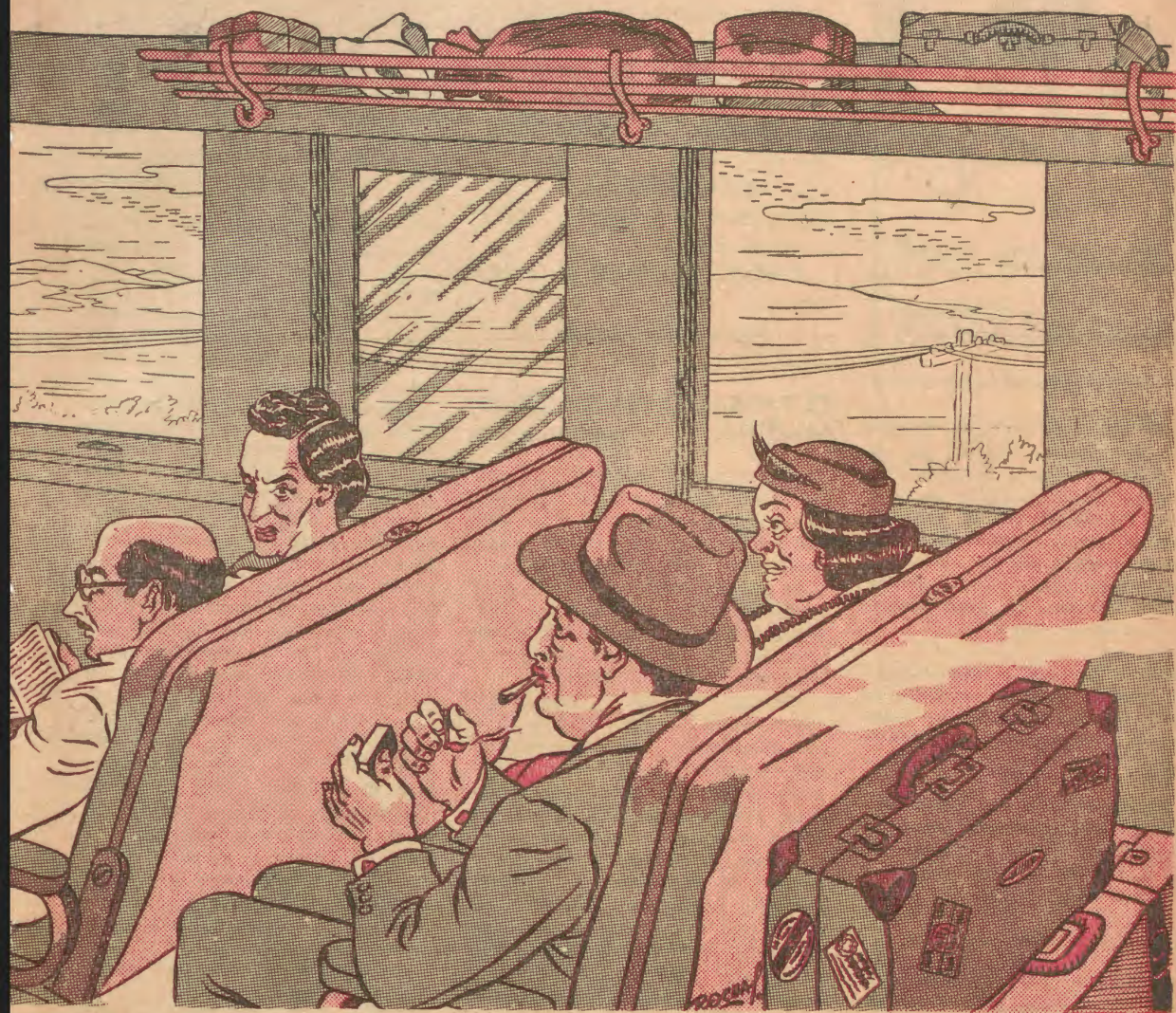


Num gesto irrefletido, D. Chuta disse, dirigindo-se ao marido:

— “Seu” Vicente, nós temos tanto dinheiro, e não temos filhos. Bem que poderíamos comprar uma daquelas mudas...

Apesar de D. Chuta ter falado baixinho, a mãe das meninas ouviu.

Seu coração bateu doidamente no peito. Uma tristeza e uma raiva sem fim passaram pelos olhos da mãe das mudinhas, que também falou baixo, mas de maneira a poder ser ouvida por D. Chuta:



— Estas mudas não se compram, nem se vendem. Deus é quem dá.

D. Chuta mudou de côr como se tivesse visto cobra cascavel. Ficou branquinha de fazer pena.

“Seu” Vicente limpou o pigarro da garganta e cuspiu grosso pela janela do trem.

D. Chuta estava fria, fria, como pedra de gelo, fria como as geadas grandes que queimavam os cafézais. Perdeu o assunto até chegar à estação da Luz, em São Paulo.

Hospedaram-se no Hotel Oeste, no largo de São Bento.

D. Chuta sempre nervosa, sempre se recordando das palavras da mãe das meninas:

— “Estas mudas não se compram, nem se vendem. Deus é quem dá”.

Essas palavras estavam quemando os ouvidos de D. Chuta, tirando o sono de D. Chuta, que nem mais quis ir a Santos.

O casal ficou em São Paulo sómente dois dias e voltou. Passaram-se meses.

Um dia D. Chuta teve um menino.

“Seu” Vicente nem podia fechar a bôca de alegria. Vivia rindo de contentamento. Esta-

va ali o herdeiro da fazenda, dos cafezais, da máquina, dos móveis, dos semoventes, de todos os bens do casal.

Depois nasceu outro, mais outro, mais outro, dois meninos e três meninas.

A caçu'inha já tinha nascido e nada do primeiro desempenhar a língua.

Enrolava, enrolava, enrolava uns sons desarticulados, ininteligíveis, mas nem uma palavra que se entendesse...

Nunca abriu a bôca para falar “papai”. Nunca descerrou os lábios para dizer “mamãe”.

Assim também o segundo fi-



NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS, premiando com a importância de Cr\$ 100,00 o melhor trabalho que recebe durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 8 laudas em formato ofício e o mínimo de 5 laudas.
- 2.º) Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º) Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, ilhando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.

Todos os contos aproveitados, premiados ou não terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

lho, o terceiro, o quarto, o quinto, mudos todos; como as meninas do trem.

Para mim, isso é casamento de parente. Tanto pode fixar os defeitos, como as qualidades.

Contudo, na cidade onde "seu" Vicente e D. Chuta moram, ninguém concorda comigo. Contam logo aquela história do trem:

— "Estas mudas não se compram, nem se vendem... Deus é quem dá".

Contam, persignam-se e dizem:

— Castigo que Deus mandou!

*

O PASSADO NÃO MORRE, MARINA... (CONTINUAÇÃO)

Deus, como era paradoxal e inconciliante o mundo! Não sei mesmo o que lhe respondi. Não mais me recordo. Devia ter dito qualquer coisa meio vaga, meio tola, pois naquele momento eu estava confusa demais para dar uma resposta sensata. Despedi-me quase chorando e saí como alucinada, envolvida pela multidão...

Marina mexe-se na cama que range como que protestando. Tosses longamente. Faz um esforço sobre-humano para vencer a dispnéia horrível. Suas faces estão cada vez mais pálidas. Consegue enfim acalmar-se. Fernando levanta-se da cadeira e vai até à janela. Já era noite. As estrelas parecem guirlandas enfeitando o céu. Uma brisa acariciante anda rondando lá fora. Fernando olha o céu com tristeza e pensa na vida. Lutara desde criança para vencer. Fizera os seus estudos com sacrifícios inauditos. Conheceu a vida na sua forma mais negra e mais estranha. Depois de formado passara a ser o médico dos menos afortunados. Era por indole um sentimental. Num mundo em que tudo, sentimento, fé, alma, coração, músculos, cabeças, pensamentos, enfim, tudo se resumia gradativamente numa única coisa: dinheiro, éle, Fernando, sabia que iria sofrer. Sofreria, mas tinha uma esperança: de que o mundo se regenerasse um dia, de que o homem compreendesse melhor o seu semelhante, sanando os tristes problemas sociais e econômicos, que a humanidade deixasse para o lado a ganância, a cobiça, o egoísmo, a lei do mais forte, deixasse o materialismo incoerente e voltasse para o sentimentalismo; sim, mas

para um sentimentalismo não piégas, naturalmente, mas sadio e justo do "amar o teu próximo como a ti mesmo". Custaria ao mundo compreender isso, mas um dia veria de mente clara a estupidéz da luta inglória, da sua auto-destruição. Ai, então... — Parecendo vir de muito longe, a voz de Marina interrompe a sua locubração. Fernando volta-se para o meio do quarto e vai ouvindo: — "Nessa mesma tarde, pedi dispensa do emprego, por algum tempo, alegando estar um pouco enfraquecida. Enterrei-me três dias dentro do meu quarto, sem sair. Três dias que foram dos piores da minha vida. Era a luta terrível do coração com a consciência. Era aquele entrechoque íntimo do pró e do contra, do sim e do não. Jogava com a minha felicidade ou com a de duas criaturas, que sofriam, como eu, sem ter culpa. O que sofri nesses três dias de recolhimento!... Não sei como não fiquei louca... Mas era preciso decidir de uma vez. Resolvi. Telefonel para Sérgio, em seu escritório. Atendeu-me. Disse-lhe que sabia de tudo. Quem me havia contado? Não era preciso que soubesse. Tudo estava claro agora. Caíra o pano pondo fim à comédia. Portanto, o melhor era desistir de uma vez para sempre..."

"Depois prostréi-me a chorar. Chorei amargamente, como somente faz uma mulher quando ama de verdade. Mas eu sofria duplamente, pois abandonava esse amor que tinha para mim o calor de um sol a aquecer a minha vida. Abandonava esse amor sabendo que não poderia mais viver feliz... Amargo contraste da vida..."

"Passada a "tempestade" retornei ao trabalho..."

"Tinha o coração pisado, a alma dilacerada, mas já uma calma confortadora andava, agora, dentro de mim".

"Um dia voltava do emprego. Os jornaleiros berravam, na Rua Direita: "Um homem pulou do Viaduto... O suicídio de hoje à tarde... Curiosa, comprei um jornal. Logo à primeira página deparei um clichê estampado com um homem caído de bruços, rodeado pelos clássicos curiosos, fotógrafos e policiais. "Hav'a se suicidado às quinze horas e meia. Pelos papéis que possuía fora identificado como sendo o corretor Sérgio Silveira. Motivo desconhecido..." Naquele instante tive um estremecimento de pavor, como se houvesse recebido uma corrente de ar gélido em pleno rosto. Não sei como não caí. Os

— Conclui na página 38 —

A LENDA DO RIO DAS VELHAS (CONCLUSÃO)

aquela sensação e quando abriu os olhos novamente, ainda percebeu o fantástico animal desaparecendo na outra curva do rio. Pôs a mão na testa e viu que estava muito quente. Não teria sido tudo alucinação da febre?

Os bandeirantes deram por falta de Julião e, quando o encontraram no dia seguinte vagando pelo mato e contando aquela estranha história, pensaram que estivesse louco ou que delirasse, atacado de maleita. E, como as índias não aparecessem mais, imaginaram que tinham fugido ao encontro dos botocudos. Julião, porém, repetia sempre o mesmo caso e uma noite — uma noite de lua cheia — saiu para nunca mais voltar. Dizem que o olhar magnético do Cavalo-Marinho o fascinara para sempre!

Depois disso, Borba Gato e seus companheiros começaram a chamar o Uaimi-i de Rio das Velhas, em lembrança das índias. Mais tarde vieram Bartolomeu Bueno, Silva Ortiz e outros com novas bandeiras, e o arraial foi aumentando. Tirou-se muito ouro do rio, e de suas margens surgiu a cidade de Sabará.

Lá está êle, sereno e impassível, com suas águas deslizando vagarosamente pelos séculos afora.

Grande e misterioso Rio das Velhas!

*

O LAR

A PRIMEIRA e a principal escola do caráter é o lar doméstico. E' nêle que todo ser humano recebe a sua boa ou má educação moral e se compenetra dos princípios de conduta que o hão de guiar, e que se perdem unicamente com a sua vida.

Há um provérbio que diz: "Os costumes nascem ao homem", e outro "O espírito faz o homem", mas o terceiro é o mais verídico: "O lar é que faz o homem". Porque a educação da família compreende não somente os costumes e o espírito, mas o caráter também.

Especialmente, no lar, é que o coração se abre, os costumes se formam, a inteligência desperta e o caráter se amolda para o bem ou para o mal.

Dessa origem, seja pura ou impura, é que procedem os princípios e máximas que governam a sociedade.

A própria lei não é mais que o reflexo da família.

Os mais insignificantes fragmentos de opinião semeados no espírito das crianças na vida privada, abrem passagem mais tarde no mundo e chegam a constituir a opinião pública.

A ordem lógica da natureza exige que a vida doméstica seja uma preparação para a vida social. Póde-se, por isso, considerar o lar como a escola mais influente da civilização. Porque, afinal, a civilização não é mais que uma questão de educação individual, e a sociedade será mais ou menos civilizada, conforme as partes que a compõem tenham sido mais ou menos bem educadas durante a juventude.



Para as donas de casa

As frutas, salvo algumas exceções, perdem seu aroma e sabor, se são guardadas em refrigeradores ou geladeiras.

Para que não se estraguem com facilidade convém guardá-las em lugares frescos e secos.

*

Os mantimentos devem ser guardados numa pequena dispensa, provida de boa ventilação e de recipientes adequados a cada tipo de alimento.

As carnes deverão ser acondicionadas em pratos de louça ou vidro, e colocadas na geladeira.

*

Os limões, tão necessários à nossa alimentação, são conservados em reservatórios de água fresca e bem tapados. A água deve ser mudada diariamente.

Outra maneira de conservá-los é a de colocá-los enterrados dentro de uma caixa de areia seca.

*

As estantes onde são guardadas as frutas para o consumo diário, devem ser forradas, com palha bem seca. Sobre estas colocam-se as frutas em ordem para que as de uma mesma classe fiquem juntas. Tendo-se em conta o amadurecimento, deixa-se, na primeira fila, as que serão comidas em primeiro lugar.

*

As frutas estragadas não devem ser comidas, porque, além de perderem completamente o seu sabor, são transmissoras de febres e de uma grande quantidade de moléstias.

*

O whisky é uma das poucas bebidas que pode ser servida antes e depois das refeições.

*

Quando a sopa é servida em taça de duas asas, em geral não se toma com colher, porém, isto nunca será considerado incorreto.

*

Os vinhos tintos devem ser servidos com a temperatura do ambiente. Convém deixá-los uma hora na sala de jantar antes de servi-los, para que adquiram a mesma temperatura.

*

A carne de animais muito novos é menos nutritiva e pouco recomendável.

*

Para renovar uma saia de sarja muito usada, passa-se-lhe uma esponja embebida em vinagre quente até todas as nódoas desaparecerem. Depois vira-se do avesso e passa-se a ferro.

*

Para limpar rendas de ouro, esfarrinha-se códeas de pão e mistura-se com bastante vermelho de joalheria para dar-lhe cor. Esfrega-se isso com uma flanela na renda e finalmente passa-se um pedaço de veludo por cima.

*

Quando a extremidade de uma vela é grande demais para o castiçal, deve-se meter a ponta da vela em água quente. Afina-se então até caber no lugar e não se perde cera como quando se raspa.

O Outro Lado da Vida

Conto de Antônio Silveira

Ilustração de Rodolfo

UM gemido quase imperceptível, vindo do quarto fronteiro, fez com que a moça, que costurava junto à janela, voltasse a cabeça e aplicasse o ouvido com atenção.

— Ariadne! — chamou uma voz fraquíssima.

— Senhora, mamãe.

E a menina, largando afoitamente a costura sobre a cadeira, entrou como um foguete no quarto da doente.

— Que é, mamãe? Ainda não está na hora do remédio. Quer água?

— Não, minha filha, senta-te aqui; preciso falar-te.

— Mas o médico proibiu, mamãe. Descanse um pouco; depois, conversaremos.

— Não, Ariadne; eu sinto que se aproxima o fim. Amanhã, talvez, será tarde e eu preciso conversar com você.

Imensa tristeza inundou os grandes olhos negros de Ariadne, que se fixaram no semblante de sua mãe, onde a aproximação da morte já era anunciada por uma palidez cadavérica. A velha calou-se por alguns segundos e a menina, tomando lugar na sua cabeceira, esperou em silêncio.

— O Hélio não resolveu nada?

— Mamãe!

— Sei que não gostas que eu fale nisto, mas é preciso. Gostas da morte se aproxima, Ariadne, e não tens ninguém no mundo. Não quero deixar-te só, com essa beleza. E' preciso que fiques noiva, antes que eu morra.

— Mamãe, por favor, não falemos nisto. A senhora irá melhorar, o médico falou...

— O médico... o médico... Quando a morte se aproxima, Ariadne, a gente percebe perfeitamente. Eu sei que vou morrer.

A enferma parou fatigada, arquejante, e o silêncio caiu no aposento. Ariadne, voltando o rosto, mordeu os lábios e deixou que as lágrimas caíssem, silenciosas, e em abundância. Vencida pelo cansaço a velha adormeceu e a moça, depois de ajeitar-lhe a coberta, saiu pé ante pé, retomando o seu lugar junto da janela. Dalí, ela contemplava a cidade, lá em baixo, e começou a pensar.

— Sim, mamãe tem razão. Isto não pode continuar assim, não pode.

*

— E's um tolo, rapaz! Casar-se com vinte e cinco anos, sem conhecer ainda metade da vida! Não conheces o Rio, conheces?

— Não.

— Pois então?

Este diálogo se passava na mesa de um bar, onde se achavam sentados dois rapazes, em companhia de 8 garrafas vazias. O interrogado não parecia muito contente e o seu interlocutor, um rapaz louro e de fisionomia antipática, era de uma insistência irritante.

— Depois, Hélio, aquela tua pequena, francamente, não acho que tenha talento.

— Eu já tenho certo compromisso, Hugo. Ariadne é orfã.

— Não queiras, naturalmente, servir-lhe de pai. Olha, meu filho, a gente, antes de se casar, deve conhecer a vida sob todos os aspectos. Tu, por exemplo, só conheces esta cidadezinha. Imagina se, depois de casado, resolves a dar um passeio ao Rio, a São Paulo ou outra grande cidade. Lá ficarás conhecendo melhor a vida. Serás atraído para ambientes, nos quais tua esposa não pode comparecer e começará a descuidar dos teus deveres matrimoniais. E' hora: começam as rugas e a vida torna-se um inferno. Assim, meu caro, eu te aconselho: primeiro, conhece o mundo, depois, então, casa-te.

— Talvez tenhas razão, Hugo.

— Talvez, não, tenho mesmo. Depois, Hélio, este negócio de viver no interior não dá camisa a

ninguém. Precisas ver o que é viver nas grandes cidades! Cassinos, música, artistas célebres, tudo juntinho da gente, sem essa monotonia da roça, sem essa rotina grosseira. Todos os dias a mesma coisa: levanta-se, serviço; intervalo de almoço; depois, serviço; jantar, bar do Chico; depois, cama. Isto, meu caro, significa: amanhece, a gente espera que anoiteça; anoitece, a gente espera que amanheça. Não és rapaz para isto. E's alegre, tens inteligência, tens vida, precisas viver. Parte, meu amigo e, depois, diz-me se ainda pensas em casamento.

Hélio empolgou-se com as descrições.

— Tens toda razão, Hugo; hoje mesmo falarei com Ariadne. — Assim dizendo, o rapaz deu algumas pancadinhas numa garrafa. O garçon apareceu, solícito, e ele pediu outra cerveja.

*

Era noite. Ariadne, no portão, esperava algo com uma impaciência quase doentia. O seu coração batia com tamanha violência que as suas arremetidas faziam tremer o peito da menina. Ela esperava Hélio. Não sabia como dizer-lhe que precisavam definir aquela situação; tinha vontade de não dizer coisa alguma, mas a sua mãe estava tão mal... e ela havia prometido falar ao namorado. Por fim, a respiração de Ariadne ficou paralizada. Hélio acabava de chegar. Ele travou-lhe as mãos geladas e olhou algum tempo para o seu rosto lindo.

— Estás com as mãos tão frias, meu amor!

— E' que eu preciso falar-te, Hélio.

— Engraçado, eu também vim aqui, porque preciso falar contigo.

— Fala, pois.

— Podes falar primeiro.

— Não, falarei depois. Agora, escuto-te.

— Francamente, Ariadne, eu sinto-me embaraçado para começar. Sei que não vais gostar da notícia que te vou dar.

— De que se trata?

— E' que eu, Ariadne, vou-me embora.



— Tu?!

A menina soltou este "Tu" de um modo singular. Nesta única sílaba ela expressou admiração, espanto, dor e um pouco de sua alma. Hélio desviou o rosto, porque não podia resistir ao encanto daqueles grandes olhos negros, tristes e cheios de lágrimas. Ariadne, depois de se controlar, fingiu naturalidade.

— E aonde vais?

— Vou ao Rio. Preciso conhecer o mundo, Ariadne. Há muito que esta idéia me preocupava. Sonho sempre com o outro lado da vida, onde existem os cassinos iluminados, com música, com "shows" admiráveis. Preciso conhecer o que é o mundo, finalmente. Até agora, nada sei. Tenho apenas vegetado neste pedacinho de terra que me viu nascer. Preciso viajar, desenvolver a minha inteligência, tentar fortuna, gozar a minha mocidade. Fomos sempre bons amigos e eu não podia partir sem despedir-me de ti e agradecer-te os momentos de felicidade que me proporcionaste.

Ariadne estava comovida e demorou a responder:

— Nada tens que me agradecer, Hélio. Queres conhecer o mundo. E' um direito que te assiste. E's livre...

Caiu sobre os dois um silêncio pesado. Ariadne mordida desesperadamente as unhas e Hélio esfregava as pobres folhas de uma trepadeira que adornava as grades do jardim. Por fim, ele teve uma idéia.

— E tu, que querias dizer-me?

— Coisa sem importância... sim, agora já não tem importância.

Após novo silêncio, Hélio disse, bruscamente.

— Então, até à volta, Ariadne.

A moça fez um esforço supremo e estendeu-lhe a mão, muito naturalmente.

— Até à volta, Hélio.

Ele afastou-se rapidamente, sem deixar a Ariadne nem uma esperança sequer, e ela, encostando-se à grade do jardim, deixou o pranto correr, quente, sentido, saudoso!

*

Após muito chorar, Ariadne entrou em casa, devagarinho, lavou o rosto e procurou, com arte, fazer desaparecer os vestígios das lágrimas. Depois de recompor a fisionomia, entrou no quarto da mãe. O semblante da doente fez-lhe estremecer. Sua mãe arfava e tinha febre elevadíssima. A enferma não pôde falar



mais e fez um gesto, mostrando à filha a cadeira junto do leito. Ariadne, assustada, tomou as mãos de sua mãe, que, com esforço inaudito, perguntou quase num sopro:

— Falaste-lhe?

Ariadne contemplou, com dor enorme, aquele rosto macerado, aquele corpo, que tinha apenas um resto de vida e encerrava tudo de mais caro que ela possuía.

Os seus grandes olhos se mergulharam naquele rosto querido que, em breve, a terra havia de roubar-lhe e ela compreendeu que uma mentira poderia dar um pouco de alegria aos últimos momentos daquela que lhe dera o ser. Por isto, chegando-se bem

ao ouvido da moribunda, Ariadne sussurrou:

— Falei, sim, mamãe; somos noivos. Amanhã ele virá falar com a senhora.

As feições da doente iluminaram-se por um segundo; os seus lábios secos se entreabriram num pálido sorriso. Foi o último.

*

Havia oito dias que a mãe de Ariadne tinha sido enterrada. A menina, sem parentes, abou-se sozinha com a velha empregada, naquele sobradão, única herança que lhe deixara o pai. Entretanto, Ariadne não era menina para se abater facilmente. Voltou ao emprego — era datilógrafa de

A ARMA SECRETA DA
MULHER FORMOSA

Michel

O BATON QUE OFERECE
MUITO MAIS QUE OUTROS

★ Para esse assalto aos corações — para esse valor que é confiança em si mesma e em seu próprio atrativo — Michel é a arma poderosa da mulher que o usa. Além de lhes dar uma cor sedutora, Michel conserva os lábios suaves e delicados — encantadores com sua beleza natural. E tendo uma base de consistência como de veludo, não oleosa, conserva-se nos lábios durante horas e horas, sem escorrer.

MICHEL COSMETICS, INC
NEW YORK

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CYCLAMEN
BRUNETTE • CAPUCINE



uma firma local. Ali ganhava bem para o seu sustento.

Hélio partira, e com a sua partida coincidiu a morte de sua mãe. Dois golpes violentíssimos, desfechados contra o seu jovem coração. Sofreu muito, mas calou-se e procurou esquecer.

E' muito difícil, porém, arrancar-se um amor que criou raízes num coração de 19 anos. Ariadne julgou que esquecia, mas não esqueceu. Hélio era o seu pensamento constante, e ela lembrava, com saudades, o tempo em que o tinha a seu lado, dizendo tantas coisas bonitas... E por que partira ele? Para conhecer o mundo, para conhecer o outro lado da vida, para gozar a mocidade. E ela? Não tinha também tudo isto para fazer? Não tinha o mundo inteiro para conhecer? Não tinha também esse lado desconhecido da vida e a mocidade para gozar? Sim, poderia partir também; poderia conhecer o mundo. Era inteligente, todos o diziam, poderia fazer mil coisas, ganhar nome, talvez. E, depois, esqueceria o Hélio e teria outros namorados. Quando encontrasse novamente o Hélio, haveria de dizer-lhe:

— Eu também conheço o mundo. Sei tudo quanto você sabe e fui a todos os lugares em que você foi. Conheço o outro lado da vida e sei bem gozar a minha mocidade. E, dito isto, virar-lhe-ia as costas e se afastaria. Estaria vingada!

Foi com a cabecinha cheia desses sonhos que Ariadne adormeceu naquela noite fria de junho.

* * *

*

SOFRE
DO FÍGADO,
ESTÔMAGO E
INTESTINOS?



TOME
ESTOMAFITINO
E COMA O QUE QUISER

Hélio, no Rio, gastava a mancheias. Frequentava teatros, cassinos, e não perdia coisa alguma que pudesse oferecer atração. Frequentou todos os ambientes, elevados e sórdidos, gozou de tudo que uma Capital pode proporcionar a uma criatura inexperiente e sedenta de diversões. Passaram-se, porém, os dias e tudo foi lhe parecendo banal. As reuniões não tinham mais aquele encanto. Os "shows" dos cassinos eram frios e sem atração e ele começou a notar a hipocrisia daqueles que o rodeavam. As namoradas que arranhou eram tão frívolas e esquisitas... Foi aí que a imagem de Ariadne se desenhava novamente no seu coração. Mas uma Ariadne diferente, uma Ariadne envolta numa auréola de santa, que a ausência e a frivolidade das outras prestigiaram enormemente. Hélio compreendeu que ela era a síntese das suas aspirações,

LAB. LINDACRUZ — Av. Amazonas, 298 — Belo Horizonte

ALTEROSA * JULHO DE 1945

a mulher que êle compôs com os seus mais lindos sonhos. Foi então que êle compreendeu que todos os passeios que havia feito, todas as loucuras que praticara, não valiam um só daqueles passeios que êle fazia com Ariadne no botezinho, deslizando, calmamente os olhos, mas, conhecendo do rio de sua terra natal. Resolveu, pois, que voltaria. Queria apenas o tempo necessário para liquidar alguns negócios e voltaria para pedir perdão a Ariadne. Haveria de se casar com ela.

*

Naquela manhã, Ariadne levantou-se decidida. Chamou a empregada, ordenou-lhe que preparasse as suas malas e botasse tudo de utilidade dentro delas. Deu-lhe instruções quanto ao governo da casa e disse que ia viajar. A velha abriu desmesuradamente os olhos, mas, conhecendo o gênio autoritário da menina, obedeceu sem dizer palavra. A moça desceu, apressadamente, os degraus do sobrado e encaminhou-se para o escritório.

— Está mesmo resolvida, senhorita Ariadne? — perguntou o patrão.

— Sim, senhor. Vim apenas acertar as minhas contas.

— E' pena. Não sei onde irei encontrar outra datilógrafa como a senhora.

— Obrigada. Isto é coisa fácil.

— Aqui tem o saldo a seu favor. Oitocentos cruzeiros do mês passado, sem descontar os dias que faltou por causa da doença de sua mãe, e mais dois mil cruzeiros que lhe oferecemos como gratificação pelos bons serviços que nos prestou. Ariadne assinou, trêmula, os recibos que o patrão lhe apresentou e, depois de agradecer-lhe, fechou o dinheiro na bolsa e saiu do escritório. Na rua, encontrou-se com uma amiga íntima, recém-chegada de São Paulo, onde fôra a passeio.

— Então, segue mesmo hoje?

— Se Deus quiser. Irei pelo noturno.

— Faz muito bem, Ariadne. Você é uma menina inteligente e não precisa ficar aqui. Olha, em São Paulo eu conheci uma moça que não tem a terça parte da sua competência e ganha seis mil cruzeiros por mês como redatora de um programa feminino de uma das estações de rádio. Você tem muitas possibilidades, querida.

Aquelas palavras eram uma esperança para o coração inexperiente de Ariadne. Ela sorriu, agradecida.

VOCÊ

Você... que tem nos olhos a beleza ideal da luz dos grandes pensamentos...

Você... que tem nos lábios a tristeza ironizada dos meus sofrimentos...

Você... que tem os gestos da nobreza nas atitudes dos seus movimentos...
Que me deixou completamente presa e encheu de anseios vãos os meus momentos...

Você... que passará na minha história em uma compleição vaga, incorpórea, como o som... como a luz... como o perfume...

Que por meu bem ou por meu mal resume êste poema sem fim que ninguém lê, na minha vida... meu amor... Você!...

MARIA ANTÔNIA SAMPAIO

* * *

— Irei à estação. A que horas passa o noturno para São Paulo?

— Logo que chega o noturno que vem do Rio. E' muito tarde, você não poderá ir. E' melhor nos despedirmos aqui. Adeus, querida.

As duas amigas se separaram e Ariadne tomou, ligeiro, o caminho de sua casa.

*

O comboio para São Paulo já havia se encostado na plataforma. Ariadne marcou o seu lugar e voltou fora para conversar com alguns amigos, enquanto aguardava a saída do trem. O noturno do Rio entrou na gare e o trem que partia para São Paulo apitou, anunciando que sairia dentro de cinco minutos. Ariadne despediu-se dos conhecidos e encaminhou-se, apressadamente, para o vagão. Alguém, entretanto, segurou-lhe os braços.

— A estas horas, na estação, Ariadne?

A menina estremeceu, ao ouvir aquela voz, porém, com um esforço titânico, virou-se, naturalmente.

— Vou viajar, Hélio. Como fôste de passeio?

— Aonde vais?

— Vou-me embora; *mamãe morreu, fiquei só; vou conhecer o

outro lado da vida, vou conhecer o mundo e gozar a minha mocidade. Cansei-me de vegetar nesta cidadezinha e resolvi partir. Quero tirar da vida o máximo proveito e, se eu morrer cedo, ela não terá remorsos, por não haver me mostrado tudo de belo que pode nos oferecer.

Hélio ouvia, petrificado, aquelas palavras. Seria mesmo Ariadne quem as dizia? Êle vinha por sua causa e ela ia partir. Quis pedir-lhe para ficar, mas viu que era inútil. Aquela Ariadne, que estava diante dêle, era outra, bem outra. Não era mais aquela menina ingênua que êle conhecera. Era uma mulher, linda mulher, e êle compreendeu que ela não estava mais ao alcance de suas mãos. Ariadne estendeu a Hélio a mãozinha trêmula, que êle apertou com carinho entre as suas.

— Adeus, Hélio. Desencontamo-nos na vida. Não nascemos um para o outro, bem vês. Tu, tão novo, já conheces o mundo, já conheces o outro lado da vida, já gozaste a mocidade e, finalmente, chegas no momento exato em que eu digo adeus à minha terra, para ir conhecer tudo isto. Não podemos torcer o destino, amigo. Foi êle que não quis que caminhassemos juntos e jun-

— Conclui na página 40 —

CHUNGA Linares fôra educada em Londres. Se o seu nome denotava uma origem espanhola, corria-lhe nas veias, entanto, pela linha materna, o sangue inglês. Até os quatorze anos, em sua pátria, estudou em colégios ingleses; depois, fêz uma viagem à Europa, onde se demorou cinco anos. Chunga era o protótipo da jovem moderna: passeava com os amiguinhos, dirigia automóvel, praticava todos os esportes. Tudo isso dentro de impecável linha moral, sem malícias, com a naturalidade inocente dos costumes ingleses, ainda que a maioria de seus amiguinhos fôssem jovens rioplatenses que haviam sido criados com ela.

Assim, com essa educação moderna, apareceu um dia em Montevideu, dirigindo uma baratinha muito cara, último modelo, e dando — como diziam os cronistas mundanos — “uma nota de exótica elegância” às ruas tristes da cidade platina que conservava ainda (isso há vinte anos), os velhos costumes de grande aldeia, em que se costuma censurar todo aspecto de vida livre e pessoal. Os transeuntes paravam boquiabertos ante aquela elegância de dirigir o carro com a mão enluvada, cabeleira solta ao vento, buzinando a todo momento. Havia tirado carta de chofer — a primeira que se dava na cidade a uma pessoa do belo sexo. No dia em que foi receber a tal carta, numerosos fotógrafos e cronistas a cercaram para “fazer uma crônica mundana de grande sensação”. Ela, em meio à sua satisfação — por humana e por mulher — estava um pouco envergonhada de como a sua cidade natal era ainda “uma aldeia”.

E Chunga foi a jovem predileta do mundo social, o melhor “partido” para um casamento,

o mais exato modelo para as moças que viviam sonhando com audácias novelescas e a “desavergonhada” para as mães de família que tinham filhas adolescentes, ainda aferradas aos velhos costumes coloniais.

Se não me estivesse referindo a pessoas e costumes de cidade e estivesse escrevendo um conto sertanejo, diria que Chunga Linares, com sua brejeirice adorável, era a “flôr dos campos”.

Nas festas e reuniões familiares, em qualquer lugar onde aparecia, a “toilette” mais elegante era a sua — e isso trazia muita inveja... ou admiração, que no fundo é a mesma coisa, pois já disseram que a inveja é a admiração em estado de enfermidade.

Finalmente, Chunga Linares era uma jovem belíssima. Todos, ao contemplá-la, exclamavam naturalmente: — Que belo tipo de mulher! E quem não o fizesse em voz alta, fazia-o mentalmente. Porque Chunga era mesmo bonita.

*

Amando a vida ao ar livre, nos primeiros passeios só lhe ocorria atravessar a cidade e fugir para o campo. Diziam que, “com a sua baratinha, ia abrindo caminho”, entre a nuvem de pó que levantavam seus “cem quilômetros”. Todos os

*

dias, recebia duas ou três multas que não tencionava pagar. Mas, uma bela manhã, ao sair de casa um policial fê-la deter o carro na primeira delegacia. Ela gritou ao comissário, ao oficial, ao sargento, a todo mundo, mas pagou. Em seguida, tomou a baratinha e, em direção ao campo, marcou um “record”. O caso foi comentado. Alguém perguntou ao comissário por que havia êle tolerado que Chunga lhe gritasse. Então, um velho que estava presente disse:

— E’ bonita... é a filha de d. Fulano... tem o ouro! Que se pode fazer? A cada grito pagou uma multa. E’ isso, meu caro, o mundo é assim...

Quando a jovem se cansou dos prados verdes, do céu azul e de andar sozinha, sentiu a falta de um amiguinho com que pudesse jogar, passear, como fazia em Londres. Ao passar pelo “Café do Ponto”, onde se reunia a rapaziada, viu, em companhia de alguns amigos, “Pipe” Marquês, o patricio com quem mais havia passeado na Europa. Deteve, então, a baratinha e gritou:

— Pipe...

O jovem veio ao seu encontro, dando-lhe um forte “chake-hand” à inglesa.

— Sobe — convidou-o Chunga. E se foram juntos na baratinha.

*

Todos os dias se encontravam — às vezes, com outros jovens, outras vezes, sozinhos — e saíam a passear tal como o faziam em Londres. Tal fato constituía o assunto não só dos comentários dos amigos de Pipe, mas ainda, de qualquer reunião social da cidade.

— Você, hein, Chunga... — diziam-lhe as amiguinhas. — Isso dá na vista!... Esses passeios... Sua família permite



Inglêsa ★ Tradução de Genival Rabelo

que você saia assim sozinha com ele? E' estranho. Muito estranho. Sabemos que na Europa, se faz isso, mas... não se esqueça de que estamos em Montevideu.

— Filha, que educação recebeste em Londres! — censuravam-na as velhas. — Repara que assim vais mal. Já se fala muito de ti. Toma cuidado, é o que te digo.

Seus pais, então, a chamaram à realidade, aconselhando que se cingisse um pouco aos costumes locais. Ela se contrariou e disse:

— Aqui, todo o bem à luz do dia é censurável; mas em compensação o mal às escondidas não se censura. Se o que eu faço é admissível e correto em todas as partes do mundo, por que hei de submeter-me ao que dizem aqui? Tenho a consciência tranquila e isso é tudo.

*

Com Pipe, a conversa era outra.

— Você tem sorte, hein... Ela é muito bonita e tem "o algum"... Desta vez você se limpa... Sim, senhor, isso é que é sorte!

Os comentários eram sempre maliciosos. Quando Pipe chegava ao "Café do Ponto" os amigos gritavam:

— Então, como vão as coisas?...

Pipe começava a contrariar-se. Aquela mesma história todos os dias aborrecia-o muito. Esses caboclos que nunca saíram daqui não compreendem certas coisas — dizia consigo mesmo. — Não compreendem a amizade entre um homem e uma mulher. Uma coisa tão normal, tão frequente na Europa! Lá, sim, chegara-se já à compreensão de que há amizade sem amor e amor sem amizade. Mas aqui o pessoal não evolue..."

Um dos seus amigos foi mais longe, quando lhe disse:

— Olhe, Pipe, eu acho que você não deve continuar pensando assim... Aqui, é diferente. Ela pode tomá-lo por tolo. Deixe 'dêsse negócio de amizade pura... Do contrário, você vai arrepender-se...

— Está bem — respondeu ele.

Tudo isso, repetido diariamente, preocupava o rapaz. Já não gostava de frequentar o clube. Já não ia ao "Café do Ponto". Já não se acompanhava dos amigos. Percebia que começava a influenciar-se pelo que di-

ziam. Na Europa, sentira por Chunga uma amizade ingênua e despreocupada. Ninguém os notava. Eram dois amiguinhos apenas. Aqui, só se falava neles. Sua amizade constituía o tema de qualquer palestra íntima. Ia transformando-se em amor. E o pior é que a transformação só se operava nele, pois Chunga portava-se da mesma maneira que na Europa. O rapaz preocupava-se seriamente. Não lhe agradava nada a idéia de passar por tolo... Já sentia necessidade de mudar de tática.



NO PROXIMO NUMERO

Alterosa

aparecerá consideravelmente ampliada, em suas diferentes secções, apresentando entre outras atrações:

- Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos.
- Crônicas e artigos de palpitante atualidade, formados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 6.º ANIVERSÁRIO DE CIRCULAÇÃO

Sim, êle a amava e era preciso que ela o percebesse... Não havia mais dúvida: êle a amava. Mas como poderia dizer isso a Chunga? Ela compreenderia?...

Iam, como nas outras vezes, voando pela estrada. A poeira era enorme. E, como sempre, era ela quem dirigia. Pipe observou:

— Por que correremos tanto? Desta maneira, não podemos estar em parte alguma. Dir-se-ia que desejamos estar um pouco...

Tossiu. Estava visivelmente emocionado. Chunga olhou-o de relance e disse tranquilamente:

— ... estar um pouco...

— ... em tôda parte— completou êle. E acrescentou — Dêsse modo não podemos contemplar a paisagem...

Ela o atendeu, diminuindo a velocidade do carro. E, sem fi-tá-lo, com os olhos fixos na cur-

va longinqua da estrada, os lábios entreabertos num sorriso vago e encantador, murmurou:

— Que romântico está tudo isso!

Ele não respondeu. Estava emocionado porque se havia decidido a falar-lhe. Estava inteiramente convencido de que a amava muito. E o amor lhe havia cortado os braços da audácia. Parece uma contradição, e não o é. O amor verdadeiro é assim: tímido. Ele estava no momento mais nobre e delicado do amor: na escalada da timidez. Havia pensado tanto nela, valorizara-a tanto, que tinha medo de perdê-la, dizendo-lhe a verdade. "Falo... Não falo" pensava consigo. Ah!, que momento grande! E como nos rimos dêle depois de alguns anos!

— Chunga, pára. Está tão lindo isso! Vamos passear pelo campo?

— Não, Pipe. Deixa de toli-

ces... — respondeu ela, sem deter o carro.

Êle, porém, insistiu:

— Pára, Chunga! Quero falar-te...

A jovem fitou-o interrogativamente, detendo o carro.

— Falar de que?

— De amor, Chunga. Amo-te.

Ela sorriu e tornou a olhar para a curva longinqua da estrada.

— Chunga, a minha amizade transformou-se em amor, compreendes? Ao nos encontrarmos de novo em Montevideu, julguei que tudo ia ser como na Europa, uma amizade fraternal... Mas aqui, senti outra coisa, compreendes? Agora, já não sou apenas um amiguinho, Chunga... Eu te amo! Muito, muito...

Calou-se. Houve, então, um largo silêncio.

— Fala, Chunga... Que tens? Ficaste surpreendida? Já sei... Talvez não sintas por mim o mesmo sentimento... Talvez não me ames.

Chunga, mudando de atitude, o rosto iluminado, voltou-se para êle e deu uma forte e despreendida gargalhada. O rapaz tremeu de emoção e de medo. Viu a sua causa perdida. Pensou que não era ainda tempo para falar-lhe. Tudo isso em um segundo. No espaço da gargalhada. Tentou desculpar-se.

— Escuta, Chunga...

Ela, porém, o interrompeu, com um sorriso adorável a iluminar-lhe a fisionomia:

— Cala-te, homem. Não sejas tolo. Deixa-te de declarações tipo colonial e dá-me o beijo que há dias estou esperando...



EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau

A Economia É UM HÁBITO



**QUE SE DEVE CUL-
TIVAR DESDE OS
PRIMEIROS ANOS**

As grandes virtudes do homem são devidas, geralmente, à educação que ele recebe no lar. E uma das maiores virtudes, pelos benefícios que encerra para o indivíduo e para a coletividade, é, sem dúvida, o sentimento de economia, que torna o homem prudente e o acoberta contra as incertezas da vida. Faça seus filhos praticarem o hábito salutar da economia, desde os mais tenros anos.



**ABRA PARA SEUS
FILHOS UMA CA-
DERNETA NA**

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

RUA DA BAHIA, 1649
FONE 2-0151
BELO - HORIZONTE

**RETIRADAS POR MEIO
DE CHEQUES • ÓTIMOS
JUROS • GARANTIA DO
GOVERNO DO ESTADO.**



DOIS anos haviam passado desde que Roberto Lucas não via a Julia Reynolds, quando, ao atender um chamado telefônico, ouviu sua voz inconfundível. Com a mesma calma e naturalidade com que lhe haveria interpelado se se houvessem encontrado um dia anterior, ela propôs almoçarem juntos. Combinados o lugar e a hora do encontro Julia desligou, e Roberto passou o resto daquela manhã tratando de recordar tudo que sabia a seu respeito. Conhecer-a cinco anos atrás, em Londres, em casa de amigos comuns, e encontrara-a uma duzia de vezes desde então: na França, em duas oportunidades, uma vez nas Bermudas, e outra em Saratoga, e dois anos passados na própria Nova Iorque. Depois deste último encontro Julia desaparecera subitamente, e ele tinha-a completamente esquecida até o momento de ouvir sua voz no telefone.

Entretanto, foi suficiente aquela voz inconfundível para que, num momento, a sua imagem se lhe desenhasse com inalterável clareza na imaginação, rodeada pelas recordações que a envolviam. Julia Reynolds! Viveria ainda com seu pai? Carlos Reynolds, único brôto de um matrimônio milionário, havia realizado a façanha de herdar e dissipar uma enorme fortuna no mais curto espaço de tempo imaginável. Fora esse o único trabalho completo que ele conseguira realizar em sua vida, e a educação custosamente proporcionada à sua filha, sua única boa obra. A ela, entretanto, ele havia cobrado essa dívida com altos juros. Quando ele conhecera os Reynolds em Nova Iorque, o pai levava uma vida dissoluta. Jogador inveterado e insaciável bebedor, seus vícios tinham-no finalmente reduzido a uma miséria desesperadora, da qual participava desditosamente a filha. Assim, Júlia, depois de haver conhecido as larguezas da fortuna, possuidora de uma cultura pouco comum, vira-se subitamente atirada aos caprichos da sorte, a ponto de não ter, às vezes, sobre-sua cabeça, a segurança de um teto, ou um prato de comida à mesa. Quando, preocupado por sua extrema magreza — era certo que a jovem já se achava quase anêmica por falta de alimentação adequada — ele se animou a oferecer-lhe ajuda — um emprêgo, naturalmente — Júlia limitou-se a sorrir, enquanto sacudia a cabeça.

— Muito obrigado, Roberto.

Matrimônio Por Conveniência

Conto de Allene Corbis

Ilustrações de Fábio

Agradeço-lhe a intenção, mas existem motivos que me impedem de aceitar seu oferecimento.

Era tão jovem e formosa, estava tão sozinha e sofria tanto, que um momento ele pensou seriamente em fazê-la sua esposa. Mas não havia amor, e entre os dois as relações prosseguiram numa agradável, leal e sincera amizade. Júlia falava três idiomas corretamente, tinha trato social, qualidades louváveis, um corpo perfeito: podia tornar-se secretária social, modelo, ou outra coisa qualquer, conquanto nada parecesse interessá-la. Roberto teve de admitir o fracasso dos seus esforços, ao compreender que a verdadeira razão da sua negativa em aceitar um emprego estava em que ela já possuía um: cuidar e proteger seu pai.

Quando ocasionalmente Carlos Reynolds ganhava no jogo uma forte soma, voltava momentaneamente aos seus hábitos de aristocrata; afóra esses curtos lapsos de tempo, era Júlia encarregada de proporcionar-lhe comida, vigiá-lo para que ele não viesse a morrer de uma das suas bebedeiras. Com a chegada da primavera Júlia desapareceu de Nova Iorque com seu indesejável pai, e, algumas semanas mais tarde, Roberto recebeu, na redação do periódico, um postal com vistas de um vilarejo da Espanha:

— Sinto não haver podido despedir-me de você, leu nas costas do postal; porém, prometo não esquecer o seu número de telefone e falar-lhe, se regressar algum dia.

Regressava agora, e fiel à sua promessa, acabava de chamá-lo. Roberto perguntou a si mesmo que mudanças notaria nela. Dois anos podem ser um lapso longo ou curto, e tudo depende, em última análise, da maior ou menor intensidade de vida experimentada em seu transcurso. Ao distinguir Júlia Reynolds, através do longo salão do restaurante, Roberto conjecturou que naquele caso, o lapso fôra curto. Júlia não havia mudado em absoluto, e talvez até mesmo estivesse disposto a jurar que as suas roupas eram as mesmas. A bolsa de pano descolorido e o chapéu de castor com que a conhecera em Lon-

dres, cinco anos passados. O queixo apoiado nas mãos e o olhar fixo adiante, era a mesma Júlia. Unicamente o sorriso que entreabria seus lábios era novo para ele. Sorriso estranho, enigmático... Tão ocupada estava, sorrindo, tão absorta em seus pensamentos, que provocavam aquele sorriso, que ele acomodou-se na cadeira ao seu lado, sem ser notado.

— Olá, amiguinha! — saudou. Não me conta a razão que motiva esse sorriso misterioso? Prometo guardar segredo...

Fixando o olhar nos olhos claros que pousavam nêle, Roberto comprovou, encantado, que Júlia estava contente de vê-lo, ainda que, fiel à sua linha de conduta na singular amizade que os unia, — uma amizade que carecia de toda efusão — nem sequer estendeu-lhe a mão.

— Então, Roberto? Obrigada por ter vindo. Faz tempo que não nos vemos, mas como seus artigos prosseguiram aparecendo regularmente no periódico, supo-

nho que você passou todo esse tempo bem. A voz era a mesma, com a doçura que a caracterizava, e criava um desejo de ouvi-la indefinidamente.

— Eu passei bem, com efeito. E a Espanha lhe agradou, Júlia?

— Espanha? Ah, sim! Passamos ali uma temporada. E' um país muito pitoresco e hospitaleiro. Mas as touradas não me agradaram...

— Ficaram ali muito tempo?

— Cinco meses. Depois mudamo-nos para Monte Carlo. Papai teve sorte e isto nos proporcionou uma temporada muito agradável nos Alpes suíços. Entretanto, depois ele adoentou-se, e nós voltamos para a América. Os últimos oito meses passamos em casa de uma tia cujo maior prazer consistia em amargar-nos a existência, recordando-nos a cada minuto que não tínhamos com que pagar-lhe a hospitalidade...

Na voz doce deslizava-se uma nota de profundo cansaço, mas nos lábios voltou a florescer o sorriso que a tornava mais jovem, mais linda e interessante.

— Finalmente, eis-me em Nova Iorque, concluiu.

— E eu me alegro tanto com isto, Júlia...

Roberto sentia de coração cada uma das palavras que acabava de pronunciar. No momento, dominava-o uma estranha alegria por ter Júlia ao seu lado, por adivinhar que ela continuava livre, todavia. Vendo-a tirar o velho chapéu, observou que os seus cabelos brilhavam como um halo em redor da sua cabeça, sentindo uma forte tentação de estender as mãos e tocar-lhes com a ponta dos dedos. Depois, um tanto perturbado por suas próprias sensações, perguntou:

— Como está seu pai?

E muito serena, a resposta chegou:

— Papai morreu faz já três semanas.

Júlia continuava sorrindo, e Roberto teve, naquele instante, a absoluta certeza de que ela havia amado seu pai, e que, de certo modo, restava o contentamento de sabê-lo tranquilo, finalmente, na morte. Amara-o na vida, como se aia um ser que depende completamente de nós e ele abor-

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA

**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Bucosan
MANTÉM A BÓCA Sã...

AFTAS — GENGIVITES
ESTOMATITES EM GE-
RAL — Mantenha seus
dentes FORTALECEN-
DO suas gengivas com o
uso diário de BUCOSAN

*

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Rep.: Hélio Pimentel & Cia.

Av. Olegário Maciel, 8

Belo Horizonte



D O R E S
Melhoral
RESFRIADOS

recia-a igualmente um pouco, porque ela o sabia fundamentalmente débil, de uma debilidade que o fizera agarrar-se-lhe, arruinando sua vida desde o princípio. Enquanto seu pai permanecia vivo, nada ela pudera fazer de construtivo, útil, algo com que pudesse justificar sua existência. Agora ele estava morto... e quem, em nome da razão, podia reprovar-lhe a alegria de recuperar a liberdade? Roberto considerou que lhe cabia fazer algo para ajudar a Júlia; não seria muito difícil, por exemplo, conseguir-lhe um emprêgo no periódico. No momento em que se dispunha a falar a respeito, a voz dela o deteve.

— Antes de ir à Suíça, papai, num impulso de arrependimento, e tardio amor paternal, fez em meu favor um seguro de vida no valor de cinco mil dólares. Depois de haver pago tudo, tenho agora no bolso dois mil e quinhentos dólares...

Roberto devia ter mostrado uma expressão estranha, porque ela sorriu ligeiramente.

— Não se alarme, Roberto. Eu um cheque e eu o depositarei.

— Dois mil e quinhentos dólares não é uma grande soma... — Roberto falava maquinalmente.

— Eu o sei. Mas bastará para o que quero. Já projetei tudo...

— Projetar? Eu não a compreendo, Júlia...

Para Roberto, parecia absurdo que se projetasse para a inversão de uma soma relativamente tão pequena. No máximo poderia tentar com ela algum negócio ou adquirir títulos do governo.

— Projetar, sim, Roberto. Tanto para o aluguel, tanto para a roupa, tanto para os empregados. Fiz todas as contas e o resultado está claro. Com dois mil e quinhentos dólares poderei viver exatamente um mês em um ritmo luxuoso de vida. Não é muito tempo; mas se você estiver disposto a ajudar-me, será mais do que eu necessito.

Roberto sacudiu a cabeça, incapaz de compreender.

— Por que não me diz com mais clareza qual é a sua intenção?

E ela respondeu com a mesma inalterável naturalidade:

— Eu penso em casar-me, meu bom amigo...

— Hein? Como? Casar-se, você falou?

Não podia ser; sem dúvida estava brincando... No entanto os seus olhos claros encaravam-no com gravidade, e a voz doce respondeu com firmeza:

— Sim, casar-me. Pensei mui-

to; não creia, nem um instante que se trate de uma decisão apressada. Este dinheiro é tudo que eu possuo, e uma vez dissipado... como será minha vida? Porque, não me permitirá viver de rendas...

Roberto estava contrariado, e aparentemente não tentava ocultá-lo.

— Poderia trabalhar, respondeu com voz áspera. — Não lhe ocorreu essa simples solução? Poderia ganhar a vida, como tantas outras em suas condições...

— Não, Roberto; uma grande tristeza enchia os olhos de Júlia, um cansaço de anos faz-a-lhe tremar a voz. — Estou moralmente acabada, e meus nervos gastos não resistiriam à aprendizagem de um novo começo. Além de tudo, estou farta de pobreza, da insegurança, da fome, dos alojamentos baratos, da incerteza... Queró dinheiro, o suficiente para que eu não tenha de pensar nele durante o resto da minha vida.

Roberto sentia-se invadido por uma opressão estranha.

— Parece muito segura de conseguir-lo...

— E estou, Roberto... — Pela primeira vez deixou ouvir seu sorriso musical. — Pela minha educação, herança moral, e aptidões naturais, possuo uma facilidade perigosa para gastar dinheiro. Com boa roupa consigo ser muito atraída...

Muito atraída. Roberto repetiu consigo mesmo as palavras, ao mirá-la. Os sofrimentos e as privações haviam-lhe respeitado os traços. Possuía unicamente beleza quando a conhecera em Londres, mas agora alguma coisa mais: possuía personalidade, linha, cor, um encanto que a diferenciava das demais mulheres.

— Bem, — respondeu por fim. Você é livre e tem o direito de proceder como quiser. Mas... conhece algum milionário a quem possa levar ao matrimônio?

Júlia era mulher de respostas claras, e assim foi naquele instante.

— Sim, conheço um que parece feito à medida. Seu nome é Rafael Jerome, é jovem, nada mal parecido e filho único. Nós nos conhecemos na Suíça, e desde que nos separamos, não deixou de escrever-me toda semana. Está bastante interessado por mim, e um pouco enamorado. Falta unicamente o impulso decisivo; dê-me roupas apropriadas, uma casa, e tê-lo-ei, a meus pés, antes de um mês.

— E os dois mil e quinhentos dólares proporcionar-lhe-ão os lindos vestidos, a elegante vivenda...

da, os serventes e tudo o mais, não é verdade?

— Naturalmente! — Júlia inclinou-se um pouco e pousou uma das mãos no braço dele. — Não lhe parece magnífica a minha idéia? É a primeira vez que eu me proponho levar uma coisa até o fim, e espero triunfar. Para o mundo, e talvez também para você, este meu desejo pode parecer reprovável. Mas, na realidade, não é, em absoluto. É grande o número das moças que segue uma carreira; o matrimônio será a minha, e nela triunfarei fazendo a felicidade de um homem. Não vejo porque se me deva condenar por isto.

Ante tal franqueza e lógica, Roberto não pôde deixar de evitar um sorriso.

— Pois bem. E quando começará a sua campanha?

— Quanto antes; hoje mesmo procurarei um apartamento moderno; depois ocupar-me-ei da roupa. Isto é o mais importante: na escolha apropriada de vestidos, sapatos e acessórios, reside a maior possibilidade de triunfo. — Parecia uma criatura entusiasmada, e embora com pesar, Roberto sentiu-se contagiado. Sob a influência da jovem, e talvez devido à ação do coctél demasiado forte, considerou o plano de campanha de Júlia com mais otimismo e sem tanta repugnância.

Prometeu sua ajuda para a procura do apartamento e a escolha das roupas elegantes. Os dois permaneceram sentados à mesa do restaurante durante bastante tempo, rindo e discutindo o aperfeiçoamento do plano de campanha. Finalmente saíram a passear através da cidade, continuando o passeio, a pé, pelas sombras avenidas de um parque. À sombra de uma árvore, súbita e inesperadamente, Roberto tomou-a nos braços e beijou-a. Aquele beijo era para ambos uma revelação, e conidente daquilo, Júlia, estremeçada, separou-se, afastando um passo.

— O que fez você, Roberto?

— O que você viu: cedi a uma irresistível tentação... Desagradou-lhe? — Enquanto respondia, olhava-a como se nunca a houvesse visto. Júlia era adorável! Como não havia descoberto antes? Também ela olhava-o fixamente, e a incompreensão estampava-se no seu rosto expressivo. Roberto era alto, forte, mas o que mais valia nêle era a energia de que ela o sabia possuidor. Não havia em Roberto aquela debilidade que ela odiava... Ao seu lado as dificuldades desapareciam, a vida era alegre, a gente boa. Ninguém jamais lhe havia pro-

porcionado aquela sensação de tranquilidade, de segurança, de felicidade... Suspirou levemente e perguntou:

— Quanto ganha você no periódico, Roberto?

— No melhor dos casos, oito mil dólares anuais...

— Já o supunha... E sinto ter que reconhecer que é muito pouco.

Caminharam um trecho em silêncio e Júlia tornou a suspirar.

— Ainda bem que podemos contar com a nossa amizade.

Não era um consólio, porém Roberto surpreendeu-se repetindo como um eco: — Ainda temos nossa amizade...

Durante cinco dias trabalharam em colaboração. Encontraram um formoso apartamento, diante de cujas janelas Júlia gostava de permanecer imóvel, o olhar perdido no espaço. Ao seu lado Roberto contemplava-a embevecido, adivinhando-lhe os pensamentos. Júlia amava Nova Iorque; viver ali era o que sempre desejava, viver tranquila, numa mansão formosa. Tinha uma maneira particular de sentar-se, muito rígida, e de entrecerrar os olhos, parecendo por completo indiferente,

até descobrir alguma coisa que a interessasse. Então, animava-se a ponto de bater palmas como uma criança. Enfim o cenário ficou preparado e a tela pronta para ser levantada no primeiro ato da comédia. Tudo o que faltava era a presença do ator principal: Rafael Jerome.

Considerando que um convite formulado por telefone pareceria pouco apropriado, Júlia escreveu, de parceria com Roberto, uma carta, que era verdadeira obra prima de correção e formalidade.

Depois daquilo só restava a Roberto despedir-se e abandonar o campo, mas Júlia, ao tomar conhecimento de tal decisão, reclamou veementemente: — Mas, Roberto, como pode pensar que eu já não necessito de sua ajuda? Preciso dela agora mais que nunca, e para a parte mais difícil da campanha! Você virá visitar-me todos os dias, ouviu? Todos os dias! E se converterá, para Rafael Jerome, em um rival. Não compreende que deve existir uma rivalidade? De outra maneira tornar-se-ia demasiado fácil, demasiado evidente minha intenção. Não devemos dar-lhe a impressão



de que tudo que ele deve fazer é apresentar-se e levar a cabo minha conquista...

— Muito divertido o assunto, — comentou Roberto em um tom que nada tinha de divertido. Eu acreditava que todos os esforços fossem para tornar mais fácil o caminho para Jerome. Evidentemente a psicologia feminina não se fez para a minha compreensão.

Havia amargura em seu acento, mas Júlia não o notou, aparentemente.

— Você é um amigo inapreciável, Roberto. Agora vá, e volte amanhã.

Durante dois dias Roberto manteve-se distante, e ao voltar ao apartamento, encontrou Júlia no divã, elegantemente vestida, e Rafael Jerome metafóricamente a seus pés. Cearam os três na ultra-moderna e elegante sala de jantar do apartamento, os pratos preparados por um ultra-moderno e elegante cozinheiro. Roberto não saberia dizer em que consistiam esses pratos. Preocupado, observava o feliz milionário, e teve, desconsoladamente, de admitir que Jerome era irreprochável sob qualquer ponto de vista. Igualmente alto e bem proporcionado, ele tinha um olhar cândi-

do e modos afáveis, despojados de qualquer arrogância. Ainda assim, o dinheiro realizava o ideal de uma mulher; com o dinheiro, tornava-se invencível. Saíram juntos depois de ceiar, e ao trazer Júlia de regresso ao seu apartamento, quando já despedira Jerome, Roberto observou:

— Todos nós temos defeitos... qual é o defeito dêsse rapaz?

— Nenhum, ela replicou com ênfase. — E' inacreditável, mas é verdade. Rafael Jerome é justamente o que parece: um ótimo rapaz, simpático e sem complicações.

— E com milhões de dólares a seu crédito...

— Sim. Com milhões de dólares — murmurou Júlia sonhadamente.

— Ele já a apresentou à sua família?

— Só tem a mãe, e amanhã realizar-se-á o nosso encontro. Ela enviou-me um convite muito amável.

Roberto sentiu despertar uma esperança. A mãe... Provavelmente era orgulhosa e já teria escolhido uma noiva para seu filho. Mostrar-se-ia muito doce, muito amável, mas trataria de afastar o perigo...

Quando conheceu o resultado

da entrevista Roberto sentiu vontade de castigar-se por alimentar esperanças tão estúpidas. Devia haver imaginado que Júlia, com sua educação sem defeitos, sua capacidade de agradar, sua simpatia, seu tato, conquistaria o coração de qualquer mãe.

Outra semana passou durante a qual Roberto viu Júlia frequentemente. A campanha de conquista continuava sem tropeços, na maior facilidade. Bastava ver a Júlia e a Jerome para compreender que era apenas uma questão de dias o pedido de casamento por parte do milionário. — Tinha um mês de prazo, não é verdade? A voz de Júlia ressoou triunfalmente aquela tarde no telefone. — Pois bem, três semanas serão suficientes...

— Para dizer a verdade não lhe custou muito...

Que razões havia para que lhe custasse muito a conquista de um homem, mesmo de um milionário? Não era acaso distinta e bela? Tudo isto Roberto refletiu com muita amargura antes de prosseguir.

— Escuta, Júlia, você não pode esquecer seus planos por algumas horas? Poderíamos ir ceiar fora. Gostaria de dançar com você. Não se esqueça que o meu papel de rival me dá direito a alguns privilégios...

— Roberto, por que me fala dessa forma? Não me esqueço de que você é meu amigo, meu único amigo, e só a essa amizade concedo direitos...

Roberto abandonou o telefone conciente de mil sensações raras. Às vezes odiava Júlia um pouco; não, não um pouco, mas muito. Por que havia ela voltado a Nova Iorque? Por que a havia conhecido? Ora! Era um tolo em pensar nessas coisas, e muito mais em odiar a Júlia. A garota, era encantadora, e se tivera probabilidade de casar-se com um milionário, fazia muito bem em aproveitá-la. Só um grande amor justificaria a recusa e era evidente que ela não amava a ninguém. Cearam num restaurante onde havia boa orquestra. Júlia esteve tão encantadora, suas atitudes eram de tão completa felicidade, que Roberto sentiu-se quase contente, como por reflexo. Enquanto dançavam, perguntou involuntariamente:

— Jerome dança tão bem como eu?

— Não, Roberto. Nêsse particular, como em muitos outros, você leva vantagem.

— Obrigado, mas... você supõe que essa opinião pode agra-

* * *

O LENÇO QUE VOCÊ ESQUECEU...

Tão pequeno e tão fino... Este lenço parece um pedaço de céu refletindo no mar... Tem o perfume azul que sobe de uma prece de uns lábios de mulher ajoelhada ao luar...

Se este lenço tão fino um momento pudesse uma história de amor mudamente contar, falaria, talvez, no beijo que se esquece como um verso de amor que se fez a chorar...

Andam ânsias de amor neste lenço encantado que tem longes de máguia e estridores de guizo no desenho feliz do bonito bordado...

Quanta lágrima — eu sei — este lenço colheu: — e este lenço é de alguém que se foi num sorriso. e este lenço é de alguém que, a sorrir, me esqueceu...

CIRO VIEIRA DA CUNHA

dar-me de alguma maneira? — Os olhos azues de Júlia cravaram-se nêle:

— Por que não? Acáso não sabemos a algum tempo o quanto nós nos queremos? — Assim se expressou, tão simplesmente, com sua formosa voz que, ao admitir algo tão importante, soava impessoal, quase indiferentemente.

Roberto estava aturdido. Que classe de mulher era aquela? O que entendia ela por querer? Se ela o queria verdadeiramente, como podia seguir animando seu pretendente millonário? Bem: se Júlia não possuía coração, êle o possuía e muito capaz de sentir com intensidade. O desespero invadiu-o subitamente. Não quis continuar dançando e, em explicações, muito cortez e frio, acompanhou-a até um taxi.

Ela pareceu adivinhar alguma coisa dos seus sentimentos, porque ao despedir-se, na porta do seu apartamento, acariciou-lhe o rosto com a sua mãozinha suave. — Quero-te muito, Roberto. E's uma boa pessoa.

— Tão bom quanto Jerome, — foi a amarga resposta. — Pena é que seja êle o millonário...

Durante uma semana Roberto se manteve distante de Júlia. C'em vèzes aproximou-se do telefone, disposto a chamá-la, e outras tantas vèzes se conteve. A indecisão prolongava-se todavia, quando ela o surpreendeu com seu chamado.

— Roberto, quero que me leves ao teatro, ou a dançar. Esta noite ou qualquer noite.

Roberto, no final das contas, não era mais que um homem enamorado, e havia suspirado por vê-la durante a interminável semana. Que diferença pode fazer uma noite a mais? — Pensou, e retrucou a Júlia em voz alta:

— Esta noite não posso; amanhã, se você quiser, estarei às suas ordens.

— Encantada. Pode vir buscar-me às sete e meia.

Se a semana parecera-lhe interminável, as horas que se seguiram até a noite seguinte deslizaram com uma lentidão desesperadora. Finalmente, chegou o momento tão desejado, e Júlia recebeu-o em seu pequeno salão, mais preciosa que nunca, com um vestido negro de estudada simplicidade. Roberto esforçou-se por não deixar transparecer a admiração causada pela sua beleza, e ao sintonizar a pretendida indiferença, pôs em seu acento uma nota de dureza:

— Que há de novo? Imagino que seu pretendente está bem de

— Conclue na página 40 —

A elegância Parisiense...

renasce nestes novos
tons

Cutex

SCHIAPARELLI inspirou-se no vívido tom Black Red, adorável e excitante criação Cutex, para criar êste lindo e gracioso vestido de soirée. Famosa por seu dramático senso de côres, a genial desenhista francesa escolheu, ainda, mais cinco empolgantes tons Cutex para eletrizar a moda em sua mais recente exposição em Paris libertada!



Young Red
Alert
Burgundy
Lollipop
Saddle Brown

J.W.T.

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOBLÊS — CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

A Sonâmbula

Conto De Dorotéa Black

Ilustrações de Rocha

VIRGINIA, a jovem e simpática encarregada do escritório viu entrar um rapaz alto, delgado, de olhos azuis e agradável sorriso. As funções de Virginia eram muito simples: devia proporcionar aos soldados em gozo de licença um lugar para hospedar-se na cidade, povoado ou aldeia onde desejassem passar seus dias de liberdade. Esta jovem desempenhava com muita eficiência o seu trabalho; por estranho ou remoto que fôsse o destino elegido pelos licenciados para gozar suas férias, ela arranjava sempre meios de encontrar para eles onde dormir e comer.

O jovem oficial que entrou no escritório conhecia essas qualidades de Virginia, falou-lhe sem vacilar:

— Estou de licença e desejaria passar meus dias em algum castelo medieval, onde haja um desses mordomos erguidos, sérios e formais, muitos móveis velhos, muitas armaduras antigas, e, se possível, um fantasma.

— Um fantasma? — repetiu a moça — E por que um fantasma?

— Porque quase sempre esses castelos são habitados por um fantasma — respondeu o rapaz. Você conhece essas histórias. Nelas existe sempre um antepassado da família condenado a aparecer em espírito sobre a terra no mesmo sítio onde nasceu, por castigo de alguma falta, alguma maldição e outras coisas neste estilo. — O jovem oficial sorriu maliciosamente e continuou: — Vejamos, tem você alguma coisa semelhante? — Sem dúvida, esperava que Virginia respondesse com uma negativa, porém já dissemos que esta era uma moça muito capaz. Assim, depois de mirá-lo, pôs-se a consultar um enorme fichário.

Sua busca, porém, não pareceu satisfazê-la, porque terminou por abandoná-la e sacudir a cabeça como quem renuncia e se dá por vencido. Já seu interlocutor ia soltar uma gargalhada, gozando a derrota da jovem quando, nesse preciso instante, o semblante desta se iluminou. Virginia abriu muito os olhos, levantou a cabeça e exclamou: — Já sei! Tenho anotado no caderno. Aqui está! Trata-se de um castelo exatamente como o senhor deseja. E leu a nota do caderno que dizia assim: "Castelo de Malever; é um dos poucos castelos normandos que restam. Aqui fez uma pausa na leitura para prevenir o rapaz:

— Como compreenderá, ali não gozará o senhor das comodidades da vida moderna. Talvez não haja sequer água quente para o banho.

— Isso não importa — disse êle, completamente decidido.

— Atualmente pertence a Lord Forthfichen — seguiu lendo Virginia — não obstante, êste senhor alugou-o, com móveis e tudo aos senhores Grogan, os quais colaborando patrioticamente com o governo, estão dispostos a dar hospitalidade a qualquer membro das forças armadas que se apresente às suas portas. Os senhores

Grogan decidiram conservar tôda criadagem que empregava Lord Forthfichen. E entre esses serventes existe um mordomo.

— Até agora está tudo como eu desejava — falou o jovem oficial — mas não fala de nenhum fantasma?

— Não; não o menciona, — respondeu Virginia com seriedade — porém não desanime. É muito provável que o castelo de Malever esteja enfeitado, maldito ou coisa parecida, e que por suas galerias centenárias, ronde o fantasma que tanto desejo tem de ver.

— Tem razão — admitiu êle. Onde se encontra êsse castelo?

É um pouco longe daqui — prosseguiu a eficiente informante. Tem que fazer uma viagem de todo um dia por trem. Deve tomá-lo em Enston, às dez da manhã; e chega a Gannick Junction, às oito da manhã seguinte.

— Desanimadora essa viagemzinha — disse o jovem que respondia ao nome de Hank. Logo riu e continuou: — Entretanto, não se dirá que eu renunciei a ver um castelo antigo com mordomos, armadura, e até, possivelmente, com um fantasma, para não fazer uma viagem grande; estou decidido; irei.

Esta mesma tarde regressou ao escritório, onde Virginia encontrou-o já preparado para a viagem. Cheia de interesse pelo que imaginava daquela estranha aventura, a moça entregou-lhe os papeis necessários e falou-lhe:

— Espero que se divirta muito. Quando regressar, contar-me-á se encontrou o fantasma.

Em seguida ofereceu-lhe um folheto intitulado: "De como comportar-se quando se visita um lar inglês". Naquele livrinho Hank aprendeu que uma das coisas que devia fazer ao retirar-se do castelo, era deixar uma moeda sobre a mesa, de noite, junto com uma amável nota de agradecimento e despedida aos donos da casa. Assim, como o ânimo disposto e o espírito tranquilo, tomou o trem rumo a Gannick Junction, onde chegou, de acordo com as palavras de Virginia, às 8 da manhã seguinte. O castelo de Malever não ficava muito longe. Um taxi levou-o ali em pouco mais de dez minutos. Este castelo, autenticamente antigo e normando, elevava-se sobre a encosta da colina, e estava rodeado de verdes prados e cerrados bosques. Na parte de trás da fortaleza — o castelo era uma verdadeira fortaleza, — havia um grande páramo que dava à paisagem um aspecto grandioso, melancólico e terrível. No entanto, não podia encontrar-se paisagem tão alegre como a que se desdobrava em derredor da estrada. Ali havia muitas plantas em flor, e os pássaros cantavam entre as ramas das árvores. Isto neutralizava em parte o aspecto terrorífico da construção, que se erguia, negra e majestosa, até ao céu limpo de nuvens.

Depois de pousar um olhar de satisfação na fachada, Hank chamou dando dois puxões na

corda da vetusta campainha. A porta não tardou a ser aberta pelo mais exemplar dos mordomos ingleses que se podia desejar. Era um homem alto e de aspecto singularmente distinto. Hank sempre havia pensado que os homens de aspecto mais distinto são os mordomos; vendo aquele, sua opinião se confirmava de maneira rotunda. Sua opinião a respeito, porém, ficou definitiva e firmemente assentada, quando viu os donos da casa os senhores Grogan; estes formavam um par de aspecto acentuadamente burguês. Baixos, rechonchudos, com um rosto que não indicava nem de longe a distinção que se via refletida no semblante do mordomo. Contudo, os Grogan eram gente simples e amável. Hank começou a conhecê-los quando sentaram-se à mesa para almoçar. A primeira coisa que os Grogan deixaram transparecer, foi que tinham muito dinheiro. Depois, disseram que o castelo não os satisfazia plenamente para residência.

— Mas, então... perguntou Hank. Por que arrendaram-no?

— Para satisfazer nossa filha Milicent — contestou a senhora Grogan. Não obstante, nunca mais voltaremos a cometer erro semelhante. Minha filha presta serviços voluntários no Ministério da Guerra — acrescentou — mas amanhã virá em gozo de licença e terá ocasião de conhecê-la.

— O que mais nos decidiu a arrendar esse velho castelo foi que alugavam-no com criados e tudo. Isto é alguma coisa para tentar a qualquer um, tendo-se em conta as dificuldades que existem hoje para conseguir serviço doméstico.

— E estão satisfeitos com a criadagem do castelo? perguntou Hank.

— Hum... não muito — contestou o senhor Grogan. O mordomo, sobretudo, me dá bastantes motivos de queixas. Pelo seu aspecto, qualquer pessoa diria que é muito experimentado no ofício. A verdade, porém, é que tem muitos defeitos esse senhor Chumbley. E, de mais a mais, é um atrevido. Sabe que já o surpreendi duas vezes bebendo o melhor vinho do castelo?

— Graças a Deus só deveremos ficar até setembro — acrescentou a senhora Grogan.

Hank nada respondeu, porém pensou que os móveis, as armaduras, a ponte levadiça, enfim, todo o castelo, se alegraria pela partida de pessoas que apreciavam tão pouco os monumentos históricos.

Na mesma noite, o jovem oficial perguntou se não havia nenhum fantasma no castelo.

— Tenho ouvido falar algo de certo fantasma, falou o sr. Grogan, — mas se quer que lhe diga a verdade, não acredito nessas fantasias. Contudo, se estas coisas interessam-lhe, pergunte a Chumbley, segundo parece faz muitos anos que ele vive aqui, e portanto deve conhecer melhor essa história.

Tal como o previra Virginia, Hank veio a saber que o castelo não contava com água quente. Não obstante estava alegre; para ele, esse lugar possuía um grande encanto, uma fascinação inexplicável. A senhora Grogan levou-o por todas as dependências do castelo, para que conhecesse bem o lugar, e o jovem divertiu-se um pouco ouvindo as disparatadas observações da boa mulher sobre as coisas mais veneráveis e dignas de respeito que existiam no castelo. Depois de haver visitado a sala de honra, a



sala de armas, a cavalaria e o terraço, a senhora Grogan levou-o por uma escada que conduzia à única habitação que havia na torre mais alta da construção. Em frente à velha porta de Carvalho maciço, a senhora se deteve e disse:

— “Quando contemplar o interior do recinto custar-lhe-á crer, como custou a mim, que não fôsse senão um quarto de crianças. Hank não pôde deixar de dar razão à senhora Grogan. A habitação era ampla, porém obscura, quase tétrica. Realmente, ninguém podia imaginar meninos brincando num sítio tão pouco adequado. Umás janelas estreitas e altas permitiam precariamente a entrada da luz exterior.

Mas não podia haver dúvidas que aquele recinto efetivamente era um quarto para crianças. Os brinquedos que ali se viam eram uma confirmação: um cavalinho, várias bonecas, uma casinha de brinquedo, uma camazinha. Quando se acostumou à meia luz que reinava no seu interior, Hank sentiu desejos de ali permanecer. Sem que soubesse porque, sentia-se fascinado; o quarto da torre tinha um raro encanto. No entanto, a senhora Grogan não tinha gostos semelhantes aos seus, sugerindo logo que descessem.

Depois de um succulento almoço, Hank decidiu-se descansar um pouco ao ar livre. Estava sentado sobre a grama, gozando da tranquilidade ambiente, quando lhe ocorreu a idéia de visitar a Chumbley, o mordomo, na dependência da criadagem. Encaminhou-se para lá e encontrou o

homem em mangas de camisa, trabalhando na dispensa. Enquanto trabalhava, o mordomo solfejara, em voz baixa, uma canção que Hank logo reconheceu. Era a canção “O Caminho das Ilhas”. Ao vê-lo, Chumbley saudou-o respeitosamente, e com o tom mais amável, perguntou em que podia servi-lo. Hank respondeu-lhe que não necessitava de nada e entabou uma amena palestra com o atencioso mordomo. Este pareceu gostar da conversa de Hank, que terminou por perguntar-lhe:

— Diga-me, neste castelo não existem fantasmas?

— Pois eu o direi, — contestou o mordomo. Existe uma história que provavelmente não passa de uma lenda. Dizem que uma adolescente se enamorou de um cavaleiro; um homem completamente desconhecido. Como compreenderá, isto criava uma situação embaraçosa para a família da moça... e a família decidiu resolvê-la matando o cavaleiro.

— E o que foi feito da jovem dama?

— Chamava-se Sabrina. O senhor pode ver o seu retrato no salão grande. Dizem que a pobrezinha não olhou nunca mais para outro homem; e morreu de sofrimento aos dezesseis anos, fiel ao amor do cavaleiro. Não sei se o senhor conhece que o lema da família que habitava este castelo era “fiel até a morte”.

— Sabrina! — repetiu Hank emocionado pela romântica história.

— Dizem que à noite, Sabrina volta em espírito, percorre as galerias do castelo e vai ao quarto das crianças que há na torre; parece que era ali que costumava encontrar-se com o cavaleiro. Isto é tudo que sei, senhor.

Nesse momento souu a campainha. Era Millicent, a filha dos Grogan, que acabava de chegar.

*

Millicent constituía um exemplo acabado da garota moderna e frívola. Quando viu Hank apressou-se a perguntar à sua mãe: — “De onde tiraste este americano simpático, mamãe?”

— Enviaram-no de seu quartel para que lhe dessemos hospedagem, querida. Parece uma pessoa muito correta, não é?

Hank não prestou atenção, ainda que tivesse ouvido tudo que diziam. E’ estranho como repercute a voz no interior de um castelo.

— E não procuraste saber quem ele é? — perguntou Millicent, que logo acrescentou: — é o único sobrinho de Timoteo Barone, o milionário. Já que veio aqui, trataremos de fazer dele um membro da família.

A partir desse instante, Hank soube como proceder com respeito à calculadora Millicent. Esta, tratou de conquistá-lo por todos os meios; suas manobras, porém, não obtinham resultado.

Cansada, por fim, perguntou-lhe um dia se ele não tinha uma noiva na América.

— Eu? — sorriu ele — Engana-se. Eu amo a todas igualmente, ainda que eu tenha querido a uma em particular, mais do que a qualquer outra. Mas esta morreu há cem anos.

Millicent supôs que ele brincava e redobrou seus esforços para conquistá-lo. Mas Hank, levado por sua natureza romântica, seguiu falando como em sonhos: — “Seu nome é Sabrina. E não sei porque me parece familiar... mas é claro! Agora compreendo: esse nome figura em uns versos de Milton que dizem assim: “Sabrina formosa, escuta-me sentada, escuta-me e...”



Pelo visto, Millicent nunca tinha ouvido falar em Milton, e declarou que aqueles versos pareciam-lhe doidos e aborrecidos. Hank não soube como contestá-la.

*

A' noite, sentia-se muito calor no castelo. Numa delas, Hank levantou-se e abriu a porta para ver se conseguia um pouco de ar. Ao fazê-lo, porém, recordou-se da história que lhe contara o mordomo; então, vestiu-se e saiu em mangas de camisa pelo corredor, conjecturando: Vejamos, vejamos se me encontro com o fantasma de Sabrina.

Sua surpresa foi enorme porque não esperava vê-lo. Mas a verdade é que o viu. Era uma jovem que deslizava num andar vaporoso. Delgada, de estatura mediana, ia coberta com vestes de tules, tal como se podia imaginar que se apresentasse fantasma de uma mulher formosa. A surpresa fez com que, antes que ele se decidisse segui-la, o fantasma de Sabrina desaparecesse, deixando atrás de si um perfume sutil. Hank procurou encontrá-la; finalmente, renunciou à busca. No dia seguinte, de manhã, desejou comunicar ao mordomo o que vira. Porém, por qualquer razão, não o fez.

Resolveu, entretanto, por-se em guarda nessa mesma noite, com a intenção de surpreender o fantasma de Sabrina, quando este aparecesse.

Chegou a noite, sem lua. Quando todos dormiam no castelo, Hank saiu pela galeria, tratando de não fazer ruído. Fora, no jardim, ouvia-se o desagradável pio das corujas. Tudo estava tão tranquilo que ele terminou por acomodar-se num assento da galeria, junto a uma das armaduras. Despertou no momento justo em que aparecia o espírito de Sabrina, já caminhando ligeiramente e dirigindo-se à escada. Coisa estranha, naquela noite levava um cirio acêso à mão. Hank considerou aquilo muito estranho, apesar de que o cirio tivesse uma luz que, por mais que se esforçasse por parecer fantasmagórica, não podia deixar de ser real. Voltando a si do estupor, pôs-se a seguir a forma da aparição. Chegou assim, até o quarto das crianças, situado na torre. Porém, como antes de alcançar esta parada, a escada descrescesse uma curva pronunciada, aconteceu que Hank perdeu de vista a Sabrina. Em seu redor não havia mais que obscuridade. Em sua frente, conseguiu divisar a porta de carvalho do quarto de crianças. Como era possível que ela houvesse desaparecido tão subitamente? Onde estava Sabrina? Havia-se evaporado no ar.

*

Já ia retirar-se, desiludido e perplexo, quando viu por debaixo da porta, um raio de luz. O coração palpitou-lhe com fúria e os seus olhos encheram-se de alegria. Vagarosamente abriu a porta de carvalho maciço.

Sabrina estava sentada no solo, com as pernas cruzadas à maneira das crianças. Ao seu redor, estavam todos os brinquedos e bonecas existentes no quarto. Dos seus lábios partia uma canção suave, na qual Hank reconheceu uma canção de berço.

Mas, como era natural que ocorresse, Sabrina, fantasma ou não, tomou consciência da presença de Hank, e exclamou, com voz apagada e cheia de sobressalto:

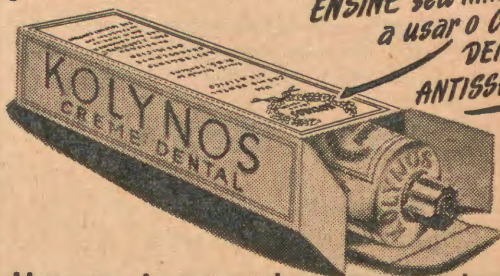
— Por Deus! não diga a ninguém que me viste, eu te peço! Proibiram-me de vir a esta

DESDE QUANDO PEQUENINOS...



É BOM QUE USEM KOLYNOS!

*ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!*



Limpa mais... agrada mais... rende mais...

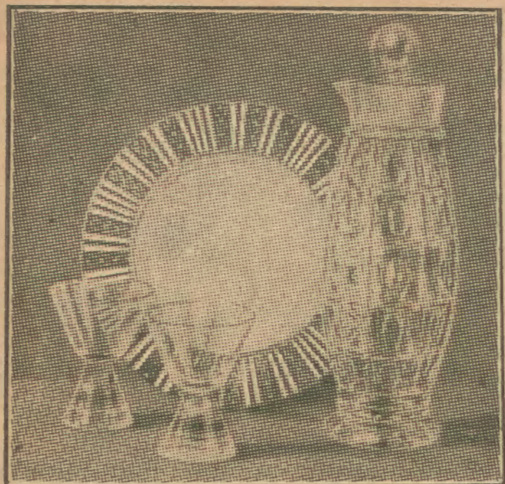
Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ**

**FINISSIMO E
PERFUMADO**



**PERFUMARIA MARCOLLA
FELLO HORIZONTE**



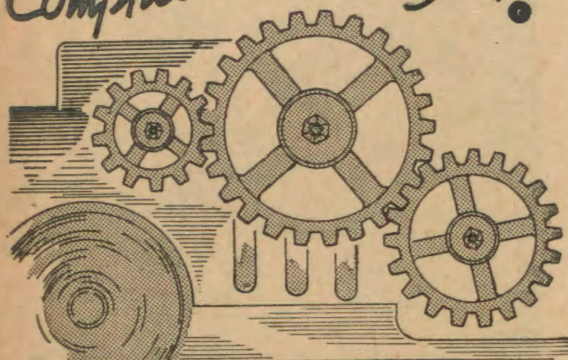
Presentes de fino gosto!

- Escolha os no moderno sortimento do maior empório de louças, cristais e porcelanas da cidade.

CASA CRISTAL

Rua Espírito Santo, 629
ESQ. DA AV. AFONSO PENA

TAL QUAL UMA
Complicada Engrenagem!



Assim como um dente da engrenagem que se parte, pôde paralisar toda a máquina, assim também o mau funcionamento de um só órgão — como os rins ou a bexiga — pode determinar o tesarrajo completo de toda a nossa saúde.

PILULAS DE LUSSEN
PARA OS RINS E A BEXIGA



LABORATÓRIO OSCÍRIO DE MORAIS
• RUA MURIAE, 92-BELO HORIZONTE •

parte do castelo. Ao menos enquanto os seus atuais ocupantes aqui permaneçam. Se vim, foi porque imaginava que a esta hora não haveria perigo. Por que tu mesmo não estás dormindo?

— Porque queria ver o fantasma — retrucou Hank.

— Se meu pai vem a saber disto ficará furioso.

— Não se preocupe. Creio que posso entender-me com seu pai. Ele e eu somos amigos. O que não compreendo é a razão porque você se oculta. Eu pensaria que qualquer um se sentiria feliz por tê-la ao lado...

A jovem sorriu e em seu rosto apareceram duas deliciosas cavidades.

— Quantos anos tem? — perguntou Hank com doçura, sem poder explicar-se porque sentia que esse momento era para ele de uma transcendental importância.

— Dezesseis — respondeu ela. Suponho que não imaginará que venho aqui brincar com bonecas. Há muito tempo que deixei os jogos infantis. Porém, não posso resistir à idéia de que estes brinquedos tão queridos permaneçam aqui, abandonados e cobertos de pó. Por isso, decidi vir de noite para limpá-los e cuidá-los.

— Então este era o seu quarto!

— Oh!, não exatamente. Mas permitiam-me vir aqui para brincar — contestou ela atropeladamente, como se cometesse uma falta e quisesse remediá-la. Como podes compreender, a filha de um mordomo não pode aspirar a ter um quarto assim.

Hank permaneceu calado e pensativo.

— Você vem todas as noites?

— Oh, não; às vezes.

— Pois eu te peço que venhas amanhã à noite — disse apaixonadamente o rapaz.

— Tu o queres? — perguntou ela com encantadora expressão.

— Como nunca quis outra coisa em minha vida — respondeu ele. — Como se chama? Sabrina, por acaso?

— O' não, respondeu ela com indiferença. Chamo-me Liz.

Hank acreditou, porque "Liz" parecia-lhe o nome mais apropriado para a filha de um mordomo. Porém, que fosse filha de um mordomo ou de um rei, isto não fazia para ele a menor diferença. Naquêle momento, Hank havia feito a surpreendente e extraordinária descoberta de que era aquela jovem que ele havia sempre buscado em sonhos.

Uma jovem delicada, formosa, cheia de candorosa inocência... Assim, a primeira coisa que fez no dia seguinte, pela manhã, foi expedir um telegrama a seu superior, pedindo o prolongamento de sua licença para mais quatro dias. Como era oficial de grandes méritos, concederam-lhe os quatro dias. E Milicent ficou encantada; tinha a doce ilusão que Hank se demorara por sua causa.

— Já tenho o sobrinho de um milionário no bolsinho... — disse ela à sua mãe.

*

Quando uma pessoa sabe que dispõe de pouco tempo, é assombroso ver-se como se torna diligente no seu aproveitamento. Assim, não foi estranho que duas noites mais tarde, Hank tomasse Liz em seus braços, para dizer-lhe com ternura e respeito:

— Quero casar-me contigo, quando chegares

à idade apropriada. Esperar-me-ás? Eu voltarei novamente.

— Eu te esperarei — respondeu a jovem, que se achava animada pelos mesmos sentimentos. E aproximando sua delicada face à do galã, acrescentou: Esperar-te-ei sempre, Hank, e não amarei a mais ninguém. Mas, que estranho! Parece repetir-se em nós a história de Sabrina, a donzela infeliz.

— Conheço-a. Seu pai contou-me. O cavaleiro enamorado foi condenado à morte. Felizmente não creio que isto aconteça a mim. Nada poderá separar-nos, Liz...

Não acabara Hank de pronunciar aquelas palavras, quando a porta bruscamente se abriu e entrou Millicent.

— Como que então é isto que está ocorrendo, nas nossas bochêchas! — disse com asco e desprêzo. — Quem é você e o que faz no castelo?

E voltando sua fúria para Hank, continuou: — Não lhe parece um atrevimento trazer suas conquistas a uma casa estranha? Bonita maneira de abusar da nossa hospitalidade!

Nesse momento, entraram os senhores Grogan e Chumbley. Este, ao ver sua filha, perguntou indignado:

— Liz! Que fazes aqui? Vai-te para baixo imediatamente! E voltando para o sr. Grogan, explicou:

— É minha filha, senhor. Ajuda na cozinha. Peço-lhe mil perdões; ela nada tinha que fazer aqui.

— Não posso compreender — disse a senhora Grogan, furiosamente, quando o mordomo e sua filha desapareceram em direção à peça da criadagem:

— Vieram ver-me trazendo as melhores recomendações; o mesmo Lord Forthfichen as aprovou. E agora vimos a descobrir isto! Naturalmente — acrescentou para salvar Hank — sabendo que é seu tio, esta rapariga quis aproveitar a oportunidade.

Mas Hank interrompeu-a, indignado:

— Senhora — disse — Liz não tinha a menor idéia de que existisse o tio a que a senhora alude.

E metendo-se no seu quarto, cerrou a porta com força.

*

No dia seguinte, Hank teve uma explicação com Chumbley:

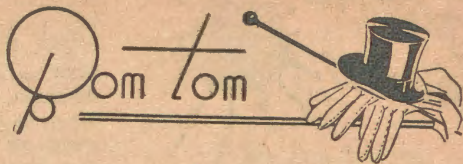
— Sim. Eu também lamento o que haja ocorrido. Ela tem ordens severas de não ir àquela parte do castelo. Mas o senhor não pode nos compreender. Por isso é melhor deixarmos o assunto de lado.

— Nada disso — interrompeu-o enfaticamente Hank. Falaremos muito mais. Eu amo sua filha, senhor. É a mulher com quem sempre sonhei. E me terei por muito feliz e honrado se o senhor quiser aceitar-me como genro. Pertencço a uma família americana muito distinta. Nada faltará a Liz, eu o asseguro.

Chumbley deixou-se cair bruscamente sobre a cadeira:

— Quer dizer que deseja casar-se com a filha de um mordomo, apesar dos evidentes desejos da senhorita Millicent de que lhe proponha casamento? Não o compreendo. Deixar a se-

(Conclue na pag. 65)



As pessoas qualificadas de simpáticas são, precisamente, as que desejam ter amigos, são agradáveis e possuem uma noção exata da maneira de se conduzir com os demais.

*

A pessoa agradável, simpática, tem confiança em si mesma e é modesta por natureza. Nunca se põe em evidência. Tem palestra agradável e é atenciosa para com todos.

Não dá conselhos, a menos que lhe peçam. Nunca dá excesso de liberdade aos amigos. Enfim, ninguém poderá acusá-la de ter sido indiscreta.

*

Para se fazer simpática é necessário evitar as discussões. Também é imprescindível conservar o domínio dos nervos. Nunca deverá tirar vantagens, abusando-se da bondade dos outros.

*

Com os velhos, qualquer que seja sua posição social, deve mostrar-se amável e respeitosa.

*

Quando um homem, simpático e cortez, entra num elevador, deve tirar seu chapéu, achando-se em presença de uma mulher. Um homem bem educado nunca permanece sentado num escritório, ou sala, quando uma mulher lhe dirige a palavra, estando ela em pé.

*

Um homem que quer ser simpático aos olhos do público, não retem nunca uma mulher na rua, para conversar com ela, a não ser que as circunstâncias o obriguem, mas, mesmo assim, a conversa não deverá durar mais que alguns minutos. Ao ver que a palestra está se prolongando, terá que convidá-la a andar, pedindo permissão para acompanhá-la.

*

Em um jantar de cerimônia, deve-se evitar, o mais possível, levantar-se da mesa, durante o transcurso do mesmo.

*

A madrinha de um casamento deve usar, na cerimônia nupcial, um vestido sóbrio, tanto no corte como na cor.

*

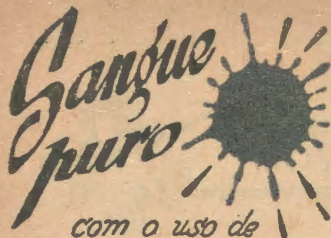
Os convidados para um almoço nunca deverão começar a comer antes dos donos da casa.

*

Uma senhora ou senhorita não deve ir a festas sem companhia.

*

Os presentes de aniversário devem ser levados, pessoalmente, à casa da aniversariante; porém não é incorreto enviá-los, acompanhados de um cartão de felicitações.



com o uso de

INHAMEOL

REI DOS DEPURATIVOS DO SANGUE

A Sífilis é produtora e origem de muitas afecções graves. Use para combate deste flagelo o grande auxiliar no tratamento da Sífilis e e suas manifestações.

INHAMEOL

CONTRA
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORIGEM
SIFILITICA — PURGAÇÃO
DOS OUVIDOS — PURGAÇÃO
DOS OLHOS COM ARDENCIA E LACRIMEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO PAIS

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperadores e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruinam a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficará completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e antigos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco *Acaba com a asma.*

AGORA TAMBE'M A CR\$ 10,00

Olvidar o OLEO "VIDA"?
Nunca — ele é o tal —
E' o primeiro, o preferido, o
azeite sem rival.

O PASSADO NÃO MORRE, MARINA... (CONCLUSÃO)

movimentos tolhidos, os meus pés pareciam pregados naquele lugar. Seria possível? Sim, ali estava a realidade completamente desnuda, com toda a sua crueza. Estava estareçada. Com dificuldade saí vagando por ali, como que hipnotizada. Só eu compreendia o meu drama. Pensei depois em ir até o necrotério. Pensei sómente. Não tive coragem. Foi um pensamento rápido que voejou na minha mente. E sem destino, continuei andando, andando, completamente aniquilada, como um autômato, sem vontade de reação".

"Murchava a trêmula esperança que mantinha acesa a lâmpada votiva do meu último sonho. Era mais uma vez arrastada desse sonho para a brutalidade desconsolante da vida. O destino, se não me engano, tomou uma "assinatura" de agressividade contra mim".

"Daí por diante tentei esquecer o passado. O meu passado de luz e sombra. Sim, esse é bem o termo. Uma luz que era um quase lusco-fusco e uma sombra que enegrecia tudo..."

"Em tudo procurava um derivativo para acalmar a minha inquietação. A tudo me atirava com ânsia para amenizar a minha dor. Eu não poderia mais viver dentro daquela esfera de lembranças, de recordações. Minha vida tornou-se uma corrida desenfreada. Ia como um caníço solto ao léu, na enxurrada do destino, que vai rodando e rolando, prendendo-se aqui e ali, nas saliências que a vida tem. E fui caindo, projetando-me em plena vertigem, com intensidade viva e crescente. Fui caindo, como um balão que subiu brilhante, numa festa estouvada e colorida, e depois desce apagado e melancólico, sob as vaías e assobios da criança. Fui rodando como uma moeda que passou de mão em mão e que aos poucos foi se desgastando e perdendo o antigo brilho. Num último esforço tentei iludir a mim mesma, mas aí, as rugas precoces telamavam, numa persistência incombustível, em marcar o meu rosto, em vincar a minha alma cansada. Rugas no rosto e rugas na alma. Não havia relativo e nem meio termo nessa transição de tempo. Era um salto da mocidade para a velhice".

"Passados tempos abandonei o emprêgo. Não era possível continuar lá, pois o embrião se desenvolvia dentro de mim e estava se tornando um tanto indiscreto.

O meu estado e o meu aspecto, mais dias menos dias, poderiam chamar a atenção dos patrões. Sendo assim, optei pela melhor solução: abandonar o emprêgo. Mas, daí por diante, a minha situação tornou-se delicadíssima, quase desesperadora. Não tinha ninguém por mim, pois Helena já se encontrava casada e morando numa cidade do interior e nunca deixei-a saber da minha penosa condição. Hoje, quando a vida já me mostrou tanta coisa e que a experiência ensinou, creio que em idade alguma a gente pode se rebelar contra as imposições da vida sem sofrer impunemente".

"Afastel-me da vida da cidade. Cansada e desiludida, encurralei-me dentro desta casa, como se fôra num forte, para defender-me contra as agressivas arremetidas do mundo. Sete anos levei essa vida, arrastando, numa tentativa quase inglória, exaustiva, de esquecer o cadáver desfigurado do meu passado, os fantasmas das minhas lembranças. A vida engolfada num ritmo quase sem sentido. E eis que essa doença malfadada começou a minar o meu corpo. Eram os juroes que a vida cobrava. Juroes pesados, ao "câmbio negro".

"Passei então a viver unicamente para essa menina, procurando olvidar as minhas horas de recordações amargas e doloridas remorsos nos olhos lindos e no riso de alvorada dessa criança que você tem ao lado".

Agora a voz de Marina é um fio tênue que está prestes a partir. Fernando enclina-se e toma-lhe o pulso. Cada vez mais fraca. Nos seus olhos o brilho da vida se apaga gradativamente, como uma flor que fenece.

Num último alento, Marina segura as mãos de Fernando e lhe diz: Agora você sabe porque lhe contei toda a minha vida. Agora sei que você compreenderá toda a extensão do meu pedido. Eu quero... Fernando... que Nena fique... sob a sua proteção... Eu... preciso que você me prometa... Você é a única pessoa... o único amigo a quem eu posso confiar e sem receio... Sei que você... saberá tomar sob sua custódia... a minha filha... Esse é o meu último pedido... Portanto... eu preciso que você me prometa... Eu preciso...

Fernando promete-lhe solenemente, com toda a convicção de sua responsabilidade.

Marina volve-lhe um olhar en-

AMOR FILIAL

ternecido, que era ao mesmo tempo reconhecimento e gratidão infinita. Depois repuxa as faces. Ruga funda se faz em sua fronte. Uma contração mais... E depois... Fernando viu que nada mais poderia fazer para salvá-la. Era inútil qualquer tentativa. Nada, nada poderia fazer. E ela parte sem mesmo êle poder fazer um gesto ou dizer uma palavra. Fernando fica ali, por longo tempo, com os olhos muito abertos pregados no tapete sob seus pés. Seu estado é o de um lutador que terminada a peleja aparenta o semblante cansado e os músculos frouxos e lassos. Depois, dando conta de si, levanta-se e caminha até à porta da entrada. Já é madrugada. Um galo canta distante. Fernando enche os pulmões de ar. Sente-se um pouco aliviado recebendo no rosto a fria aragem da madrugada. Lá de dentro vem o choro de Nena. Vida esquisita. Fernando olha para o céu. Lá no alto as estrelas continuam brilhando, indiferentes e frias. Depois desce a escada pequena e vai até à calçada. Silêncio. Começa a caminhar. Pára. Vai até o muro baixo que separa a casa da rua e senta. Pensa em tomar providências, mas só esperando amanhecer o dia. Continua pensando. A figura de Marina não quer fugir da sua lembrança. Marina... Olha mais uma vez para o céu. Será que existe céu? Se existe, a alma dela deve estar lá agora. Coitada, sofreu muito. E êle tinha sido piedoso para com ela. Não quis dizer-lhe nada. E ela morreu sem nunca saber que êle era casado, por coincidência incompreensível do destino, com a viúva de Sérgio.

Muito de leve chega aos ouvidos dêle os soluços de Nena. Fernando sente um gosto amargo na boca e um apêto no coração. Nena... Sentiu vontade de acariciar aquela cabecinha loira. Conteve-se. Suspirou fundo, quase um soluço. Não poderia mais esquecer. Agora teria junto a si a imagem viva, a recordação peregrina do seu passado. Misterioso círculo da vida...

Ficou sentado ali.

Lá longe delineavam-se os primeiros albos da aurora, como a promessa dadivosa de um novo dia!...

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

A O receber da mulher a preciosa esmola, o velho solitário assim exprimiu a sua gratidão:

— Bem vejo que és boa, caridosa e simples.

Queira Deus que teu filho seja dedicado, afetuoso e sincero!

A mulher sorriu orgulhosa.

— O teu voto — disse ela, num tom não isento de respeito — felizmente nada significa para mim. Estou certa de que não há filho mais carinhoso e mais abnegado. E' inexcusável a dedicação que meu filho tem por mim!

E, vendo que o ancião continuava a fitá-la sereno e imperturbável, ela ajuntou:

— Para justificar o orgulho que tenho por meu filho vou contar-te um pequeno episódio. Um dia saímos, eu e meu filho, juntos, a passeio. Em meio do caminho encontramos, na estrada, um trecho quase intransitável por causa de um lençol de lama que as últimas chuvas haviam feito ali aparecer. Meu filho tinha o braço gravemente ferido e não podia, por isso, carregar-me. Que fez êle então? Não querendo que eu maculasse as sandálias na lama da estrada, deitou-se no chão e eu atravessei o trecho lama-



cento pisando sobre o seu corpo! Que outra mãe, neste mundo, teria recebido de um filho querido maior prova de carinho e respeito?

O santo respondeu:

— Minha filha, o teu coração está cheio de orgulho, mas esse orgulho não tem razão de ser! Escuta, ó mulher! Se teu filho tivesse feito, por ti, mil vezes mais do que fez, não teria feito nem a metade do que prescreve o Livro Sagrado, em relação ao amor filial!

* * *

A MELHOR VINGANÇA

(CONCLUSÃO)

mãos como para certificar-se que não estava sonhando.

— Sou eu sim, Zé Luís — respondeu ela num murmúrio e, sem saber porque, desandou a chorar.

Êle se aproximou. Estava emocionado.

— Por que você está chorando, Maria Luíza? Aconteceu alguma coisa?

— Eu sou má, Zé Luís. Merecia que você me batesse.

— Eu bater em você? Que idéia!... Por quê?

Ela enxugou os olhos na manga do vestido e olhou-o espantada: — Você... você não tem ódio de mim?

— Hoje, não. Antes, pensava em me vingar. Depois... Sabia que a vida se vingaria por mim.

Você tem sofrido muito, não é? Vejo no seu rosto.

— Você foi bem vingado! — disse ela suspirando, abaixando a cabeça.

Insensivelmente, começaram a caminhar em silêncio. E a noite desceu sobre eles como um manto de paz e de perdão.

*



MATRIMÔNIO POR CONVENIÊNCIA (CONCLUSÃO)

saúde... Não se declarou ainda?
— Para a primeira pergunta a resposta é “tudo e nada”. Rafael Jerome está bem, e quanto à declaração amorosa, se meu instinto não me engana, esta noite me oferecerá seu nome e seus dólares...

Um riso divertido sublinhou suas palavras, mas Roberto cerrou o cenho perigosamente:

— Esta noite? Mas esta noite você ceda comigo!

— Também cedo com ele... Isto é, celamos os três juntos. Creia-me, Roberto, esta é a noite mais feliz da minha vida.

Reprimindo uma exclamação violenta, Roberto tomou seu chapéu e dispunha-se a sair quando na porta do salão tropeçou com Rafael Jerome que entrava. Ele não encontrou outra solução, senão aceitar seu cumprimento e o braço de Júlia para sair... rumo ao restaurante.

Foi uma cena bastante estranha. A Rafael Jerome desagradava a situação tanto quanto a Roberto, e o milionário não fazia segredo do seu descontentamento. Era evidente que ele desejava Júlia para si só, sem a incomoda intromissão de um terceiro. Quanto a Júlia, alheia à situação que ela mesma criara, sorria, encantadora, serena, desejável...

Roberto amou-a naquele momento mais que nunca, e uma grande ternura tomou, em seu coração, o lugar daquela aparência de ódio com que pretendia afogar seu amor. Pobrezinha! Ti-nha o direito de ser feliz, depois de sofrer tantos anos ao lado de seu pai. Se ele amava-a, era por acaso dela a culpa? Nenhuma promessa haviam trocado, e, conseqüentemente, nada se opunha a que ela unisse sua vida a de outro homem. Um camareiro serviu o café e os licores, e Júlia, com o olhar ausente, alheia à estranheza que provocava, começou a falar de seu pai, trazendo suas recordações àquela mesa coberta de prata, flores e finos cristais.

— Havia algo nêle que me fez sentir sempre orgulhosa: sua ab-

soluta honestidade no jogo. Era capaz de qualquer barbaridade para conseguir dinheiro, exceto trampolinagens. Há dias passados, precisamente, estive falando dêle com um psiquiatra: segundo êle, todos os que sofrem de dipso-mania têm inclinação para o roubo e costumam fazer espertezas no jogo...

Roberto escutava-a sem poder acreditar nos seus ouvidos.

— Julia! — exclamou, interrompendo-a repentinamente. — Que tolices são essas de dipso-mania?

— Não o sabe, Roberto? Papai morreu quase louco, e meu avô antes dêle. E' uma espécie de herança, compreende? Não é impossível que apareçam os sintomas algum dia em mim. O médico já me preveniu e me aconselhou a não provar bebidas alcóolicas.

Suas palavras, pronunciadas num acento tranqüilo, indiferente, produziam em Rafael Jerome um efeito desastroso. Dava pena vê-lo com os olhos desmesuradamente abertos, as mãos aferradas à toalha da mesa, como se o ameaçasse algum perigo. No fim, pareceu fazer um esforço enorme para falar.

— Mas, penso que os médicos não estão de acordo quanto ao caso de que a loucura, a neurastenia e seus derivados possam ser transmitidos. — Seu acento rouco e sua angústia demonstravam bem que êle não acreditava em suas próprias palavras. Roberto experimentou uma súbita compaixão por êle. Afinal de contas era um ótimo rapaz e o único motivo que se podia ter contra êle era a sua fortuna.

— Não creio que haja um verdadeiro perigo, Júlia...

— Também creio que não, porém se houver... se chegar a casar-me um dia e meus filhos nascerem enfermos...

Aquilo acabou com a resistência de Rafael Jerome. Murmurando algo incompreensível pôs-se de pé, e em um instante depois, achava-se fora do restaurante. Desorientado, sem saber a que pegar-se, Roberto voltou-se para Júlia.

— O que fez você, Júlia? Não compreende que jamais poderá pescá-lo agora?

— Não, claro que não, — ela consentia calmamente — Minha referência diplomática aos descendentes completou o trabalho começado pelos seus ascendentes. Rafael Jerome é um milionário por acidente; seu caráter é tão

simples e tão simples suas reações como as de qualquer campônio humilde. Sua mente trabalha com lentidão, e uma vez assimilada uma idéia não a solta. Explico-me? Eu o agradava muito, deslumbrava-o, mas êle queria sobretudo uma mãe sã e forte para os seus filhos futuros.

— Mas isso de enfermidade de seu pai foi mentira, não?

— Naturalmente, voltou a assentir a extraordinária moça — Diga-me, Roberto, deixaria de casar-se comigo se uma coisa semelhante fôsse verdade?

— Não! Casar-me-ia com você, protegê-la-ia, cuidaria de você como de algo que, além de belo, está exposto a um perigo...

— Roberto...

Roberto sentiu-se transtornado pela doçura daquela voz ao pronunciar seu nome. Todavia não se animava a esperar, a crer.

— Roberto, devo pedir-lhe com todas as palavras para casar comigo?

— Julia! Mas Julia... Seu plano...

— Sim, eu o recordo... — A voz de Júlia era suave e ligeira como um beijo maternal. — Tanto para o aluguel, tanto para os empregados, tanto para a roupa... tomei tudo em conta, não é verdade? Tudo, exceto alguma coisa que eu não teria podido adquirir com todos os milhões do bom Rafael Jerome: amor. Faltava isto ao meu plano perfeito.

Estavam em um restaurante, rodeados de gente, mas ninguém se surpreendeu demasiado quando se beijaram, talvez porque seus rostos irradiassem uma felicidade que não é dado ver-se a miúdo...

*

O OUTRO LADO DA VIDA (CONCLUSÃO)

tos conhecessemos o mundo. Adeus, Hélio.

— Adeus, Ariadne. — Foi tudo que êle conseguiu dizer. O trem apitou e a menina, esbelta e graciosa, subiu afoitamente para o carro de primeira.

Hélio ficou de pé na plataforma, contemplando o noturno, que deslizava nos trilhos, a caminho de São Paulo.

— Pobre Ariadne! Pobre querida. Estás perdida. Vais conhecer o mundo... Ah! se tu soubesses. Se tu soubesses!

O coração do rapaz batia com violência e o seu olhar, triste, perdeu-se na escuridão da noite, onde o comboio acabava de desaparecer.



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

Combate as: Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismos

A IDEIA EM MARCHA

ALBERTO OLAVO

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

*

Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO

POR ocasião do caso Dreyfus na França, Emilio Zola repetia sempre, em meio de seus artigos corajosos, que a verdade estava em marcha e nada a deteria. Todas as forças políticas organizadas — o governo, o exército, os jornais, os espíritos conservadores, o espírito nacionalista apaixonado — tudo conspirava e concertava energia para focar a verdade, que no caso era a inocência do judeu Dreyfus. Mas a verdade, a justiça estava em marcha, nada mais a deteria.

Estamos atravessando agora, no mundo inteiro, situação idêntica. Em meio do fragor dos canhões, no tumulto dos ódios, na impotência dos que detêm o poderio, em face mesmo dos que pensam em orientar as vontades segundo os seus desígnios pessoais, a democracia econômica, a democracia humanitária, acima dos interesses burgueses, superior ao comodismo dos que vivem bem, sobranceira às ambições dos políticos e dos palradores, a democracia da justa remuneração dos trabalhadores está em marcha, como a maior corrente de nossa época, como a verdade necessária de nosso tempo. Nada a detém.

Nada a detém e todos a ajudam, mesmo que não queiram. Uns pensam adiá-la, satisfazendo-lhe as aspirações imediatas.

Outros julgam paralizá-la, contrariando o seu ritmo. Uma e outra atitude dão o mesmo resultado. A verdade está em marcha, nada a detém.

De onde provém esta força misteriosa, que parece até animada de sopro divino? Provém certamente das injustiças acumuladas pelos que dominam em todos os setores da atividade humana. A humanidade se regula por leis que não podem

ser infringidas impunemente. No mundo inteiro, há um desequilíbrio espantoso quanto ao conceito e à remuneração do trabalho. O intelectual, o artesão, o operário, as mulheres, o juiz, o técnico, os quais todos constituem a imensa maioria em toda parte, são mal pagos, mal conceituados, mal tidos e havidos por uma falsa elite, que dirige o universo. E as massas exploradas, esclarecidas e revoltadas com esta situação, não aceitam mais a iniquidade geral. As comportas vão estourar. E como há o surto de liberdade de pensamento, consequência da guerra, vitoriosa contra os opressores, a verdade, soprada pelo pensamento livre, a verdade está em marcha, nada a deterá mais.



Nem mesmo a concessão ampla de todas as reivindicações justas.

A elite perdeu no mundo seu princípio de legitimidade.

Não possui ascendente sobre ninguém. Hoje, o que faz mover é o medo, como está no ensinamento da história.

Bem sabemos que existe muita cegueira, nascida do egoísmo ou da falta de cultura especializada. Muita gente está naquela situação tranquila de Luís XVI, o qual, no dia da tomada da Bastilha, anotou em seu diário que nada havia acontecido de novo, exceto aquele motim insignificante. Os contemporâneos felizes ou distraídos vêem como pequenos ou de somenos importância, os acontecimentos decisivos. Mas isto não importa. O que importa é que marchamos para a democracia humanitária, que se resolve pelo espírito de justiça em tudo, mas principalmente no sentido de conceituar, elevar e equilibrar os autênticos valores humanos no domínio econômico, moral e intelectual.

Os sintomas da falência da sociedade estão evidentes e são os mesmos, sem a menor diferença, que se observam antes de todas as convulsões sociais havidas no universo até hoje.

A catorze deste mês celebrou-se a data da tomada da Bastilha. Os que volveram olhos para aquela época hão de ter notado que os fenômenos que a precederam agora se repetem apenas com maior intensidade.

Não é só o homem quem paga os seus crimes. É também a humanidade. A verdade está em marcha, nada mais a detém.

VITRINE



O conselho que vou dar hoje é para você Maria do Carmo. E é uma coisa certa. As vezes, o melhor escritor é aquele que escreveu um livro só. Ele viveu, sofreu, viajou, pensou longamente e pôs afinal a experiência colhida em letra de fôrma. E' a sua mensagem. Dada esta ao mundo, está acabada a sua missão literária. Tudo que faça depois é a repetição do que já foi dito. Não interessa. Isto é tão verdadeiro, que mesmo os artistas autores de muitas obras ficam na memória pública como o autor de uma única de suas várias obras. E' o que aconteceu, no Brasil, com Afonso Arinos, sempre lembrado pelos contos de "Pelo Sertão", o que se deu com Taunay, que será o autor de "Inocência", o que se verificou com Manuel Antônio de Almeida, célebre pelas "Memórias de um sargento de milícias", o que se passa, em suma, com muitos, muitíssimos romancistas conhecidos.

Grça Aranha entra nêsse rol com o "Canaan". Quando o publicou, conquistou imediatamente a glória literária. José Veríssimo, que então dava as cartas como crítico, recebeu-o com as maiores festas, e os leitores verificaram que os seus elogios eram justos.

Nesta obra o autor faz pleno uso do seu admirável conhecimento da Alemanha, assim como faz profundo estudo das personalidades militares que, preferindo ficar nos bastidores, deixando aos outros a evidência e responsabilidade dos fatos, jamais largaram a direção dos movimentos de invasão.

OS GENERAIS DE HITLER VISTOS POR DENTRO — Curt Riess — Editora Prometeu — São Paulo.

Nesta obra o autor faz pleno uso do seu admirável conhecimento da Alemanha, assim como faz profundo estudo das personalidades militares que, preferindo ficar nos bastidores, deixando aos outros a evidência e responsabilidade dos fatos, jamais largaram a direção dos movimentos de invasão.

A LUTA PELA LIBERDADE DAS AMÉRICAS — Olímpio Guilherme — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

Eis uma obra de fôlego, em que o autor mobiliza largos conhecimentos de história da civilização pois a conquista da liberdade nas Américas, na sua marcha evolutiva, resume, no fundo, a própria história do novo continente. Obra de grande oportunidade. Destina-se ao público culto e, ao mesmo tempo, a todos aqueles que desejam compreender melhor a atitude das Américas.

UM LIVRO PARA VOCÊ

CRISTIANO LINHARES

Depois do êxito ruído, Graça Aranha silenciou por muito tempo. Já na idade provecta, querendo talvez vir à tona de novo, entendeu de chefiar o movimento modernista, e fez um barulho dos diabos. Foi a uma sessão da Academia, agrediu com palavras os consócios, rompeu com aquela cidadela das letras, saiu carregado pelos moços, foi aclamado como revolucionário. Andou escrevendo livros que indicavam nova estética, publicou um romance chamado "Viagem Maravilhosa", que é, sem dúvida, a viagem mais incômoda e cacete já feita no Brasil. Pois bem. Nada dessa agitação valeu de nada. Ele é e ficará sendo o autor de "Canaan".

Sobreviverá neste livro só e, para segurança do renome, os mais que fez editar vão servir sómente de estorvo a sua glória.

Se você quiser conhecê-lo, leia simplesmente seu romance de estréia. E lido "Canaan", não leia os outros, para não se desapontar. Você ficará com pena dêle, coitado, que afinal era um escritor notável, quando era autor de um só livro.

LIVROS NOVOS

AS DESPIDIDAS ESTÉREIS — Aldous Huxley — Romance — Editora Vecchi — Rio.

Esta obra, vertida para nosso idioma, por Marina Gaspari, mereceu a escolha do Conselho Crítico do "Livro do Mês", integrado por Léo Vaz, Monteiro Lobato, José Lins do Rêgo e Mario da Silva Brito. Mais escaurinho talvez que Anatole France, Huxley reúne, também, nessa obra apurada técnica e boa duzia de londrinos snobs, da classe média, entre os quais escolhe três espíritos elegantes e cínicos de quem se serve para a análise psico-filosófica do atual mando burguês.

MODESTA MIGNON — Honoré de Balzac — Romance — Coleção "Os Grandes Nomes" — Editora Vecchi — Rio.

Autêntica obra-prima do genial Balzac é essa joia literária, em que vemos maravilhoso retrato de mulher, felicíssima criação artística que por si só imortalizaria o glorioso autor de "A Comédia Humana". Tradução esmera-

da de Gama e Silva e bela capa de Orlando Matos.

CAÇADORES DE MICRÓBIOS — Paul de Kruif — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

Eis uma das realizações mais perfeitas em matéria de divulgação científica cujo êxito está expresso nessa 3.ª edição. O autor procurou resumir a vida e os trabalhos prodigiosos dos mais notáveis "caçadores de micróbios", de maneira realista, mostrando-nos esses homens, não num palco, mas através das contingências humanas, como criaturas vivas, de carne e osso.

O RIO DO QUARTO — Romance — Joaquim Manoel de Macedo — Edições Melhoramentos.

E' mais um pequeno romance das tradições e história da velha província fluminense, contação com a conhecida maestria do grande e saudoso líder do romancismo brasileiro, que a Editora Melhoramentos vem de nos proporcionar, em uma de suas impecáveis obras gráficas, ilustrada por Percy Lau.

SENHORA DE ENGENHO — Romance — Mário Sette — Edições Melhoramentos.

Acaba de aparecer a sexta edição do famoso romance de Mário Sette, com ilustrações de Percy Lau, apresentada com o habitual esmero gráfico com que são lançados os livros da grande editora bandeirante.

FÍSICA — 1.º livro — Ciclo colegial — Anibal Freitas — Edições Melhoramentos.

Com este substancioso volume, enquadrado rigorosamente dentro do programa oficial, vem de ser iniciada uma série de compêndios de física destinados aos alunos do ciclo colegial. Primorosa edição da Melhoramentos, fartamente ilustrada.

MANUAL DE GEOLOGIA — Moisés Gicovate — Edições Melhoramentos.

O jovem professor Moisés Gicovate, cuja larga cultura lhe tem afluído alto prestígio nos meios científicos de todo o país, é o autor desse interessante volume destinado aos que palmilhem o curso secundário, e no qual é contada a história da Terra, lembrando, a cada passo, os documentos brasileiros.

MANUAL DO CRIADOR DE SUINOS — Nicolau Athanassoff — Edições Melhoramentos.

Novo e precioso trabalho, admiravelmente elaborado no que diz respeito à arte gráfica, este que vem de ser lançado em 3.ª edição, pelas Edições Melhoramentos, em sua Biblioteca Econômica. O autor, professor catedrático de "Zootecnia Especial" da Escola Superior de Agricultura "Luís de Queirós", de Piracicaba, faz um completo estudo das raças e tipos suínos, criação, pocilgas e chiqueiros, alimentação, engorda, higiene e moléstias dessa criação.

O DIABO NA LIVRARIA DO CÔNEGO — Cadernos da Província — Eduardo Frieiro — Livraria Cultura Brasileira.

Com o propósito de realizar mais um bem orientado plano de divulgação literária, a Livraria Cultura Brasileira Ltda., desta Capital, está lançando os seus primeiros "Cadernos da Província", coleção que aparecerá em cinco séries: 1) Ensaio literários, históricos, biográficos, etc.; 2) Contos e novelas; 3) Poesia e Teatro; 4) Documentos de ontem e de hoje; 5) Divulgação científica.

Com "O Diabo na Livraria do Cônego", de Eduardo Frieiro, e "Júlio Ribeiro", de João Dornas Filho, foram inauguradas essas séries.

(Continua na pag. 104)

OS "BEST-SELLERS" DO MÊS

Oferecemos, aqui, nossa habitual estatística dos livros mais vendidos no último mês, em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax, Queiroz Breiner e Rex.

- 1.º — U. R. S. S. — Filosofia Política — Sidney e Beatrice Webb — Editorial Calvino.
- 2.º — O DIABO NA LIVRARIA DO CÔNEGO — Ensaio Bibliográfico — Eduardo Frieiro — Cultura Brasileira.
- 3.º — JÚLIO RIBEIRO — Biografia — João Dornas Filho — Cultura Brasileira.
- 4.º — LUZ E SOMBRA — Romance — Sra. Leandro Dupré — Brasiliense.
- 5.º — AS DOIDAS EM PARIS — Romance — Xavier de Montepin — Editora Brasil.

POETAS E PROSADORES



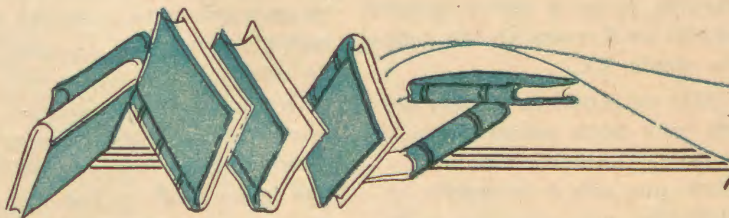
ASTOLFO SERRA

Astolfo Serra acaba de publicar um livro singelo a que pôs o título de "A vida simples de um professor de aldeia". É a história da existência de seu pai, que toda vida só quis ser professor. Como disse no prefácio da obra Afrânio Peixoto, a lição nascida dessas páginas é a arte de bem viver. E nisto está talvez o encanto maior desta biografia. Mas nós não queremos elogiar aqui o livro e sim o autor.

Em toda literatura, há sempre um grupo de escritores modestos que passam despercebidos ao grande público pelo motivo de não fazerem propaganda em torno do que escrevem. Faltam-lhes uma espécie de espírito político, vamos dizer assim, para difundirem o próprio nome. Isto é um mal para eles e também para o público, que de certo modo os desconhece. Astolfo Serra pertence a esse número. Parece que herdou do pai o instinto da modéstia.

É ele um homem sem vaidade e inteliramente bom. Vive agarrado a suas letras e a seus filhos. Esteve aqui em Belo Horizonte alguns

Conclui na página 59)



Frigia

é simplesmente notável!



...notável, porque:

1. — Não é líquido, nem pasta. E' um desodorante em forma de "baton".
2. — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
3. — E' agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
4. — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
5. — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: CASA HERMANNY - C.P. 247 - RIO

PERMANENTES
MANICURES
LIMPEZA DA PELE

INSTITUTO LUDOVIG

Rua Bahia 1075 - Fone 2-1960

QUANDO, em 1884, já outogenária, a grande bailarina Maria Taglioni descia ao tûmulo, os baletomanos de então diziam: "Morreu a única *"ballerina assoluta"*. Italiana, nascida em Estocolmo, a Taglioni havia colhido louros no mundo inteiro, mas foram Paris e Londres as cidades que mais aplaudiram esta estrêla de brilho incomparável. Em vez de "dançar", os seus contemporâneos diziam, simplesmente: *"taglionisar"*, e Vitor Hugo, titã da literatura, dedicou à deusa do "ballet" um livro seu com estas palavras: *"A vos pieds, à vos ailes"* — aos seus pés, às suas asas. Durante anos e decênios a memória de Maria Taglioni não permitia nenhuma comparação com as dançarinas vivas.

Mas poucos anos antes da morte da Taglioni, havia nascido em São Petersburgo uma menina a quem deram na pia batismal o nome Ana. Desde pequenina ela se tinha distinguido na Escola Imperial de Bailados e já aos dezessete anos começou uma carreira vertiginosa. No início d'êste século todos os críticos do mundo consagravam-na como herdeira da arte incomparável da grande Taglioni. Ana Pavlova, a bailarina que "não apenas dançava mas era a própria dança" despertava nas multidões da Europa e da América o mesmo entusiasmo com que vibraram no século XIX, as platéias que assistiam aos espetáculos da sua maravilhosa predecessora. E em 1931, quando Pavlova falecia, sexagenária, em Londres, onde havia fixado residência, os baletomanos diziam: "Ai de nós, morreu a última *"ballerina assoluta"*. Parecia que ela deveria ficar a única grande estrêla no firmamento da dança do século XX.

Mas em Londres mesmo surgiu uma nova aspirante ao título de "bailarina absoluta" — título que não é outorgado oficialmente por nenhuma acade-

mia, mas sim espontaneamente reconhecido pelos conhecedores do "ballet" quando há quem o mereça, pela sua técnica aprimorada, pelo seu ritmo impecável, pela sua fôrça de expressão, pela emoção que sabe comunicar aos espectadores. A "herdeira presuntiva" era inglesa e chamava-se Lillian Alicia Marks, mas, ingressando no elenco de Diaghilev, tinha "rusificado" seu nome, adotando o pseudônimo Alicia Markova.

Um acaso havia puxado a menina Alicia — que desejava estudar medicina — no estreito caminho que haviam pisado os pés divinos de Maria e Ana: Alicia tinha os tornozelos fracos, e, seguindo os conselhos de um especialista, seus pais mandaram-na fazer exercícios de ballet. Foi o que se chama em francês *"un coup de foudre"* — a pequena apaixonou-se de tal modo pelo estudo da dança, que esqueceu por completo os seus projetos anteriores. Com dez anos aparecia pela primeira vez em público, e foi logo notada pelos londrinos, cujo gosto pela arte de Terpsicore é conhecido. Existe uma estranha hierarquia na linguagem do "ballet": desde muito moça, Alicia Markova era comparada com a Taglioni e a Pavlova, mas reconheciam-lhe somente o direito ao grau de *"danseuse noble"*, muito superior ao que se chama *"mime dansante"*, sendo porém, já êste último merecido apenas por algumas poucas solistas de grande valor. *"Ballerina assoluta"*, diziam os críticos não pode ser: a *"ballerina assoluta"* d'êste século morreu com Ana Pavlova. Entretanto havia discussão em tôrno do assunto, e a Markova tem, com certeza, de tôdas as bailarinas vivas, o maior número de votos para alcançar esta máxima consagração à qual pode aspirar.

Ora, estando ela ainda no zênite da glória, eis que surge no Novo Mundo uma nova Alicia que todos desde já indicam como sua possível sucessora. E'



cubana e não teve necessidade de mudar seu nome para brilhar nos palcos de todos os continentes: chamou-se, desde o seu nascimento em Havana, bem castelhanamente: Alicia Martinez, e ficou Alicia Alonso pelo seu casamento com o bailarino Fernando Alonso, seu compatriota e, às vezes, seu "partner". Estudaram juntos e juntos estrejaram na sua terra natal, vindo em seguida para os Estados Unidos, onde um cunhado de Alicia, Alberto Alonso, já atuava numa trupe de bailado. Pouco depois Alicia Alonso era contratada como primeira bailarina por um dos melhores conjuntos de dança clássica. Destacava-se por uma técnica sutil e uma mímica extraordinária. Brilhou nos mais difíceis papéis, até que certo dia teve de substituir a grande Alicia I — a Markova que adoeceu na noite em que devia interpretar no "Ballet Theatre", em Nova Iorque, "Giselle". A figura de "Giselle" exige tantas qualidades de quem a vive no palco que só uma artista excepcional po-

de vencer tal prova. O "libretto" deste bailado, escrito pelo poeta francês Théophile Gautier há pouco mais de um século, tem uma ação dramática ao sabor romântico da época: uma singela camponesa, enlouquecida por um amor infeliz morre dançando e torna-se, ainda dançando, uma ninfa melancólica para atrair e matar, sempre dançando, o noivo infiel. Vê-se logo que, mal interpretado, tal conto de fada, seria hoje pelo menos ridículo. Sómente grandes dançarinas podem tentar tal empreendimento, somente as maiores conseguem desempenhá-lo bem.

E foi precisamente naquela noite decisiva que Alicia Alonso, a jovem cubana, conseguiu de improviso conquistar o público mais "blasé" do mundo. Não foi apenas o público, não foram apenas os críticos que elogiaram a "débutante": as colegas, as rivais reconheceram naquela garota de vinte e três anos um astro de primeira ordem subindo no horizonte da dança. Nenhuma outra alcançou tão cedo tamanho triunfo.

Uma grande desgraça seguiu este momento feliz: Alicia Alonso, adoecendo por sua vez, foi internada num hospital, onde ficou quase um ano, sendo submetida a várias delicadas operações dos olhos, ameaçada de perder a vista e toda esperança de prosseguir numa carreira tão brilhantemente iniciada. Mas a dedicação dos médicos, a paciência e a energia da jovem enferma saíram vencedores da luta com a cruel moléstia. Alicia deixou o hospital para retomar seus exercícios com um ardor ainda maior, e sua exuberante mocidade permitiu-lhe colocar-se novamente na primeira fila, ocupando o lugar deixado vazio pela Markova que se retirara temporariamente da cena, para uma cura de repouso.

Pela primeira vez uma bailarina latino-americana chega a ser mencionada como possível sucessora daquela grande linhagem artística das "ballerinas absolutas", insuperáveis: Taglioni, Pavlova, Markova.



"52 Lições de Catecismo Espirita"

— ELISEU RIGONATTI —

UMA LIÇÃO DE ESPIRITISMO - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00

DESCONTOS PARA QUANTIDADES

PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.

RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIANGULO

Milhares de comícios têm sido realizados em todas as cidades do Brasil, depois de declarada a liberdade de pensamento.



Nos seus cívicos furores,
Eloquentes oradores
Dizem que a hora chegou...
E exaltam, à luz do dia,
A bela democracia
Que, finalmente, raiou.

Demagogos irascíveis,
Pedem coisas impossíveis
Ao povo triste e descrente...
Caem de bocas canoras
Chuvas de frases sonoras
Sobre a cabeça da gente.

Um grita que a Rússia é o norte,
Outro: A Inglaterra é mais forte!
E, afinal, a confusão:
Na tempestade desfeita,
A' voz da esquerda e direita,
Vacila a frágil nação.

Cada qual diz, em resumo,
Aquilo que pensa, o rumo
Que devemos percorrer...
Desertos, amplos desertos,
Há mil caminhos abertos
Para a nação se perder!



Anuncia uma fôlha local que um viuvo, ainda em bom uso, deseja casar-se com uma solteirona que tenha, no máximo, 35 anos de idade.

O seu desejo propala
O experiente senhor,
No casamento ele fala,
Mas deixa, de lado, o amor.

Por pessimismo ou descrença,
Sobre a afeição nada diz,
Parece que até dispensa
O amor, para ser feliz.



Os jornais noticiam que vários arranha-céus, no Brasil, estão sendo construídos com o produto do câmbio negro da gasolina.

Tem o corpo da granfina,
Que tanta jóia suporta,
Perfume de gasolina
Vendida por trás da porta.

Diz o povo por chalaça,
Intriga ou simples labéu,
Que o câmbio negro dá graça
A's linhas do arranha-céu...



Numa cidade do Estado do Rio, vítima de inexplicável frenesi, um dentista se atirou sobre uma linda cliente, tentando mordê-la.

Há dentistas imprudentes
Neste mundo, santo Deus!
Antes de ver nossos dentes,
Procuram mostrar os seus.

Esse de cabeça tonta
Foi campeão desta vez:
Antes, bem antes da conta,
Tentou "morder" o freguês.

TEXTO E VERSOS DE
GUILHERME TELL
BONECOS DE ROCHA!

LUZ FLUORESCENTE

um suave milagre



Uma série de miraculosas invenções — presente da ciência à nossa geração. Entre as mais recentes, crescendo rápido em popularidade, a luz fluorescente. Fria, difusa, econômica, é mais uma contribuição ao conforto da vida moderna. Fábricas, lojas e escritórios, salões e hospitais gozam hoje dos benefícios deste suave milagre. Seus usos se multiplicam, à medida que as novas lâmpadas adquirem aperfeiçoamentos. Lembre-se de que a General Electric, líder de todas as formas de iluminação, também marcha à vanguarda nos estudos, pesquisas e realizações que visam lâmpadas fluorescentes *ainda melhores.*

• • •
Ouça os "Festivais G-E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22,05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs) e curtas (PRL-7, 30,86 metros.) Um programa musical, com atrações para todos os gostos.

*revelando a beleza da
forma e da cor...*

Generosa e repousante, a luz das lâmpadas fluorescentes G-E Mazda realça os belos contornos, dá mais destaque às cores, torna os ambientes mais atraentes. Para sua completa satisfação, exija lâmpadas fluorescentes e acessórios G-E legítimos.



LAMPADAS

FLUORESCENTES

E ACESSÓRIOS

GENERAL  ELECTRIC



Meio Século

DE PREFERÊNCIA

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz às epidermes mais delicadas.

Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

À venda em tôdas as farmácias e perfumarias



Sabonete de Reuter

I-A

SR-2

Uma marca bem conhecida vale pela maior segurança da qualidade de qualquer artigo. Não aceite sugestões que a induzam a dar sua preferência a marcas ignoradas. Essas sugestões podem satisfazer o interesse do comerciante, mas nunca o da pessoa que compra.

Na história dos grandes amores universais, a paixão de Corneille, o célebre teatrólogo francês, pela fascinante e volúvel du Parc, merece especial relêvo, pois nos oferece o choque de duas expressivas figuras da inteligência humana: Corneille e Racine. Esta página vibrante nos mostra o drama da velhice de Corneille vencida pela ruidosa mocidade de Racine.



Racine

GRANDE Corneille que gozara, durante meio século, da mais sólida popularidade jamais conhecida em França, teve sua tragédia íntima ao alcançar a senectude

Na noite de 4 de março de 1667, subia à cena do teatro da Comédia Francêsa, numa grandiosa "première", o seu famoso "Atila". Dez dias após essa estréia sensacional, a senhora du Parc afastava-se, tranquila-

mente, de sua companhia para unir-se a Racine, o odiado rival do grande trágico.

Quem era a senhora du Parc? Era a musa de Corneille.

Seu grande amor dos anos que viriam.

Quem haja lido, atentamente, sua obra imortal, jamais terá olvidado a envolvente ternura, a amorosa efusão, o entusiasmo admirativo de suas endeiças, louvor da fugidia diva. Não possuía ela nenhum título de nobreza. Possuía tal nome porque era conhecida por Marquise-Therese de Gorle, casada com o autor Renato Berthelot, chamado du Parc. Na época da estréia de "Atila" a jovem apresentava, na fascinação social dos salões, todo o esplendor de sua beleza magnífica.

A devoção de Corneille, já enleado pelo fascínio da jovem senhora, e o apóio de du Parc tornaram-na, pouco a pouco, a atriz mais notável da época. Ambos trabalhavam, obtendo ruidoso sucesso, na companhia teatral dirigida pelo famoso Molière.

Durante nove anos, Corneille dedicou a Marquise muitas de suas obras admiráveis, exteriorizando, apaixonadamente, sua incontida adoração pela graciosa intérprete.

Mas, setenta e um anos tinha o autor de "Cid", quando surgiu inesperadamente, Racine, a dis-

ENQUANTO VOCÊ DORME,
trabalham os
germes...



MAU HALITO!

● Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odores impede a fermentação e as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

O TRÁGICO AMOR

de CORNEILLE



putar-lhe, com a força irresistível de seus vinte e oito anos, a glória e o amor.

A tragédia não poderia ter outro desenlace.

A encantadora senhora do Parc, atraída pela mocidade esplêndida de Racine, não vacilou em enfrentar as nobres câs de Corneille e passar-se para o campo inimigo. Poderia resistir semelhante tentação a mimosa Marquise, conhecendo o belo Racine?

Explica a súbita inclinação da linda senhora, pelo jovem e talentoso artista, este admirável retrato de Racine, que Anatole France nos oferece em "El gênio latino":

"Era o jovem poeta de espírito flexível e dotado de extraordinário dom de cativar. Sabia conversar, revelando bom gosto e apurado senso estético, sobre toda sorte de assuntos, e não falava nunca sobre si mesmo ou sobre suas próprias obras. Era formoso; sua fisionomia, franca e alegre, atraía. Possuía nariz ponteagudo; o nariz dos ousados. A boca, irônica, voluptuosa, e envolvente ternura no olhar".

Que mulher poderia resistir-lhe o encanto?

O célebre trágico, já alquebrado pela idade, viu-se, assim, suplantado pelo novo astro e a dor amargurou-lhe o coração.

O criador de cenas capazes de formar uma geração de heróis, de quem dissera Napoleão Bonaparte que "se vivesse o nomearia príncipe". — sucumbiu ante a veleidade de uma mulher, verdadeira fatalidade na sua gloriosa vida de po-

Algo de privilegiado existia em du Parc: sua deslumbrante beleza não esmaecia com o passar dos anos.

Conquistada a estima do rei e a admiração de críticos categorizados como Boileau, gozando da consagração popular, a velhice de Corneille não foi gloriosa.

O abandono inesperado da formosa du Parc iniciou sua de-

cadência. Falho da inspiração com que a atriz doirava a sua pena, perdeu toda a pujança que o tornara inconfundível. Sua obra revelou inconcebível debilidade criadora, pecado imperdoável no gênero de exaltação que caracterizava o seu teatro.

Ademais, as intrigas de Racine o indispuseram com o crítico temível, que não vacilou em enfrentar o célebre trágico, enaltecido, até então, por grandes e pequenos.

A versatilidade escandalosa da trêfega comediante, havia suscitado muitos comentários mundanos de estranhável simpatia e Paris, mesmo, aplaudiu-lhe, através da popularidade com que a envolvia, a atitude amorosa.

Certo epigrama de Boileau sobre Corneille tornou-se popular na época. Aludindo à decadência revelada pelas obras "Agesilas e Atila", primeiros fracassos de Corneille, dizia:

*"Après Agesilas
hélas!
mais après Atila
holá!..."*



Corneille

Parecia soterrado no esquecimento o triunfo retumbante do "Cid" e de outras obras, que o público consagrara, anos atrás, em delírio. Seu autor favorito entrava, como sol moribundo, em pleno ocaso, para dar lugar ao novo ídolo de Paris: Racine.

O rei perguntava todas as manhãs pelo poeta e chamava-o aos seus aposentos para entre tê-lo e alegrá-lo.

A indiferença, porém, dos parisienses, a profunda ingratidão de sua musa inesquecível e, depois, a certeza do esquecimento real, agravaram o sentimento de solidão que obscurecia a alma de Corneille.

Manifestava-se, às vezes, colérico, mau humorado, intratável. Vivía sordidamente, para fazer crer ao povo uma pobreza que, na realidade, não existia. Porém, no trágico declínio de sua grandeza, não proferiu sequer uma palavra contra o destino, dos seus lábios nenhuma acusação desleal à criatura que destroçara sua vida gloriosa. Tampouco teve queixas veladas contra o rei, de cuja corte fora cavalheiro de honra.

Todas as forças de seu coração dolorido se concentraram num único ódio: Racine. Sentimento justificado se atentarmos que o jovem poeta lhe havia arrebatado, numa só vez, dois tesouros: a musa viva e palpitante de sua inspiração, e a fama...

Quando morreu o poeta dos tempos heroicos, seu maior rival pronunciou na Academia Francesa o seu elogio fúnebre. Reconhecendo, nobremente, os méritos de Corneille, Racine falou para a posteridade:

"A França jamais deve olvidar que, durante o reinado do maior dos seus reis, floresceu o maior dos seus poetas".

Tardia justiça ao vencido pela boa fortuna que agora sorria à Racine...

A ROBUSTA mo-
rena é revolu-
cionária. Ao
contrário das outras
mulheres, mostra um
profundo interesse
pelas questões políti-
cas. E vale a pena
ouvi-la. Com a boca

resaca de dentes alvíssimos, gestos largos e expressão fácil, a garota fala torrencialmente, cita autores rebarbativos, aponta rumos e tem pontos de vista originais.

Quando uma mulher feia se mete nesses assuntos, torna-se intolerável. Mas a jovem rebelada é linda. Além de um colo opulento, e dona dos olhos mais ternos da Capital. E se a gente contesta, ela fica pálida, nervosa, trêmula e cada vez mais bela. Mulher assim é capaz de provocar revoluções.

Em regra, os reformadores são homens feios, fanáticos, deselegantes e famintos. Quando falam, pelas falhas dos dentes, lançam longe perdigotos inundantes. Uma revoltosa de belas mãos, atitudes elegantes, pés pequeninos e nervosos é coisa rara e temível.

Certa vez, numa cidade do interior, ela se dirigiu ao povo, em comício. A escada da tribuna tinha degraus altos. Para galgá-la, foi obrigada a levantar a saia até à altura dos joelhos. A multidão entusiasta aclamou delirantemente aquelas pernas maravilhosas. Quando iniciou sua oração, já havia dominado o auditório. Naturalmente expôs com clareza e inteligência as suas teorias, mas o povo, encantado com a sua boca, pouca importância deu às palavras. A todo momento, na tribuna, a gentil oradora levava a mão ao peito para significar que as suas opiniões brotavam do coração. Os ouvintes não iam até ao coração. Ficavam pelas imediações admirando-lhe o colo poderoso e farto. Nunca Rui, nos seus dias de maior glória, obteve aplausos mais quentes e sinceros! Quando deixou a tribuna foi carregada nos braços pela multidão. Toda gente fazia questão de sentir o peso do precioso fardo.

Convidaram-na para falar em todos os comícios. Dois latagões se apresentavam sempre para carregá-la nos ombros, findo o discurso magnífico. Afinal, a moça desconfiou. O entusiasmo era, de fato, excessivo, e a oradora notou que os seus fervorosos admiradores não se contentavam em carregá-la, faziam-lhe cócegas, também. E isso não estava de acordo com as suas idéias e com os seus planos regeneradores...



A jovem professora muito elegante, muito culta, muito dedicada, tem os seus métodos pedagógicos. Decroly safu do cartaz, desde que o Sr. Antônio Carlos deixou o governo de Minas. Os processos modernos de ensino, também, não lhe pareciam bons. Adotou, por isso, para seu uso, um sistema diferente, exclusivamente seu.

O seu método consistia em dar um beijo no aluno mais aplicado, mais estudioso, mais inteligente. Toda a classe disputava o valioso prêmio. Meninos de treze e quinze anos, de olhos fulgurantes, com o sangue a ferver nas veias, não tiravam os olhos dos livros. Não havia sujeito oculto que não encontrassem, verbos que não conjugassem em todos os tempos e modos, figuras de sintaxe que desconhecassem.

A linda mestra recebia, a todo momento, rasgados elogios. Os seus alunos eram os mais limpos, os mais preparados, os mais disciplinados. E os prêmios nunca faltavam. Toda a classe já fora beijada com muita efusão e muita justiça.

Quando as outras professoras, invejosas, procuravam conhecer o seu método, a jovem mestra, ruborizada, dizia apenas que aplicava o que lia nos livros.

Só, há dias, o seu sistema foi descoberto e com certo escândalo. O médico escolar estranhou o estado de saúde dos seus alunos. Alguns apresentavam sintomas de moléstias nervosas, outros pareciam depauperados e todos, muito pálidos, traziam profundas olheiras.

Com um interrogatório hábil, descobriu-se quanto era nocivo ao organismo dos alunos o método usado pela jovem professora. O médico procurou-a e, com delicadeza, fez-lhe ver a inconveniência daquele processo educativo. Os alunos mostravam, de fato, um grande aproveitamento, mas estavam com os nervos arrasados. Aconselhou-a a mudar de sistema.

A gentil pedagoga, desapontada, prometeu não distribuir mais aquela espécie de prêmio aos meninos. E cumpriu a promessa. Cessados os beijos, foi completo o desinteresse dos garotos pelos livros. Apenas um ou outro ainda estuda na esperança de que a amável professora abra uma exceção...

SEDAS



CONHEÇA A NOVA
SEDUTORA CRIAÇÃO COTY...

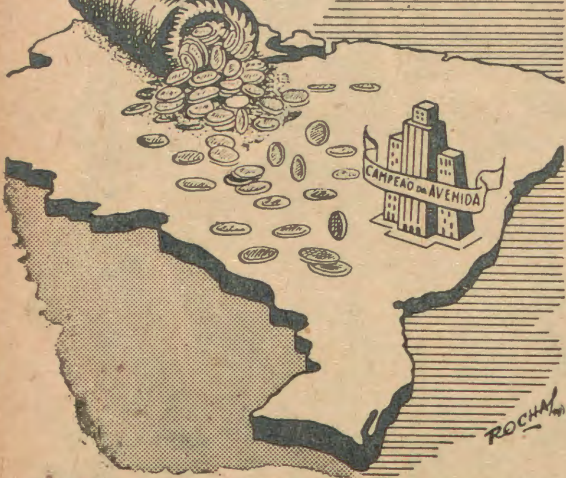


Eau de Colonia

EPREUVE

Coty

ENRIQUECENDO. todo o BRASIL!



EXTRAÇÕES EM JULHO DE 1945

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Dia	Premio maior	Preço
4	400.000,00	50,00
7	1.000.000,00	120,00
11	400.000,00	50,00
14	500.000,00	70,00
18	400.000,00	50,00
21	500.000,00	70,00
25	400.000,00	50,00
28	500.000,00	70,00



LOTERIA DO ESTADO DE MINAS

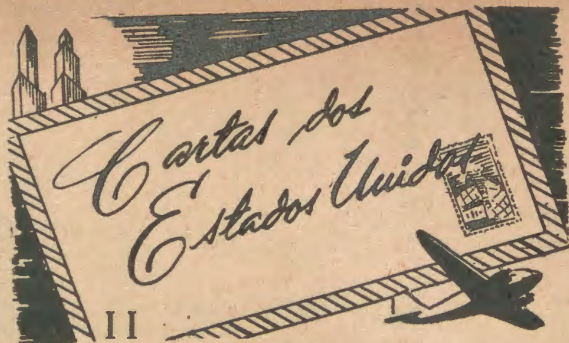
Dia	Premio maior	Preço
6	200.000,00	30,00
13	200.000,00	30,00
20	200.000,00	30,00
27	200.000,00	30,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

AVENIDA. 612 E AVENIDA. 781
CX. POSTAL 225 - END. TEL. "CAMPEÃO"
BELO - HORIZONTE

NÃO MANDEM VALORES EM REGISTRADOS SIMPLES



TÃO ESPIRITUAIS ÊSSES "MATERIALISTAS"...

por **HUBERTO ROHDEN**

MUITOS brasileiros só conhecem os Estados Unidos como o país do dolar, dos modernos Crescos, do imperialismo industrial, das empresas colossais — numa palavra, como a terra clássica do materialismo triunfante.

Mas, quem convive intimamente com este povo, e tem olhos para ver, começa a enxergar, por detrás dessas inegáveis realidades materiais, outras, bem mais espirituais e que muito dos meus patricios ignoram completamente.

Se eu disser aos meus leitores que os Estados Unidos são o país onde tanto a matéria como o espírito celebram os seus maiores triunfos, terei dito uma grande verdade, verdade paradoxal para muitos, porém, perfeitamente real e objetiva.

E' excusado frisar o surto que o progresso tipicamente material realizou na terra Washington; essas estupendas realizações são por demais conhecidas no mundo inteiro; sem elas, teria sido impossível o êxito glorioso que está tendo o atual conflito mundial.

O que mais me interessa é que essa América, eminentemente material, seja também eminentemente espiritual nos seus melhores representantes, como estou vendo dia a dia. Em vez de provar com áridas e eruditas teorias esta verdade, permita-me o leitor lembrar-lhe alguns aspectos simples, quotidianos e quase ingênuos dessa espiritualidade americana.

Há poucos dias, almocei com o dr. José Famada, lente de língua e cultura brasileira na Universidade Colúmbia, de Nova Iorque. Depois percorremos o enorme complexo dos edificios universitários que ocupam diversas quadras da pitoresca Riverside da cidade. Mais de 30.000 alunos afluem regularmente às salas de audição, onde 3.000 lentes universitários lhes ministram o seu saber. Em 50 bibliotecas especializadas e uma biblioteca geral com 2.000.000 de volumes aprofundam os estudantes os seus conhecimentos. Os Estados Unidos possuem 500 gran-

des Universidades. Nenhuma delas é custeada pelos cofres públicos. Todas elas são empreendimentos particulares. De acionistas? Não, não há acionistas, não há dividendos, não há mesmo interesse pecuniário algum nessas gigantes empresas culturais. Todas as Universidades daqui possuem um patrimônio ou fundo permanente, algumas de centenas de milhões de dólares. São fundações feitas e dotadas pelos grandes argentários norte-americanos. Com os juros desse capital são pagas anualmente as enormes despesas do estabelecimento. Imagine o leitor o que quer dizer pagar 3.000 lentes universitários, manter os prédios em condições, adquirir milhões de livros e um gigantesco arsenal de aparelhos modernos. Tudo que se vê nas Universidades daqui é *up-to-date*, o que há de mais perfeito e eficiente no ramo. Só o melhor é que é considerado bastante bom para essas acrópoles do humano saber.

O milionário norte-americano, quando faz o seu testamento, teria vergonha, julgaria cometer uma grande indecência, quase um crime contra a humanidade, se legasse à sua família todos os seus haveres. Lega-lhe o necessário, o suficiente, mais que o suficiente; mas a outra parte da sua fortuna, talvez metade, pertence àquêles de cujas mãos veio, aos homens da América e do planeta; pertence a milhares de estudantes pobres de todos os países que são mantidos com as conhecidas "bolsas de estudos". É corrente e espontânea aqui essa mentalidade internacional e cosmopolita. Creio mesmo que a sociedade norte-americana não perdoaria a um argentário a "indecência" de não contribuir com a sua fortuna para o bem geral do povo e da humanidade. Em vez de construir, para si e para sua família, palácios e palacetes de veraneio ou invernáculo nas Índias, na China, na Pérsia, no Egito ou no Himalaia; em vez de gastar milhões em criação de cães de raça e cavalos de puro sangue, ou inventar qualquer outro *hobby* luxento, como fazem certos *lords* de outras terras, o rico genuinamente americano prefere empregar grande parte da sua fortuna em benefício da saúde física — como faz a Comissão Rockefeller — ou da saúde espiritual dos povos, como fazem êstes que fundam centenas de poderosas universidades. E que outro destino, melhor e mais nobre, se poderia, afinal de contas, dar ao ouro senão essa missão ideal de dar saúde ao corpo e à alma?

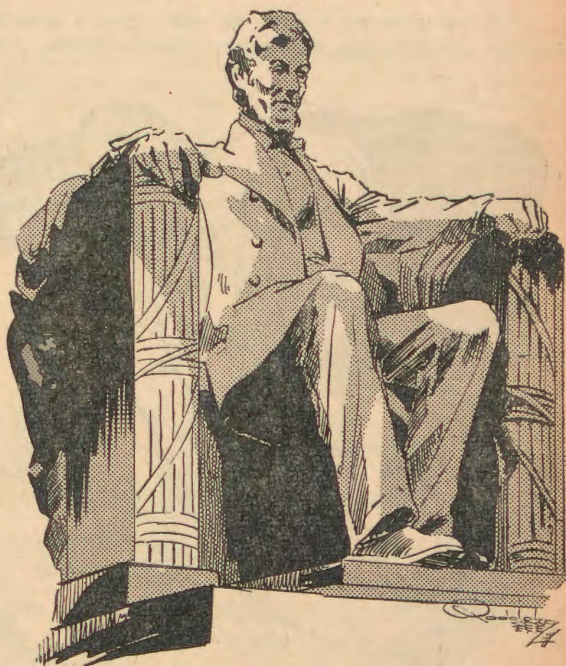
A' entrada de cada um desses magníficos pavilhões da Universidade Colúmbia está, em caracteres de metal, o nome do fundador e doador. Diz, por exemplo, uma das inscrições: "Este edifício foi doado por N. N. em memória de sua dileta filha N.N.". Se formos ao cemitério para ver o sepulcro dessa dileta filha de um

multimilionário, encontramos apenas uma singelíssima lápide com o nome da falecida e as respectivas datas — nada mais! Nada de mausoléu. Nada de capela tumular. Nada de jazigo perpétuo. Nada de estátuas simbólicas nem de colunas partidas — coisas que, aliás, não existem mesmo nas necrópoles daqui, onde tudo respira solene e absoluta simplicidade. O mais belo e significativo monumento que o pai erigiu à memória de sua dileta filha é aquele poderoso foco da inteligência e do espírito destinado a elevar, durante séculos, o pensamento e o coração de milhares de homens para as serenidades e divinas alturas onde vive a alma da jovem defunta...

O túmulo do milionário mostra a mesma simplicidade, e isto por expressa disposição d'ele. O seu mausoléu, d'ele e dela, é aquela acrópole da inteligência e do espírito.

Tenho pensado muito sobre a origem e causa última desta mentalidade. É verdade que também há o contrário. Os leitores de novelas policiais só conhecem a América dos *gangsters*. Os frequentadores de cinema sabem muito sobre a frivolidade deste povo. Outros só sabem que aqui há milhões de ateus, etc. Tudo isto existe, realmente, neste país. É inevitável que um organismo poderoso e sadio segregue impurezas, elimine substâncias gastas, forme escórias e detritos. Se assim não fôsse não seria um organismo normal. A América tem disto, mas a América não é isto. Um país intimamente profano ou corrupto, sem grandes ideais, não seria capaz desses inauditos sacrifícios que muitos milhões de america-

(Continua na página 66)



Abraão Lincoln

QUEM VÊ CARAS...

OSCAR MENDES
ILUSTRAÇÃO DE ROCHA

O contraste que existe tantas vezes entre a aparência e a realidade, pelo choque emotivo que provoca, é um tema que sempre vem tentando os artistas, de modo especial os poetas. O povo, na sua filosofia feita de realidades da observação direta, já fixou numa curta frase a sua desconfiança perante as exterioridades mentirosas. O provérbio "Quem vê caras, não vê corações" aconselha sentenciosamente a prudência no trato com os nossos semelhantes. Sabe-se quanta surpresa o homem tem sempre preparada para aqueles que nêles confiam ingenuamente. Um outro prólogo, de tom mais satírico e jocoso, censura as exterioridades da simples ostentação vaidosa: "Por cima tanta farofa, por baixo molambo só".

O dramático e até mesmo o cômico, em certos casos, do contraste não podia deixar de atrair os poetas. E o tema tem sido, que farte, aproveitado em vários tons, por poetas de vários países, suscitando casos polêmicos de plágios e imitações. Uma versão famosa do velho provérbio é a do poeta italiano Metastásio, onde parece que os outros foram procurar o tema, muito embora os eruditos já tenham achado também as fontes onde Metastásio se abeberou. Lá dizia o trágico italiano em versos bem cantantes do "idioma gentile":

Se a ciascun l'interno affano
si leggesse in fronte scritto,
quanti mai che invidia fanno
ci farebbero pietà.
Si vedria che, i lor nemici
anno in seno, e si reduce
nel parere a noi felici
ogni lor felicità".

"Se se lêsse na fronte de cada qual a mágoa interna, quantos que agora nos causam inveja, nos

causariam piedade. Ver-se-ia que têm no próprio seio o seu inimigo e que toda a felicidade deles se reduz a fingir para nós que são felizes".

Quem, lendo estas linhas, não se recorda imediatamente do belíssimo e conhecidíssimo soneto do nosso Raimundo Corrêa, "Mal Secreto"? Repitámo-lo, mais uma vez, para que o leitor possa estabelecer o confronto:

"Se a cólera que espuma, a dor que mora
n'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
tudo o que punge, tudo o que devora
o coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
ver através da máscara da face,
quanta gente, talvez, que inveja agora
nos causa, então piedade no causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
guarda um atroz, recôndito inimigo
como invisível chaga cancerosa.

Quanta gente que ri, talvez exista,
ouja ventura única consiste
em parecer aos outros venturosa".

Vem logo açodadamente aos lábios de muitos a palavra "plágio", porque até mesmo versos inteiros aparecem como que traduzidos. Mas esta questão do plágio entre escritores tem sido já bastante debatida, e como resultado, não escapam à pecha de plagiários Dante, Petrarca, Virgílio, Molière, Shakespeare, e tantos e tantos outros gênios universais, que versaram muitas vezes temas já aproveitados por outros poetas menores e, diga-se, logo, sempre com vantagem, do ponto de vista da arte.

Não nos deteremos, pois, a discutir aqui mais uma vez se Raimundo Corrêa plagiou, ou apenas parafraseou, os versos de Metastásio. Em língua portuguesa vemos outra versão, de caráter mais ilustrativo e anedótico do que filosófico, que é o também famoso soneto do poeta cearense Padre Antônio Tomaz, em que descreve o palhaço que ri para alegrar as multidões, enquanto "dentro do peito o coração soluça".

Os azares da leitura nos puseram diante dos olhos duas novas versões do tema versado por Metastásio e, ao que parece, foi ainda o poeta italiano a fonte inspiradora, pois mui provavelmente seu imitador em português teve conhecimento de sua obra, contemporâneos que eram, no século XVIII. Trata-se do poeta português Paulino Antônio Cabral, abade de Jazente, homem de boas letras, poeta brilhante, satirista, que, pela sua jovialidade, pelos seus versos amorosos, deixou fama semelhante à daqueles "abades de corte", que encheram o século XVIII, na França.

Mas o bom do abade teve vida achacosa na velhice, torturado por calafrios e vertigens, além dum não parar comida no estômago, que fez seu médico Dr. Antônio Cerqueira Prêto, atestar que sua doença era "vômito habitual". Foi talvez no período



fixbril

para o cabelo



O notável conjunto vocal de música popular e folk-lórica da Rádio Mineira e Cassino da Pampulha, vem despertando grande admiração no público. Também as pessoas que usam Fixbril despertam a admiração, devido à elegância e distinção com que sempre se apresentam bem penteadas. Fixbril assenta e dá brilho ao cabelo, sem emparstar.

os "Demonios do Congo" e seus fans preferem fixbril

em que os males começaram a afligi-lo com mais persistência que o abade de Jazente procurou exprimir em versos as meditações filosóficas que lhe provocava o confronto entre a sua jovialidade e os males internos que o martirizavam. Um dos sonetos intitula-se: "As aparências enganam", e diz assim:

"Se chegasse a ver o que se passa
Dentro dos corações de toda gente,
Pode ser que se visse alegre a frente
A quem sofre no peito uma desgraça.

Pode ser que depois lástima faça
Alguém, que nos parece o mais contente,
Se acaso se fizesse aos mais patente
Quando lhe faz sofrer a sorte escassa.

Mas cada qual com nobre fingimento
(Porque é crime também ser desgraçado)
Oculta como pode o seu tormento.

Mas o meu tem subido a tal estado,
Que, rompendo os grilhões do sofrimento,
Me obriga a publicar o meu cuidado".

O outro, de tom mais metastasiano, tem mesmo o título do provérbio popular, "Quem vê caras não vê corações":

"Se cada qual trouxesse sobre a frente
Dos ocultos pesares um traslado,
Talvez que o que parece afortunado
Se convertesse então em descontente.

Não: ninguém quem mostrar à demais gente
Que traz dentro do peito algum cuidado;
Por isso finge um rosto serenado,
Ao mesmo tempo que os seus males sente.

Eu só sinto um tal bárbaro tormento,
Que tanto me angustia, e oprime tanto,
Que já para o calar não tenho alento;

E dou a conhecer com novo espanto
O meu mais escondido sentimento
Nas públicas correntes do meu pranto".

Como se vê, o abade de Jazente reincidiu no aproveitamento do tema já versado por Metastásio. Do confronto, porém, das três versões em língua portuguesa, aqui citadas, o leitor há de concordar conosco que a melhor, a mais bela, a mais sonora, é, sem dúvida, a do nosso Raimundo Corrêa. O coração é o mesmo, as caras é que mudam, e, no caso de Raimundo Corrêa, para melhor.

*



R. CACHOEIRA, 1753
SAO PAULO

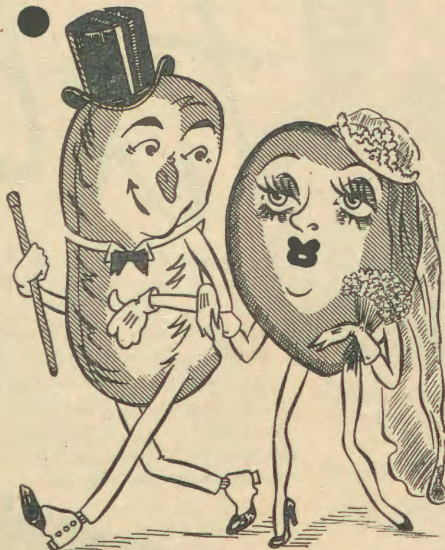


Depois de
usar "gilette"
nas pernas
ou axilas,
aplique
AGUA
DARJAN
para evitar irritações ou infecções.
Hemostática e
adstringente.
Fecha os poros.

**NOTAVEL
ACONTECIMENTO!**

**MAIS UMA VEZ,
PORTUGAL
UNIDO AO
BRASIL!**

O AMENDOIM — milio-
nário de vitaminas —
casou-se com a AZEI-
TONA — soberana das
saladas — resultando,
dêsse enlace extraordi-
nário, o já famoso e in-
superável



AZEITE MARIA

O azeite luso-brasileiro — feliz combinação de Oliva e Amen-
doim — está sendo insistentemente reclamado pelas pessoas
de fino trato.



**OLEO MARIA É UM ESMERADO PRODUTO
DAS INDUSTRIAS J. B. DUARTE S. A.
DE SÃO PAULO**

REPRESENTANTE E INSPETOR:

M. AGUIAR FONE 2-1898 • BELO HORIZONTE

ROCHA/7

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA EM SORTIMENTO E PREÇOS

* * *

Av. Afonso Pena, 1050 — Fone 2-1607 e 2-3016 — Belo Horizonte

DE condição humilde e po-
bre, Manoel Batista Ce-
pêlos, primoroso poeta e
pensador, teve a vida marcada,
desde o início, pelo ferrêdo do de-
sespêro e da desgraça.

Não lhe engalanaram o berço.
títulos nobiliárquicos nem bra-
zões heráldicos, mas, deu-lhe a
natureza, no entanto, uma inteli-
gência invulgar, um talento apri-
morado, do qual se envaldecia e
se orgulhava.

Natural de São Paulo, onde nas-
ceu aos 10 de dezembro de 1872,
aí fez seus primeiros estudos de
humanidades.

Triste e erradío, fugia sempre
às manifestações ruidosas e espe-
taculares. De uma timidez exa-
gerada, procurava esconder, com
recato e pudor, suas privações e
suas maguas, afirmando mesmo,
nuns versos que escreveu: —
“para quem sofre a própria com-
paixão é uma ironia.”

Já rapaz, por motivos íntimos,
ressentimentos, talvez, da sua al-
ma super sensível, partiu para a
capital do Estado assentando pra-
ça na Força Pública de S. Paulo.

Docil de genio e de um pudor
sem limites, galgou, rapidamente,
pelo estudo e pelo comportamen-
to, os postos do oficialato e aos
23 anos de idade já era capitão.

Não tardou, porém, a abando-
nar a carreira das armas para
seguir a jurídica, recebendo, de-
pois do curso regular da Facul-
dade de Direito, o gráu de ba-
charel.

Nesse tempo já havia publica-
do dois poemas: “A Derrubada”
(1896) e “Cisne Encantado”
(1902), recebidos com entusias-
mo por uns e com certa reserva,
por outros.

Nomeado promotor publico
pouco tempo exerceu o cargo por-
que tentava-o, de um modo fri-
sante, o jornalismo, e o poeta co-
meçou a colaborar em varios jor-
nais e revistas da Paulicéia, aca-
bando por fundar, com Francis-
co de Castro Junior, a “Revista
Azul” que, infelizmente, passou
pela arena jornalística como uma
estrela cadente.

Em 1906 lançou Cepêlos um
outro poema: — “Os Bandeiran-
tes” — prefaciado por Olavo Bi-
lac, que é uma verdadeira epo-
péia do povo paulista e do qual
faz parte este soneto quente e
apaixonado:

BATISTA CEPELOS

- o amante da Morte

Carlos Maranhão



TERRA NATAL

Ah! terra maternal das florestas vigosas!
Bem mereces o amor daqueles que alimentas,
Tu, que os braços abrindo, enfeitada de rosas,
Exibes o vigor das pômas opulentas!

Aos afagos do sol, em teu seio apresentas
Tesouros minerais e frutas deleitosas!
Aqui em baixo retumba um som de águas violentas,
Lá em cima, um cafezal mostra as filas airosas...

Terra moça e louçã, morena dos palmares,
Embalada ao langôr de uma rêde macia
E ostentando à cabeça um tôpe de cocâres!

Amar-te como patria é uma prova ainda pouca,
Porque é como mulher que eu te desejaria
Apertar junto ao peito e beijar bem na bôca!

Tornando-se um jornalista de projeção e de mérito reuniu suas crônicas num volume a que deu o nome de "Os corvos" (1907), e, numa febre de trabalho intenso entregava ao público; no ano seguinte, o livro de versos "Valda-

des", incontestavelmente o seu melhor trabalho poético, escrito talvez, (quem sabe?) sob a influência da tortura que lhe invadira a alma e de onde extraímos este belo e comovente soneto:

A UM CÉTICO

Homem, meu caro irmão, na robustez da vida,
Na flor das ilusões, na glória do talento,
Erguendo para o céu a cabeça atrevida,
Podes cobrir de apôdo a luz do firmamento.

A' deusa da Razão, na ciência concebida,
Podes sacrificar o Deus do sofrimento,
Que, do alto de uma cruz, a cabeça pendida,
Exala, tristemente, o derradeiro alento.

Mas, um dia virá — melancólico outono —
Em que, no coração, vazio de carinhos,
Já velho, sentirás o frio do abandono!

Então, volvendo o olhar, que o desespero encerra,
Achará nesse Deus, coroado de espinhos,
A única salvação dos que sofrem na terra!

Em 1910 publicou o seu único romance — "O vil metal"; mais tarde escreveu o poema dramático, em 3 atos, "Maria Madalena", levado à cena algumas vezes e deixou inédito um livro de contos intitulado "Sensações da Vida".

A angustia do poeta data, propriamente, de 20 de janeiro de 1906, quando um drama violento envenenou-lhe a vida e abalou,

fortemente, o sentimento do povo paulistano.

Batista Cepêlos, embora pobre e humilde, ingressara, pelo seu elevado espírito e talento, nos meios intelectuais, tornando-se um nome respeitado entre os seus conterrâneos. E foi, precisamente, essa aureola de prestígio literário a causa de sua desgraça: tomado de amores por uma jo-

vem da elite, de cujo pai era amigo, dela se fez noivo. Pouco durou, porém, esse prenúncio de felicidade. A desgraça lhe seguiu os passos, rondava-o a todo instante para feri-lo de morte, no momento propício, aniquilando-o para o resto de seus dias, anulando-lhe os ideais e "cadaverizando-lhe a vida lentamente".

E tanto foi assim que, certo dia, estremeceu-se, petrificado de horror, ao saber que o pai de sua noiva, aquele chefe de família austero, aquele homem de princípios rígidos, matara a própria filha, suicidando-se em seguida!

Foi como se houvesse rolado sobre a sua cabeça todo o peso dos flagelos humanos ou despendado do infinito todos os mundos, abalados pela ira dos deuses!

Esse crime, essa tragédia violenta causou como que um aturdimento na sociedade bandeirante, deixando-a perplexa pela sua brutalidade e pela incompreensão da loucura. Teceram-se várias versões em torno do monstruoso crime. Hipóteses cruentas fervilharam, procurando explicar o caso e pairaram no ar, por longo tempo, comentários irreverentes e conceitos indignos, chafurdando na lama a honra alheia. Entre-



Batista Cepêlos

EM SUA CASA NÃO DEVE FALTAR!

NA sua pequena farmácia de emergência não deve faltar **LYSOFORM**. Tem inúmeras aplicações no lar: poderoso antisséptico, germicida e desodorizante, é principalmente indicado na higiene íntima das senhoras, pelas suas propriedades não tóxicas, nem irritantes. De cheiro agradabilíssimo, torna os banhos verdadeiras delícias.

LYSOFORM

ANTISSÉPTICO E DESODORIZANTE

LABORATÓRIOS LYSOFORM S.A. — São Paulo: Rua Taquarí, 1338 * Rio de Janeiro: Rua Lavradio, 70-A



PANAM — Casa de Amigos

tanto a causa desse tremendo drama permaneceu sempre envolto num impenetrável mistério...

Desde então, profundamente abalado e com o cérebro ardendo no crepitar de uma fogueira dantesca, Batista Cepêlos fugiu, alucinadamente, para o Rio de Janeiro, perseguido pelo quadro tenebroso daquela tragédia inexplicável que se lhe arraigara na mente abatida e sofredora e lhe tornava a vida intolerável, transformada num pavoroso e torturante inferno!

E o poeta rolou, de degráu em degráu, pelos despenhadeiros da miséria, sem ânimo e sem força para encarar a luta gigantesca.

Evitou o convívio dos amigos e conhecidos, e bebendo e notivagando, errava pelos pontos afastados da cidade, para ocultar sua miséria e sua dor cruciante. Como um verdadeiro amante da Morte, que era, tentára, certa vez, unir-se, para sempre, à sua ma-

cabra apaixonada, pondo termo à existência, mas, os amigos não o desampararam e, procurando socorrê-lo às escondidas, para não ferir, não melindrar aquela alma sensível e martirizada, evitaram o fracasso.

Foi, certamente, numa dessas peregrinações tormentosas pelos bars e recantos desertos da cidade que seu cérebro escaldante imaginou e escreveu estes versos candentes, vibrantes, chelos de angústia e de revolta:

O BEBEDO

Derradeiro degráu do aviltamento,
Bebedo! Sem razão, não sem agulha,
No pavoroso caos do pensamento
Não te lampeja a mínima fagulha!

Bebe mais! Bebe mais! E como um porco,
A grunhir, babujento como um sapo,
Irás rolando até cair de borco
E jazer insensível como um trapo!

Envolve-te uma noite érrma e comprida
E o vício é como um rei que te avassala...
Ah! melhor fôra desertar da vida
Pelo furo sangrento de uma bala!

Como que a chapinhar sobre um tejuco,
Bambamente, a desordem nos cabelos,
Lá vai, circunvagando o olhar maluco,
Perseguido de estranhos pesadelos...

Queres beber ainda, encher o abismo!
Voltas à tasca e afundas na demencia,
Erguendo o copo num jovial cinismo,
Para abafar os surtos da consciência!

Homem assim, não és: simples miragem,
Sombra falaz, cuja aparência engana,
Que o homem forte nunca tem coragem
Contra os ditames da razão humana!

Mas, enfim, ninguém sabe o que procuras
Na bebida, bebendo desse jeito...
Ah! ninguém sabe quantas amarguras
Te fazem doer o coração no peito!

Tua linda mulher, sem nenhum pejo,
Renega o teu amor; e, cega e louca,
Leva a boca, ainda quente do teu beijo
Ao beijo criminoso de outra boca!

Trabalhas, mas, em vão: é teu destino
Ver a miséria, como um cão à porta...
E um dia, ao longo soluçar de um sino,
Fitas o berço da filhinha morta...

Desespero cruel! Mordes o punho,
Blasfemas como um doido e cáis em prece
Enquanto lá por fóra o sol de junho
Incomparavelmente resplandece!

Como um leão mal ferido, vais de rôjo
Pedir consôlo a um afeto antigo,
Mas, verificas, com tristeza e nojo,
Que já não tens um derradeiro amigo!

Mandas ao céu distante a tua queixa,
O teu profundo, doloroso grito;
Porém o céu ao teu clamor se fecha,
Qual uma dura porta de granito!

Então para esquecer a vida amarga,
Entras a uma taverna, sem receio,
E lutando com a dor que te não larga,
Ergues, como um punhal, o copo cheio!

Fazes bem. Se, roubado de carinho,
Não há consolo que à tua alma desça,
Mistura as tuas lágrimas ao vinho
E enche de vinho essa infeliz cabeça!...

Sem coragem para nada, como, um condenado, um vencido sem rumo e sem destino, um farrapo humano, acudindo ao chamado irresistível da Morte, sua aterrorizadora amante, na noite de 8 de maio de 1915 despenhou-se pelas anfratuosidades de um despenhadeiro, vindo espatifar-se no sopé da montanha.

Assim, de um modo violento e chocante acabou os seus dias uma das celebrações poéticas mais robustas de S. Paulo e, talvez, do Brasil.

Casando-se com a Morte, o torturado Cepêlos pôs, na sua tempestuosa existência, um ponto final dolorosíssimo e trágico.

POETAS E PROSADORES CONCLUSÃO

dias e, diariamente, fazia ligação telefônica para o Rio e chamava um a um os seus filhos para conversá-los e brincar com eles.

O seu estilo reflete-lhe as qualidades morais: — é simples, sem artifício, e claro como a água corrente. É mesmo parecido com a água corrente das matas, a qual, sem barulho mas limpidamente vai correndo com poesia. Ao lê-lo, a gente se deixa prender pela sua palavra e, ao cabo, não sabe quais as razões do seu encanto. Mas o certo é que se vai até ao fim da obra, agradavelmente. Há um tom diferente, há uma poesia diferente em sua maneira de escrever.

Astolfo Serra é poeta, orador, monografista, historiador. Vai publicar breve uma obra sobre o movimento conhecido em nossa história pela denominação de Balaiada. Os originais já estão no prelo. Jorge Azevedo leu o livro e acha-o notável. Deve ser de fato. Este escritor é honesto moral e mentalmente. Ele não mente, não é falso na palavra e escreve como fala.

O dom natural é o seu modo, e isto, afinal de contas, é o que mais prende nos prosadores.

Membro da Academia de Letras do Maranhão, político em sua terra, é lá estimado e admirado pelos homens de bem e de bom gosto. Fazemos-lhe nesta coluna, um pouco de justiça, ao chamar a atenção dos mineiros para uma criatura boa e ilustre, que esconde a bondade e a ilustração na simplicidade da vida cristã.

*

UM HOMEM DECIDIDO

Um homem sem meas medidas nem panos quentes foi Apolonides, governador de Argos, nomeado para esse cargo no ano 215 antes de Cristo.

Em uma expedição que fez pela Arádia apoderou-se de Stinfale, mas, informado de que em Argos tramavam uma conspiração contra ele, regressou à cidade, reuniu numerosos partidários incondicionais e ordenou-lhes que incendiassem o Senado, onde se encontravam reunidos quinhentos de seus adversários, os quais morreram queimados.

AMORES HISTÓRICOS

ROMANCE de amor original, o de George Sand e Alfred de Musset! Defina o temperamento da romancista francesa este expressivo trecho de carta dirigida a Saint-Beuve: "Depois de 'refletir', resolvo não querer que me traga Musset. É muito 'dandy', não gostaremos um do outro à primeira vista e eu teria mais curiosidade que interesse em vê-lo. Creio ser imprudente satisfazer tôdas as curiosidades, melhor obedecer às simpatias. Em vez de Musset, rogo-lhe me apresente a Dumas, na arte do qual encontro alma, abstração feita talento".

Não se uniu, entretanto, a Dumas, nem Jufroy, a quem aceitou receber da mão de Saint-Beuve, mas emredou-se numa aventura sentimental com Merimée, que a não pôde compreender.

Conheceu, enfim, numa tarde lírica, a convite de Buloz, o suave Musset, que a encantou. Falaram sobre o romance "Indiana", cuja leitura foi amável pretexto para Musset escrever-lhe em julho de 1833, mandando-lhe versos de "Rolla" e rogando: "este capricho não o compartilhe com ninguém". Recebe de George Sand as provas de "Lélia".

Passavam juntos e Sand demonstra desejo de subir às torres de Notre Dame. Musset, galante, responde: "Se tem realmente idéia de subir às torres de Notre Dame, será a senhora a melhor mulher do mundo permitindo-me que a acompanhe".

Nesse mesmo mês, George Sand foi visitar o poeta em sua própria casa. Musset retribuiu-lhe a visita e começou a frequentar assiduamente a sua casa, no caos Malaquais. Era um interior modesto, que a presença de Gustave Planche e Boncoiran, antigo camarada dela, não devia alegrar muito. Musset levou-lhe a ardência de seu verbo jovem, do seu espírito romântico e, também, o amor que já o enleava. Não se declarou, mas escreveu-lhe: "... a senhora me conhece bem para ter a certeza de que jamais a frase ridícula 'quer ou não?' sairá dos meus lábios, tratando-se de nós dois. Entre a senhora e eu existe, a respeito deste particular, grande abismo. A senhora não me pode dar mais que um amor moral, e eu não posso entregá-lo a ninguém, mas posso ser, se a senhora me julga digno disso, não seu amigo — isso ainda é demasiado moral para mim — mas uma espécie de companheiro sem consequências e sem direitos, sem ciúmes e exaltações, capaz de filosofar com a senhora sobre os castanheiros da Europa. Se me admite a título de tal, quando não tenha nada que fazer pode dispor deste que, gostosamente, a acompanhará e para quem, no futuro, George Sand não será mais que um 'homem' de gênio".

A amizade sem consequências, não se prolongou muito. Numa carta Musset escreveu-lhe: "Querido George. Vou dizer-lhe uma coisa ridícula e boba. Escrevo-a, toalmente, em vez de lhe haver dito durante o nosso passeio de hoje. Esta noite vou passá-la desolado. Vai rir-se, por certo, tomando-me por vulgar fazedor de frases. Mas, na realidade, estou enamorado da senhora desde o primeiro dia em que a vi. Julguei que me curaria, considerando-a como simples amigo. O seu caráter entesoura qualidades que me poderiam curar. Fiz quanto pude para a persuadir mas pago muito caro os momentos que passei em sua companhia. Prefiro dizer-lho, e faço bem, porque sofrerei menos para me curar, se a senhora me fechar a porta".

Não lha fechou. Tampouco lha abriu imediatamente. Musset retornou: "Quisera que me conhecesse melhor, sentisse não haver na minha conduta para com a senhora má intenção nem orgulho afetado, e que a senhora não me faz maior nem menor do que sou. Tenho me entregue, sem refletir, ao prazer de a ver e amar. Amo-a, senhora, não quando a tenho perto, mas daqui, desta minha morada, onde me encontro só. Daqui lhe digo o que jamais disse a ninguém. Há de se lembrar que me disse ter-lhe perguntado alguém se eu era Otávio ou Célio e que a senhora respondeu: creio que é os dois. A minha loucura, George, consistiu em não mostrar-lhe mais que um..."

Numa doce manhã de julho, George Sand escreveu longa e linda carta, aceitando o amor dum poeta imortal...



GEORGE SAND

SER... NÃO SER...

Eu deixo aqui meu derradeiro adeus.
Minh'alma não se engana.
São horas de levar às mãos de Deus
sua miséria humana.

Crelo inda mesmo na finalidade
do que parece vão.
Cada inquietude nova me persuade
da perfeição como da imperfeição.

Fechada a última réstea do destino,
nesta vida presente,
que será do meu ser tão pequenino
que nem pode exprimir a dor que sente?

Ninguém sabe ao que veio nesta vida.
Um dia, bem ou mal,
nascemos de uma dor incompreendida
para morrermos de uma dor igual...

A. J. PEREIRA DA SILVA

Fragmentos da Poesia Nacional



LENDO BILAC

Eu não me entendo. Sofro, como o
[oceano,

A minha dor contraditoriamente:
Ora rugindo, num furor vesano,
Ora queixoso, murmuro, dormente...

Tenho, às vezes, a fúria da serpente,
Os crótales tinindo ao sol insano;
E ora me banho em preces, como um
[crente,
Ora como Tolstoi, sou nobre, humano.

E, assim, vou demandando cordilheiras,
Buscando a luz, as plagas altaneiras
Em que a verdade, límpida, ressoa,

Para, depois, baixar, vencido, à lama,
Como um réptil, que todo o mundo
[infama,
Como um simples, que esquece e que
[perdoa.

BAHIA DE VASCONCELOS

A VIDA NÃO É BOA, NEM É MÁ...

A Vida não é boa, nem é má...
Se às vezes nos tortura com Tristeza,
Alegria também ela nos dá...

A Vida não é feia nem bonita...
É Mulher: atraente, original,
Insólita, volúvel, esquisita...

Não é curta, nem longa — eis a verdade.
— Pois se há sábios somente na velhice
mórrem. poetas em plena mocidade...

Ela é rica em contraste e sutileza:
— Homens há que se abaixam na Ale-
[gria...
E há poetas que se elevam na Tris-
[teza...

LUÍS OTÁVIO



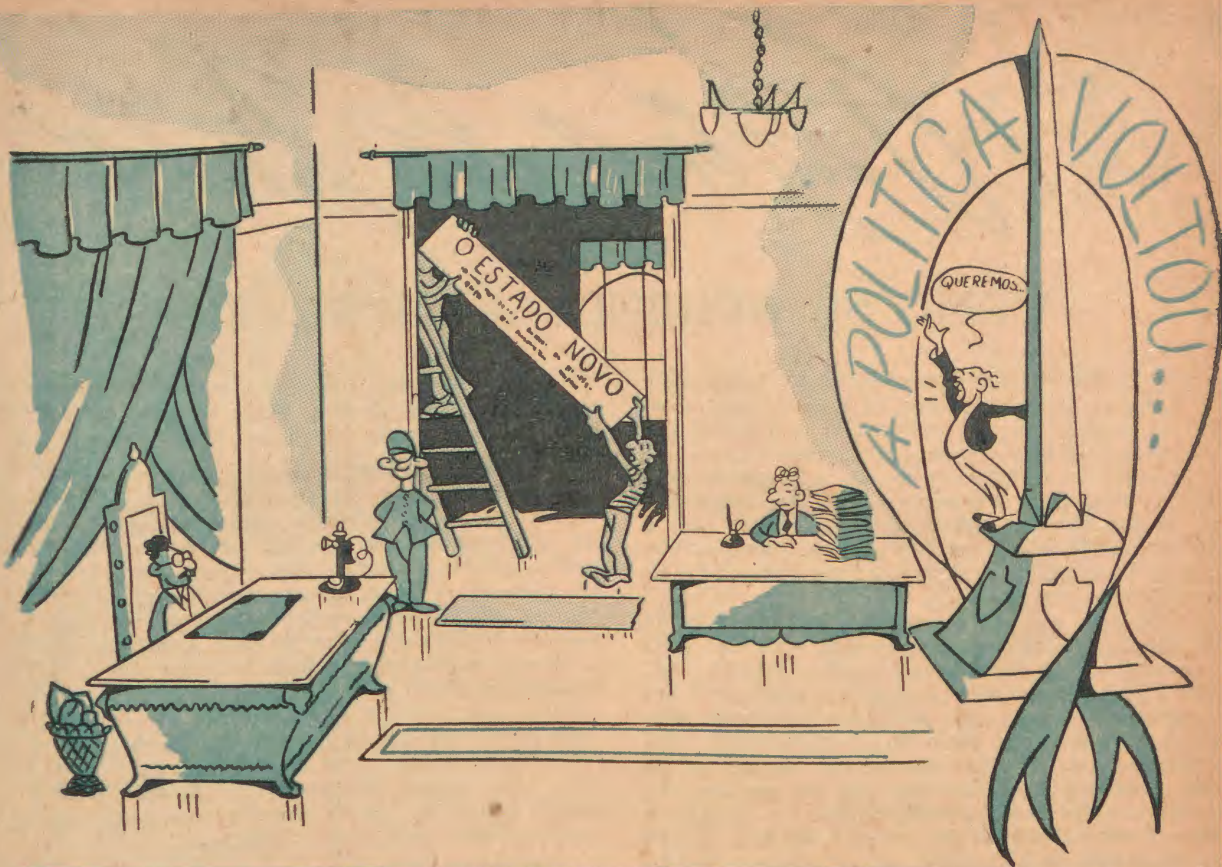
Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

À VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

PAISAGENS LOCAIS





O CANDIDATO: "COMO VAI ESSA BIZARRIA
AMIGO VELHO!"

Fábio-





COMO SE APRENDE A ESCREVER

QUALQUER vocação para que nasce o homem delineia-se logo nos primeiros anos da adolescência, às vezes mesmo na infância. E se o jovem não tem para guiá-lo um mestre inteligente, é certo que o principiante se debaterá na angústia das incertezas, na aflição das dúvidas e dos tateios, descontente consigo mesmo, torto verdadeiramente com a ignorância de não saber conduzir-se. Esta perplexidade é o fator quase sempre de um desânimo muito difícil de remover-se.

Em tudo na vida, um bom começo é o segredo de triunfos posteriores, acontecendo ainda que evita muito esforço inútil, poupa muito trabalho vão. Mas o pior é que nem todo moço tem junto de si um conselheiro avisado, um professor criterioso para orientá-lo. Ele tem então que ser autodidata, devendo recorrer às obras que tratam da matéria de sua preferência. E estas, por mal dos pecados, são algumas vezes raras, principalmente em relação à técnica de escrever sobre qualquer assunto. Regra geral, começa-se a escrever, escrevendo-se à matroca, sem regras, sem esquema, sem nenhuma norma preestabelecida.

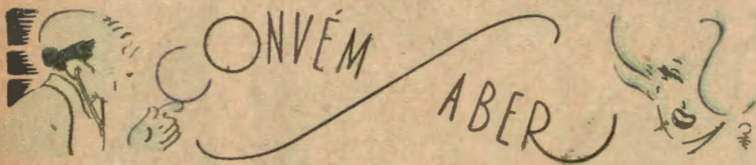
Entre os livros que versam este assunto com critério prático, destaca-se o de Paulo Jagot — "A Educação do estilo", que deve ser lido por todo jovem seduzido pelo amor das letras. O autor dá conselhos úteis, quase todos de ordem positiva e que estimulam e valorizam os dons do principiante. Incute-lhe, além do mais, desenvoltura e confiança no ato de escrever.

Vamos divulgar aqui, para uso dos pequenos escritores novatos, algumas notas, necessárias à exploração de qualquer tema por escrito.

Para começar, diz o escritor, é preciso pensar que o trabalho a ser feito não está acima de nossas forças. Depois, é conveniente dividir o assunto em um certo número de seções. Apanhamos, em seguida, algumas pequenas folhas de papel destacadas, em formato de ficha. Cada idéia ou cada observação que nos saltar o espírito durante o estudo do assunto deverá ser fixada em uma daquelas folhas de papel, tendo-se o cuidado de pôr uma idéia só em cada folha. Inscreva-se no alto de cada folha o seu número, isto é, o número da seção a que pertença. Quando tivermos fixado todas as observações, nós as classificaremos por seção, segundo o número delas. Para cada seção, faremos uma ordenação igual à primeira. Assim, as observações tomadas ficarão na sua ordem natural de exposição.

No ato de escrever, teremos somente que seguir a ordem das idéias tomadas de seção em seção. Escreveremos de um só jato, para depois, então, sob uma leitura atenta, verificarmos os erros possíveis cometidos.

Este processo não só facilita o ato de escrever como o torna agradável e fácil. E transmite sobretudo unidade, lógica e clareza a tudo o que se escreve, seja conto, crônica, ou ensaio, seja o que for.



A criança pesa, um mês depois do seu nascimento, quatro quilos e cem gramas.

*

Para que as crianças não percam o apetite é necessário dar-lhes as refeições em horas certas, suprimindo-lhes as balas e outras guloseimas, que, além de não alimentarem, tiram o apetite.

*

Cuide dos dentes de seu filho desde o aparecimento do pri-

meiro. Escove-o diariamente depois das refeições e, quando aparecer cáries ou manchas, procure logo um bom dentista. A primeira dentição influe, consideravelmente, sobre a segunda.

*

Dê, diariamente, ao seu filho, alguns copos de suco de limão, laranja, abacaxi, cenoura e tomate, porque contém grande quantidade de vitaminas,

ajudando, desta forma, o seu desenvolvimento.

*

O quarto do bebê deve ser espaçoso, claro e arejado. Nada de tapetes, cortinas e repositórios, que só servem como repositórios de poeira.

*

A mãe deve ensinar o filho, desde os quatro meses, a usar o vaso para as suas necessidades. Isso, além do assêio, tem a vantagem do hábito da disciplina que a criança insensivelmente vai adquirindo.

nhora pela criada! Deixar todo o dinheiro que herdará da senhorita Millicent!

— Eu amo sua filha, senhor Chumbley — falou Hank com dignidade. E não me casarei com nenhuma outra mulher. Nunca olharei para outra em minha vida, se não me casar com ela — asseguro-lhe.

Chumbley, visivelmente, emocionado, enxugou suas mãos no avental que tinha perto.

— Bem... Volte em outubro, jovem. Então terá pensado muito, e Liz terá completado dezessete anos. Casei-me com a sua mãe, quando tinha exatamente esta idade. Se minha filha o deseja, não farei objeção alguma.

— Parto esta mesma manhã — respondeu Hank. Poderei despedir-me de Liz?

Chumbley não se opôs.

Hank encontrou a jovem na cozinha, trazendo um avental, com as mangas arregaçadas até os cotovêlos. Liz estava fazendo uma lindíssima sobremesa. O rapaz tomou-a nos braços e beijou-a.

— Voltarás em outubro? — perguntou ela, emocionada. Então, o castelo estará vazio. O aluguel de Mr. Grogan termina em setembro. Estaremos tranquilos.

— Em outubro aqui estarei, minha amada, — falou Hank. Em seguida, voltou ao seu quarto, deixou uma moeda sobre a mesa da luz, junto com uma nota de agradecimento à senhora Grogan, e partiu, a tempo de tomar o trem da noite.

Na manhã seguinte encaminhou-se para o escritório, onde Virginia trabalhava, mas não encontrou a moça. Decidiu esperá-la, sentando-se e pondo-se a folhear um velho periódico ilustrado. De repente deu um pulo do assento. No periódico estava estampada a fotografia do castelo Malever. A epigrafe rezava: "Este é um dos poucos castelos normandos autênticos". E, mais adiante, uma nota acrescentava: "O atual barão Malever é viúvo, como muitos outros possuidores de terra, tem experimentado grandes dificuldades financeiras, devido aos pesados impostos que deve pagar sua enorme propriedade. Atualmente vive só, em companhia de sua filha Izabel Sabrina".

— Se houvesse tido um pouco de perspicácia teria descoberto! — exclamou Hank batendo na testa. — E não pôde deixar de sentir um crescente afeto e legítimo orgulho por seu futuro sogro, o qual, agora podia ver com clareza, havia-se arrendado junto com o castelo, na qualidade de mordomo, para poder, ocasionalmente, provar um traguinho da sua própria adega.

A chegada de Virginia tirou Hank daquêle transe:

— O lá, que tal foi? — perguntou-lhe. Era cômodo o castelo?

— Bastante cômodo — respondeu plácidamente o jovem.

— E o fantasma? Encontrou-o?

Hank, voltando-se para contemplá-la com os olhos cheio de entusiasmo respondeu:

— Sim, encontrei o fantasma mais doce e angelical do mundo! E no próximo mês casar-me-ei com êle!



A mulher elegante revela arte na escolha de sua lingerie. Prefira somente a lingerie Valisère, tecido indesmalhável e corte individual rigoroso.

LINGERIE

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM — Casa de Amigos



O TALCO ROSS, possui a maciez ideal, que só existe no que é imensamente fino e infinitamente puro. O TALCO ROSS é o predileto da mamãe para si e o seu bebê, porque proporciona uma inefável sensação de frescor e bem-estar.

Talco ROSS

BORATADO - ANTISSEPTICO - CONFORTANTE

*

CARTAS DOS ESTADOS UNIDOS

Conclusão

nos estão fazendo nas frentes militares de todos os continentes e mares do globo, e dezenas de milhões estão fazendo aqui, na frente civil, como estou vendo todos os dias.

Como foi que se formou aqui, em quatro séculos e meio, essa ideologia humanitária, cosmopolita, internacional? — êsse ambiente de idealismo, de justiça, honestidade e retitude moral? — essa compreensão sensata e única verdadeira dos dois problemas máximos que atormentam os governos de todos os países do mundo: o *capitalismo* e o *comunismo*? É sabido que o capitalismo extremo advoga a tese da *posse individual com função individual*, ao passo que o comunismo extremo defende a doutrina da *posse social com função social*. Praticamente, nem esta nem aquela teoria é exequível sem lançar a humanidade num caos. A única atitude sensata é a da *posse individual com função social*. O indivíduo tem o direito de possuir o que legitimamente adquiriu (primeiro ponto do capitalismo) — mas tem de dar à sua propriedade ao menos em boa parte, uma função social (segundo ponto do comunismo). Eliminando, assim, dois erros, um do capitalismo e outro do comunismo, e conservando as duas grandes ver-

dades que cada um dêles professa, obtemos a maravilhosa síntese da *função social da propriedade individual* — única tese sensata e sustentável em face da lógica, da ética e do bom senso, e única também para garantir uma sólida e durável harmonia internacional.

Os Estados Unidos estão realizando praticamente essa tese, fazendo reverter em benefício material e espiritual da humanidade grande parte dos bens de fortuna com que são favorecidos. Tão espirituais são êsses “materialistas”...

E esta tese é, em última análise, uma tese genuinamente cristã. O cristianismo está no meio dos dois extremos, equidistante do capitalismo e do comunismo — o Socialismo Cristão. Os melhores elementos do povo americano, os elementos líderes da nação, se imbuíram, através dos séculos, do espírito do Evangelho de Cristo, pois aqui o conhecimento do Evangelho de Cristo é uma realidade nacional e forma o substrato espiritual da atividade particular e pública. As sessões do Congresso são abertas invariavelmente com uma prece ou leitura de um tópico dos livros sagrados. O juramento é feito sobre a Bíblia ou o Evangelho. Os homens cultos daqui, tão bem como o simples operário, vão à igreja do seu credo, sem hostilizar outros credos, e não conhecem a estranha ideologia de que religião seja apenas algo para mulheres e crianças, frades e freiras. Para o homem pensante daqui, religião é algo acima de qualquer igreja ou credo particular; é o elemento divino, eterno, infinito dentro desta vida finita. Deus fala ao homem por meio da voz da consciência. A missão das igrejas é a de ajudar o homem a desenvolver dentro de si a consciência da Divindade e do seu dever para com ela.

Só uma compenetração profunda e íntima do espírito do Evangelho de Cristo é que pode criar na mentalidade nacional de um povo essa compreensão panorâmica da sociedade humana e êsse espírito de fraternidade e cooperação internacional. O que Abraham Lincoln disse depois da definitiva unificação deste país; o que Wendell Wilkie escreveu em seu livro “One World” (Um mundo só); o que Franklin Delano Roosevelt frisou tantas vezes nas suas mensagens; o que o atual Presidente Harry Truman disse ainda há pouco na sua tomada de posse do governo, pode sintetizar-se nas seguintes palavras: a verdadeira harmonia e fraternidade entre os povos só é possível pela formação de uma consciência internacional; mas essa consciência não se pode construir senão baseada nos supremos princípios do Evangelho de Cristo.

Nova Iorque, maio de 1945.

Winterlândia Poética

TU

és para mim um anjo de ternura
que o céu, sem que eu mereça, me tem dado;
és a jóia mais cara que a ventura
pôde ofertar-me num momento azado.

és a causa de toda esta alegria
que mora na minha alma incompreendida;
és o raio de sol que o céu envia
a iluminar-me a estrada desta vida.

és o tema de tudo quanto escrevo,
minha gloriosa e eterna inspiração:
és minha vida, és meu maior enlevo,
maravilha que versos não dirão!

O teu amor é o céu de minha vida,
eu sinto que a minha alma te bendiz!
és tudo que, sorrindo, agradecida,
recebi do Senhor pra ser feliz!...

ALBERTINO
CASTRO BORGES

VALDINICE

Faz anos, hoje, a minha Valdinice!
E eu lhe dei um belíssimo presente:
— Uma grande boneca sorridente,
Cheia de graça e cheia de meiguice.

Ei-la com ela. Quem assim a visse
Como eu, diria, logo, certamente:
— E' um mimoso casal!... é um par contente
De anjos que lá do céu azul fugisse.

Vendo-a assim tão feliz aos céus imploro:
— Senhor, sendo a virtude o seu tesouro,
Que ela não saiba nunca, como eu sei,

Que nesta vida de ilusões tecida
As venturas que temos tem a vida
Da boneca de louça que eu lhe dei.

LAUDIONOR
A. BRASIL

FRATERNIDADE

Eu sinto, dentro em mim, uma louca vontade
De ser irmão, irmão do sol, da natureza,
(Portanto irmão da luz, amigo da beleza),
Gêmeos da pequenez, igual à imensidade!

Com o rico ou o pobre eu sentarei à mesa
Pois são todos iguais. Essa fraternidade
Que existe no meu ser, a noção de igualdade,
Faz-me amante do mar, do verme e da grandeza.

Esse amor fraternal que em toda parte existe
Faz o cipó da mata ao tronco se abraçar,
Une à tarde radiosa o crepúsculo triste...

Faz o Amigo Maior, o Supremo Juiz,
A todos conceder a ventura de amar
E o direito de ser desgraçado ou feliz...

VALDIR
RIBEIRO
DO VAL

Esta seção destina-se à publicação de poemas dos poetas novos. Com isto, ALTEROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Toda produção que, a nosso critério, for boa, terá acolhida nesta página.

PINGOS DE HISTÓRIA



DISTINÇÃO

Quando ministro das Relações Exteriores da França, procurava certo dia o conde de Varennes convencer o embaixador inglês de alguma coisa para este impossível. Afinal, como último argumento:

— Podeis acreditar, senhor. Agora não vos falo como diplomata, mas unicamente na qualidade de cavalheiro.

ORGULHO

A mãe de Francisco I, Luiza de Saboia, percebendo, da janela do seu quarto, poucos dias antes de morrer, um cometa, disse, olhos rasos de pranto, às princezinhas suas netas:

— Pouco durarei, minhas filhas. Prenúncios tais não falam. Deus só se digna fazer aparecer desses astros por causa de nós, os grandes.

MAU NEGÓCIO

Ao marechal de Biron, que se propunha a pagar-lhe tanto dinheiro quanto quisesse, sob a condição de não roubá-lo mais em suas contas, responde ingenuamente o mordomo:

— Mas... por esse preço eu sairia perdendo, monsenhor!

PEQUENOS PRESENTES

Querendo alguém persuadir a Montesquieu duma coisa difícil de acreditar, terminou desta forma:

— Pois, se isto não fôr exato, dou-vos a minha cabeça!

— E eu aceito-a; — tornou o filósofo — nada como os pequenos presentes para entreter as grandes amizades.

O DENTE DE VOLTAIRE

Várias reduções feitas pelo abade de Terray, quando mi-

nistro, ao tributo dos rendeiros, afetaram muito as rendas de Voltaire que, por isso, passou a detestá-lo ferozmente. Certa feita, madame de Paulze, neta do ministro e dona dumas terras vizinhas de Ferney, fez anunciar sua visita ao filósofo. E ele, feroz:

— Meu estado de miséria impede-me receber a senhora de Paulze. Dizei-lhe que só me resta um dente, e este eu o guardo contra seu avô.

MUITO PIOR !

Procurando consolá-lo em suas provações, disse um amigo ao cético Dufresnoy:

— Afinal, meu caro, pobreza não é vício.

— Ah! não! — responde ele, com vivacidade — E' muito pior!

HUMILDADE

Traço marcante da piedade de madame Palatine de Bavierra, abadesa de Maubuisson, é a seguinte resposta que ela deu quando outra abadesa de humilde nascimento, desejosa de conhecê-la, mandou perguntar-lhe se lhe seria permitido esse direito:

— Depois que sou abadesa, só sei distinguir o direito do esquerdo quando faço o sinal da cruz.

ZOMBARIA

Para zombar de certo fidalgo da província, que a cada instante se referia ao "senhor meu pai", ou à "senhora minha mãe", o príncipe de Condé, interrompendo-o numa dessas ocasiões, fez vir à sua presença um laçãio, a quem ordenou, irônico:

— Senhor meu criado, ide dizer ao senhor meu cocheiro para atrelar os senhores meus cavalos na senhora minha caruagem...

BOATO FALSO

Recordava-se diante de Martainville a famosa máxima: — "quem dívidas paga em dia, enriquece de alegria".

— Bah! — responde o boêmio — Isso não passa de ridículo boato espalhado pelos credores em seu próprio proveito...

PERFÍDIA

A um péssimo poeta que lhe apresentava um epitáfio feito para Molière, sabendo-o desafeto do príncipe, respondeu este, num suspiro, depois de lido o epigrama:

— E contudo, antes fôsse Molière que me estivesse, de verdade, apresentando o teu epitáfio...

GALANTERIA

Num jantar em casa do duque de Richmond, o frívolo senhor de la Boine, embaixador na Inglaterra, ao afirmar que esta, do tamanho da Guiana, não passava de um pequeno país, foi contestado pelo barão de Montesquieu. Sabedora do caso, a rainha dirigiu-se ao escritor:

— Agradeço-lhe sua defesa contra uma assertiva do senhor de la Boine, embora reconheça a desvalia da Inglaterra, país pequeno...

— Perdão, minha senhora! — atalhou Montesquieu. — Um país que tem a honra de ser governado por V. Magestade, não pode ser pequeno.

REI SEM CORÔA

Quando se lavrava a escritura matrimonial de sua filha, Zamet, famoso argentário do século XVIII, assim respondeu ao notário que lhe pedia a enumeração de seus títulos, para consignar no instrumento:

— Escreva apenas: "soberano de dois milhões de escudos, ouro".

INUTILIDADE

Acusado de haver tentado uma conspiração para raptar o rei Jorge III, transportando-o em seguida a Filadélfia, eis como se defendeu, perante os juizes, um banqueiro de espírito:

— Eu sei muito bem o que pode um rei fazer de um banqueiro, mas ignoro por completo o que um banqueiro possa fazer de um rei...

BOATO

Dizia alguém a Ninon de Lenclos, conhecida pela agudeza de sua inteligência e prontidão de respostas:

— Ora! Hoje em dia o que não falta é gente de espírito; anda solta em cada rua e em cada esquina...

— Nada, senhor! — interrompe Ninon — Isto é boato dos tolos!

HARMONIA

Estando para morrer o célebre compositor Rameau, foi chamado um padre para ministrar-lhe os últimos sacramentos. Quando este terminou, numa voz muito desafinada, de cantar a prece dos moribundos, o músico olhou-o, pesaroso, e falou, cerrando os olhos para sempre:

— Sua voz é muito sem harmonia, padre...

SABEDORIA

Resposta de Fontenelle a alguém que perguntava seu segredo de fazer tantos amigos e nem um só inimigo:

— E' simples. Emprego sempre dois axiomas: tudo é possível, e todo mundo tem razão.

*

"ATLANTIDA"

Recebemos o primeiro número dessa revista, publicada por funcionários da R.M.V., e relativa ao mês de maio último.

Agradecemos.



NÓS TAMBÉM USAMOS ATLAS

Os dentes devem ser tratados desde a infância, para que se conservem. O Creme Dental Atlas tem alto poder bactericida por ser o único que contém Sulfanilamida.

LABORATÓRIOS ATLAS

AOS FAZENDEIROS CULTOS E INTELIGENTES

Veja bem essa vaquinha
Fela, doente, magrinha,
Que, nem sequer fita o sol;
Vive sem forças, cansada,
Mas já estaria curada
Se tomasse "Benzocreol"!

Efetivamente "Benzocreol" é o verdadeiro amigo e fiel colaborador do Fazendeiro. Sua fórmula abençoada, com os seus efeitos miraculosos, irradia saúde para todos os animais.

NÃO SOBRÁRA NADA!



• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 49 45
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea".

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

de CAIXA Segredos

Direção de CONSUELO SAN MARTIN

Tôda correspondência para esta secção deve ser dirigida a Consuelo San Martin "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA - Caixa Postal, 279 - Belo Horizonte

UM DESTINO E UM CONSELHO

Meu jovem amigo: Felicidade!

Hoje é a você quem me dirijo, moço romântico e demasiado sonhador.

Ainda estou a ver o seu olhar perturbado e a sua contrariedade ao ver-se sacudido pela minha observação a respeito dos casamentos realizados à base exclusiva do amor.

Quando pretendi trazê-lo à realidade, lembrando-lhe a necessidade de compreender melhor os problemas da vida para vivê-la, depois, mais belamente, você ficou exaltado e não quis ouvir-me. Resolvi então falar-lhe, aqui nessa coluna, o que não me permitiu dizer-lhe pessoalmente. Eu queria apenas provar-lhe, com um pouquinho mais de experiência, que só o amor não basta a uma felicidade duradoura. Com pesar, verifiquei, meu amigo, que você desvirtuou o sentido da minha observação, julgando que eu o aconselhava a fazer um casamento apenas de interesse, desprezando o amor que, no seu modo lírico de pensar, deve pairar acima de tudo.

Não, eu não queria dar-lhe um conselho leviano. Desejava apenas contribuir para tornar mais garantida a sua felicidade, porque apoiada em base real. E pretendi demonstrar-lhe, como têm sido, na maioria dos casos, levianos e sem preparo social para o casamento os nossos jovens de ambos os sexos. Fiz-lhe ver a necessidade imperiosa da estabilidade econômica de, pelo menos, um dos cônjuges, para o equilíbrio harmonioso de um lar. Nessa hora, você, meu moço romântico, afirmou-me que o amor sózinho resolvia tudo.

Longe de mim a idéia de vê-lo unido a uma pessoa a quem não ame. Mais longe, ainda, a de vê-lo sofrer junto da criatura amada. Aconselhei-o, então, a não se precipitar. E lembrei-lhe que Napoleão dizia que a grande ciência do homem consiste em saber contemporizar. Por que, pois, não aguardar dias mais propícios para a realização de um sonho total?

CORRESPONDENCIA

DESESPERADA AMOROSA — Capital — Pode tratar-me como deseja. Leio e releio a sua carta. Embora não o aparente, é o seu caso bem complexo. Analisando-o bem, verifico que você, minha amiguinha, teve um erro inicial no seu namoro. Permitiu que o seu namorado tivesse a certeza de seu amor para com ele. Homem que não duvida, minha amiga, é quase sempre homem perdido. Em todo caso, poderia você experimentá-lo. Finja-se indiferente a qualquer situação. Não se enfraqueça diante de lágrimas ou solicitações. Coloque-se no seu posto de mulher, com elegância e discrição. Quanto ao fato de não ser você apreciada pelos dele, não se incomode; isso é muito comum. Nada de intimidades. Um namorado leviano não traz nenhuma vantagem à mulher. A oposição que faz o seu namorado à sua formatura, é uma opinião pouco sensata. E você não me parece uma menina vulgar. Quem sabe a sua escolha não está muito acertada? Pense bem e volte ao meu consultório onde atendê-la-ei com prazer.

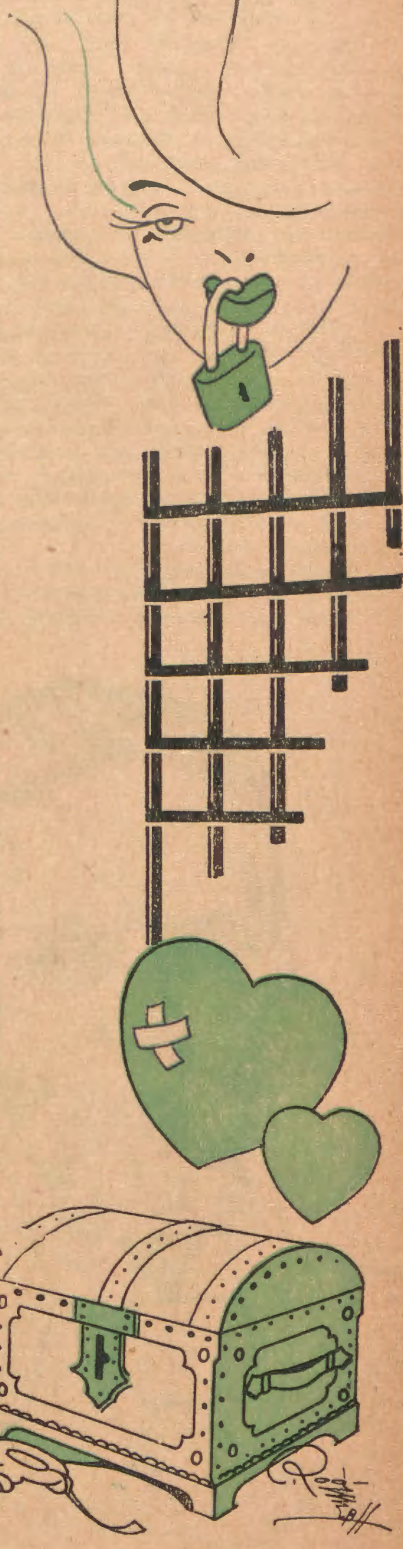
DEUSA DE BARRO — MAR DO ESQUECIMENTO — Como a Bernadete, eu lhe agradeço as boas palavras de ânimo e generosidade. Noto a delicadeza de sua consciência, através da carta que me envia. Diz-me que se encontra em uma situação difícil e não sabe como agir, para uma solução mais sensata.

Analisemos toda a questão. Primeiramente terá você que descobrir se a antiga namorada do seu atual namorado ainda o ama. Nesse caso, seria desleal, de sua parte, trair, embora involuntariamente, a sua ex-amiga. Se, porém, você verificar que esse amor não é mais recíproco, não a impedirá de continuar com esse caso. A menos que isso não vá trazer aborrecimentos à sua delicadeza e à sua sensibilidade.

BERNADETE — Capital — Minha amiga — Grata pelas palavras animadoras e gentis da sua delicada missiva. Leio com atenção tudo quanto me diz a respeito do seu caso e começo por felicitá-la. Vejo, com prazer, que você soube escolher um companheiro sensato para a sua vida. Não percebo nenhum traço de insinceridade no seu namorado. O que ele lhe diz é perfeitamente razoável. Um homem que termina um curso qualquer, e vai iniciar a sua vida, não pode, nem deve assumir um compromisso sério, antes de equilibrar-se economicamente. Agora, você pensa que viverá só de amor, ao lado do homem a quem ama. No fim de algum tempo, porém, verificará, com amargura, que "nem só de pão vive o homem", mas, sim, mais de pão. Deixe, pois, que o seu namorado se organize materialmente. E' justo o que ele deseja. E não se preocupe. Se tiver de ser seu, às suas mãos virá.

APOLO — Capital — Já disse mais de uma vez que esta secção não é privativa do sexo feminino. Dêsse modo não há que desculpá-lo.

Na realidade, tudo leva a crer que você não foi muito feliz na sua escolha. Uma diferença tão grande de idade, não raro, é obstáculo à felicidade. Contudo, felizmente, ainda é tempo de arrepender. Um compromisso, é certo, deve ser cumprido, mesmo com sacrifício. Quando, porém, o sacrifício exigido vai refletir-se em terceiros, é mistério ter a sabedoria da renúncia. A família como você diz e pensa muito sensatamente, é fator que pesa bastante no equilíbrio da harmonia conjugal. Acredito desnecessário aconselhá-lo. Percebo-o muito capaz de resolver com inteligência o seu caso. Faça-o politicamente, sem magoar e nada lhe acontecerá de desagradável.



MACHADO DE ASSIS AINDA NO CARTAZ

DONÍSIO GARCIA

NÃO MORRERAM de todo os ecos em torno de Machado de Assis. De vez em quando, ainda se ouve o estrondo longínquo das festividades. São girândolas retardatárias. São os últimos foguetes de lágrimas que ainda não haviam sido queimados.

De fato, Machado de Assis andou por muito tempo esquecido. Ninguém dizia coisa alguma do singular romancista carioca. Uma voz ou outra, perdida no tempo e na barafunda dos dias que correm, vinha, às vezes, muito discretamente, lembrar a maneira e os livros de Machado de Assis. Mas, de súbito, surge um movimento a favor do mestre do romance brasileiro, o qual foi engrossando até a comemoração do seu centenário. Literatos, críticos, jornalistas, publicistas, apareceram dizendo conhecer muito Machado de Assis. Os prelos se movimentaram, as penas deslizaram no papel com velocidade, e Machado de Assis foi arrancado do seu silêncio, revirado, sacudido, desmanchado e exposto à admiração pública. Estudaram a obra e a personalidade do autor de *Memórias Póstumas de Braz Cubas* em todos os tons, porque afinal o mestre estava servindo de bonde literário, como tantos outros, mortos e vivos, carregando os pingentes da literatura indígena. Alguns escritores, mesmo, não têm feito outra coisa senão esperar um bonde qualquer, e seguir como pingente. E' de algum modo um jeito de se tornar conhecido.

Machado de Assis, em última análise, teve o destino de ser espotejado, comido, roído, como tantos outros que, depois de entrados nas sombrias re-

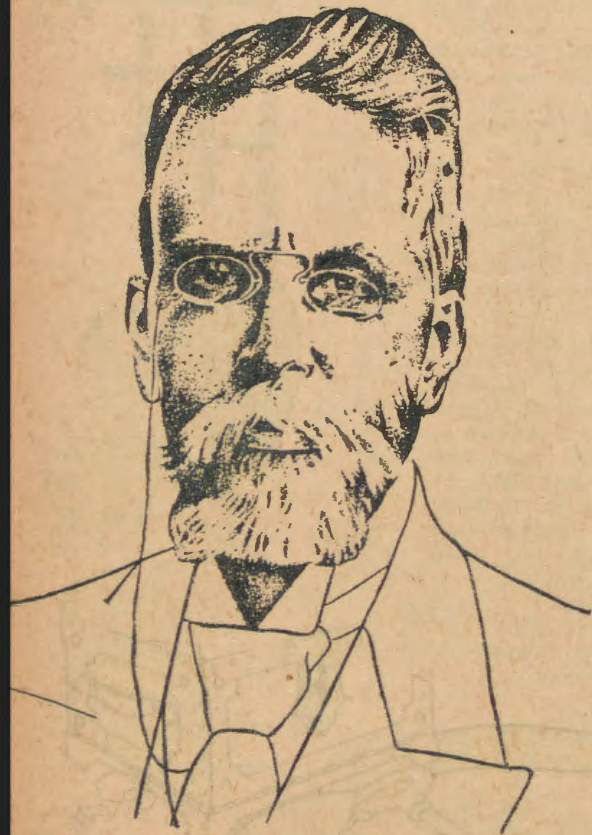
giões da morte, arranjam um bando de amigos incondicionais sempre prontos para louvar-lhes a obra e o talento. Eça de Queiroz, êsse também, numerosíssimas vezes tem sido agarrado, roído e chupado com gula extremamente voraz. Quando o público supõe que o pobre romancista lusitano não tem mais osso, eis que surge um literato faminto que, metido na pele de admirador e entusiasta, descobre um miserável ossinho, e entra não só a roê-lo com grande gana, mas também os ossos daqueles que falaram do escritor.

Geralmente, êsses estudos não passam de simples compilações apressadas, com abundância de citações e decalques, em que há mais do biografado do que do biógrafo. Tais livros conseguem, entretanto, os aplausos, porque hoje em dia qualquer livro pode ser elogiado, basta que o autor goze das amizades dos literatos que escrevem em jornais. Um escritor como o magnífico prosador da *Ilustre Casa dos Ramires* garante sempre as simpatias para os livros que se escrevem acêrca da sua obra ou da sua personalidade.

Mas alguns literatos nossos patricios não descançarão enquanto não acabarem de vez com os restos de Eça de Queiroz. Depois de liquidar com todos os ossos do notável romancista, irão procurar outro defunto em boas condições. Machado de Assis parece que vai ter o mesmo destino nas mãos de outros, servindo de popularidade aos escritores mendigos de assunto.

Já não é assim Lúcia Miguel Pereira. Depois de publicar o seu *Machado de Assis*, sem roê-lo de todo, foi logo procurar outro defunto, outro mestiço, outra figura de cartaz: Gonçalves Dias. Antes, porém, de Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Pujol havia estudado a obra e a individualidade do mestre do romance brasileiro. O livro de Alfredo Pujol é um estudo em profundidade, inicial, honesto, único, básico, onde todos os biógrafos de Machado de Assis se vão abastecer. Não há aqui oportunidade para uma ligeira análise do livro de Lúcia Miguel Pereira, que tanto interesse despertou, a ponto de se dizer, com exagero, que era obra superior a todas as biografias de Machado de Assis. O livro de Lúcia Miguel Pereira, lamentavelmente, na 2.^a edição da Brasileira, que possuo, é de péssima apresentação gráfica. O estilo da autora é descuidado, pretensamente correntio, aproximando-se muito da linguagem de jornal, razão por que se torna por vezes monótono e desinteressante, a despeito do assunto lhe ser favorável. Os erros imperdoáveis de ortografia, a falta de uniformidade, o desleixo material, tornam o livro de Lúcia Miguel Pereira uma obra vulgar. São erros constantes, que se espalham por todas as páginas desde o prefácio, inaceitáveis em qualquer sistema ortográfico. Não se trata só de acentuação ortográfica — que para muitos deve ser **mais ou menos** — mas também dos vocábulos grafados erroneamente, numa perfeita mistificação ortográfica, como aliás vem acontecendo com muitas edições, trazendo confusão ao espírito público, sem que o Instituto do Livro tome qualquer providência.

E' digno de nota também que Lúcia Miguel Pereira, não obstante a ceifa de dados e a colaboração do Ministro Alfredo Valadão, do sr. Carlos Sussekind de Mendonça, do Prof. Smith de Vasconcelos, e talvez do escritor Otávio Tarquínio de Sousa, pou-



ca referência tenha feito ao magistral e belo discurso de Rui Barbosa, obra prima que saiu da mão do extraordinário vernaculista, escrito em menos de duas horas, para ser pronunciado pelo grande orador à beira do jazigo do ilustre romancista.

Não há página mais penetrante, nem mais exata na apreciação da figura modelar do autor de **D. Casmurro**. Rui Barbosa pôs em relevo as altas qualidades do artista morto, retratando-o num instantâneo; em frases lapidares. Não se referiu, apenas, ao "clássico da língua", ao "mestre da frase", ao "árbitro das letras", ao "filósofo do romance", ao "mágico do conto", ao "joalheiro do verso", ao "exemplar, sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer". Rui tratou também, em linhas imperecíveis, da entidade moral desse predestinado ao destino das letras, cuja alma era "um vaso de amenidade e melancolia".

Creio que numa próxima edição do livro de Lúcia Miguel Pereira, que certamente não deixará de vir, a fim de corrigir tantas e tantas falhas inadmissíveis no estado atual de nossa literatura e de nossas indústrias gráficas, — não de se estamparem referências justas à página inconfundível de mestre Rui Barbosa.

*

PENSAMENTOS E CONCEITOS

O sofisma é a hipocrisia das consciências preguiçosas.

Justiça é a perpendicular baixada do cérebro sobre o coração.

Felicidade é a sinfonia dos sentimentos na acústica do espírito.

Fraternidade é a equidistância de cada alma em relação às outras almas.

Perseverança é a energia resultante da confiança na vontade.

Creio que no homem terreno haja o animal e o espiritual; isto, porém, não é motivo para que o animal cavalgue o espírito.

Uma sólida fortuna é aquela que se constroi consultando a cada instante o fio de prumo da consciência.

Viver intensamente é deter, em proveito de nosso progresso espiritual, a maior soma de horas úteis.

ANITA CARVALHO

*

"SCOTT ENO" JORNAL

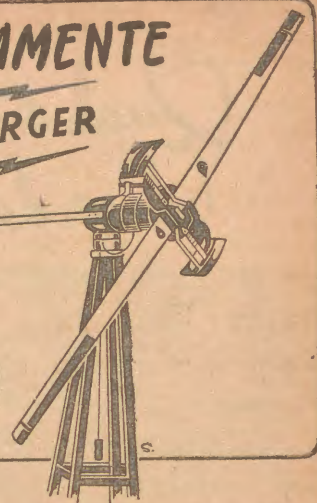
RECEBEMOS um exemplar do 2.º número do periódico "Scott Eno Jornal", contendo interessante matéria fotográfica sobre as recentes comemorações do 60.º aniversário da introdução da "Emulsão de Scott" no Brasil.

O número em apreço do periódico de maior circulação... entre os funcionários de Scott-Eno, traz ainda um interessante suplemento humorístico "O Tagarela", no qual se encontram revelações curiosas da vida nos bastidores da grande organização, vazado em estilo leve e agradável.

O "Scott Eno Jornal" é, sem dúvida, mais uma demonstração do admirável espírito de camaradagem interna e boa organização dos serviços que predominam na grande família de trabalhadores orientada no Brasil pelo sr. T. J. O' Shea.

GRATUITAMENTE WINCHARGER

PRODUZ
ELETRICIDADE



Aproveitando a força do vento, que é transformada em energia elétrica poderá V. S. iluminar sua casa de campo, fazenda, chácara ou sítio.

Modelos que, com baterias especiais, permitem instalar desde 6 até 45 lâmpadas, funcionar rádio, bomba d'água, ventiladores, refrigeradores etc.

SOC. ELETRO IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

Rua Curitiba 631 Belo Horizonte End. Telegr. "SEI MI"
Telefone 2-7560 M. Gerais Brasil Caixa Postal. 580

A única porta que conduz a uma vida feliz está aberta pela virtude. Juvenal

*

ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEITROI
DEFLUXOI
E TUAI
MANIFEITACOEI.

PEITORAL DE ANGIO PELOTENSE

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Qual a mulher que mais entende de beleza das mãos?

• O mundo inteiro conhece o seu nome: - *Peggy Sage* - porque foi ela, a famosa criadora da moda das unhas coloridas - manancial de sugestões originais de envolvente fascínio para novo encanto da toalete feminina...

Tons moderníssimos:
VINTAGE • SCARLET
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA
PRAIA • GIG



Peggy Sage

J.W.I.

TENDÊNCIAS DA MODA

Entre as cores mais em voga, predomina o roxo, que gozará da preferência das elegantes em todo o inverno. Esta cor assenta mais nas morenas.

* * *

Os babados franzidos constituem a última moda nestes últimos tempos.

* * *

Estão tendo grande aceitação os bordados de ponto de cruz, quer nos vestidos caseiros como nos de passeio.

* * *

Os grandes decotes não só estão sendo usados para os vestidos "toilettes" como também para os esportivos.

* * *

As lãs azul-marinho, roxo e "bordeau", com originais desenhos brancos, estão sendo usadas como nunca. Os vestidos, feitos destas lãs e enfeitados com golas e punhos brancos, ficam encantadores.

* * *

Não só os ramos de flores são indicados para completar o vestido de noiva. Usa-se também o livro de reza ou o têço.

* * *

Entre as últimas novidades apresentadas em matéria de tecidos, encontramos graciosos cinturões de estilo tirolês, bordados com flores coloridas.

* * *

Estão tendo grande aceitação os vistosos chales de tricô ou crochê, em cores e desenhos coloridos, para acompanhar vestidos esportivos, "toilettes" ou mesmo para a intimidade do lar.



Modelo de Vestido



ANN MILLER, a graciosa estrêla da Colúmbia, veste luxuoso vestido de cetim rosado, com sala rodada, mangas bordadas, decote amplo e corpete justo. Como complemento, luva do mesmo cetim e com igual bordado das mangas e da aba da saia.



VESTIDOS PRÁTICOS

1 — Vestido de lã com recorte e cinturão de camurça. 2 — Flexas de lã verde, adornam este vestido marron. 3 — Vestido de corte simples, enfeitado com botões. 4 — Vestido com a frente inteiramente abotoada. 5 — Original vestido de lã, com gola branca. 6 — Vestido pregueado, e enfeitado com pespontos.



E FÁCEIS DE FAZER



PARA O PASSEIO



6 — Duas peças executadas em lã bege e rosa. 7 — Pinças e pespontos realçam este modelo de lã. 8 — Gracioso modelo em lã verde claro. 9 — Vestido de lã enfeitado com nervuras. 10 — Vestido em lã escura, com pala e bolsos de lã clara.




Vestidos Combinados


6 — Modelo de angorá preta, bolero em tom claro, prêso ao vestido por meio de missangas. 7 — Vestido próprio para o chá, com pala de camurça dourada. 8 — Vestido em lã marron, com aplicações de lã clara. 9 — Vestido de lã escura com aplicações de cetim claro. 10 — Vestido de lã azul forte, pala clara e bordada.





Seus Lábios têm uma expressão própria...


— que dizem eles da
sua personalidade?

 **Lábios alegres...** um tipo que a todos os homens encanta! Os lábios alegres ficam mais belos, mais radiantes com Batom Colgate.

 **Sensuais...** que despertam paixões e tem mudado muitas vezes, o curso da História! O Batom Colgate dá aos lábios sensuais um poder maior de sedução...

 **Aristocráticos...** lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens. Este tipo tem mais brilho e mais suavidade com Batom Colgate.

 **Sinceros...** lábios de mulher ingênua, que refletem inocência e inspiram romances... sempre são mais beijáveis com Batom Colgate.

 **Frívolos...** de mulher que seduz e não se deixa seduzir... lábios onde flutuam beijos... São mais provocantes e tentadores com Batom Colgate.

Descubra uma nova personalidade nos seus lábios com os matizes ardententes do Batom Colgate.

Importado da América do Norte — Feito de Karanua, o emoliente superior — 4 linhas das tonalidades: Vermelho, Americano, Médio, Escuro e Vermelho Amazonas. Perfume agradável e permanente.

O Coração Bate com **Baton COLGATE**



3 complementos indispensáveis à sua Beleza...

Um rosado lindo para seu rosto

Rouge COLGATE Concentrado. Uma aplicação muito leve basta para dar uma cor sadia e juvenil. Não obstrói os poros. Rouge COLGATE é o toque final de uma maquiagem elegante. Dura 5 vezes mais porque é Concentrado.



ROUGE
COLGATE



Pó Para Rosto COLGATE

Um pó diferente, mais fino que os pós comuns porque é micro-pulverizado. O Pó Para Rosto COLGATE não contém a mínima partícula de arrás. Por isso, nunca deixa sulcos no rosto após a maquiagem e nunca dilata os poros. Adrenante e perfumado, o Pó Para Rosto COLGATE conserva a cutis macia e aveludada durante muitas horas.



**PÓ PARA ROSTO
COLGATE**

☆

Mantenha o brilho natural dos seus cabelos

Brilhantina Colgate é a única que contém Kolasterol, a descoberta científica que mais se assemelha com os óleos naturais do cabelo. Deixa os cabelos macios e brilhantes, num penteado perfeito, atraente. Brilhantina Colgate tem um perfume de raras essências.



Você é quem brilha... com
**BRILHANTINA
COLGATE**

JUVENIS

6 — Lindo vestido de lã preta, com aplicação de lã xadrezada. 7 — Elegante vestido de lã azul, enfeitado com babados brancos. 8 — Modelo muito prático em lã verde, enfeitado com pespontos: 9 — Original modelo de lã, enfeitado com franjas. 10 — Gracioso modelo de lã, enfeitado com setas.





A pesar da enorme procura,



a produção

das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

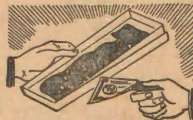
porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à



tarefa de produzir as melhores

meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sòmente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.



Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO



ALGUNS EMPREGADOS POSAM PARA A NOSSA OBJETIVA ANTES DO BANHO DE MAR

UMA INICIATIVA DIGNA DOS MAIORES ELOGIOS

Operários da Fábrica de Meias Lupo realizaram suas férias coletivas de 1945

ANTECIPANDO-SE às mais adiantadas legislações trabalhistas, a Fábrica de Meias Lupo, de Araraquara, Estado de São Paulo, resolveu satisfatoriamente um problema de grande relevância: as férias

e hospedagem. Até as famílias dos operários que mais se destacam em suas funções, vão gozar o descanso. E quando recomeça o trabalho há mais alegria e mais vigor, todos cientes de que novas férias coletivas serão realizadas e sempre melhores.



DURANTE UM DOS ANIMADOS ALMOÇOS NO PALACE HOTEL

coletivas para os operários. Com esse propósito, os diretores da progressista indústria brasileira estabeleceram, desde 1939, um magnífico sistema, para proporcionar aos seus operários uma temporada anual nas praias de Santos, inteiramente grátis. Digna dos maiores elogios a iniciativa da Fábrica de Meias Lupo, porque proporciona aos seus trabalhadores a oportunidade que eles, com seus recursos próprios, dificilmente poderiam obter.

FECHADA TEMPORÁRIAMENTE A FÁBRICA DE MEIAS LUPO

Chegada a época das férias coletivas, a fábrica de meias de Araraquara, paraliza completamente, durante 15 dias, todas as suas atividades e conduz todo o seu pessoal para Santos, onde gozam as delícias das férias passadas à beira-mar, revigorando as energias gastas no trabalho anual. E só não vai quem não quer, pois a firma facilita tudo: viagem

AS FÉRIAS DE 1945

Ainda agora, os 250 empregados da Fábrica de Meias Lupo estiveram em Santos, no gozo de suas férias coletivas de 1945, confortavelmente hospedados no Palace Hotel, na Praia do José Menino.

Todos os detalhes foram cuidadosamente estudados, para que a caravana Lupo tivesse seus dias de repouso num ambiente de satisfação e camaradagem. Vários passeios e diversos jogos foram organizados, sempre em meio da maior alegria.

MOTIVO DE JUSTO ORGULHO

Iniciativas como a da Fábrica de Meias Lupo merecem os aplausos de todos os brasileiros e são motivo de justo orgulho, por-

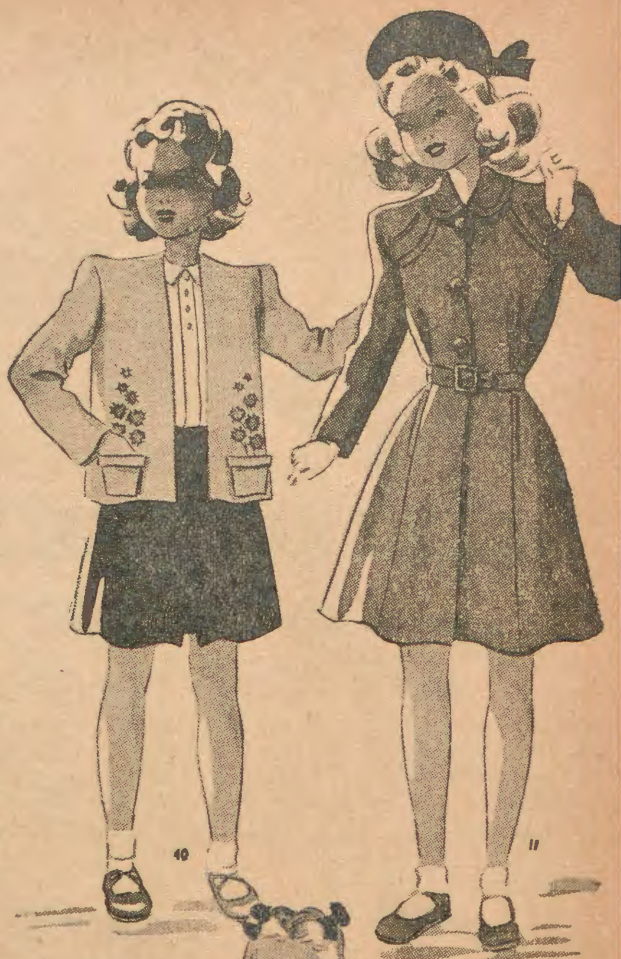
que assinalam a transformação por que passa o Brasil, sempre rumo às maiores conquistas da civilização.



DUAS SIMPÁTICAS EMPREGADAS DA LUPO

ALTEROSA * JULHO DE 1945

MODELOS INFANTIS



8 — Lindo conjunto de vestido e paletó, com bolsos de veludo.
9 — Vestido de lã, com a gola e a aba da saia bordadas.
10 — Modelo com saia marron e casaco amarelo. Bolsos em forma de vasos, com flores aplicadas.
11 — Paletó de lã verde garrafa com mangas raglán.
12 — Fitas de veludo, arrematadas por laços, adornam este modelo de lã.
13 — Gracioso modelo em lã bege com pregas no sentido horizontal, na blusa e na saia.

Por que usar "Toalhas Higiênicas" se há Modess?



NÃO SACRIFIQUE, mensalmente, dias preciosos de sua juventude, escravizando-se aos métodos improvisados. Porque já existe algo que faz esquecer as atribulações dos dias críticos — Modess!

Modess não é uma "toalha higiênica"; é um absorvente cientificamente estu-

dado para proporcionar à mulher, integral conforto e proteção. Modess é baseado na necessidade expressa por milhares de mulheres.

E lembre-se: Modess é feito pela Johnson & Johnson, conhecida em todo o mundo pela excelência de seus produtos. Ao pedir, diga apenas: Modess!

Veja porque MODESS é diferente!



1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



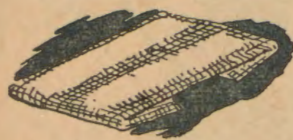
2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódos na roupa!



3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!



4. Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

EXPERIMENTE O NOVO MODESS!

Mais higiênico. Cada absorvente é utilizado apenas uma vez — elimina o perigo de infecções oriundas de uso repetido da mesma toalha.

Mais cômodo. Novo tamanho, mais estreito, mais prático, mais confortável.

Mais macio, graças aos novos envoltórios internos de papel especial, extremamente macio.

Nova disposição. Extremidades de tamanhos diferentes, facilitando o ajuste.

Mais discreto. Pode ser absorvido pelo W.C., conforme as instruções contidas na embalagem.

Nova embalagem. Moderna e atraente, em caixas de 12 unidades — a média que a maioria das mulheres julga necessária para cada período.



★ PRODUTO DA

JOHNSON & JOHNSON

Amostra Grátis -

Envie-nos Cr\$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber" CAIXA 152, BELO HORIZONTE.

4 - ZZZZ

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

J. W. T.



Para o seu
ALBUM

RAY MILLAND, o admirável astro da Paramount,
cujo prestígio artístico se acentua cada vez mais
através de magníficas interpretações.



Crônica de
PAULO DANTAS

★ ACALANTO PARA A

PARTE o primeiro bonde, fazendo estourar a quietude da cidade imersa no silêncio da madrugada. O ruído do bonde vai diminuindo, se perdendo na distância e no frio. Estou insone e penso em você, menina que trabalha. Meu coração se entenece na certeza do nosso encontro nas primeiras horas deste dia, que não tardará a despontar.

O primeiro bonde que parte na madrugada já é um hino ao trabalho. E' o primeiro acorde da sinfonia proletária que dentro da manhã explodirá, no coração da cidade. descendo dos edifícios em construção, partindo das casas que se abrem e culminando no rumor confuso de milhões de passos, passos que invadem as ruas, os becos, passos perdidos na urbana confusão diária. E em meio a essa humana sinfonia, você, menina humilde, comporá a nota de alegria e ternura, a nota de breve comoção.

No bonde que partiu agora, vão pelo menos três pessoas que conheço. O guarda noturno que regressa ao lar, o operário que é chefe de turma e o moço boêmio, cujo errante coração se recusa a ser salvo pela pureza da exclusividade do seu amor, menina que sonha ser esposa e mãe.

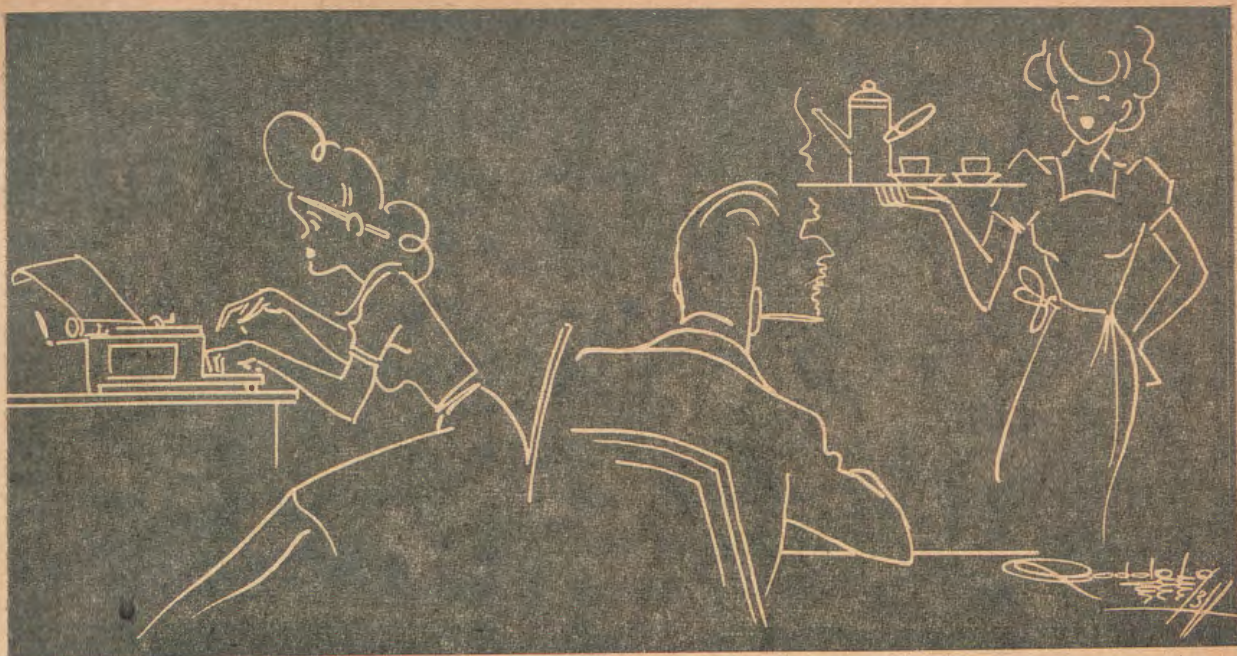
Quando o sol despontar, vencendo as brumas desta manhã de inverno, estarei no abrigo à sua espera, menina cujo coração

puro é a minha única salvação. Sei que você mora distante do centro da cidade e que está sujeita aos atrasos do bonde. Eu a esperarei contudo, mesmo a despeito da negligência da Companhia. E enquanto você não vem, vou tecendo considerações sobre os atrasos dos bondes, as filas dos ônibus, os abusos da Companhia Telefônica, as explorações cinematográficas, as greves já vindas e ainda as não vindas. Mas esses pensamentos são coletivos e por isso resolvo inundar meu coração com pensamentos particulares. Penso no seu destino e fico comovido dessa comoção natural que se chama compreensão. Uma súbita e estranha ternura me impele até sua casa, invade sua sala de visita e me detem no seu quarto.

Aí a vejo, sentada diante do espelho, dando os retoques finais na pintura. Suas olheiras estão mimosas e um dia aparecerá alguém que amará profundamente essas olheiras!

Vamos, menina, deixe de quebrantos diante do espelho e olhe que o bonde já fez a virada do fim da linha e dentro em pouco chegará ao seu ponto. Vamos, menina, se você perder este bonde, chegará atrasada ao serviço, porque só daqui a sete minutos passará outro nesta linha.

Deixe o espelho, menina, que a Fôrça e Luz, não tem consideração por ninguém.



MOÇA QUE TRABALHA ★

Ilustração de
RODOLFO

Na Praça Sete cresce o movimento da manhã. Os bondes fazem a chave quase atropelando as velhas que regressam da missa e no meio dessa confusão tôda, ainda há anjos. Sim, anjos-meninos de asinhas brancas que são os encantos das mães que foram à missa e que se comoveram com os filhinhos feitos anjos no altar! No mês de maio em Belo Horizonte, a gente não pode facilitar, porque sinão toma até bonde com anjos...

Suas colegas já passaram, menina. Receio que você tenha perdido o bonde, ó maldito espêlho, ó maldita Companhia!

*

Passo por um trecho comercial da cidade e observo como você se repete, estando em cada lugar para onde dirijo meu olhar. Vejo-a, feita "vendeuse" deliciosamente compondo o interior de um balcão, entre risos, pomadas e perfumes. Na casa seguinte já a encontro vendendo artigos masculinos ou bolsas de inverno. Numa farmácia, você atrás da caixa, registra o capital do patrão. Numa confeitaria, vejo as ondas dos seus cabelos, avultando por entre os bojos carregados de bonbons. Numa casa de modas, você reunida a suas colegas, em meio de manequins e vestidos caros, sugere um quadro de Paris, daquele Paris antes de Hitler, delicioso Paris que ditava a mo-

da e que Gábor Von Vaszary fêz viver as cenas do pobre amor de Monpti por Anne Claire, numa despreocupada ternura dentro do sol e da noite da cidade luz. No fundo de um escritório, encontro-a debruçada sobre uma máquina de escrever, extraindo facturas e expedindo memorandos.

E assim você vai se repetindo, heróica menina, ora vestida de preto, ora de verde, ora de azul.

Entro numa leiteria, e encontro-a lançando, média pão com manteiga, e nos bons dias, sanduíches e guaraná. Mil destinos humildes, mil destinos de vendeuses, garçonetes, datilógrafas, costureiras e comerciárias, enchem a cidade diária, tomam o bonde, trabalham, suam, namoram e se aborrecem. A cidade ignora seus sonhos, suas esperanças e seus pequenos desalentos. A cidade é egoísta e não liga para dramas particulares.

Segundo um certo cronista, essas meninas que trabalham são técnicas em esperanças. Eu acrescentarei simplesmente: — técnicas em esperanças matrimoniais. E adotando essa técnica, minha menina, você está coberta de razões. O casamento além de uma finalidade é também uma experiência obrigatória, é uma libertação, é um céu, é um inferno.

Você pensa muito bem em querer ar-

— Conclua na página 96 —

SENHORITAS



Sta. Zuleica Campos Couto



Sta. Maria Helena Lobato



Sta.
Ana
Regina
Martins
Soares

Fotos
Constantino



Exibida e utilizada com imenso orgulho - a Parker "51"



• E tida como a caneta "mais desejada em todo o mundo!

Desde a ponta afilada, até à sua rica e brilhante capa, a Parker "51" é a melhor criação do seu bom gosto. Eis um instrumento de *precisão* que nenhum apressado método de produção em massa pode fabricar. E quando usada — parece ávida, quase ansiosa por escrever! Sua macia ponta de osmídeo desliza rapidamente sobre o papel. E nesse caso — se está abastecida com a tinta de secagem rápida, a Parker "51" — prepara-se para uma surpresa! Pois, com esse fluido mágico, as palavras secam à proporção em que são escritas!

Naturalmente, a Parker "51" é escassa... peça pois, a seu fornecedor para reservar-lhe uma

*Escreve seco com
tinta líquida!*



Parker "51"

♦ **GARANTIA VITALÍCIA** — O Losango Azul "Parker", estampado no segurador, representa um contrato feito pelos fabricantes com o comprador da caneta, válido por toda a vida deste, e que garante o reparo de qualquer desarranjo, não intencional, desde que a caneta seja devolvida completa. Para a embalagem, porte e seguro, cobra-se-á apenas a importância de Cr\$ 10,00

**Preços : Cr\$ 375,00 e 450,00 em
todas as boas casas do ramo.**

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Compras: COSTA, PORTELA & CIA, Rua 1.ª de Março, 9 - 1.ª - Rio de Janeiro, 9003-P

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

Duas fases diferentes mas importantes na vida das mulheres

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos — por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nêsse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo, o Regulador Xavier n° 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentias, tristes, e o que é pior: atacadas por moléstias que por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se transforma numa verdadeira idade dolorosa.

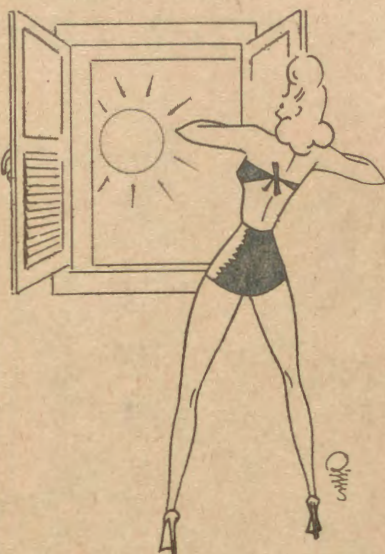
Entretanto, tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no REGULADOR XAVIER N. 1.

O REGULADOR XAVIER usado em número adequado — dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica, o bem estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

SUGESTÕES PARA

IVETE

DESCANSO PARA O CORPO



Em qualquer momento do dia quando há possibilidade de uma interrupção de seu trabalho, é bom estirar o corpo em posição horizontal e manter-se com os pés colocados mais alto que a cabeça.

Cinco minutos nesta posição, com os músculos relaxados, são mais benéficos que duas horas de descanso imperfeito.

Também é bom aproximar-se de uma janela aberta, três vezes ao dia e respirar

profundamente por alguns minutos.

*

O banho figura entre os melhores recursos para proporcionar descanso ao corpo e aos músculos cansados. Sempre que se vai a uma festa ou reunião noturna, depois de terminado o trabalho diurno, é imprescindível um banho reparador, para que o cansaço que tanto enfeia o rosto, desapareça completamente e você se torne bela. Os banhos mais aconselháveis são os mornos, porque não influem sobre o sistema nervoso.

*

O trabalho, a preocupação, parte integrante da vida cotidiana, deixam seu traço no físico, principalmente no físico da mulher.

A dona de casa, a funcionária, a vendedora, a estudante, todas as mulheres que têm uma tarefa a cumprir, devem dedicar alguns minutos do dia, ao descanso dos nervos e dos músculos do corpo. A tensão constante e o cansaço consomem a vitalidade e acabam com a juventude. O descanso e o relaxamento dos nervos e músculos prolongam a vida.

Uma massagem na nuca, centro importante de nervos, dá ao corpo bem estar e boa disposição.

*

Dedique alguma parte de seu dia para vestir-se, divertir-se e para cuidar dos detalhes pessoais.

Escovar o cabelo e friccionar o couro cabeludo além de conservar a beleza, constitui "tratamento calmante".

**

A Biblioteca Ambrosiana

○ CARDEAL Frederico Borromeu, arcebispo de Milão, fundou esta biblioteca no ano 1603. Para dotá-la de obras em abundância e preciosas, mandou pessoas eruditas percorrer os principais países da Europa e da Ásia.

Entre as obras mais notáveis dessa biblioteca figura um manuscrito de Virgílio, em pergaminho.

Em 1796, os franceses levaram para o museu nacional de Paris um grande número de livros da biblioteca Ambrosiana, muitos dos quais foram restituídos mais tarde.

A SUA BELEZA

MARION

A ROSA COMO FATOR DE BELEZA

Para o caso de uma pele oleosa, a água de rosas dará ótimos resultados, quando é adicionada a ela algumas gotas de álcool canforado. O número de gotas é aumentado segundo a oleosidade da pele.



Para o tratamento de seios caídos, é muito aconselhável o uso de cataplasma de pétalas de rosas frescas, fervidas em água.

Também dará resultados para endurecer o busto o emprêgo desta loção: óleo de amêndoas, 30 gramas, e água destilada de rosas, 300 gramas.

Fazer aplicações com um chumaço de algodão.

Um bom rouge líquido é aquele que se consegue deixando em repouso, durante três dias, dez gramas de carmim e vinte gramas de amoníaco. Acrescentar depois desse tempo, dois terços de litro de água de rosas e vinte gramas de essência triplíce de rosas. Usá-lo ao cabo de uma semana.

Com as pétalas de rosas frescas pode-se fazer uma água de rosas, indicada para lavar os olhos. Para isto, deita-se as pétalas em água fervida e deixa-se uns minutos, empregando o líquido obtido com o copo apropriado.

A água de rosas também figura em uma receita inglesa, divulgada com o célebre nome de "Leite Virginal", e é composta do seguinte: tintura de benjoim, quatro gramas; e água de rosas, quinhentas gramas.

Não o aplicando com frequência, porque resseca a pele, podemos ter em nosso arsenal de beleza o esmalte de rosas, que, usado em alguma ocasião especial, dará à sua cutis um brilho encantador, cobrindo manchas e todo qualquer defeito que porventura nela exista.

Aquele que quer governar sua nação deve começar por pôr em ordem em sua casa e, para ter sua casa em ordem, é indispensável ser senhor de sua alma. — Confúcio.



Porque ele usa o ÓLEO PALMOLIVE, feito com óleos minerais super-refinados, importados da América. O Óleo PALMOLIVE não é gorduroso, não empasta os cabelos, tornando-os sedosos, macios e perfumados. O ÓLEO PALMOLIVE não mancha. Conserva a saúde e o vigor dos cabelos, atraindo para eles as carícias femininas! Comece a usá-lo hoje mesmo.

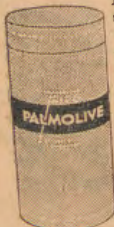


ÓLEO
Palmolive

Amacia e Perfuma os cabelos



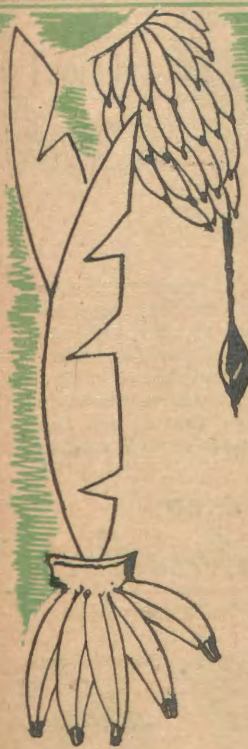
O TALCO PALMOLIVE é boro-setinado, processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino, protegendo a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar TALCO PALMOLIVE. A sua cutis ficará macia e aveludada e o seu corpo suavemente perfumado.



TALCO
PALMOLIVE

PROTEGE A PELE DAS CRIANÇAS... E DE GENTE GRANDE TAMBÉM!

A BANANA e o Leite na Beleza



SER bela é o sonho de toda mulher, e esse incontido desejo surge na adolescência, quando a vida é doce enleio e embaladora esperança. Sob a auréola desse sonho quase sempre se desenha a apolínea figura de um príncipe encantado, como símbolo da felicidade que a beleza desejada realizará. Sucodem-se, então, as leituras das seções de assuntos femininos, as visitas aos consultórios de beleza e intensificam-se as aplicações dos cosméticos. E quantas vezes esse sonho ardente não se realiza somente porque ao cuidado externo não se aliou o necessário controle duma alimentação adequada? A alimentação, sadia e equilibrada, realiza, quase sempre, o milagre da beleza feminina.

Lembremo-nos, a propósito, dessa fruta deliciosa e nutritiva que é a banana, alimentação considerada comum e, no entanto, tão rica em cálcio, rias e vitaminas. Fosse mais difícil e cara sua aquisição, talvez suas propriedades alimentícias gozassem de maior prestígio para o benefício de nossa saúde e beleza.

Mas, como fácil se torna, adquiri-la, tanto no inverno como no verão, embora nesta estação seja mais abundante e melhor, deixámo-la quase sempre abandonada na fruteira, sem considerar que é elemento necessário à nossa perfeita alimentação. Fruta insistentemente aconselhada pelos médicos aos convalescentes e crianças que ainda não completaram um ano, devemos convencer-nos de que ela é; realmente, benéfica para a saúde e, especialmente, para nossa beleza.

Convém lembrarmos que a banana é a fruta que contém mais calorias, sendo, por isso mesmo, denominada a **fruta concentrada**. Contém as virtuosas vitaminas A, B e C, tão indispensáveis à formação do organismo, estimulando o crescimento, equilibrando o sistema nervoso e, além disso, preservando-nos de infinita série de moléstias.

Entre os mais aconselhados regimens desintoxicantes do organismo e purificadores da epiderme, figura, como ideal, o da banana e leite. Um regimen dessa natureza pode ser realizado do seguinte modo:

- Às 10 horas: quatro bananas
- Às 12 horas: meio litro de leite
- Às 15 horas: quatro bananas
- Às 17,30 hs.: 1/4 de litro de leite
- Às 19 horas: quatro bananas.

Este regimen, obedecido pontualmente, sobre ser realmente desintoxicante, amacia e aveluda a cutis, melhorando-a sensivelmente. A's pessoas magras aconselhamos o uso contínuo de várias bananas por dia.

Entre os elementos que diminuem a secreção sempre desagradável duma pele oleosa, figura ainda a milagrosa banana que, ingerida, diariamente, com uma maçã bem madura, que contém tanino, dá esplêndido resultado.





A preciosa fruta, bem misturada com álcool e em infusão durante uma semana, sendo depois cuidadosamente filtrada, constitui ótima água de beleza.

As máscaras de banana possuem propriedades verdadeiramente benéficas para a beleza da pele, sendo aconselhável o seu emprêgo periódico como elemento de alto valor na maquiagem feminina.

Para aplicação dessas máscaras torna-se necessária perfeita limpeza da pele com banho a vapor. Em seguida, aplica-se sobre a cutis um pedaço de gelo e, depois, colocam-se as fatias de banana sobre o rosto.

Fazendo-se, periodicamente, o regime de banana aqui aconselhado e, com o máximo cuidado e limpeza, as aplicações no rosto, consegue-se uma pele cor-de-mate, fresca, rejuvenescida e saudável.





AÇUCAR REFINADO

SO'

"LEÃO"

PRODUTO DE

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

"IRMÃOS DAVID" LTDA.

BICAS — MINAS

Escola Superior de Agricultura

Sede: VIÇOSA, Estado de Minas Gerais, L. Railway

RECONHECIDA COMO OFICIAL PELO GOVERNO DA REPÚBLICA, COM PRERROGATIVA E DIREITOS CONFERIDOS POR LEI AOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR FEDERAIS.

I) — O Estabelecimento é inteiramente dedicado à Agricultura.

II) — Curso Elementar, Médio e Superior de Agricultura.

III) — Regime de Internato, Semi-internato e Externato.

IV) — Para matrícula no Curso Superior exige-se que o candidato tenha o Curso Secundário completo (1.º e 2.º ciclos) e satisfaça às exigências, a respeito, baixadas pelo Ministério da Educação.

V) — Para matrícula nos Cursos Elementar e Médio exige-se que tenha o candidato 18 anos de idade, no mínimo.

VI) — O Ensino é obrigatoriamente teórico-prático e é exigida frequência às aulas.

VII) — A Escola fornece produtos selecionados aos agricultores.

VIII) — Outras informações deverão ser pedidas à

Escola Superior de Agricultura - Viçosa - Minas Gerais

ACALANTO PARA A MOÇA QUE TRABALHA

CONCLUSÃO

ranjar um namorado positivo, firme emba-lador de ternuras presentes e garantido aquecedor de caminhos futuros. Apenas acho que no momento há muitas coisas contra seus desejos. Há os tempos difíceis, os ordenados racionados, os desânimos sentimentais, as influências modernas, os fascistas e os políticos duvidosos.

Agora chego ao capítulo noturno e me vejo feito vagabundo lírico a andar pelas ruas, sem Deus e sem amada. Levo comigo amarguras pequenas e firmes propósitos de solidão. Ao anoitecer tomei o bonde ao seu lado, menina, e saltei num ponto em que você não viu. Ando pela sua rua e fico triste vendo você, nervosa, no portão, esperando o namorado que demora. "O anel que tu me deste era falso e se quebrou; o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou" — assim cantam as meninas da minha terra, brincando de rodas ao luar. O' como é bom voltar à infância, infância que foi e que não volta mais, infância sem trabalhos e sem amores!

Menina, você não deve se desesperar. Se este namorado não vier, amanhã outro virá. A vida vai e volta, se repete todos os dias, vidinha boa e mansa, banho frio de manhã, bonde, almoço e jantar, cinema, namoros, responsabilidade.

Amanhã quero encontrar você no abrigo, na Praça Sete, na farmácia ou na confeitaria, na casa de moda ou no escritório. Menina, você não pode desaparecer, você constitui uma parcela no progresso da cidade e já se tornou uma necessidade no encanto da paisagem local.

*

MAIS UMA SUPERSTIÇÃO

NUMA de suas novelas, Theodore Dreiser fala de uma superstição cujo portador era um dos heróis da história, chamado Eugene Witla, que considerava de mau agouro o fato de encontrar-se com uma mulher estrábica.

Na qualidade de um dos inúmeros leitores do romance, não duvidei em acrescentar à minha própria coleção predileta, mais esta superstição de Eugene Witla. E todas as vezes em que me achava diante de uma pessoa nas condições acima indicadas, eu ficava certo de que teria um dia infeliz. Depois, ocorreu-me que podia frustrar essa má sorte se pudesse descobrir um estrábico.

Desta forma, duas superstições tomavam vida onde nenhuma finha florescido antes.

Sucedeu, porém, que um dia eu perguntasse a Dreiser, que é de algum modo supersticioso, onde ele adquirira a superstição da mulher estrábica. "Eu a construí", respondeu ele.

lograr maior êxito, através das pequenas mas tão significativas atencões, delicadezas e presentes que constituam agradáveis surpresas — detalhes que darão sempre a encantadora impressão de que o noivado não terminou...

A espôsa poderia conseguir que seu espôso fôsse menos descuidado, estando sempre lhe seguindo os passos. Não vale a pena, porém. Talvez o enfadasse. Evitará dores de cabeça deixando que ele conserve seus velhos hábitos.

Uma jovem e linda senhora explicou, certa vez, porque se sentia e fazia o espôso feliz:

— Sou sempre cortez com os parentes de meu espôso.

— Dou-lhe liberdade para que saia de quando em quando com seus amigos.

— Consulto seus gostos para escolher minhas roupas.

— Não contraio compromisso sem consultá-lo antes.

— Estou sempre disposta a acompanhá-lo a toda parte.

— Com referência ao assunto financeiro, achei melhor fixar desde o princípio uma soma para os gastos gerais e uma mesada para as "minhas" despesas. Evito, assim, cansá-lo com pequenos pedidos.

Lar, doce lar...

*

SOCIAIS



Realizou-se, em maio último, em São Paulo, o enlace matrimonial da Sta. Jeanete Scaff, filha do casal sr. Nagib Scaff-d. Wadia Scaff, com o sr. Alfredo Michel Farah, do alto comércio desta Capital. Inúmeras pessoas compareceram ao ato, que se revestiu de grande brilho social. Serviram de testemunhas no ato civil, por parte da noiva, sr. Nicolau Scaff e d. Mari Scaff Aun; por parte do noivo, sr. e sra. Tufi Michel Farah. No ato religioso, celebrado por mons. Francisco Bastos, por parte da noiva, serviram de padrinhos o sr. e sra. José Scaff e do noivo sr. e sra. Michel Jeha.

A FORÇA DO PESSIMISMO

James MANGAN

O PESSIMISTA é capaz de destruir o que foi edificado por milhares de pessoas. A pessoa pessimista não necessita ser portadora de qualquer espécie de habilitação, com exceção da habilidade precisa para impregnar a descrença, impedir o progresso e destruir a fé humana. Os pessimistas acreditam que nada é possível, que toda atividade, toda iniciativa terá fim desastroso, que o empreendimento de coisas boas e úteis não corresponde a nenhuma das funções do homem. Uma tonelada de sinceridade pode, para ele, ser eliminada por uma onça de pessimismo.

O pessimista é o demônio disfargado. Ele se especializa em desanimar as criaturas. Gosta de colocar-se no lado negativo. Ele diz: "A depressão resultante desta guerra será a pior coisa que o mundo já conheceu!" Ele afirma: "Maus tempos virão" — "não confie no homem — ele é mau."

E seu pessimismo é poderoso! Suas predições agourentas são cem vezes mais fáceis de se acreditar do que os melhores prognósticos e as afirmações daqueles trabalhadores capazes que procuram fazer as maiores e as melhores coisas em benefício da nação e da humanidade. Porque o pessimista goza de tremenda vantagem sobre o otimista. O otimista tem que pensar e agir de várias maneiras. Ele quer solucionar o problema, e além disso, tem que vencer a resistência humana que o pessimista lança com o intuito de tornar o problema quase insuperável. Tudo que o pessimista tem a fazer é dizer: "Não presta. Não pode ser feito."

E' tanto mais difícil ser otimista do que pessimista — porém, de algum modo, pode-se sê-lo. Avalia-se a energia extra que isso requer para pensar muito, agir nobremente, ver coisas elevadas nas pessoas e nas próprias coisas. Elimine-se o pessimista. Ignore-se a sua presença e a sua existência, esmagando-o com o rôlo compressor do entusiasmo e da boa fé.

A América é otimista, construída por otimistas, desbravada por otimistas e vitoriosa por causa de seus otimistas. Nosso futuro individual e coletivo está nas mãos dos otimistas. Sejamos todos otimistas e assim asseguraremos a nós mesmos e a todo o nosso povo um futuro melhor.

*

QUE GRAÇA!..

Honoré de Balzac, o tão apreciado romancista francês, viveu numa época em que estavam em moda os duelos. Certa ocasião, discutia com ele um rapaz, melindrado com as palavras com que o filósofo o advertira. Ofendido, o rapaz desafiou-o para um duelo. Balzac no entanto, aborrecido, retrucou:

— Que ingênuo! Bater-me em duelo?! Tem graça... Acaso Napoleão batia-se em duelo?...

*

PRECAUÇÃO

O médico:

— Diga a sua mulher que não se preocupe com a surdez que sente. E' apenas devido ao avanço da idade...

O marido, em voz tímida:

— Mas... se o doutor não se importasse de lho dizer diretamente era preferível...



Aspecto fixado na residência do sr. Manoel Coelho quando os nubentes cortavam o bolo nupcial.



Os noivos, quando deixavam a nave da Igreja São José, após a cerimônia religiosa.

Enlace Lopes Coelho-Vergara

Realizou-se em nossa Capital no dia 7 de junho o enlace matrimonial da Senhorita Maria Auzenda Lopes Coelho com o Sr. Amintor Vilela Vergara.

A noiva, fino ornamento da nossa melhor sociedade, é filha do Sr. Manoel Coelho, do alto comércio de Belo Horizonte, e de sua esposa Sra. D. Isaura da Silva Lopes Coelho.

O noivo, Bacharelado em Direito, desce do tronco ilustre dos Ver-

gara e é filho do Sr. Dr. Pedro Vergara, Procurador da República, escritor e advogado dos mais ilustres nos auditórios do Rio de Janeiro e de sua esposa Sra. D. Silvia Vilela Vergara.

O ato civil teve lugar no palacete dos pais da noiva, à rua Guajajaras n.º 1155, paraninfando por parte da noiva o Sr. Antônio de Sousa Amaral e a Sra. viúva Dr. Artur José Andrade Pinto, e pelo noivo o Sr.

Dr. Pedro Vergara e senhora.

A cerimônia religiosa realizou-se na Matriz de São José, às 17 horas, servindo de padrinhos, por parte da noiva, seu irmão, Sr. Antônio da Silva Lopes Coelho e sua esposa, Sra. D. Iolanda Vergara Coelho, e por parte do noivo o Sr. Dr. Benjamin da Luz Vieira e senhora.

A igreja achava-se ricamente ornamentada de flores naturais e profusamente iluminada, emprestando ao



A noiva, após o casamento, abraça a sua progenitora, sra. d. Isaura Lopes Coelho.



Flagrante colhido na solenidade religiosa, quando era feita a bênção das alianças.



Fotografia apanhada na cerimônia religiosa, quando a noiva entrava na Igreja ao lado de seu pai, sr. Manoel Coelho

ambiente esplendor de rara beleza o que se harmonizava com o lindíssimo vestido da noiva, todo em finíssima renda branca arrastando longa e graciosa cauda, talhado sob o mais requintado e fino gosto da técnica luxuosa de alta costura, o que fazia sobressair mais ainda a encantadora formosura da noiva, causando geral admiração a todos os presentes a riqueza do traje quando, ao som da "Marcha Nupcial", deu entrada na igreja pelo braço de seu ilustre pai que a conduziu ao Altar Mór.

Durante o ofício religioso, que foi celebrado com acompanhamento de harmonioso coro e músicas alusivas ao ato, bateram-se diversas chapas das quais estampamos aqui algumas flagrantes.

Finda a cerimônia os noivos dirigiram-se à sacristia onde receberam os cumprimentos dos presentes.

É digno de nota as "toilettes" das senhoras presentes, entre as quais destacamos as seguintes: a Sra. Iolando Vergara Coelho apresentou-se num elegante vestido a rigor, vermelha-rosa com bordados em renda dourada, luvas e chapéu de fino rendão "Chantilly".

A elegantíssima Sra. Isaura da Silva Lopes Coelho, trajava discreto mas rico e elegante vestido comprido em azul-claro com bordados em renda prateada num dos ombros e na

*

Grupo fixado após o ato religioso, vendo-se o noivo em companhia de seus pais, sr. dr. Pedro Vergara e sra.

cintura, harmonizando-se admiravelmente com o fino chapéu em azul-marinho, enfeitado originalmente com "digrettes" em azul de dois tons.

A Sra. Pedro Vergara vestia fino vestido de jersei azul-pavão com ligeiro drapeado na saia, rematando na cinta com um belo "bouquet" de rosas, luvas de camurça rosa-pálido e original chapéu em tule acompanhando o vestido.

A simpática Sra. Maria Augusta Andrade Pinto, trajava vestido a rigor verde-pálido com discretos enfeites nos bolsos e chapea preto com "aigrettes".

A Sra. Benjamin Vieira envergava sóbrio e "chic" vestido preto com pe-

quenos bordados dourados na blusa, luvas e chapéu preto.

A' noite, na residência dos pais da noiva foi servido lauto serviço de finíssima confeitaria. Ao champagne, falaram diversos oradores, todos unânimes em exaltar as qualidades morais do jovem par recém-casado, entre os quais se fez ouvir com geral agrado o padrinho do noivo, Dr. Benjamin da Luz Vieira.

Na "corbeille" da noiva viam-se riquíssimos presentes e um sem número de telegramas vindos de todos os pontos do país e ainda lindíssimas cestas de flores. Os noivos partiram para o Rio de Janeiro, onde fixarão residência.



LIVROS NOVOS

(CONCLUSÃO)

RIO BRANCO (1845-1912)

Biografia - 2 vols. — **Álvaro Lins** — Livraria José Olímpio Editora.



Barão do Rio Branco

Reafirmando sua invulgar reputação de crítico literário, Álvaro Lins revela-se mestre na arte biográfica com a importante biografia do insigne vulto brasileiro Barão do Rio Branco, obra em dois belos volumes que a grande Livraria José Olímpio Editora acaba de oferecer ao grande público do Brasil. Essa obra notável foi escrita a convite do Ministério das Relações Exteriores, para as comemorações do centenário do grande brasileiro, ficando o autor, no entanto, com absoluta autonomia de pensamento, de modo a não possuir a obra cunho oficial. São 2 volumes artísticos, copiosamente ilustrados, apresentando-nos retrato vivo do maior dos nossos diplomatas.

Interpretação e crítica — eis os elementos principais dessa obra clássica sobre a tão atrativa quão complexa personalidade do Barão do Rio Branco.

*

“...E ELE TE DOMINARÁ” — Romance — **Ondina Ferreira** — Cia. Editora Nacional.

Há leituras iguais a certas melodias que ficam ecoando em nossos ouvidos, muito tempo após as notas terem se dissolvido no ar. Também as personagens de “...E ele te dominará”, não se despedem da gente quando fechamos o livro sobre a página final. “E’ um romance que faz pensar e nisto está o seu maior elogio”, opina um renomado crítico que o leu. Todos os tipos que movimentam o enredo são profundamente humanos. As figuras femininas destacam-se, porém, com maior relevo. E’ um pedaço da vida, ainda quente, ainda palpitante, que se desdobra em quadros coloridos sobre duas centenas de páginas.

JANJAO — Literatura para crianças — **Inês Hogan** — Edições Melhoramentos.

Em belíssima encadernação a cores e com admirável trabalho de ilustrações, tradução de Mário Donato acaba de ser distribuído às livrarias da Capital mais essa excelente contribuição das Edições Melhoramentos para a petizada brasileira.

PORTUGUÊS PRÁTICO — Ciclo colegial — 1.ª, 2.ª e 3.ª séries — **José Marques da Cruz** — Edições Melhoramentos.

Em ótima encadernação, vêm de ser distribuídos às livrarias do Estado, mais essa substancial contribuição das Edições Melhoramentos aos nossos colegas. Seu autor, professor da “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” da

Universidade de São Paulo, é, sem favor, um dos mais eminentes filólogos que possuímos.

PERDEU-SE UM CADAVER — **R. L. Stevenson** — Romance policial — Editora Vecchi — Rio.

Nesse romance, tão intrigante quão divertido e original, se delineia e resolve um caso curiosíssimo e invulgar. Interêsse apaixonante e humorismo britânico saturam essas belas páginas, que farão, por certo, a delícia dos leitores de romances policiais. Tradução de Enéias Marzano.

TRES AMORES — **A. J. Cronin** — Romance — Livraria José Olímpio Editora — Rio.

Esse admirável romance do grande romancista inglês revela-nos mais uma vez invulgar força criadora e argúcia psicológica através da figura heróica de Lucy Moore, infeliz e fracassada nas suas dramáticas tentativas de adaptação sentimental. Essa 2. edição vem provar a grande aceitação das obras de Cronin, no Brasil.

VIOLA QUEBRADA — **Camilo de Jesus Lima** — Poemas regionais — Editora Combate — Bahia.

Acrescenta o autor mais uma obra poética à sua bagagem literária, aliás bem expressiva. Apresenta-nos poemas regionais em que o linguajar sertanejo imprime uma nota de real originalidade e emoção própria. No gênero, obra admirável.

OS MAIS BELOS CONTOS ROMÂNTICOS — Antologia — Editora Vecchi — Rio.

Essa antologia de contos românticos dos mais famosos autores nos faz evocar a época em que os homens faziam da paixão amorosa primordial escopo da vida. Há, nela, contos de Stendhal, Chamisso, Alexandre Dumas, Gerard de Nerval, Lemaitre, Anatole e muitos escritores célebres. Capa admirável, de Jan Zach.

COISA ALGUMA

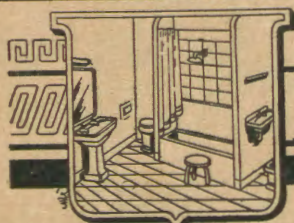
Entre comerciantes:

— Entrei na vida só com a minha inteligência.

— Sim. Todos sabem que o senhor é extraordinário.

— ?!...

— Começou a vida sem coisa alguma.



CONJUNTOS COLORIDOS

LOUÇAS SANITÁRIAS - ARTIGOS PARA ÁGUA EM GERAL
FERREIRA GONÇALVES & CIA. LTDA.

AV. PARANÁ, 59 • TELEFONE: 2-1210 • END. TELEGR.: "JOFEKO"
CAIXA POSTAL, 343 • BELO HORIZONTE • MINAS GERAIS

Louça nacional e inglesa; chapas e canos galvanizados; fogões “GERAL”, “JOFEKO” e “COSMOPOLITA”; telhas; tubos e caixas “Brasilit”; ladrilhos “Sacoman”; ferro, etc.



LÊ... E MEDITA...

Lê... e medita no meu verso triste/
Medita com unção, com fé, com calma;
e sentirás que nesta rima existe
tôda a esperança e crença de minha alma!

Verás minha existência, que consiste
em sonhar êste sonho que me ensalma!
Sonho que tu concentras e persiste
através desta dor que não se acalma!

Dor de estar junto a ti, mas, sempre ausente,
com multidões e peias de permoço,
como eu vivo a sofrer neste presente!

Quando tudo o que eu quero, se resume
em quedar docemente no teu seio,
libando o teu carinho e teu perfume!

A. GUTERRES CASSES

Cuide o bom conselho:



use
PARA A CUTIS
CREME
Procutol

Deseja receber prospectos e
amostra grátis? Então escreva-
nos mandando o seu endereço
exato:

Nome

Rua e n.º

Cidade

Estado

Laboratório e Farmácia "ODIN" S. A.
Caixa Postal. 36
BLUMENAU — Santa Catarina

Tem novo gerente a Cia. Cervejaria Brahma

CONSTITUIU uma nota de destaca-
do relêvo nos meios econômicos
da cidade, a posse do novo gerente
da Cia. Cervejaria Brahma, sr. Ro-
dolpho Valls, que substituiu o anti-
go gerente Virgílio Batista, transferi-
do para a filial da grande empresa
nacional em Porto Alegre.

Cavalheiro de fino trato e possui-
dor de ampla visão administrativa o
sr. Rodolpho Valls, que para aqui
veio transferido da alta administra-
ção da Cia. Cervejaria Brahma no
Rio, foi recebido com as mais ine-
quívocas demonstrações de simpatia
pela sociedade local, iniciando a sua
gestão à frente da importante empre-
sa, entre nós, com a dedicação e com-
petência que seria de se esperar,
afim de manter e elevar o renome
dos produtos da Brahma em nosso
Estado.



Sr. Rodolpho Valls

RESPOSTA AO PÉ DA LETRA

O marido, bastante presumido:

— Não vale a pena discutir, Ermelinda; não podes negar o fato
de que eras uma mulher absolutamente ignorante quando casaste
comigo!

A mulher, desolada:

— Sim, Armando, e até provavelmente foi esta a razão do meu
casamento.

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida huma-
na senão uma permanente busca da
felicidade? Por que se agitam homens
e mulheres, em todas as idades, se
não para conseguir os elementos que
os fazem felizes? Mas a primeira con-
dição da ventura individual é o bem-
estar físico, resultante da boa saúde.
Não há felicidade possível quando o
sistema nervoso não funciona norma-
lmente e ninguém ignora que é pelo
nervos que o homem goza ou sofre.
A alegria e a tristeza estão intimamen-
te vinculadas aos nervos. Mantê-los
sólidos, preservando-os dos choques
e abalos da agitação moderna, é, por-
tanto, o esforço lógico para alcançar a fel-
cidade. A ciência possui um grande
recurso para isso. O Benal, fórmula
do prof. Austregésilo, assegura o fun-
cionamento normal do sistema nerve-
so, garante o sono reparador, dá o
domínio do indivíduo sobre si me-
mo. É uma barreira às inquietações
que perturbam a vida e tiram ao ho-
mem o mais precioso dos bens, que
é o sossego do espírito. Benal encon-
tra-se em todas Drogarias e farmácias.

Rep.: HELIO PIMENTEL & CIA

AV. OLEGÁRIO MACIEL 8
BELO HORIZONTE

FIXA, TONIFICA E DA' NOVO BRILHO AO CABELO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO

Banco do Brasil S. A.

O maior estabelecimento de crédito do País
Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades
mais importantes do Brasil e correspon-
dentes em todos os países do mundo.

DEPOSITOS COM JUROS

(sem limite) a. a. 2 %
Depósito inicial mínimo,
Cr \$1.000,00. Retiradas li-
vres. Não rendem juros
os saldos inferiores àque-
la quantia, nem as contas
liquidadas antes de de-
corridos 60 dias a contar
da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES

(Limite de Cr \$10.000,00)
a. a. 4 %

DEPÓSITOS LIMITADOS

(Limite de Cr 50.000,00)
a. a. 3 %

DEPÓSITOS A PRAZO FI- XO:

Por 6 meses a. a. 4 %
Por 12 meses a. a. 5 %

DEPÓSITO COM RETIRA- DA MENSAL DA REN- DA, POR MEIO DE CHE- QUES:

Por 6 meses a. a. 3½ %
Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPÓSITO DE AVISO PRE- VIO:

Para retirada mediante
aviso prévio:

De 30 dias a. a. 3½ %
De 60 dias a. a. 4 %
De 90 dias a. a. 4½ %

Depósito mínimo inicial —
Cr \$1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condi-
ções identicas às do De-
pósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as
operações bancárias. Desconta, às
melhores taxas do mercado, dupli-
cadas, letras de câmbio e promissó-
rias. Realiza empréstimos em
conta corrente garantida. Efetua
cobranças. Promove transferências
de fundos, etc. e presta assistên-
cia financeira direta à agricultura,
pecuária e às indústrias, por inter-
médio da Carteira de Crédito Agri-
cola e Industrial, com os seguin-
tes fins:

a) — custeio de entre-safra; aq-
uisição de sementes;

b) — aquisição de máquinas agri-
colas e animais de serviço
para trabalhos rurais;

c) — custeio de criação;

d) — aquisição de reprodutores e
de gado destinado à criação
e melhora de rebanho;

e) — aquisição de matérias pri-
mas;

f) — reforma ou aperfeiçoamento
de maquinaria das indús-
trias de transformação;

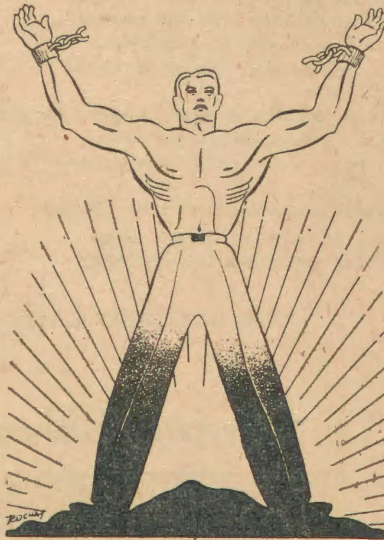
g) — reforma, aperfeiçoamento ou
aquisição de maquinaria para
outras indústrias que pos-
sam ser consideradas genui-
namente nacionais pela uti-
lização de matérias primas
do País e aproveitamento de
seus recursos naturais, ou
que interessam à defesa na-
cional.

Os interessados obterão na Agên-
cia de Belo Horizonte, com maior
presteza, todos os informes de que
possam carecer com referência a
tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

TABÚS

HUBERTO ROHDEN



LIBERTA-TE, ó homem, de to-
dos os tabús!

Não feches os olhos a luz al-
guma, não negues à inteligência
verdade alguma.

Crê no passado, e crê ainda
mais no futuro.

Sê tradicionalista, e mais ain-
da evolucionista.

Aceita tudo o que de verdadei-
ro e belo nos legarem os maiores,
e procura rasgar a teus filhos ho-
rizontes mais vastos ainda...

Abrange, do Oriente ao Ociden-
te, o panorama da vida, e adivi-
nha nos arrebois vespertinos au-
roras matinais...

O que foi pode vir a ser, e com
maior plenitude...

Sucedem-se os fenômenos da
vida, em eterna evolução...

Estagnar é retrogradar... Poi
isso, se vives de reminiscências
vive também de esperanças...

Não creias em lacrimosos sau-
dosismos de passadistas que ben-
dizem o pretérito e maldizem o
presente...

Se o ontem teve rosas — teve

também muitos espinhos... Se o
hoje tem espinhos — por que não
teria rosas?...

A vida é uma grande roseira —
cheia de rosas e espinhos... Se
de longe a contemplos só enxer-
gas um mar de rosas, e nenhum
espinho.

Foi a distância, e não a reali-
dade, que os espinhos eliminou...

Crê, pois, no passado, e não
descrelas do presente e do futu-
ro...

Não te fossilizes em nenhum
tabú rotineiro...

Não te petrifiques em nenhum
preconceito social...

Não te mumifiques em nenhum
dogma humano...

Conserva a elasticidade do es-
pírito e assimila novos elemen-
tos...

Sê um organismo vivo elimi-
nando substâncias gastas e assi-
milando substâncias sadias...

Não permita, porém, que ele-
mentos estranhos desvirtuem o
teu Eu — obriga-os a edificá-lo
segundo o plano que traçaste.

Se a porta fechares a novos
elementos vitais, acabarás em
atrofia espiritual. Se não fôres
fiel ao próprio Eu, acabarão os
elementos estranhos por adulte-
rar-te o caráter. E' necessário
que saibas homogeneizar tôdas as
substâncias heterogêneas. Tran-
substanciá-las no próprio ser. In-
corporá-las à personalidade to-
tal. Personalizar tôdas as coisas
impessoais. Vitalizar com a vida
do próprio Eu todos os átomos
que o mundo te dá.

Liberta-te, pois, de todos os ta-
bús!

Não sacrifiques os valores do
passado pelos tesouros do presen-
te e futuro! Conserva abertas pa-
ra todos os quadrantes do uni-
verso as portas da alma. Para
receber e despedir, para assimilar
e eliminar...

E será perene a juventude do
teu espírito...

ACOMPANHAMENTO

Um músico ambulante vai pela rua, tocando violino. De repen-
te, é interrompido por um guarda, que lhe pergunta:

— O senhor tem licença?

— Não, senhor.

— Então acompanhe-me!

Responde o músico, simplório:

— Com muito gôsto! Que é que o senhor deseja cantar?

O ESPÊLHO



QUANDO Narciso morreu, o lago do seu prazer mudou-se de taça de água doce em taça de lágrimas salgadas.

E as Orcadas chegaram chorando através dos bosques, para recitar canções ao lago e consolá-lo.

E quando elas viram que o lago se transformara, de uma taça de água doce em uma taça de lágrimas salgadas, desfizeram as tranças verdes de suas cabeleiras, e clamaram para o lago, d'zendo:

— Não nos surpreende que tu chores, insistiram as Orcadas. Por perto de nós, êle passava, sem parar, sequer. Mas, a ti, Narciso... Era tão belo!...

— Narciso era belo? replicou o lago.

— Quem pode sabê-lo melhor que tu? Procurava-te. A' tua margem se estendia, baixava para ti os olhos, e no espêlho das tuas ondas admirava a sua formosura.

E o lago respondeu:

— Mas eu amava Narciso, porque quando se estendia à minha margem, e baixava os olhos para mim, no espêlho de seus olhos eu via o reflexo de minha formosura.

*

A VIDA

A vida é falada por toaos. O que não se encontra é o entusiasmo de viver.

Gustavo Martínez Zubiriz

A vida é um diamante que se lapida vivendo. Porém o esplendor de suas faces é obra de um artifice: a inteligência.

Dr. Gastão Paquien

Saber sofrer sem queixar-se, eis aí a profunda ciência; a grande lição que devemos aprender, a solução do problema da vida.

Irving Stone



Irresistível

será a sua cutis, se a sra.

usar VAN ESS porque esses pós

e "rouges" - atomizados - dão à

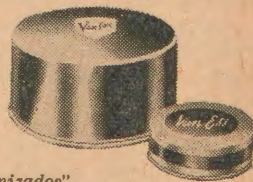
pele uma suavidade de pétalas, frescor

de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"

Van Ess



"atomizados"



McC

★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base do "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

ESTADOS UNIDOS COMPANHIA DE SEGUROS

Incêndio — Transporte — Acidentes Pessoais — Fidelidade —
Responsabilidade civil — Renda Imobiliária.

SUCURSAL EM MINAS

AVENIDA AFONSO PENA, N.º 1.158 - 3.º pav. - FONE, 2-6281



doce Lar

O LAR constitui a fonte de energia espiritual para a luta cotidiana e na felicidade conjugal reside a verdadeira alegria de viver, sentimento salutar que se comunica, pela sua pureza, à alma dos filhos, tornando-os, também, alegres e felizes.

Na doçura do lar é o que o homem encontra, após cansaças e preocupações diuturnas, o refrigério para o espírito, o consolo para as decepções, o estímulo para novas tentativas. Porque o lar possui uma alma diferente da que anima as ruas — alma lírica, a do lar, que une, na sua vibração imperceptível, os espíritos ainda rescendendo ao perfume dos sonhos do prelúdio emotivo do noivado...

A realidade do matrimônio sucede, porém, ao sonho lírico, antepõe aos olhos inexperientes dos sonhadores novas perspectivas. E toda uma série de problemas surge desafiando a argúcia dos espíritos, perturbando a serenidade deliciosa da iniciação, provocando, assim, pequenas crises diárias que poderão ser evitadas se ambos os conjuges compreenderem a necessidade da mútua condescendência.

Certo é que os homens, sem exceção, são gratos às esposas que lhes proporcionam, no lar, paz e harmonia. A boa esposa não o aguarda com queixas à flor dos lábios, nem o cansa com futilidades. Por exemplo: a cozinha foi embora! Pois, bem melhor: terá assim oportunidade para pôr à prova seu amor e o desejo ardente de bem servi-lo, preparando o jantar que, nesse dia, então, deve ser ainda melhor... Que pode interessar ao homem, já cheio de preocupações e responsabilidade, a conduta da copeira ou o aborrecimento havido com a lavadeira? Ele chega cansado. Na faina diária, seu cérebro se fatiga e os seus nervos se esgotam. Falar-lhe, pois, de coisas alegres e saudáveis, e o conselho para as esposas, que desejam agradar e exercer, naturalmente, sobre os maridos perene sedução. E não será obra de nenhum sordilégio a realização desse desejo. Cumpre apenas seguir à risca estes conselhos oferecidos por uma esposa felicíssima, que nos conta como procede:

— Refrescar o rosto e pentear os cabelos logo ao levantar.

— Trazer os sapatos sempre em bom estado e não aproveitar jamais meias com o fio corrido.

— Não aplicar no rosto nenhum creme nem encrespar o cabelo, enquanto o esposo estiver em casa.

— Ter sempre muitas toalhas limpas e sabonetes para o banho dele.

— Ter sempre à hora o almoço para não retardar o espôso.

— Ter sempre na geladeira provisões para antes de dormir, quando retornarem tarde à casa.

— Não negligenciar a tarefa doméstica para assistir a um chá.

— Apresentar-se sempre o mais bonita possível à sua chegada.

E o espôso sentir-se-á feliz? Afigura-se-nos que sim. Sentindo a esposa feliz, tudo fará para não perturbar-lhe a felicidade, correspondendo, com elegância, à sua conduta louvável. E seguirá estes conselhos dum espôso feliz, psicólogo sutil, que assim nos falou:

— Jamais me apresentei ao almoço sem estar barbeado.

— Nunca estabeleci paralelo entre as prendas domésticas de minha esposa e as de minha mãe.

— Sempre tive o cuidado de não criticar as iguarias de minha esposa, especialmente quando está preparando alguma novidade para agradar-me.

— Não deixei, jamais, o banheiro em desordem: toalha molhada no chão, torneira aberta e o tubo da pasta dentifífrica destampado.

— Nunca espero que minha esposa venha atrás de mim para recolher a roupa, pondo tudo em ordem.

— Não trago nunca convidados para ceiar em casa sem avisá-la previamente.

— Evito sempre causar-lhe preocupações, avisando-a quando vou regressar tarde à casa.

— Tenho o cuidado especial de não jogar as cinzas do cigarro sobre o tapete, invés de usar o cinzeiro.

— Sempre tive a delicadeza de não pôr nas palavras laivos de ironia, quando minha esposa incorre em erro.

— Não esqueço nunca as pequenas datas de nossa história conjugal, nem deixo de agradá-la com um presente de quando em quando.

— Jamais fiz-lhe críticas diante de pessoas estranhas ou permiti que houvesse discussões na presença de terceiros.

— Jamais armei cenas ridículas de ciúme, impedindo-a que dançasse com outros.

— Lembro-me sempre de felicitá-la pelos seus dotes de dona de casa e pelo bom gosto que revelava na arrumação das coisas.

— Nunca tentei mudar-lhe o temperamento, mas procurei, sim, amoldarmo-nos mutuamente, e estamos sempre de acordo.

AMBOS ESTÃO DE ACÓRDO

Desnecessário será dizer que a um casal educado desagradam os termos grosseiros e as discussões por ninharias, e está certo. Crê, ademais, que a esposa que passa a noite falando sobre seus problemas domésticos procede tão erradamente como o espôso que comenta sempre seus casos comerciais. Nenhum dos dois deve crer que a conquista haja terminado, mas esmerar-se sempre para

Obras seletas e úteis apresentadas

por

W. M. Jackson Inc.



PRÁTICA COMERCIAL NORTE-AMERICANA

12 volumes — 3.400 páginas. Acaba de sair em português — Um tratado completo sobre organização comercial, industrial, financeira, etc.

MUNDO PITORESCO

9 volumes — 2.332 páginas — Profusamente ilustrada. Uma viagem ao redor do mundo sem sair de sua casa.

TESOURO DA JUVENTUDE

18 volumes — 5.019 páginas — 6.000 gravuras. Organizada especialmente para crianças e jovens.

ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL

20 volumes — 12.000 páginas — 200 artigos. Contêm todos os conhecimentos humanos em ordem alfabética.

OBRAS COMPLETAS DE MACHADO DE ASSIS

31 volumes — 12.000 páginas. Toda a obra do maior escritor brasileiro.

OBRAS COMPLETAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

29 volumes — 9.300 páginas. Toda a obra do escritor moderno mais lido no Brasil.

COLEÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS DE AFRÂNIO PEIXOTO

25 volumes — 8.700 páginas — Romances — Críticas — Viagens e Ensaios.

A CORTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO de Luís Edmundo

3 volumes — 900 páginas — 420 ilustrações — Fiel e completo panorama da vida do Brasil, de 1808 e 1821.

HISTÓRIA DO BRASIL

de Rocha Pombo

5 volumes — 2.200 páginas. Belas ilustrações. A melhor e a mais completa.

GRANDE DICIONÁRIO

de Cândido de Figueiredo

2 volumes — 2.500 páginas — 200.000 vocábulos. O mais autorizado dicionário na grafia moderna. Com índice de dedo — 6.ª edição.

HISTÓRIA DA AMÉRICA

14 volumes — 5.988 páginas — Inúmeras ilustrações. A história completa de todos os países da América, desde a sua origem até nossos dias.

ENCICLOPÉDIA DE LA MUSICA

3 volumes — 1.100 páginas — Ilustrada — Uma história completa da música, seus compositores e executores.

TRATADO COMPLETO DE CLINICA MODERNA

"Klemperer"

9 volumes — 9.000 páginas — Ilustrada — Valiosa obra para médicos e estudantes.

WEBSTER'S NEW INTERNACIONAL DICTIONARY

O melhor dicionário da língua inglesa — 655.000 Verbetes — Com índice de dedo.

VENDAS À VISTA E A PRAZO

W. M. JACKSON INC. EDITORES

RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
RUA DO OUVIDOR 140 (Loja)	RUA SÃO BENTO, 250 (Loja)	RUA DOS ANDRADES, 991 (Loja)
Fone. 42-0671	Fone 2.2348	Fone 5736
Caixa Postal 360	Caixa Postal 2913	Caixa Postal 475

ALT. 7-45

W. M. JACKSON, INC.

CAIXA POSTAL, 360 — RIO DE JANEIRO
Queiram enviar-me "gratis" e sem compromisso algum,
informações sobre os LIVROS CITADOS

Nome: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
Localidade: _____
Estado: _____

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

*

COLUNA DOS FANS

As opiniões que nos sejam enviadas sobre programas e assuntos radiofônicos em geral, serão publicadas nesta coluna, desde que sejam bem intencionadas, construtivas e sintetizadas.

SR. GILSON RIBEIRINHO — CAPITAL — A sua reclamação tem sido a de muita gente. Por várias vezes já foi veiculada por esta seção, em inúmeras ocasiões. Todavia, não nos parece provável o retorno da mencionada cantora ao nosso rádio. E sabe por quê? Porque no "broadcasting" mineiro, infelizmente, ainda predomina o "veneno". Assim sendo, para evitar consequências mais desastrosas, colhemos da referida artista a afirmativa de que jamais reingressará em nosso ambiente radiofônico. E nós lhe damos razão. De mais a mais, a mencionada cantora acaba de ficar noiva.

SR. ELZA DURÃES — PARA' DE MINAS — De sua atenciosa carta retiramos o seguinte trecho, que nos parece mais justo: — "Todas as atenções dos ouvintes da Rádio Inconfidência estavam voltadas para a cantora Beatriz Novais, porque a "estrêla" de PRI-3, em cujo microfone se apresentava sempre com geral agrado, vinha conquistando muitos "fans" com os seus programas, graças à beleza de sua voz e correção na interpretação de foxes e valsas-canções. De um momento para outro, porém, a

promissora esperança do nosso rádio desapareceu como por encanto. Que lhe terá acontecido?"

SRTA. MARLENE — ANÁPOLIS - GOIÁS — Registramos aqui, prazeirosamente, sua opinião: — "A música folclórica é o verdadeiro poema da terra. Sua beleza singela brotou das selvas, dos vales, das praias, dos soluços dos negros nas senzalas. Suas melodias, ricas de colorido, falam das mais lindas e emotivas recordações do passado. O encanto das Iáras, a bravura dos Pagés, o lamento dolorido dos escravos, a história dos pescadores, dos pampas, a beleza das serras, dos vales, do luar e dos grandes rios, são temas que enriquecem o acervo musical do nosso folclore, justo orgulho de nossas tradições — mas tão desprezado no "broadcasting" brasileiro, onde existem tão poucos elementos para divulgá-lo! E em Minas há algum? Nunca ouvi."

SRTA. ZUANI' SILVA — MONTES CLAROS - MINAS — Com prazer, notificamos aqui sua sugestão: — "O sr. não acha que os responsáveis pelo rádio mineiro deveriam preocupar-se mais com a divulgação de trechos escolhidos de famosas sinfonias, palestras de fundo cultural, conselhos às donas de casa, receitas, seleções de música de câmara, ou, quando muito, depois de severamente expurgados, trechos do nosso folclore ou das nossas produções indígenas?"

CONFISSÃO PO'STUMA

Por ocasião da sua morte, a Condessa de Noailles tinha exprimido o desejo de que o seu coração repousasse às margens do lago Lemano... A cerimônia desejada pela autora do *Coeur innombrable* realizou-se discretamente. Uma urna, contendo o coração da poetisa, foi depositada no cemitério de Publier, um simples jazigo com uma simples inscrição: "Anne de Baancovan, condessa de Noailles, 1876-1933. E' que aqui dorme o meu coração, vasto testemunho do mundo..." Um dos peregrinos fez esta observação:

— Uma mulher pode confessar a idade... quando tem a da imortalidade.

*

NÃO ERA O MESMO...

— Pois minha mulher é muito complacente comigo: todos os dias lustra o meu sapato.

— De maneira que, todas as noites, quando voltas do clube...

— Não, quando estou de saída é que ela corre a lustrá-los.

ALTEROSA * JULHO DE 1945

DOENÇAS DO GADO E REMÉDIOS



DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO



ENVIE DOIS CRUZEIROS EM SÊLOS PARA O PORTE POSTAL

USINAS QUIMICAS BRASILEIRAS LTDA.

JABOTICABAL

Caixa Postal, 74 — Estado de São Paulo

LEIAM

ERA UMA VEZ

A REVISTA INFANTIL MAIS BONITA DO BRASIL

DESENHOS COMERCIAIS E TÉCNICOS E ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



ROCHA

RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

OS ACONTECIMENTOS políticos podem ser acompanhados, em todos os seus detalhes, diariamente, através da PRA-9, no seu magnífico Panorama Político, síntese radiofônica de todos os principais fatos políticos nacionais, divulgados na palavra de César Ladreira.

*

REGRESSOU dos Estados Unidos a violinista patricia Olga Prager Coelho, que vai iniciar outra excursão artística, de três meses, pelas principais cidades da América do Sul. A conhecida cantora que se encontrava em Nova Iorque, empenhada numa série de contratos para concertos em estações de rádio, realizou várias transcrições de músicas ibero-americanas para os programas irradiados, de Londres pela BBC.

*

POUCAS novelas têm conseguido o êxito alcançado por "O Rosário" um "script" de Elias Cecilio, baseado num dos famosos romances de Barclay. Apresentada às terças, quintas e sábados, às 14 horas, "O Rosário" tem em seu desempenho grande e brilhante elenco especializado.

*

A RÁDIO GUARANI voltou a apresentar ao seu microfone o interessante programa educativo criado pelo Prof. Halley Alves Bessa — ALMA JUVENIL — agora sob a direção de Rubem Amado. Este programa tem, como antes, o concurso dos alunos dos nossos diversos estabelecimentos de ensino secundário e normal. Está no ar às quintas-feiras, de 16 30 às 17 horas.

*

PROSSEGUEM cada vez mais vitórias as audições do baixo "colored" Edison Lopes ao microfone da Rádio Nacional. O excelente cantor mineiro vem merecendo o aplauso unânime de toda a crítica especializada da Capital da República.

*

DIARIAMENTE, às 12,30 horas, a Mineira apresenta "Cinelandia", interessante programa de assuntos cinematográficos, com notícias e comentários sobre artistas e filmes.

*

PROGRAMA que se distingue entre os que habitualmente são apresentados através das ondas cariocas, é o "Curso de Cultura Musical", que a direção do Rádio Clube do Brasil confiou ao maestro José Siqueira. Todas as sextas-feiras, entre 22,30 e 23 horas, está na onda, este interessante "broadcast", ponto alto da radiofonia carioca.

*

UMA NOITE TRANQUILA

"Seu" Torquato procura o vizinho, "seu" Pafúncio, a quem pede:

— Seria possível ao senhor emprestar-me o seu rádio para esta noite? Surpreendido, o outro pergunta:

— Vai ouvir algum programa?

— Não. Desejamos passar hoje uma noite tranquila...

O MAESTRO TÔRRES, diretor da orquestra de danças das emissoras associadas de Minas, vem realizando bonitos arranjos das músicas que constam do repertório daquele conjunto, as quais adquiriram, assim, novo e mais agradável sabor.

*

COM os principais cantores de seu "cast", a Guaraní bem poderia apresentar, ao invés de simples quartos de hora, quadros especiais de várias modalidades, com o devido cunho literário, dando à programação aspecto mais moderno...

*

OS programas literários que, inegavelmente, são os únicos atrativos atuais da Rádio Inconfidência, estão sendo apresentados na parte da manhã. Até agora não conseguimos compreender por que razão foram eles transferidos para hora tão imprópria...

*

VILMA LEAL ARNAUT, José Lino e Macrerevski formam a "trilha" encarregada da execução e divulgação do magnífico programa musical da PRH-6 — "Mensagens do México".

*

NÃO há dúvida de que toda e qualquer iniciativa do Rádio, visando beneficiar o povo, há de ser, sempre, muito bem recebida por todos. Ressaltamos, pois, prazeiramente, a iniciativa da S. B. C. I. que está apresentando mensalmente, ao microfone da Inconfidência, interessantes programas radiatrais, escritos pelo jornalista Milton Amado. Parabéns.

ALAOR BRASIL

ALAOR BRASIL é, sem dúvida, um dos maiores valores do nosso rádio, como intérprete de músicas argentinas. Venceu no rádio, logo nos primeiros contactos com o microfone. Isto já há alguns anos, e, desde então, sua popularidade jamais diminuiu. Os radiouvintes mineiros apreciam a sua voz e o modo personalíssimo com que interpreta as mais dolentes melodias portenhas do seu selecionado repertório.

Sempre em primeiro plano no rol dos cantores de maior expressão em nosso broadcasting, Alaor Brasil, tem obtido os mais consagradores aplausos, como merecido prêmio pelas suas atuações, de perfeito intérprete da música popular argentina.

Continúa de parabéns a Rádio Guaraní, a cujo "cast" Alaor Brasil pertence, com exclusividade, para gaudir de numerosos ouvintes.



Alaor Brasil

O RÁDIO-TEATRO NO BRASIL



Plácido e Cordélia Ferreira

A evolução do rádio-teatro, no Brasil, constitui fato inegável, contra cuja luminosa evidência o espírito mais negativista se sente paralizado. É que a força do progresso que impulsiona e aper-

*



Carlos Brasil, o conhecido redator da Mairinque Veiga, do Rio de Janeiro

feiçõa esse admirável gênero radiofônico, nasce de elementos idealistas que, incansáveis e imunes ao desânimo, prosseguem no mesmo ritmo de esforço e perseverança do período inicial em que as perspectivas eram apenas promissoras.

Entre os grandes elementos que realizaram o milagre do rádio-teatro numa época em que raros acreditavam no seu êxito, merecem destaque especial essas duas figuras queridas do público brasileiro, Plácido e Cordélia Ferreira, integrantes do esplêndido "cast" rádio-teatral da Mairinque Veiga, conjunto artístico que é, sem favor, um dos mais completos do rádio brasileiro.

Plácido Ferreira, além de brilhar como rádio-ator, em desempenhos que lhe aumentam dia a dia o prestígio artístico, ainda traduz e adapta, admiravelmente, peças teatrais, cujas apresentações constituem sempre verdadeiros sucessos radiofônicos. Plácido é, ainda, diretor artístico do conjunto.

Cordélia Ferreira é, também, inconfundível artista rádio-teatral, apresentando, sempre, ao grande público que a admira, empolgantes criações artísticas em que evidencia sua arte admirável.

Eis distinto casal que se harmoniza, maravilhosamente, na vida real e na grande arte, que representa para ambos o sagrado ideal das suas vidas.

*

Teresa Costa realiza o milagre da realidade da vida dentro do artificialismo da arte. Suas inter-



Teresa Costa

pretações são sentidas e vividas e constituem instantes psicológicos inesquecíveis. A sua naturalidade é o segredo conhecido de sua arte de criar tipos sem adulterar-lhes, com o exagero de intonações forçadas, o conteúdo humano. É artista que se preza e respeita o público, que lhe está ligado pela intensidade emocional equilibrada, característica de suas interpretações.

À glória de ser artista notável, Teresa Costa alia a ventura de ser progenitora de Gilca Machado e avó de Eros Volúcia — bendita trindade que enaltece a arte brasileira através de três de suas mais grandiosas manifestações.

*

O OUTRO BURRO

Contam que uma vez, o general Guzman Blanco visitou uma aldeia de Venezuela e, seguindo um antigo costume, o município designou um dos seus habitantes para que, em nome da aldeia, desse as boas-vindas ao ilustre visitante. Chegou o momento solene, e o encarregado de dirigir-se ao visitante estava no ponto mais interessante do seu discurso quando um burro começou a zurrar ali perto. Ao ouvir a voz do animal, que não cessava, o general não se pôde conter e berrou:

— Façam calar esse burro!

Orador, com humildade enternecedora, perguntou, entre assombrado e receioso:

— Eu, senhor?!

— Não, o outro! — respondeu Guzman Blanco com toda a naturalidade.



PEDRO RAIMUNDO

Pedro Raimundo veio das longínquas plagas gaúchas trazendo na harmonia languorosa do "acordeon" tôda a malícia contagiosa dos pagos. Seus versos, através das toadas gostosas que fazem o encanto dos ouvintes e embalam o auditório, trazem a graça das cantigas regionais cantadas ao pé das fogueiras, enquanto se saboreia o chimarrão...

Pedro Raimundo é o poeta popular das terras gaúchas e traz no poncho esvoaçante a evocação da boêmia noturna dos seresteiros que cantam desafios ao luar...

Veio da Farroupilha contratado pela Rádio Nacional, onde está se apresentando em programas noturnos e aos domingos durante o dia, obtendo ruidoso sucesso.

Consta que, brevemente, Pedro Raimundo virá atuar na Rádio Inconfidência, numa temporada que será, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos do ano radiofônico mineiro.

*

SHERLOCK... DE RA'DIO

Apareceu, numa estrada, o cadáver de um homem cortado em pedaços.

Na parte que remeteu ao juiz, escreveu o administrador:

"Enquanto V. Excia. não chega, indagarei se se trata de um assassina-to ou de um suicídio".



BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

Capital Realizado 6.000.000,00

Subscrito e em realização 19.000.000,00

25.000.000,00

*

Depósitos em C/C:
298.824.038,50

AS MELHORES TAXAS

Filial do Rio:
Rua da Quitanda, 72
Caixa Postal, 1.200

FONES:

Diretoria 24-4113
Presidência 43-7250
Sub-Gerência 43-7563

*

AGÊNCIAS

Em Minas Gerais:
Belo Horizonte
Rua Tupinambás, 318-20
Porto Novo - Fone, 9
Recreio - Fone, 19
Silvestre Ferraz

Estado do Rio:
Barra Mansa - Fone, 208
Itaperuna - Fone, 9
Miracema - Fone, 19
Petrópolis
Av. 15 Novembro, 486
Fone, 2461
Porciúncula
Rezende - Fone, 64
S. Fidelis - Fone, 9
Pádua
Campos

Espírito Santo:
Muqui
Mimoso do Sul

São Paulo:
Presidente Bernardes

ESCRITÓRIOS:
Em Minas Gerais:
Francisco Sales
Palma
Pirapetinga
São Lourenço
S. João Nepomuceno

No Estado do Rio:
Puriza
Sapucaia
Carmo
Cambuci
Cardoso Moreira
Volta Redonda

No Estado de S. Paulo:
Valparaíba.

*

CORRESPONDENTES EM DIVERSAS LOCALIDADES, PRINCIPALMENTE NA ZONA DA MATA DE MINAS

*

Corresponde com todos os Bancos do país.

*

MATRIZ:

Leopoldina
Praça General Osório - Fone, 9
Minas Gerais



ALTEROSA inicia, nesta edição, oportuna "enquete" radiofônica, que se constitui numa série de dez perguntas que serão feitas, mensalmente, a um astro ou estrela de renome no "broadcasting" nacional.

Numa época que se caracteriza por sensível transição social e política, que imprimirá ao mundo rumos mais claros, a radiofonia constitui fator dos mais decisivos para formação espiritual e cultural das novas gerações responsáveis pelos destinos humanos. Porque o rádio, penetrando nos lares, realiza o milagre educativo da palavra impressiva que, informando, divertindo ou instruindo, anula as distâncias, revela a grandeza do país, unifica os espíritos, presos pelos elos sonoros de sua fascinante sugestão. E auscultar o pensamento dos elementos que militam e trabalham para o crescente progresso da radiofonia, se nos afigura oportuno e interessante, pelas curiosas revelações que naturalmente, conterão seus comentários sobre o ambiente em que vivem e pelos conceitos que emitirão sobre o valor artístico das figuras que considerarem como sendo as representativas da arte radiofônica, nas suas múltiplas manifestações.

Responde, nesta edição, às perguntas da nossa "enquete", a aplaudida cantora **Lúcia Veado**, elemento de real valor da Rádio Mineira.

Responderão, a seguir, à nossa "enquete", as figuras mais expressivas da radiofonia nacional, entre as quais figurarão **Saint-Clair Lopes**, **Almirante**, **César Ladeira**, **Amural Gargel**, **Teófilo Pires**, **Paulo Lessa**, **Rosita de Sousa**, **Paulo Gracindo**, **Flávio Alencar**, **Manoel Barcelos** e muitos outros nomes consagrados pela opinião pública.

*

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RADIOFÔNICA?

— "Não posso dizer que o meu início tenha sido propriamente de carreira radiofônica". Mais acertadamente eu diria: quando enfrentei o microfone pela primeira vez, foi no dia 12 de março de 1937, com apenas 11 anos de idade. Desejava fazer uma surpresa à mamãe, cujo aniversário se passa nessa data. Pedi, então, à Títia Dorotéia, na época diretora do programa infantil da Mineira, que me deixasse cantar. Tudo isso, com a maior sem-cerimônia... Foi um sucesso. Todavia, devido aos estudos, não continuei cantando."

— QUE EMOÇÕES MARCARAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA?

— "A minha primeira emoção, dela eu me lembro perfeitamente. Foi quando contava apenas 6 anos de idade. Cantei e dancei numa festa organizada por a. Zulmira de Queiroz Breiner, diretora da Escola Normal de Curvelo, festa essa cujos "artistas" não ultrapassavam a idade de 10 anos. Tive medo de enfrentar o público, mas havia alguma coisa que me impedia de sair correndo do palco. Era, talvez, o receio do fiasco..."

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA.

— "Parecerá mentira se eu contar que comeci a cantar, no meu gênero atual, devido a um desafio. Sim, a um desafio. Conto-lhe como foi: — Meus irmãos e seus colegas, tocos naquela época universitários, organizaram um conjunto humorístico que se chamava "Banda da Pata Choca". Meu irmão mais velho era o "Juca Foguetiro" e chefe da "Ban-

da"; o outro, era o "Bichara", o turco do conjunto. Os demais componentes são todos formados, atualmente. Pois bem: todos eles, vendo como eu gostava de música, queriam a toda força que eu cantasse "desafios" e imitasse calpira. Eu, é lógico, não apreciava muito a "soberba" proposta, tanto que nunca tomei parte nas irradiações da "Banda da Pata Choca". Um dos membros ao conjunto, "Mané Barriguiinha", atualmente conhecido advogado em São João del-Rei, que tocava flauta, daquelas de folha de Flândres, certo dia, após dar uns trinado no seu pequeno instrumento, disse-me que eu não era capaz de fazer o mesmo. Aceitei o repto. Mandei que ele tocasse de novo e repeti todas as notas com a voz. Todos acharam interessante e riram-se a valer da derrota do "Mané Barriguiinha", que ficou um tanto confuso. Daí comeci a tomar gosto pelos "trinados" e passei a ouvir com grande interesse tudo que dizia respeito à música lírica, sonhando então com os estudos de canto. Tanto pensei e tanto falei sobre isso, que, um dia, o nosso "Conselho de Família" — papai, mamãe e meus irmãos — numa assembléia puramente democrática, como é de nosso hábito — se reuniu para resolver se eu estudaria ou não o ambicionado canto. No fim do conclave, ficou deliberado que eu faria tão logo terminasse os estudos de ginásio. Enquanto isso, fui aproveitando e apresentando várias músicas em festivais artísticos, mas tudo de ouvido, inclusive as "clássicas". Meu pai era o mentor e, assim cheguei a saber todo o "Quem sabe?", de Carlos Gomes, por ele ensinado pacientemente. Mais tarde, sempre de ouvido, aos 13 anos, aprendi com a professora d. Isabel Vieira, a quem muito devo, o *Il Bacio*, *Caro Nome*, e *Una Voce Poco Fa*. Um dos meus irmãos se encarregava de me ensinar a pronúncia do italiano e do espanhol. Como vê, o meu início foi verdadeira "colcha de retalhos": plena cooperação fora a crítica terrível por parte de meus irmãos e meus pais, a qual muitas vezes, me fez chorar de desânimo..."

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— "Aprecio em alto grau o lírico, que é o que procurarei cantar, quando estiver mais adiantada em meus estudos de canto. Também gosto imensamente das músicas espanholas, porque são vibrantes, muitas vezes estuantes de patriotismo, e refletem à perfeição, a cálida alma latina, irrequieta e amiga das aventuras. O seu ritmo vivo, compassado com as batidas secas das castanholas, alegre, dando animação ao corpo e ao espírito. Contudo o fato de preferir aos outros esses dois gêneros, não impede que ouça, com prazer, tudo aquilo que agrada ao ouvido e aos sentimentos."

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIAUTORES, RADIADORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DE NOSSO RÁDIO?

— "Eis aí uma pergunta difícil de ser respondida. Para lhe ser franca, não aprecio muito o rádio-teatro. Quanto aos humoristas, coloco em primeiro plano Lauro Borges e Zé Fidelis. Locutores, temos em Minas nas três emissoras: Luís Carlos, Hermínio Machado, Teófilo Pires, Paulo Lessa, José Osvaldo Santiago. No Rio, Saint-Clair Lopes."

PANORAMA RADIOFÔNICO

A OPORTUNA "ENQUETE" QUE "ALTEROSA" INICIA NESTA EDIÇÃO —
RESPONDE LÚCIA VEADO, A ADMIRA'VEL CANTORA DA RÁDIO MINEIRA

Minha preferência, entretanto, não significa que eu considere menos os demais locutores. No que diz respeito aos cantores, admiro o tenor José Menezes Filho, e o barítono Vorcearo. Quanto às cantoras, as irmãs Pedroso, sem favor, dignas de nossos aplausos pela maneira brilhante com que interpretam as músicas de seu gênero. Vilma Leal Arnaut, José Lino, Geni Moraes, Abílio Lessa e minha colega Deodata Gonzaga dentro de seus gêneros respectivos, não são menores valores do nosso rádio."

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

— "De início, é preciso lembrar que em Belo Horizonte, mau grado a marcha ascensional do nosso rádio, não há programa de calouros que possua aspectos artístico, recreativo e moral. Aliás, creio que mesmo no Rio não existe tal. Uns são melhores do que os outros quanto à maneira por que tratam os calouros, isto é, incutindo-lhes ânimo e desejo de vitória; os demais, produzem tão somente por em ridículo os neófitos, inculcando-lhes um complexo de inferioridade que custarão a perder, talvez. Ao invés de atrair valores, e assim renovar o ambiente artístico, provocam a sua repulsa e a sua fuga ao microfone. Ora, isto não é construir que é o objetivo precípuo do rádio em nossa e em todas as terras..."

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIO?

— "Existe, sim. Não há no Brasil quem se iguale a Almirante. Em Belo Horizonte, temos Orlando Pacheco, alegre, vivo e, principalmente, cativante inspirando confiança a quem enfrenta o microfone pela primeira vez".

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

— "Creio que em vez de inovação, poderíamos dizer renovação. O rádio mineiro anda cheio de imperfeições que precisam ser sanadas. Ora somos nós, os artistas, que falhamos; ora são os programas que não possuem vida e animação suficientes para atrair os ouvintes; ora são os anúncios redigidos de tal forma que muito deixam a desejar. Depois de feitas as renovações, poderíamos passar às inovações.

Precisamos fazer programas instrutivos para as crianças. Não basta levantar-lhes e incentivar-lhes a vocação artística. É preciso educá-las, dar-lhes cultura, não só humanística, mas sobretudo moral e religiosa, para que possam se transformar, com os anos, em homens de caráter reto, com as idéias voltadas mais para Deus do que para as coisas do mundo, afim de que elevem este Brasil mais e mais, no conceito dos povos. E o nosso Brasil precisa tanto de homens de caráter e de coração..."

— QUAIS SERÃO SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

— "Isso, só Deus é quem sabe. Contudo, sob o ponto de vista artis-

tico, é meu intuito atingir um melhor grau como cantora, no que sempre me esforço pelo estudo constante. Esse ânimo de que me acho possuída, digo-o como um agradecimento de coração, em parte devo a meus pais e meus irmãos, e, principalmente, às minhas professoras d. Honórina Prates Campos, cujo entusiasmo pelo canto tem me contaminado até o mais profundo íntimo e d. Anita Andrade que, há longos anos, vem me ensinando com uma paciência sem limites, desde os meus primeiros tempos, quando só me preocupavam as cantigas de roda. A ambas, muito devo do que sei e se não aprendi mais, foi porque a discípula não é tão boa quanto as mestras."

— QUAL É A SUA IMPRESSÃO SOBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— "O rádio deve ter, como finalidade principal, a educação do povo. No entanto, ele não vem cumprindo exatamente esse desideratum. Há uma forte divergência no sentido do interesse puramente comercial. Refiro-me ao rádio mineiro, é claro, que é o objetivo de nossa palestra. Co-

mo disse na resposta a uma das perguntas anteriores, tenho para mim que o rádio deve procurar, principalmente, elevar o nível artístico cultural e moral do povo.

Na minha opinião, creio que nesse aspecto da-se justamente o contrário. Mas, quando digo "educar", penso sobretudo nas crianças. É preciso evitar que a criança tome parte em programas, nos quais cante sambas, marchas e canções que encerrem conceitos que firam sua sensibilidade, a deixando um traço indelével que marcará por toda vida. Aberra os nossos sentimentos cristãos o deixar a infância tão abandonada no que respeita à sua formação intelectual. É preciso que nossas emissoras organizem programas instrutivos, nos quais ensinem à infância a História da Pátria, a nossa língua, a história dos outros povos, as ciências, etc.

Mas tudo isso de modo atraente, não para espantar... A criança precisa crescer, dentro do dinamismo atual num ambiente sadio, de fraternidade, amor e temor de Deus, para que o mundo de amanhã não sofra, como agora sofre, as misérrimas de uma nova guerra..."



LÚCIA VEADO



Direção de FÉBO

IMAGINAÇÃO, ENTUSIASMO, EXTRAGANCIA E ORIGINALIDADE

Todos sabemos que é a imaginação que colore a inteligência. Um cérebro privado da divina faculdade de criar é como uma planta que se desenvolveu longe do sol.

Também é a imaginação a melhor defesa da alma contra as invasões do materialismo. E' por ela que nos conservamos eternamente jovens para amar, esperar e sentir. Os sinais gráficos da imaginação aparecem comumente no exagêro das hastes superiores, em contraposição com a pequenez das hastes inferiores. Todos os grandes traços inúteis são excessivos, bem como os finais prolongados em curvas ascendentes.

Quando êsses sinais são múltiplos e intensos, a imaginação fica próxima da exaltação.

Se êsses sinais são extravagantes podemos sentir a presença de alguma desordem mental.

Se essa extravagância atinge tôdas as letras, a desordem mental pode conduzir à loucura.

A escrita imaginativa, com as letras separadas, leva à utopia e à religiosidade, se os finais se elevam em curvas puras. Se, ao contrário, a escrita imaginativa tem as letras ligadas o senso prático vem corrigir os excessos da imaginação, que continua espiritualista, sem contudo cair no devaneio.

A escrita exaltada e frequentemente intuitiva, quer dizer: formada de letras juxtapostas.

A letra do entusiasta é sempre dedutiva, porque o entusiasta é realizador. Como em tôda pesquisa grafológica, o aspecto geral do grafismo, pode modificar os resultados obtidos por um determinado número de sinais, apenas.

CORRESPONDÊNCIA

PAULA VIRGINIA — Capital — Imaginação, religiosidade, senso estético, fineza no trato, timidez e pouca confiança nos seus próprios méritos. Impressionabilidade, sensibilidade, sentimentalismo, bondade, natural, muito coração. Sentimento do dever. Devotamento. Capacidade afetiva.

TESOURINHA — S. Paulo — Capital — O seu estudo grafológico já foi respondido, creia, em número anterior, sob outro pseudônimo. Contudo, não custa repetir o que já ficou dito. Predomínio dos sentiços. Tipo comercial, capacidade de trabalho. Vontade pouco desenvolvida. Às vezes desencorajamento e tristeza. Idealismo, bondade natural, prodigalidade, expansividade.

PITUCHINHA — Itaipua — Minas — Letra muito caligráfica, revelando falta de personalidade, hesitação e fantasia. Espírito rotineiro e preso aos preconceitos. Nervosismo, vaidade e — nada mais se pode apreciar.

SERTANEJA — Tiros — Minas — Vontade, desconfiança, positivismo. Espírito ainda em formação. Saúde equilibrada, dissimulação, reserva e discreção. Algumas vaidades, excessivo

sivo amor próprio. Traços de egoísmo. Bondade natural e alegria de viver.

MAEVE — Uberlândia — Minas — Letra um tanto artificiosa, mostrando alguma afetação, exagêro, vaidade e admiração de si mesma. Crises de desânimo e melancolia. Egoísmo, materialismo, expansividade com os estranhos e reserva com os íntimos. Gostos artísticos, elegância e clareza. Saúde delicada. Idealismo, às vezes.

ALMA TRISTE — Sto. Antônio do Monte — Minas — Autoritarismo despótico, vontade exagerada, conduzindo à obstinação. Método de viver, desencorajamento, fadiga mental. Pressa, impaciência, nervosismo e inquietação. Pouco controle emocional, expansividade e, às vezes, indiscreção. Desatenções, motivadas por cansaço mental.

HOBART — Juiz de Fora — Luta contra o natural e a aparência. Embora de temperamento sentimental, gosta de parecer aos outros enérgico e pouco sensível. Caráter, às vezes, irritável e desigual. Amor da contradição. Inteligência superior, cultura

intelectual apreciável, capacidade artística e senso crítico. Independência de caráter, originalidade nas idéias, gostos poéticos, fineza no trato. Lógica, inquietação, nervosismo e agitação. Cérebro e coração equilibrados. Encoleriza-se facilmente, mas procura controlar-se porque a vontade é regular. Não admite que se lhe contrarie. E' um visual, com marcada cultura artística.

ACIREMA — Capital — Rogo-lhe a fineza de enviar-me um pseudônimo para resposta da grafia enviada. Revela a sua letra muito sensibilidade, sentimentalismo e abundância de coração. Tipo de grafismo dedutivo, mostrando raciocínio, lógica e precisão. A vontade não é poderosa. Deixa, muitas vezes, de obter o que deseja porque hesita muito, antes de tomar qualquer deliberação. Inteligência boa. Capacidade afetiva.

ROBIN — Rio — Entusiasmo, alegria de viver, saúde, mocidade. A linha ascendente mostra vontade, capacidade de trabalho, gosto do estudo, boa inteligência, bondade natural. Traços de teimosia, independência de caráter, impenetrabilidade e algum egoísmo.

PIEIDADE — Rio — Espírito caprichoso, fantasista e voluntarioso. Graça, elegância, boa educação, fineza e "savoir-faire". Não gosta de ser contrariada. Discute facilmente mas sabe fazê-lo com inteligência e lógica. Ama os bons poetas, a boa música e as coisas belas. Pouca capacidade de sofrimento.

COMETA — Cidade Maravilhosa. — Dissimulação, desconfiança, egoísmo, orgulho, amor próprio. Imaginação, positivismo, lógica e dedução. Fantasia, vontade desigual, ordem e anseio de perfeição. Boa inteligência.

DARDANIA — Capital — Letra mais ou menos caligráfica, das pessoas que não conseguiram ainda formar uma personalidade marcada. Boa educação, gosto artístico, alguma teimosia, desconfiança e dissimulação. Vontade igual, sem ser rígida. Inteligência normal, espírito de ordem, capacidade de direção. Discreção, preconceito e rotina.

APAIXONADA — Itaipua — Traços de pressa, impaciência e distração. Finais prolongados, reveladores de desconfiança, dissimulação e discreção. Vontade caprichosa, hesitação e alguma timidez. Lógica, às vezes, teimosia e parcimônia nos gastos. Gostos comuns.

VOZ DE ALMADA — Paracatu — Espírito em formação, sujeito a inúmeras modificações. Tendência a deformar a verdade, pouco espírito de ordem e método, gostos vulgares, predomínio do instinto. Capacidade afetiva, positivismo, impaciência e pouca vontade. Espírito mordaz. Temperamento instável.

LITICE — Paracatu — Minas — Tipo de letra de pessoa dotada de boa inteligência, imaginação e capacidade de esconder os próprios sentimentos. Desconfiança, agressividade e autoritarismo. Pouco controle emocional, senso crítico e amor da letra, embora a cultura não passe além da média.

ROXANA — Formiga — Minas — Boa inteligência, gosto apurado, graça, bondade natural, expansividade e algum romantismo. Validade pessoal, vontade decisiva, crises de tristeza e desânimo. Pressa, impaciência, amor do passado. Saúde equilibrada, lógica e dedução.

SERRANA — São João Batista da Glória — Minas — Escrita lenta de pessoa mais ou menos calma, que toma lentamente as coisas e age do mesmo modo. Falta de hábito das coisas intelectuais, idéias um tanto retrógradas, decisão e raciocínio lentos. Traços de agressividade, vontade frágil e capricho. As vezes é violenta e pouco ponderada.

DIDICA — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Vivacidade, graça, movimento e um certo "laissez-allér". Vontade tenaz e obstinada. Imaginação entusiasmo e idealismo. Temperamento sentimental normal, alguma validade pessoal, expansividade e alegria de viver. Alguma desconfiança, emotividade e bondade natural. Coração generoso.

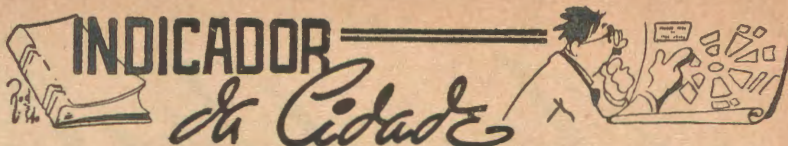
MISTINGUETT — Sete Lagoas — Minas — Infelizmente não posso atendê-la, num estudo minucioso, como deseja, por não dispormos de espaço suficiente para tanto. A análise da sua grafia mostra instintos pródigos, gostos finos, iniciativa, coragem e timo administrativo. A assinatura mostra exclusivismo de pensamento e modo de agir. A vontade é bem orientada, ativa e mesmo combativa. De coração é bem dotada. Também de cérebro.

SONHO AMBULANTE — Capital — Queira renovar a consulta, escrevendo em papel sem pauta.

ROBERTA — Itaúna — Embora bem caligráfica a sua grafia possui um outro traço característico. Há sinais de validade pronunciada, orgulho e amor próprio. Espírito preso às coisas do passado. Predomínio dos sentimentos poéticos. Vontade igual, sem ser rígida.

DOQUINHA — Campo Grande — Mato Grosso — Sentimento da beleza, gosto fino e poético, docura, sensibilidade, afetuosi dade e bondade. Modéstia, simplicidade, discreção, predominância do cérebro sobre o coração. Constância, perseverança e imutabilidade de caráter. Vontade refletida, atenção e prudência. Espírito de ordem e método, nítido e categórico.

AVELAR DE TRIAGEM — Rio — Todos os profissionais da arte e da



INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

PROF. HILTON ROCHA
DR. PINHEIRO CHAGAS
Consultas diárias das 3 às 6
Edifício Cine Brasil — 7.º andar
— Salas 701 a 713 — Fone, 2-3171

ADVOGADOS

DRS. JONAS BARCELOS CORREIA, JOSE' DO VALE FERREIRA,
**RUBEM ROMEIRO PERET, MA-
NOEL FRANÇA CAMPOS**
Escritório: Rua Carijós, 166 —
Ed. do Banco de Minas Gerais
Salas 807-809 — 8.º andar — Fo-
ne: 2-2919

DR. OSCAR MATOS

Moléstias internas — Tuberculose

Consultório: Av. Afonso Pena, 952,
Edifício Guimarães, 3.º andar, Sa-
la, 317 — Fone 2.1065 — Residência:
Rua Outono, 267 — Fone 2-5639

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

**DOENÇAS DO APARELHO
DIGESTIVO**

Diagnostico e tratamento das moléstias do estomago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar. Consultório: Ed. Cruzeiro — Av. Afonso Pena, 774 — 5.º andar — Salas 504-506 — De 1 às 3.30
Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

Dr. Raimundo Candido

ADVOGADO

Escritório: Afonso Pena, 759 —
Sala 8 — Das 15 às 17 horas,
exceto aos sábados. Residência:
Curitiba, 430 — Fone: 2-2936.

DR. J. ROBERTO DA CRUZ

Cirurgião-dentista

Tratamento das afecções buco-dentárias e maxilo-faciais. Tumores, quistos, granulomas, necroses dos maxilares, estomatites, sinusites e fistulas crônicas e recentes de origem dentária, extrações, etc. Fisioterapia.
Consultas de 8 às 12 e de 4 às 6 horas — Ed. Rex — Salas 607 e 608 — Hora Marcada — Tel. 2-7976 — Rua Carijós, 436 — 6.º andar.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba
— Rua Rio de Janeiro, 430 —
Sala 121 — 12.º andar — Tel.
(res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. CYRO CANAAN

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

**OPERAÇÕES — VIAS URINARIAS
SIFILIS**

Cons.: Ed. Caetés — R. Caetés, 386 — 2.º andar — Salas 205-207 — Fone 2-4388 — Res.: R. Caetés, 460 — 2.º andar — Fone 2-0788.
Belo Horizonte

A HOMEOPATIA

EM

BELO HORIZONTE



Consultorio e residência: AV. AFONSO PENA, 398 — 5.º andar
ATENÇÃO: — Peça a sua HORA ANTECIPADA, pessoalmente ou pelo
telefone: 2-3212

DR. WILSON ATAB

Médico especialista — Cursos de Medicina Alopática e Medicina Homeopática, pela Universidade do Rio de Janeiro — Do Serv. Clin. do Prof. Galhardo, do Rio — Membro do Inst. Hahnemann do Brasil.

literatura, além de usarem os caracteres tipográficos, misturam comumente as maiúsculas com as minúsculas. Revela também esse último traço, entusiasmo febril e alegria de viver. Sinais de prodigalidade e validade pessoal. Capacidade criadora. Inteligência superior, senso artístico. Gosto da forma. Expansividade, facilidade de elocução, independência de caráter.

CORAÇÃO SOFREDOR — Itaúna — Minas — Espírito em formação, sujeito a modificações. Alguma desconfiança, amor próprio dissimulação, reserva e discreção. Religiosidade, timidez, pouca confiança nos próprios méritos. Um pouquinho de orgulho e vaidade.

Arte Culinária

CARDÁPIO ÚTIL E AGRADÁVEL

MARIA TERESA



O cardápio deve ser organizado atendendo-se ao paladar da pessoa ao qual é servido. Não é preciso que seja complicado e espalhafatoso como pensa muita gente. Deve, pelo contrário, ser simples, agradável e variado. Não é a quantidade que o valoriza, mas sim a qualidade, sobre o ponto de vista nutritivo, na confecção dos pratos apresentados.

Entre comer e saber comer, vai uma diferença muito grande. Para se comer bem, é necessário levar em consideração o valor alimentício de cada acepipe. Um prato muito enfeitado, mas sem calorias necessárias ao organismo, não tem nenhum valor, e deve ser substituído do cardápio. Além da parte estética, relativa ao arranjo e ornamentação, as refeições devem conter muitas vitaminas, cálcio e outros elementos tão indispensáveis à espécie humana.

O cardápio deve portanto reunir o útil ao agradável, afim de manter a saúde do corpo.

Damos a seguir a ordem dos pratos a ser observada no cardápio. Não vamos determinar pratos. Isto fica à escolha de cada dona de casa, que, segundo as suas predileções, combinarão à vontade as mais variadas receitas.

Cardápio

Aperitivo
Sopa
Acepipes de copa
(Melão ou figo com presuntos)
Acepipes de cozinha
Peixes
Entradas frias
Sorvetes ou ponche à romana
Assados em geral
Salada
Salgados em geral
Doces
Queijos, frutas
Café, Charutos, Cigarros
Licores.

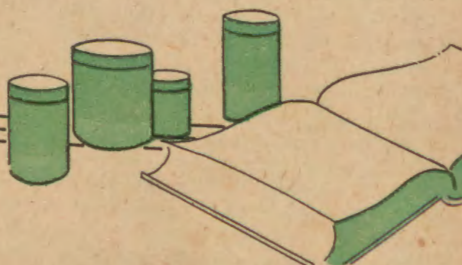
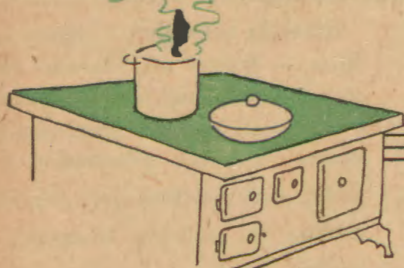
Cardápio

CARNE DE PORCO DE FORNO

Toma-se um bom pedaço de carne de porco de 2 quilos e parte-se em dois; arruma-se numa travessa sobre uma boa camada de cebolas cortadas em fatias finas e rodeia-se a carne com batatas cortadas também em fatias. Tempera-se com sal e uns grãos de pimenta do reino, colocam-se sobre as batatas pedaços de manteiga e molha-se com meio copo de caldo de carne. Pôr no forno uma hora e meia pouco mais ou menos, regando de vez em quando. Serve-se na mesma travessa.

PEIXE AU GRATIN

Tomam-se peixes pequenos ou postas de peixe e põe-se numa panela untada com manteiga; molha-se com vinho branco, tempera-se e deixa-se cozinhar. Retiram-se os peixes e colocam-se numa travessa que possa ir ao forno; despeja-se o molho numa frigideira; deixa-se reduzir, coa-se, engrossa-se com maisena e liga-se com uma gema de ovo e manteiga. Cozinhase à parte alguns camarões. Enfeitam-se os peixes com camarões, cobre-se com o molho e passa-se no forno um instante.



SOUFFLE' DE ESPINAFRES COM PRESUNTO

Pôr para ferventar 125 grs. de espinafres, escorrer água e pôr para cozinhar em água fervendo temperada com sal. Escorrer bem a água, bater e deixar secar um pouco numa panela sobre o fogo, juntar um pouco de manteiga, até ficar na consistência de massa espessa. Neste ponto juntar sal, pimenta, noz moscada, 60 grs. de presunto picado, 40 grs. de queijo ralado (facultativo). Ligar com 3 gemas e depois juntar 5 claras muito bem batidas. Despejar num prato ou fôrma bem untada com manteiga e pôr no forno moderado.

OMELETA DE RIM DE VITELA

Lava-se, limpa-se e põe-se de molho 60 grs. de rim de vitela. Corta-se em pedacinhos e põe-se para refogar na manteiga; juntar em seguida vinho branco e caldo de carne, meio copo; batem-se seis claras juntando em seguida as seis gemas; tempera-se com sal; pôr na frigideira 30 grs. de manteiga e despejar os ovos batidos; assim que endurecer despejar no centro o picado de rim, espera-se mais um minuto e enrola-se a omeleta. Pôr um pouco mais de manteiga na frigideira, para a omeleta escorregar facilmente para a travessa.

Pode-se acompanhar com molho de tomates ou molho holandês.

Molho de tomates — Pôr numa panela 30 grs. de manteiga e uma cebola picada, seis tomates, um pedacinho dum dente de alho esmagado, um "bouquet" de cheiros. Tapa-se a panela, deixa-se cozinhar em fogo brando, mexendo de vez em quando, passar depois por uma peneira. Pôr numa panela 30 grs. de manteiga e 30 grs. de farinha de trigo, desfazer com o caldo dos tomates juntando um pouco de caldo ou de água se fôr necessário.

Molho holandês — Pôr uma panela em banho-maria com 125 grs. de manteiga, sal, e depois bater com o batedor incorporando pouco a pouco gemas de ovos, três ou quatro, e por ultimo uma colherinha de vinagre.

COUVE-FLOR COM MOLHO AMARELO

Pôr para cozinhar uma couve-flôr; depois de muito bem lavada, juntar um pouco de farinha de trigo à água para clarear a couve-flôr. Depois de bem cozida escorrer bem a água e servir com o seguinte molho. Pôr numa panela meia colher de manteiga, juntar 1 xícara e meia de leite e meia colher de maizena, por ultimo uma gema de ovo. Temperar com sal.

Sobremesas

BOLO DE NOZES

Bate-se meia xícara de manteiga. Batem-se três gemas de ovos com uma xícara de açúcar, junta-se a manteiga, depois as três claras, muito bem batidas, 1 xícara de nozes passadas na máquina, meia xícara de leite e uma xícara e meia de farinha de trigo com a qual se peneirou uma colherinha de fermento inglês, duas colheres de chocolate ralado.

Pôr para assar numa fôrma untada com manteiga. Depois retirar da fôrma, cobrir com clara batida com açúcar, enfeitar com meias nozes e pôr um instante no forno para secar.

COMPOTA DE MAÇÃS

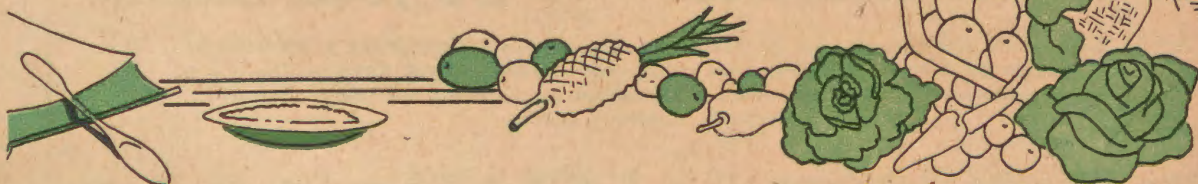
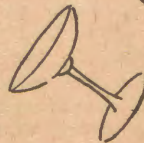
Cortam-se em quatro pedaços seis maçãs grandes, descascadas, e tiradas as partes duras e sementes; pôr na água fria com umas gotas de caldo de limão para não escurecer.

Pôr numa panela esmaltada 800 grs. de açúcar com água para fazer uma calda em ponto de fio. Enxugam-se os pedaços de maçãs antes de pô-los na calda; deixar cozinhar, mas não demais, para não se desfazerem. São retirados com uma escumadeira e arrumados numa compoteira ou prato coberto. Deixa-se a calda tomar ponto mais alto e despeja-se sobre as maçãs.

Pode-se juntar à calda uns cravos da Índia ou meia fava de baunilha.

PALITOS FRANCÊSES

Bater 6 gemas com um quarto de quilo de açúcar, juntar em seguida as 6 claras muito bem batidas, em seguida juntar 400 grs. de farinha de trigo peneirada com 1 colherinha de amônia em pó. Formam-se os biscoitos compridos sobre taboleiro bem untado com manteiga. Peneirar por cima açúcar e colocar o taboleiro no forno para assar.



"O PERSONAGEM PERSEGUE O AUTOR"

G. TEIXEIRA DA COSTA

É COMUM dizer que os escritores de estilo simétrico não cultivam as idéias. Pelo menos, relegam-nas para segundo plano. Escrevem como se pintassem um quadro: jogando com as "águas-fortes" dos adjetivos, com as sombras das conjunções, com as tonalidades dos advérbios. Mas em literatura, como na ciência, não há leis absolutas. Encontramos comumente escritores de estilo perfeito e que trazem uma considerável contribuição para o debate das idéias. Entre esses, podemos situar o sr. Mário Matos. Eis aí um estilista notável que nunca se afasta do contacto com a substância dos temas.

Não se perde arranjando o instrumental específico da linguagem. Antes, aprendeu a dar ao estilo a sua verdadeira finalidade, isto é, ele se aproveita da boa linguagem para impôr o seu pensamento, para divulgar as suas idéias. Na série de ensaios que o sr. Mário Matos reuniu em volume que a editora "O Cruzeiro" lançou, retomamos contacto mais demorado com esse claro espírito de Minas contemporânea. O autor de "O último bandeirante" incursiona aqui pelos mais variados caminhos do pensamento moderno, emitindo a sua opinião, sublinhando com o seu comentário sutil os fatos correntes que agitam a inteligência nesta fase de transição.

Os assuntos expostos em "O personagem persegue o autor", não obedecem uma sistematização. São recolhidos ao acaso, mas de cada um deles o sr. Mário Matos extrai os elementos caracterizadores da nossa época. Esta é a sua linha de continuidade. Com aquela sua fina percepção das coisas e aquele seu saboroso "sense of humour", o ilustre escritor desfila impressões sobre figuras e fatos dos nossos

dias. Literatura, arte, política, religião, filosofia, tudo isso se contém nas páginas vivas e interessantes de "O personagem persegue o autor". Em cada uma delas, que a gente lê com prazer, temos um pouco dos dias agitados e confusos do nosso calendário. O livro do sr. Mário Matos é feito com o tecido da época. E só mesmo um espírito sério e equilibrado, como o do brilhante ensaísta, poderia navegar em águas tão turbulentas sem perder o rumo. De fato, a segurança com que aborda e comenta os assuntos positiva a visão universal que ele tem da vida. E isto o possibilita manter-se equidistante das agitações epidérmicas que procuram envolver as zonas firmes do eterno.



MÁRIO MATOS

Numa hora como esta em que os bons escritores desaparecem das estantes, dominada que está a literatura pelas improvisações

falhas e mediocres, a presença de um espírito como o sr. Mário Matos fortalece a convicção de que nem tudo se perderá na confusão. Convenientemente esclarecido sobre os problemas da existência, vivendo a sua época dentro dela e sentindo de perto as pulsações do tempo, ele sabe, como poucos, distinguir o que é definitivo e rígido do que é fluido e movediço. Imbuído das verdadeiras idéias revolucionárias do século, delas se tornou um doutrinador e um divulgador honesto, mas nunca um demagogo. Nem se influiu de vãs sofreguidões. Em seu livro de ensaios, encontramos os temas mais recentes expostos com lógica e bom senso, serena e profundamente, sem aquele estardalhaço inútil e jactancioso dos demagogos e dos "snobs". A leitura desse trabalho nos deixa informados de coisas nucleares, bem estruturadas, não só nos planos desinteressados da arte e da literatura, como também em outras questões da cultura que surgiram das desarticulações provocadas pela guerra. É uma obra que reflete, precisamente na diversidade dos assuntos tratados, a vida contemporânea com todas as forças desagregadoras em ação, gerando aflições e ansiedades, mas ainda mantendo o seu poder de recriar, sobre destroços e ruínas, melhores fórmulas de convivência humana. Em "O personagem persegue o autor" a gente percebe o clima desse novo humanismo, alimentando com as suas fontes humildes e distantes a velha chama da sabedoria.

Prosa e poesia, realidade e ficção se harmonizam nesse conjunto de crônicas e ensaios, narrativa e crítica, em que o admirável espírito do sr. Mário Matos nos dá a medida de sua capacidade de sentir e compreender as coisas do mundo.

A BRASILEIRA • De João Semião

Máquina de beneficiar arroz — Afamadas aguardentes VERGONHA e FERROADA — Grande depósito de madeiras para construções, calibros, ripas, fôrro, soalho e compensado — Cereais, aguardente e álcool em larga escala — Comprador de cereais, açúcar e café.

Rua Benedito Valadares, 19 — PONTE NOVA — Est. de Minas

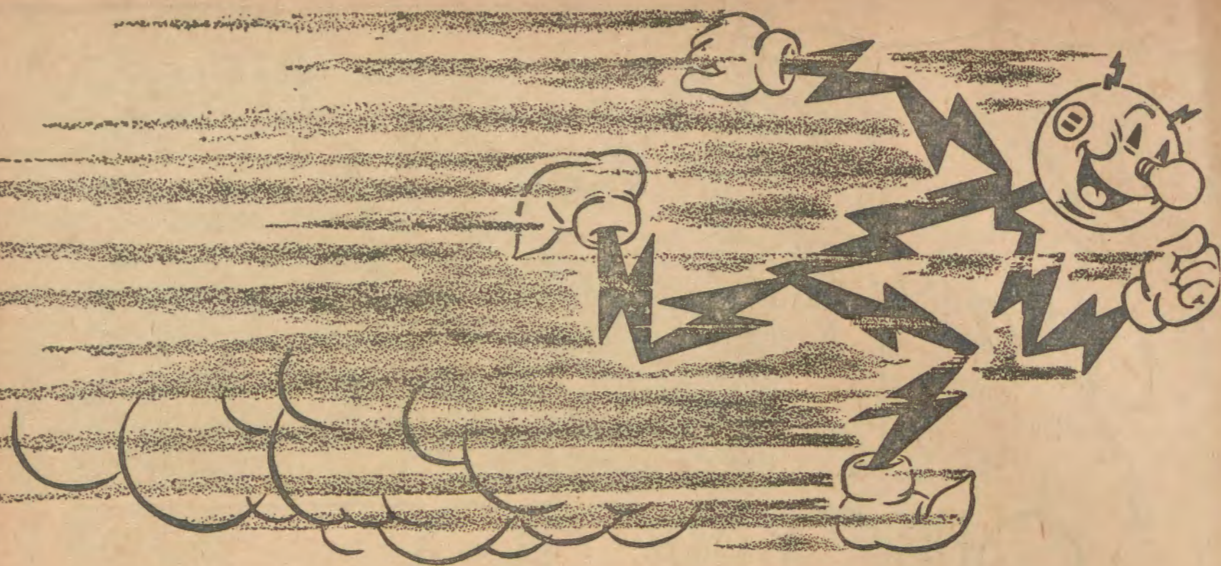
Grande Hotel de OURO PRETO



Conforto
&
Elegância

Ambiente
de Arte
&
Relíquias





SE O PUDESSEM FOTOGRAFAR...



— Eis a razão pela qual "Seu" Kilowatt, o criado elétrico, pode estar em toda a parte para servir a todos: sua velocidade é igual á da luz - 300.000 quilômetros por segundo!

— Claro é que não existe máquina fotográfica capaz de lhe fixar o perfil ao atender aos chamados... Se existisse, porem, seu "instantaneo" seria assim...

COMPANHIA FÔRÇA E LUZ DE MINAS GERAIS
Telefone 2-1200



Lella Maria, filha do casal Vicente E. Tropia e Linda Naquim Tropia, residentes em Ouro Preto.

CRIANÇA

Geraldo, o inteligente menino, filho do distinto casal Anibal Marques da Silva Maia — D. Maria José Ouruvil Maia, de nossa sociedade.



Rodolfo Carlos, filho do casal Benedito Reis Nogueira e Edméa Pinelli Nogueira, desta Goiás.

(Foto Constantino)

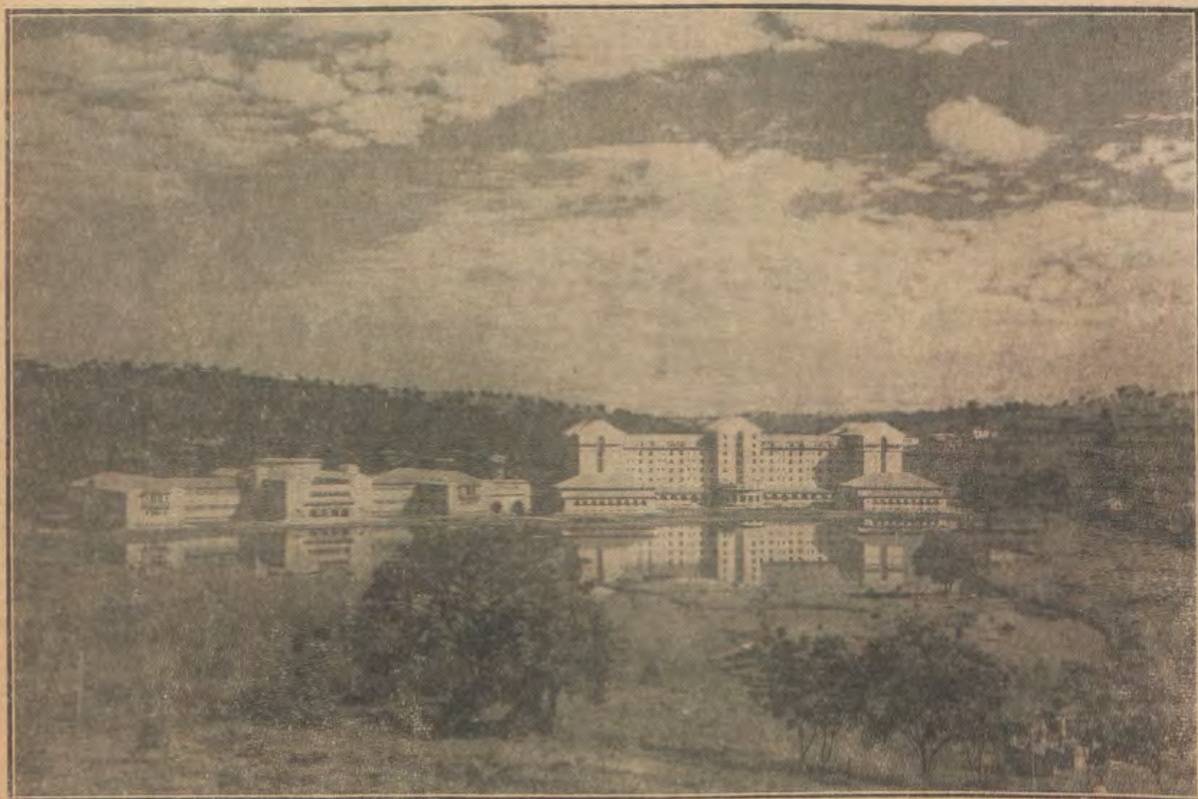
Mariza Rodrigues, de Jataí — Goiás.

Sônia Maria, filha do casal Maestro Francisco Dorce, que atua com grande êxito nas Rádios Tupi e Difusora, de São Paulo, e D. Maria Bagone Dorce. Sônia Maria completou seu primeiro aniversário no dia 14 de maio último.



ALCASAN

SÍMBOLO DE MAJESTOSAS CONSTRUÇÕES



Vista geral das Termas de Araxá, na qual a firma "Alcasan" realizou grandiosos serviços de concreto armado, pavimentações, drenagens, terraplenagens, urbanização e outros variados serviços.

DESDE muito que o público mineiro vem se habituando a notar a marca ALCASAN sobressaindo em meio a gigantescos montes de cimento, vigas de aço, tijolos e outros materiais cuja presença indica o local escolhido para uma grande obra moderna. E essa marca, que todos já aprenderam a conhecer como abreviatura de Alfredo C. Santiago & Cia. Ltda., uma das mais antigas e conceituadas empresas construtoras do nosso Estado, já se tornou famosa não apenas em nossa Capital, onde a sua atividade assinala presentemente um extraordinário surto de expansão, como ainda em Araxá, no Rio de Janeiro e outras importantes cidades do país, para onde a pujante organização mineira tem sido chamada a prestar o seu valioso concurso à obra de progresso do Brasil.

Integrada pelos competentes engenheiros Alfredo Carneiro Santiago e Roberto de Magalhães Peña, profundos conhecedores de sua profissão e dotados ambos de dinâmico espírito realizador, a firma Alfredo C. Santiago & Cia. Ltda. (Alcasan) estende, assim, o seu campo de atividade, abraçando obras cada vez mais vultosas e arrojadas, algumas das quais já conhecidas em todo o Brasil

como acontece com a Fábrica de Aviões de Lagoa Santa e o Hotel de Araxá.

Há 22 anos que essa perfeita organização construtora vem colaborando eficientemente no engrandecimento do nosso Estado, sendo responsável por um sem número de construções já concluídas e por concluir. Entre estas últimas podemos alinhar, como as mais importantes, as que se seguem: EM BELO HORIZONTE: Aeroporto da Pampulha, Edifício do I. A. P. C.; Escola Técnica do Ministério da Educação e Saúde; Edifício Indaiá (condomínio); Nova Estação da Cia Telefônica Brasileira; e Hospital-Escola da Cruz Vermelha. EM SABARA: Escola do Senai. EM UBERABA: Edifício Delta (condomínio). EM ARAXÁ: Serviços de pavimentação, urbanização e construção nas Termas de Araxá. NO RIO: Conjunto residencial de Olaria.

ALCASAN tem sua sede social em Belo Horizonte, à rua da Bahia n.º 570, 5.º andar, fone 2-1239, e à Avenida dos Andradas, 1199, fone 2-6597, com endereço telegráfico "Alcasan".

Seus escritórios no Rio estão localizados à Av. Erasmo Braga, 12, sala 21, com telefone 42-0974.

Lãs SAMS

Tem um tipo especialmente indicado para cada peça ou agasalho para crianças, senhoras, rapazes, homens...

...e a mais variada coleção de cores para beleza dos seus trabalhos de tricô.



São estas as marcas de Lãs SAMS:

SIBERIA
ALASKA
BORBOLETA
GATINHO
YO-YO
ROSECLER
ORQUIDEA
ARCANCEL
POMPEIA
PLATINA
PLUMA
DIANA
CASTOR
5 FIOS MESCLA

EXIJA A MARCA



AO COMPRAR Lãs

GRÁTIS! Enviamos receitas com gráficos e fotografias de belíssimos e úteis agasalhos para serem confeccionados em tricô. Preencha este "coupon" e remeta-o para o Departamento de Propaganda SAMS — Caixa Postal 507 — São Paulo.

NOME
ENDERECO
CIDADE
ESTADO
AT-3

A USINA HIDRO-ELETRICA DE PETÍ

FATOR VITAL PARA O PROGRESSO DE BELO HORIZONTE —
DETALHES DO NOTA'VEL EMPREENDIMENTO — A VISITA
DOS DIRETORES DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE MINAS

O VERTIGINOSO progresso de Belo Horizonte, que estende suas ruas numa febre de edificações, ultrapassou todas as expectativas, exigindo a reforma e a ampliação de todos os serviços de interesse coletivo.

Cidade moderna e dinâmica, exige, para segurança de seu futuro, perfeito serviço de energia elétrica, elemento básico para o florescimento das iniciativas de toda ordem. E assim o compreende a empresa concessionária dos serviços de energia elétrica do maior centro irradiador de riqueza e cultura de nosso Estado, que é Belo Horizonte.

Vencendo múltiplas dificuldades oriundas da guerra, iniciou a construção duma obra por todos os títulos grandiosa: a grande usina hidro-elétrica de Petí, no município de Santa Bárbara.

Obtendo, em meados de 1942 a aprovação das autoridades federais do respectivo projeto, a Cia. Força e Luz de Minas Gerais iniciou a construção na qual se empregam os mais eficientes processos técnicos afim de que sua conclusão se verifique no menor prazo possível. Espera-se que, em princípios de 1946, esteja funcionando uma das quatro unidades que estão sendo montadas, para o que a

Cia. está envidando os maiores esforços afim de superar as incalculáveis dificuldades materiais.

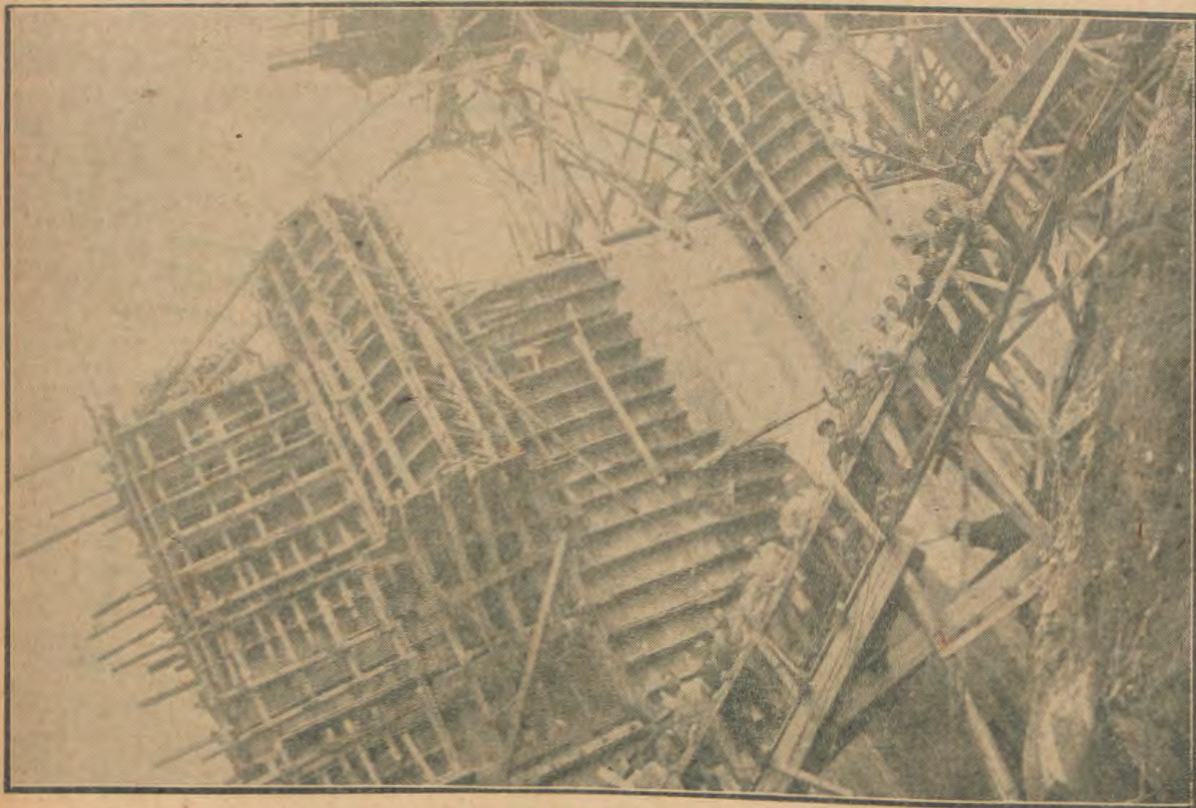
*

A usina hidro-elétrica de Petí — que será a usina de maior potência do Estado — constitui, realmente, uma obra notável, que bem expressa o espírito de trabalho e realização dos elementos que integram a Cia. Força e Luz de Minas Gerais, entre os quais é de justiça destacar a figura dinâmica do dr. Mário Werneck, ilustre engenheiro e seu diretor-gerente, cuja capacidade técnica vem se reafirmando dia a dia através dessa monumental realização cuja finalidade é de vital interesse para o progresso belo-horizontino.

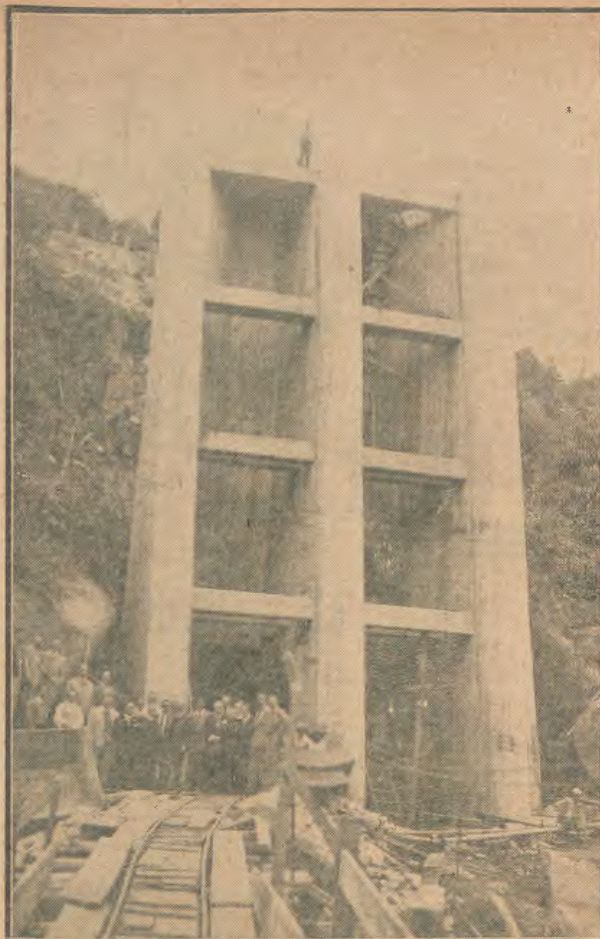
x

Os dados referentes à grandiosa obra impressionam. Calcula-se, por exemplo, que, na barragem, revestimento do túnel, fundação das máquinas, casa de força e outras partes do projeto, serão empregados 17 mil metros cúbicos de concreto e gastos mais de 120 mil sacos de cimento. Após a conclusão, somente o maciço de concreto da barragem pesará cerca de 20 mil toneladas.

O consumo de vergalhões de aço atingirá 400 toneladas; de dinamite, 47 toneladas. Na barragem



Grandioso aspecto da barragem, cuja conclusão será em setembro próximo.



O grande túnel de 1.400 metros de comprimento aberto na rocha, e que funcionará como conduto forçado da grande massa líquida que acionará as turbinas de Peti.



Outro grandioso aspecto da barragem, que constitui o maior maciço de concreto simples do Brasil.

rocha, 3.820 m³; terra, 2.450 m³. No túnel: rocha, 17.500 m³. Na casa de força: rocha, 2.400 m³; terra, 30.900 m³.

Peti será a usina de maior potência do Estado, convém repetir, e custará a soma de 70 milhões de cruzeiros. A sua barragem para bacia de acumulação terá 40 metros de altura, não se contando os 12 de fundação. Um túnel de 1.400 metros de extensão, perfurado em plena rocha, funcionará como conduto forçado da grande massa líquida que acionará as turbinas de Peti.

A usina foi projetada, inicialmente, para uma potência total de 12.500 quilowates, dividida em três unidades, sendo a primeira de 4.500 quilowates, e as outras de 4.000 quilowates cada uma, e nesta base foi apresentado o projeto às autoridades competentes. Posteriormente, após estudos acurados, chegaram os técnicos à conclusão da necessidade de uma quarta unidade, também de 4.000 quilowates, perfazendo, assim, um total de 16.500 quilowates ou, melhor, 23.000 HP a serem definitivamente instalados para o aproveitamento total da queda de Peti.

*

Em maio último, uma caravana composta de diretores da Associação Comercial do Minas, representantes da imprensa e figuras representativas da sociedade e meios industriais de Santa Bárbara, visitou a grandiosa realização da Cia Força e Luz de Minas em Peti.

Durante a visita, que se prolongou por várias horas, o dr. Mário Werneck forneceu as mais detalhadas informações sobre a obra aos visitantes que, magnificamente impressionados pelo vulto e significação do empreendimento, exteriorizaram, no almoço da "Casa da Administração", através da palavra do dr. Newton de Paiva Ferreira, suas expressões de verdadeira satisfação que sentiram ao ritmo do trabalho que impulsiona tão empolgante realização.

Agradecendo, falou o dr. Mário Werneck, que aludiu às dificuldades iniciais e que ainda existem e ao novo projeto da Cia. que já tem em vista um novo aproveitamento hidroelétrico para suprir as futuras necessidades de Belo Horizonte. Assim — disse o diretor-gerente — terminada a obra de Peti, a Cia. cuidará de utilizar uma queda existente na confluência do Rio das Velhas com o rio Itabirito, a jusante da atual Usina de Rio das Pedras, contando-se com o armazenamento d'água atualmente criado pela barragem da referida usina.

*

A obra de Peti recomenda uma organização e constitui luminosa perspectiva para a cidade, que cresce dia a dia, numa promessa esplêndida de futura grande metrópole do Brasil.



NOTURNO INTERIOR

I

Quando a fitei, o luar de sua alma
iluminou-lhe, de súbito,
as nostálgicas pupilas.

II

E a noite, d'antes obscura do subjetivo
mundo
transfigurou-se pela sugestão do luar
que, através daqueles olhos,
iluminava-me o sonho, como se em sua luz
o pássaro maravilhoso do pensamento
se libertasse de seu êxtase,
para a infinita plenitude de seu voo!

VÊNUS DE MILO

I

Por muitos séculos, guardou a terra, em seu
fecundo ventre,
a semente da Perfeição
que o teu corpo mutilado ressuscitou, um dia,
para a luz.

II

Mas, os teus braços ausentes
animam-se, ainda, no Olimpo, de harmonioso
encanto,
onde a alada graça de tuas mãos afaga
a imaginária fronte dos deuses.

A música foi sem
dúvida, uma das pri-
meiras manifestações
de arte. Ela bem
traduz o sentimento
dum povo ou a agi-
tação duma época.
E' o idioma univer-
salmente compreen-
dido, é o fator pre-
ponderante para a
aproximação dos po-
vos.

Na Grécia Antiga,
berço da civilização,
foi onde outrora
mais se cultivaram
as ciências e as ar-
tes. Euterpe e Terp-
sícure eram deusas

inseparáveis e sempre presentes a tôdas as solenidades.

A lira de Apolo e a flauta de Pan foram os primeiros
instrumentos musicais que a história registra. Apesar de
sua primitiva rudeza, permitiram ao homem mitológico
transmitir as diversas fases de seus íntimos sentimentos.

Handel e Bach foram gênios musicais, cujas obras
grandiosas se imortalizaram com o decurso de três séculos.
Beethoven, "o maior músico de todos os tempos" foi atin-
gido pela maior desgraça que pode acontecer a um músi-
co: a surdez. Continuou, no entanto, a compor obras ma-
ravilhosas, nas quais bem se percebe o seu espírito severo
e, por vêzes, revoltado contra a fatalidade do destino.

Wagner caracteriza o espírito marcial, rígido, da ra-
ça saxônica. As suas óperas, hoje consagradas, marca-
ram o início de nova era no mundo musical. Chopin, o
poeta do piano, quando soube a sua pátria invadida,
compôs o estudo "Heroico", no qual transparece todo o
desespêro que lhe ia malma pela impossibilidade de re-
unir-se aos seus em defesa do solo pátrio. Numa noite
chuvosa, enquanto aguardava George Sand, compôs o pre-
lúdio da "Gota d'água", que tão bem expressa o mudo
desespêro e o amor dum coração. Carlos Gomes, o genial
patricio, que desde a infância ansiava a glória, celebrou
o nosso indígena e ergueu o Novo Mundo, o nosso Brasil
que tanto o evoca através de carinhoso culto.

A música moderna, na extravagância de seus ritmos,
expressa a época de incerteza artística e a procura de
diretrizes mentais para a evolução da técnica musical.

Sob a influência da música o espírito se eleva das
contingências materiais para um mundo superior, por-
que seus ritmos o convidam à meditação, ao amor e à
vida, nas suas múltiplas manifestações, conforme a na-
tureza dos sentimentos que inspiraram o autor na com-
posição: uma melodia, uma marcha guerreira, dum ro-
mance ou dum hino de glória.

As manifestações e divulgações da arte não respei-
tam o preconceito de raças e desconhecem as fronteiras
terrestres.

A poesia do som é universal e irresistível. Na sua
maravilhosa sugestão, mostra-nos a grandeza espiritual
que contém a divina mensagem da música às humildes
e frágeis criaturas humanas.

*

DESCULPA INFELIZ

No restaurante:

- Rapaz, esta sopa está fria.
- Ora esta, eu achei-a a ferver!
- O' patife! Pois tu a provaste?!
- Não, senhor. Meti-lhe só um dedo deuto...



Diretamente da Broadway...

...Êles vieram da Broadway precedidos de admirável cartaz internacional. Quando chegaram ao Rio, os brasileiros viram que o seu valor superava muito o cartaz que os antecederam e o público os consagrou com verdadeiras tempestades de aplausos.

E assim começou e se desenvolveu a temporada de DARO AND CORDA nos mais elegantes centros de diversões do Rio. O público se apressava em vê-los bailar, apreciar sua arte originalíssima, aplaudí-los com um entusiasmo que poucos artistas estrangeiros têm conseguido até então.

Agora, DARO AND CORDA anunciam sua vinda a Belo Horizonte. Estrearão na Pampulha por êsses dois dias e o seu sucesso certamente marcará época na crônica artística e social da cidade. Os belorizontinos conhecerão os famosos e consagrados caricaturistas da dança moderna, cujas criações os celebrizaram nos grandes teatros da Broadway.

Pampulha



Viajando no avião da carreira da Panair, chegou em junho último a esta Capital, o sr. Arnaldo Barbosa Caciquinho, alto funcionário do Instituto Medicamenta Fontoura S. A., de São Paulo, e figura de grande projeção nos meios industriais ao país. O objetivo da viagem do ilustre visitante foi a convenção de gerentes das filiais em Minas Gerais daquele importante estabelecimento, à qual presidiu. Fizem-se representar as filiais de Juiz de Fora, Uberaba, Januária, Teófilo Otoni, Uberlândia e desta Capital.

A fotografia focaliza a chegada do ilustre visitante, ladeado pelas pessoas que foram recebê-lo, no Aeroporto da Pampulha: sr. Tibiriçá Chagas Gouvêa, Inspetor do Instituto Medicamenta Fontoura S. A.; sr. Carlos Barbosa Caciquinho, Gerente da Filial desta Capital; sr. Telesforo Nogueira Chagas, gerente da Filial de Juiz de Fora; sr. Audálio G. Lisboa, gerente da filial de Januária; sr. José Serpa Neto, gerente da Filial de Uberlândia; sr. Abílio Baeta Neves, gerente da filial de Teófilo Otoni; sr. José Caetano de Freitas, praticista da Capital; sr. João Ferreira Melo, propagandista da Capital; sr. Irani Fortes, viajante da zona Oeste; sr. Moacir Pena Sales, viajante da zona Norte; sr. Moacir Figueiredo, viajante da zona de Teófilo Otoni; srta. Maria Chagas, dactilógrafa correspondente da Filial desta Capital; sr. Ubirajara Nogueira Chagas, do nosso alto comércio; sr. José Aiupe, do nosso alto comércio; sra. d. Otília Meireles Caciquinho, progenitora do sr. Caciquinho.



Festejando o aniversário natalício de seu filho Jorge Leonaruo, o sr. Antônio Jorge de Faria, advogado e fazendeiro nesta Capital, e sua exma. esposa d. Virgínia dos Santos Faria, ofereceram em sua residência brilhante recepção aos numerosos amiguinhos do aniversariante. Foi uma festa encantadora, pela distinção e alegria em que decorreu, tendo reunido não só grande número de petizes, como pessoas de relêvo em nossa sociedade.



Realizou-se em maio último, no salão do Cine Leão XIII, a solenidade de posse da nova Diretoria do Conselho Fiscal do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Belo Horizonte, discursando vários oradores. A fotografia que publicamos registra um aspecto da concorrida solenidade no momento em que discursava o sr. Boaventura Sousa, Presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas M. M. E. do Estado de Minas Gerais.



A Congregação das Religiosas Filhas de Jesus comemorou, em junho último, o centenário de nascimento da sua fundadora, Madre Cândida Maria de Jesus, realizando expressivas solenidades no Colégio Imaculada Conceição. A fotografia acima constitui significativo flagrante de uma das solenidades, que se revestiu do maior brilhantismo e que contou com seleta assistência constituída de figuras do maior relêvo na nossa sociedade.

★ O MÊS EM REVISTA ★



Realizou-se em junho último, na Livraria Cultura Brasileira Ltda., a exposição do livro chileno promovida pela Editora Zig-Zag, tendo comparecido à solenidade de inauguração diversos intelectuais da cidade. Para a organização desse expressivo empreendimento editorial, esteve entre nós o sr. Carlos Urra Covarrubias representante da editora chilena, que na fotografia aparece ao lado do conhecido livreiro-editor Roberto Costa.

O 20.º ANIVERSARIO DO BANCO DA LAVOURA



FESTEJANDO o seu 20.º aniversário de proveitosa existência ao serviço da economia do Estado e do país, o Banco da Lavoura de Minas Gerais fêz realizar festivas solenidades em junho último, às quais se associaram os elementos de maior projeção em nossos meios econômicos. O flagrante que estampamos ao lado, fixa um instantâneo do discurso com que o presidente do tradicional estabelecimento de crédito, dr. Clemente Faria, em nome da diretoria do Banco, saudou os funcionários, na solenidade promovida em sua honra.

★ VISITAS A' "ALTEROSA" ★

Belo Horizonte recebeu em junho último a visita do sr. William J. Williamson Junior, dinâmico gerente de propaganda e promoção de vendas da Cia. Johnson & Johnson do Brasil, que aqui esteve, em companhia do sr. F. Teixeira Orlandi, alto funcionário da J. Walter Thompson Company do Brasil, afim de promover a campanha de lançamento do novo "Modess" o famoso absorvente de fabricação daquela importante firma mundial. O sr. Williamson esteve em visita à administração e oficinas desta revista, durante a qual foi feito o flagrante ao lado, no momento em que o ilustre industrial palestrava com o diretor-gerente de ALTEROSA.



Visitando a nossa Capital, onde se demoraram vários dias, proporcionaram-nos o prazer de sua visita os srs. Quinzio Ferrini, Nelson de Castro Sales e Humberto Ferrini.

O sr. Quinzio Ferrini, figura de grande projeção nos meios industriais e sociais do Rio de Janeiro, é o diretor geral do mais importante estabelecimento de fabricação de armas de guarda-chuvas da América do Sul, o Estabelecimento Ferrini Ltda., localizada na vila Soledade de Rodeio, e do qual é Superintendente o sr. Nelson de Castro Sales, figura de real prestígio social no sul-fluminense.

A fotografia ao lado focaliza o sr. Quinzio Ferrini, ladeado pelos srs. Nelson de Castro Sales e Humberto Ferrini, palestrando com o secretário de ALTEROSA.

SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES



SÉDE SOCIAL: RUA BUENOS AIRES, 29/27 — RIO DE JANEIRO

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMÉRICA DO SUL

RESUMO DO 30.º EXERCÍCIO — ANO 1943

Receita Geral do Exercício	Cr\$	81.874.959,60
Reservas Técnicas	Cr\$	27.156.641,80
Capital e Reservas Subsidiárias	Cr\$	14.577.950,30
Indenizações pagas até 31 de dez. de 1943	Cr\$	209.098.698,80

SOLIDEZ E GARANTIA

ORGANIZAÇÃO NO ESTADO

Sucursal de BELO HORIZONTE

Avenida Amazonas, esquina da rua São Paulo Edifício Lutetia — 1.º andar — Caixa Postal, 124 — Telefones: 2-0785 e 2-6812

UBERLANDIA — Praça Benedito Valadares, 20

ITAJUBA' — Rua Francisco Pereira, 311 — 1.º andar

JUIZ DE FORA — Rua Halfeld, 704 - sala 107



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE JULHO

Léxicos adotados: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca & Roquete, os dois; Chompré; Segulier; Monossilábico, de Japlassú, Breviário e Provérbios de Lamenza.

ANGULARES SILÁBICAS N.º 1 a 3

RISO

Muito **riso** existente pelo mundo,
quer num rosto de mestre ou de **sandeu**,
quando rasga dois lábios mostra o fundo
enlutado de uma alma que descreu...

Muito riso encobrindo o que há profundo,
em "**coração**" que já se entristeceu...
Quantas plantas nascendo em lodo imundo...
Quantas flores olhando para o céu...

Mas, aquele que pensa e que analisa,
um conjunto antagônico divisa,
um contraste de inferno e paraíso...

E pensando pergunta ao pensamento
se se pode ocultar o sentimento
rasgando o véu dos lábios num sorriso.

JOTA — B. S. — CAPITAL

(Ao Raul Silva, com um abraço)

(Aos Senhores de "Engenho")

Com **beijos** amindados,
Diz o **rapaz** à namorada:
E' só pelos teus cuidados
Que sou "**Homem**" de virada.

O "homem" co'a "letra" parece
MANURA que ninguém conhece.

JAIRO — B. S. — Capital

VICO — Inimutaba

(Ao Vico, agradecendo)

Que tem uma **idéia** fixa
de certo "**peixe**" pescar
convida logo um **soldado**
para a rede arremessar.

Bem dentro do coração
A "mulher" do Manecão,
Uma "letrinha" encantada,
Traçou com certo ferrão
De alguma formiga alada.

JAM — B. S. — Capital

A "letra" que o "traço" tem,
Não é desprezível, meu bem.

JUSTO — B. S. — Capital

ENIGMAS N.º 4 a 7

(Para "seu" Artur)

CASAIS N.º 8 a 10

(Ao Sabidão, para que não mais
arengue comigo)

Foi "atraído" com "mulher" e
[filhos
Para o maldito jôgo, o falso gôzo,
O meu amigo Barnabé Castilhos,
Que outrora fôra honesto e ca-
[rídoso.

PANAÇA — Presidente Vargas

Resumo em rima bem pobre
O alto conceito em que vos tenho;
Sois dotado de alma nada nobre
Pouco talento e menos engenho.
[— 2.

FELIZI TETÉIA — Alhures

Na "fila" de meus amigos
Está na ponta "seu" GAUDÉRIO.
Tem p'ra mim grande valla
Por ser homem de critério. — 3.

JUSTO — B. S. — Capital

(Ao caríssimo Raul Silva)

Precisa-se de criada **grave**,
Pagando-se bom **ordenado**,
Exigindo-se unicamente,
Que bem entenda do riscado — 4.
JECA (Ex-Sertanejo II) — B. S.
— Capital

SINCOPADA N.º 11

3-2 — A **hipocrisia** de Judas ca-
racterizou-se pelo **beijo** dado em
Jesus.

JECA — B. S. — Capital

MESOCLÍTICA N.º 12

2-2 — E' em "**vaso de pedra**" que
a "**mulher**" cuidadosa planta a
parietária.

JOSE' SÔLHA IGLÊSIAS —
Brumadinho

ECLÍPTICA N.º 13

2-2-(3) — O **simplório**, de modo
geral, pertence à classe de gente
inexperiente.

JOSE' SÔLHA IGLÊSIAS —
Brumadinho

CHARADAS N.º 14 a 18

Quem, talvez, teve **inimigo**
Já viu que, em grave perigo,
O velho rancor se vai
E êle se torna num bom pai. 1-1.

MAGUS — Capital
2-1 — Durante uma festa **irri-
tei-me** com a prolongada espera
do lanche.

ZIGOMAR — B.B. — Capital

1-1 — Quanto ao **dique**, veja
si o faz sem o auxilio de indiví-
duo importante.

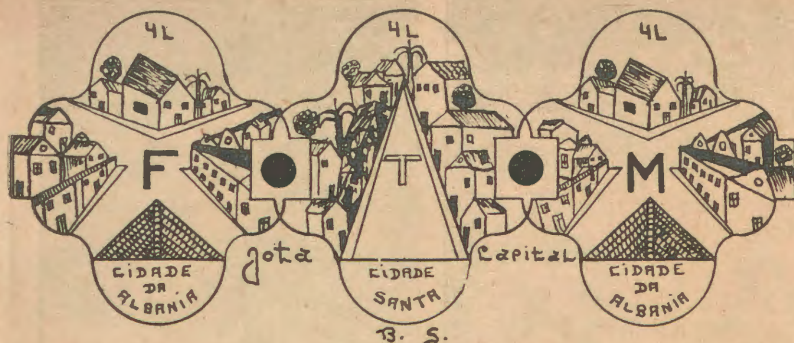
VALÉRIO VASCO —
Pará de Minas

3-4 — Existe um "**peixe do Bra-
sil**" cuja carne é de **máu gôsto**
para o **intrigante**.

3-2 — A **anomalia** que aquele
"**homem**" tem no nariz torna-o
verdadeiramente **extravagante**.

JECA — B. S. — Capital

ALTEROSA * JULHO DE 1945



JOTA — B. S. — Capital

BLOCO DA SAUDADE

O Bloco da Saudade, agremiação de charadistas da Capital, conta, desde o mês passado, com mais um elemento valioso. Trata-se de Sertanejo II, agora crismado em JECA, porque todos do Bloco devem usar pseudônimo começado pela letra "J". Tanto ao Bloco, pela brilhante aquisição que acaba de fazer, como ao Jeca, por ter ingressado num conjunto de charadistas inteligentes e decididos, apresentamos aqui os nossos parabéns.

"BRASIL ENIGMISTA"

Cartos, Paraná, Edo Beve, Ronega, Mardel, Ueniri e Euban Kario, conhecidos enigmistas da Capital da República, acabam de lançar à publicidade o "Brasil Enigmista", com o propósito de pugnar pelo engrandecimento da Ediposofia brasileira. A' fé dos padrinhos, está assegurada, desde logo, grande aceitação para o órgão charadista. O enderço do "Brasil Enigmista" é este: Rua Machado de Assis, 17 — Apartamento 205 — Rio de Janeiro. ALTEROSA formula sinceros votos pela prosperidade do nável órgão de imprensa especializada.

PRÊMIOS

O prêmio de uma assinatura anual de ALTEROSA, alusivo ao torneio de fevereiro deste ano, coube ao nosso estimado confrade Jota, da Capital, visto ter terminado em 29 o primeiro prêmio da loteria federal extraída em 19 de maio.

Ao prêmio de março último, uma obra literária, oferta de ALTEROSA, concorrem: Jam (1 a 6); Jairo (7 a 12); Jamil (13 a 18); Jota (19 a 24); Justo (25 a 30); Dângelo (31 a 36); Dr. Jomond (37 a 42); De Moraes (43 a 48); Sertanejo II (49 a 54); Vico (55 a 60); Zigomar (61 a 66); Raul Silva (67 a 72); José Sólha (73 a 78); Valério Vasco (79 a 84); Moema (85 a 90); Jásbar (91 a 96) e Filistéia (97 a 00). Desempate pela federal, extração de 14 deste mês, 1.º prêmio.

Soluções de março: 1 — Comer; 2 — bichano; 3 — facataz; 4 — unhaca; 5 — sargentear; 6 — maguado; 7 — quartaludo; 8 — cujara; 9 — despedido; 10 — Anchieta; 11 — cicata, caboré, tareco; 12 — Lilita, libata, tatala; 13 — Coaraci; 14 — Sapo que salta, água não falta.

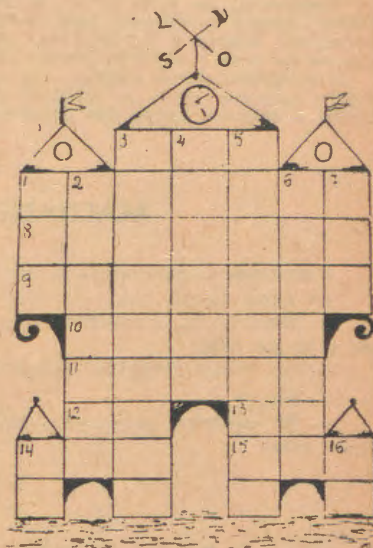
Listas de junho, completas: De Jam, Jairo, Justo, Jota, Jeca, Filistéia, Jamil e Moema.

Listas de maio: Sertanejo II, José Sólha, Raul Silva, Valério Vasco, Vico, Jam, Jairo, Jamil, Justo, Jota e Filistéia.

Lista de abril: Vico, Filistéia, Moema e De Moraes.

Trabalhos recebidos: De Jairo, Jam, Panaga, Jeca, Alvaro de Assis Pinto, Vico, Filistéia, Justo e Magus.

Palavras Cruzadas



MOEMA — Boturobi

Horizontais: 1 — prover; 3 — descasca; 8 — aferrado; 9 — irrita; 10 — flecha; 11 — elefante sem dentes; 12 — nota; 13 — duplo; 14 — Gigante da lenda medieval; 15 — Cidade das Filipinas.

Verticais: 1 — escolhe; 2 — doença; 3 — enciclopédico; 4 — Mulher de Polimnestor; 5 — diminuídos; 6 — intemperança; 7 — úlcera (tempo de verbo); 14 — medida japonesa; 16 — montanha de Mato Grosso.

NOTA — O problema de palavras cruzadas publicado em junho último é de autoria de d. Hilce M. Alcântara, esposa do conhecido humorista Xerém. D. Hilce é assídua leitora de ALTEROSA e reside no Rio de Janeiro.

ALTEROSA no Rio e São Paulo

Esta revista pode ser encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 5 de cada mês, nas seguintes bancas: Galeria Cruzeiro (lado esquerdo e lado direito); Livraria Freitas Bastos, Avenida Rio Branco, esquina Ouvidor; Estação D. Pedro II e Estação da Leopoldina.

Em São Paulo, nas principais bancas do centro da cidade e com os distribuidores gerais Agência Siciliano.



Realizou-se, na noite de 23 de junho último, na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, interessante festa joanina, que transcorreu num ambiente de contagiante alegria e cordialidade. A festa compareceu grande número de pessoas da nossa sociedade, muitas em trajes característicos.

A fotografia acima focaliza vivo aspecto da numerosa assistência que encheu o luminoso pátio do internato da Escola Carlos Chagas, notando-se, à frente, o animado grupo das encantadoras alunas do curso de enfermagem.

*

MALDADE FEMININA

Palestram duas amigas e uma delas pergunta:

— Dona Ester, qual é a sua manicure?

— Espere um pouquinho que lhe dou o enderêço por escrito e até o nome dela.

— Oh, muito obrigada! A senhora me vai fazer um grande favor...

— Sim?!...

— E' verdade, pois assim não correrei risco de entregar-lhe minhas unhas...

*



Sta. Maria Aparecida Wandenkolk, da sociedade de Araguari, neste Estado.



Sta. Neide Edméa, da sociedade de Itabirito, neste Estado

Ação Triplíce

1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.

2 LIMPA suavemente os intestinos.

3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LEITE DE MAGNÉSIA DE
PHILLIPS
BOM PARA TODA A FAMÍLIA



Muitos comerciantes retalhistas costumam oferecer ao público sucedâneos dos artigos de maior fama e mais alta qualidade, em substituição a estes, para ganharem maior percentagem em suas vendas.

Se a senhora deseja ser bem servida, recuse terminantemente essas ofertas, exigindo a marca que pediu.

RIO BRANCO

tem nova administração

POR ato do Exmo. Sr. Governador do Estado, foi nomeado para o cargo de prefeito municipal de Visconde do Rio Branco, o Exmo. Sr. Antônio de Gouvêa Lima, prestigioso chefe político daquele importante município e um dos líderes da pecuária da Zona da Mata.

Em palestra com a Srta. Zuleixa C. Couto, nossa repórter, Sua Senhoria prestou-nos valiosas informações sobre o movimento financeiro e administrativo de seu progressista município.

O prefeito Gouvêa Lima, está vivamente interessado na reconstrução das estradas e pontes dos distritos e na renovação do calçamento da cidade, problemas de inadiável necessidade.

Também faz parte de seu programa cuidar com carinho da higiene e da instrução, pois considera ainda esses problemas como dos mais importantes para o maior engrandecimento de seu município. Entretanto, encontrou a situação financeira de sua Prefeitura em estado precário, porquanto a antiga administração já havia arrecadado grande parte do orçamento, deixando obrigações que absorvem o saldo encontrado.

Apesar disto, o prefeito Gouvêa Lima, contando com o auxílio do benemérito governo do Estado e com a boa vontade de seus co-municípios, vem realizando com entusiasmo o seu intento, fazendo jus ao apoio que lhe empresta toda a população de Rio Branco.

*

CLEMENCEAU DESABUSADO

O Tigre, como era conhecido Clemenceau, tinha o hábito de convidar Paderewski a jantar em restaurante onde entretinham animadas palestras. Era comum ver o grande pianista e ex-presidente da República em companhia de Clemenceau na *Tour d'Argent*, *Cheval Pie* ou no *Cochon de lait*, clássicos restaurantes parisienses, muito conhecidos e quem tem o hábito de comer bem.

Certa vez, Clemenceau, sempre desabusado de linguagem, indagou a Paderewski:

— Por que, Paderewski, há o hábito em Paris de se dizer *saoul comme un polonês*? (bêbedo como um polonês).

— Pela mesma razão, retorquiu Paderewski, que há o hábito por toda a parte de se dizer: *polido como um francês*.

Diz a encantadora estrela de HOLLYWOOD

Paulette Goddard:
(Paramount)

"Lever é o meu sabonete!"

Desvendar-se-á o segredo de beleza das estrêlas, quando a deliciosa espuma de Lever acariciar sua pele. Você sentirá a delicada fragrância do seu perfume e fará seu, para sempre, o sabonete preferido por 9 entre 10 estrêlas de Hollywood!

O SABONETE DA ALVURA PERFEITA



LEVER DURA MUITO
porque foi feito especialmente para produzir espuma com rapidez - por isso **GASTA MENOS.**

LEVER

- o sabonete das estrêlas!

LINTAS LTS 82-0179 A

ORA, EÇA!

Eça de Queiroz, na sua viagem a Egito, perguntou ao guia, certa ocasião em que contemplava o rio Nilo

— São muito ferozes os crocodilos do alto Nilo?

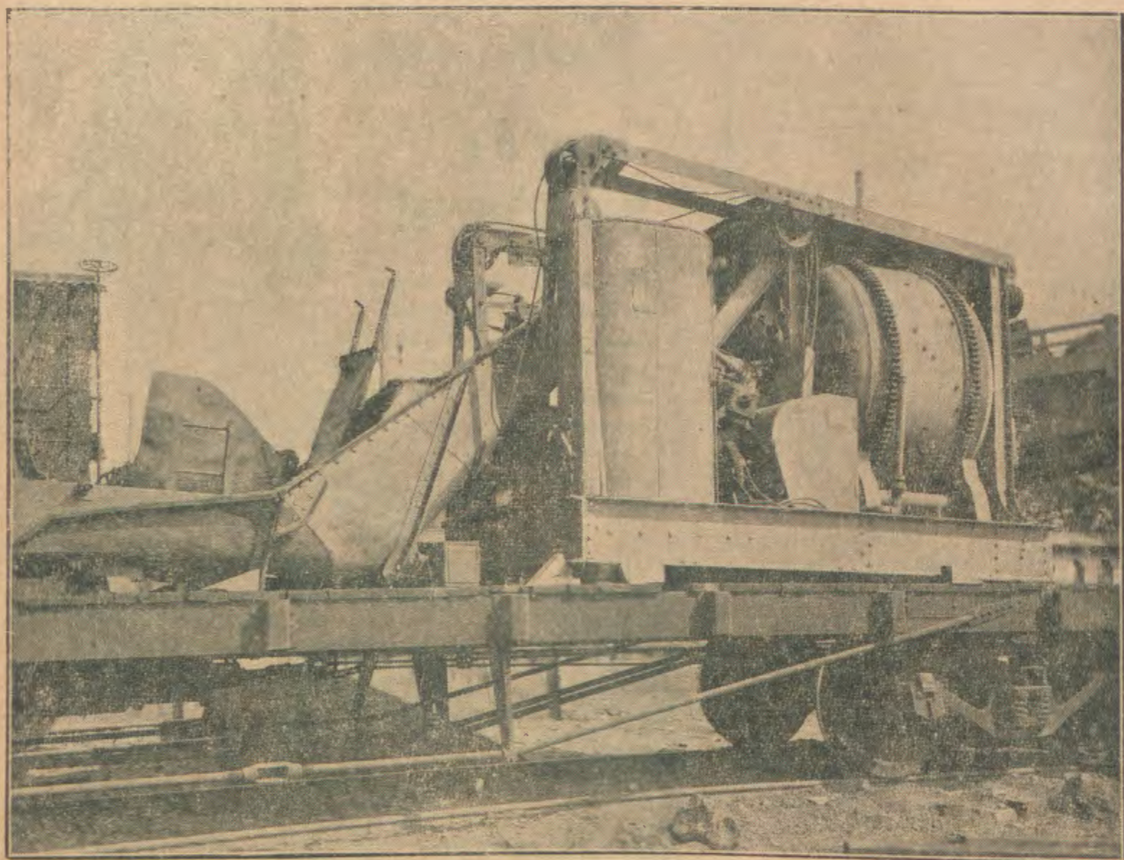
— Oh, não — respondeu o guia com simplicidade — Apenas, não se pode chegar muito perto deles por que comem a gente...

DESDE
1901

GIACOMO VENDE E PAGA SORTES GRANDES

BAIA
856

AEROPORTO DA PAMPULHA



CONSIDERANDO a já grandiosa influência turística e comercial de Belo Horizonte, o Ministério da Aeronáutica resolveu dar-lhe um aeroporto condigno. Para isto, pôs em concorrência pública as obras de construção das pistas de concreto armado, à qual compareceram várias e importantes firmas, tendo saído vencedora a firma ALFREDO C. SANTIAGO & CIA. LTDA., de nossa Capital, poderosa organização industrial dirigida pelos doutores Alfredo Carneiro Santiago e Roberto Magalhães Penna, que se cercaram de uma equipe de técnicos dedicados e competentes. Nas obras serão empregadas máquinas de grande capacidade, importadas dos EE.UU. especialmente para êsse fim.



A vista que estampamos é a de uma "Pavimentadora Koehring", tomada ainda sobre o vagão, no dia da sua chegada.



Zélia Maria e Geralda Maria, filhas do sr. Alvaro de Assis Pinto e de sua esposa d. Zita de Macedo Pinto, ambos colaboradores de nossa seção de charadas.

*

O ANIVERSÁRIO DE T. J. O'SHEA

FESTEJOU o seu aniversário natalício, em 23 de junho último, o sr. T. J. O'Shea, o dinâmico e estimado diretor da Scott & Bowne, Inc. no Brasil.

Figura de larga projeção nos meios sociais da Capital do país, de onde a sua personalidade se irradia através de um largo círculo de relações de amizade em todo o Brasil, o sr. T. J. O'Shea, como seria de se esperar, recebeu por essa ocasião mais uma vigorosa demonstração do alto apreço em que é tido em nossa sociedade, expressado em numerosas manifestações de estima por parte de seus amigos e admiradores.

Estampando a fotografia do ilustre aniversariante, incontestavelmente um dos maiores amigos que contamos na grande colônia americana no Brasil, rendemos justa homenagem ao mérito de uma das figuras mais simpáticas dos meios econômicos e sociais do país.



T. J. O'SHEA

*



GRAVADOR

RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

ARAUJO

PHOTOGRAFIAS
ZINCÓGRAFIAS
TRICROMIAS
DUBLES, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELLO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado ALT

*

PELAS DÚVIDAS...

Certa vez, pediram ao famoso compositor italiano Pietro Mascagni que contasse a história de seu primeiro amor, para ser transmitida pela radiotelefonía.

Mascagni respondeu:

— Acederia com prazer ao pedido, narrando meu primeiro amor, mas minha esposa, como quase todas as senhoras, é admiradora da radiotelefonía. Por isso façam o favor de dizer pelo rádio, de forma a não deixar a mínima dúvida, que meu primeiro e único amor é minha esposa.

*

Os Germes da Coceira

Combatidos em 7 Minutos

A sua pele tem cerca de 50 milhões de minúsculos sulcos e poros, onde se escondem os germes causadores da terrível coceira, "rachando", erupções, "descascando", ardência, acne, impigens, psoríasis, cravos, espinhas, frieiras, coceira dos pés e outros males. Os tratamentos comuns só fornecem um alívio temporário, porque não combatem o germe causador. A nova descoberta, **Nixoderm**, faz parar a coceira em 7 minutos e oferece a garantia de dar-lhe uma pele lisa, limpa, atraente e macia — em uma semana. Peça hoje mesmo ao seu farmacêutico **Nixoderm** e elimine as verdadeiras causas das afecções cutâneas. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Nixoderm

Para as Afecções Cutâneas proteção.

Distr. S. I. P. Caixa Postal 3786 — Rio

Outro sorteio das Consolidadas Mineiras

Premiada com Cr\$ 500.000,00 a apólice n. 2.913.999



Aspecto da assistência, vendo-se o Dr. Edison Tavares da Silva, Secretário das Finanças de Minas Gerais.

no sorteio de 31 de maio último

Outros prêmios

REALIZOU-SE, no dia 31 de maio último no auditório da Escola Normal, desta Capital, mais um sorteio das apólices da Série "C" do Empréstimo Mineiro de Consolidação.

O ato foi presidido pelo sr. Francisco Martins, superintendente do Departamento da Despesa Variável, da Secretaria das Finanças, tendo ao mesmo comparecido o sr. Edison Alvares da Silva, Secretário das Finanças, auxiliares de seu gabinete representantes das classes produtoras, de estabelecimentos bancários, da imprensa e do rádio, e inúmeras pessoas de relêvo em nossa sociedade.

Abertos os trabalhos, procedeu-se ao sorteio, cujos resultados vão abaixo. Ao encerramento dos trabalhos, foi assinada a ata pelos membros dirigentes, pelos fiscais e pelos representantes das diversas associações de classe presentes.

Cr\$ 500.000,00	2.913.999
Cr\$ 100.000,00	2.302.357
Cr\$ 50.000,00	2.461.710
Cr\$ 50.000,00	2.464.071
Cr\$ 20.000,00	2.106.835
Cr\$ 20.000,00	2.345.940
Cr\$ 20.000,00	2.503.112

PRÊMIOS DE CR\$ 10.000,00

2.069.172 — 2.075.074 — 2.162.942 — 2.769.977

PRÊMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.106.678 — 2.191.306 — 2.383.110 — 2.350.902 — 2.373.985 — 2.448.527 —
2.560.489 — 2.907.537 — 2.937.442 — 2.952.544

PRÊMIOS DE CR\$ 2.000,00

2.072.163	2.140.937	2.355.170	2.525.642	2.713.700
2.080.281	2.165.468	2.390.821	2.541.406	2.715.599
2.127.185	2.225.207	2.444.566	2.584.242	2.732.272
2.131.399	2.333.995	2.455.039	2.677.132	2.739.930
2.133.644	2.345.671	2.468.716	2.680.220	2.937.975

PRÊMIOS DE CR\$ 1.000,00

2.017.285	2.176.761	2.369.507	2.571.099	2.798.726
2.040.101	2.182.829	2.379.085	2.571.637	2.840.058
2.043.908	2.191.011	2.385.624	2.593.977	2.847.022
2.044.949	2.195.831	2.410.434	2.601.172	2.850.645
2.054.111	2.212.632	2.412.187	2.603.105	2.874.421
2.059.296	2.216.414	2.418.525	2.624.482	2.891.057
2.064.862	2.225.228	2.426.923	2.641.094	2.903.012
2.079.006	2.252.626	2.429.077	2.663.159	2.931.139
2.080.743	2.271.375	2.450.798	2.674.135	2.931.724
2.105.934	2.304.860	2.456.590	2.678.134	2.935.034
2.110.527	2.314.626	2.462.630	2.689.376	2.944.400
2.111.364	2.316.069	2.464.004	2.707.638	2.948.325
2.122.769	2.330.308	2.470.170	2.724.248	2.952.332
2.143.704	2.332.822	2.470.600	2.725.832	2.962.304
2.145.347	2.346.545	2.476.414	2.727.426	2.972.788
2.151.151	2.351.889	2.519.987	2.732.195	2.978.768
2.152.083	2.353.352	2.531.224	2.740.766	2.984.050
2.152.567	2.360.229	2.551.438	2.744.672	2.990.398
2.172.719	2.364.229	2.555.548	2.753.721	2.993.140
2.175.655	2.365.420	2.566.444	2.780.036	2.997.164

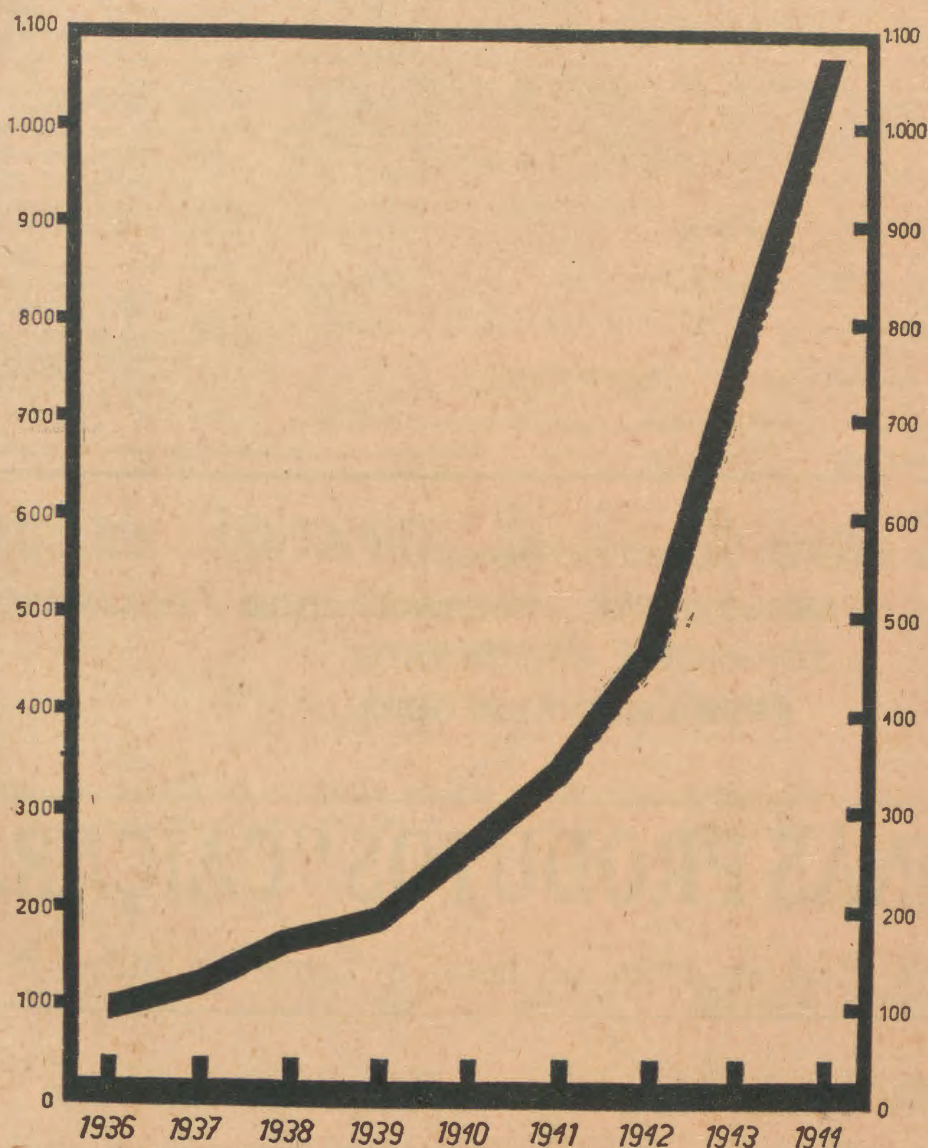
A ELOQUÊNCIA DAS CIFRAS

atesta a crescente confiança pública no mais
antigo estabelecimento de crédito do Estado

DEPÓSITOS

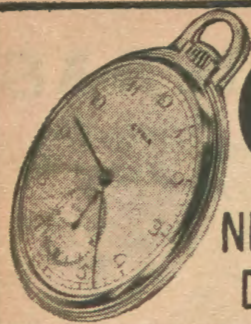
1936 - 1944 — Saldos de fim de ano

Em milhões de cruzeiros



Mais de meio século ao serviço da economia e do progresso do Brasil!

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

INGRATIDÃO

MUITO se fala dos médicos. Dizem que mandam os seus clientes para o "outro mundo" e que lhes esfolam a pele, arrancando-lhes os últimos vinténs que possuem. Os pobres clínicos sofrem, enfim, as maiores acusações.

Justa ou injustamente? Cada um que pense lá por si. Nós não lhes fazemos as mesmas acusações. Reconhecemos o serviço que prestam à humanidade. Ainda há pouco, uma revista americana narrou o seguinte fato, considerado verdadeiro. Eram três horas da madrugada. Um indivíduo chega à casa do facultativo e pede-lhe que atenda um doente no povoado vizinho. Bondoso, o médico resolve acompanhar o desconhecido. E no automóvel do médico, seguem.

Ao chegar à povoação vizinha, o indivíduo salta e pergunta ao médico o preço da visita.

— Cinquenta mil reis, isto é, cinquenta cruzeiros para sermos modernos... — gracejou o médico.

— Muito bem. Aqui estão eles. — declara o sujeito.

E, irônico, junta:

— Imagine o senhor que os *chauffeurs* me pediram duzentos cruzeiros...
Lucrei, assim, cento e cinquenta.

DALTONISMO

○ PRIMEIRO homem de ciência que estudou a anormalidade ótica denominada daltonismo chama-se Dalton. Eis aí a origem da palavra. Dalton era inglês e sofria da doença que ele próprio estudou. Viveu de 1796 a 1844.

Um dia, um médico perguntou-lhe de que cor era um objeto que levava consigo. Dalton respondeu que não via diferença alguma entre a cor das árvores e a do objeto em questão. E era encarnado!

As cerejas maduras pareciam-lhe da mesma cor que as folhas. Uma barra encarnada de lacre confundia-se a seus olhos com a relva, não podendo encontrá-la na verde alcatifa de um prado.

Começando a estudar o seu caso, não tardou a encontrar cinquenta exemplos da mesma anomalia.

O professor Pedro Prevost, de Genebra, foi quem deu a essa anomalia o nome de daltonismo.

Um estabelecimento comercial que faz propaganda, comprova o seu desejo de bem servir ao público. Prefira, para suas compras, as casas que não se recusam de convidá-la, utilizando, para isso a imprensa.

FARELO de MILHO (puro)

FARELO MISTO c/TORTA de COCO e de LINHAÇA

FORRAGEM BALANCEADA

AVES e GADO EM GERAL

USINAS PRODUTOS "CAIÇARA"

★ Fubá de todos os tipos e Creme de Milho ★

Rua Cons.º Rocha, 561 — Belo Horizonte — Fone 2-2868

Compradores em grande escala de
MILHO E ARROZ EM CASCA

CADA vez que o relógio tic-taqueia essa mínima unidade de tempo, — o segundo, — o sol perde quatro milhões de toneladas de seu peso.

Mas, segundo declara sir Oliver Lodge, autor desta descoberta, não há razão para alarma, ou para que pensem que vamos ficar sem o sol, tão necessário nesses dias de inverno.

“O sol — disse Lodge — pode continuar perdendo esses quatro milhões de toneladas durante mil milhões de anos, sem, “que se lhe note”.

Apesar disso — acrescentou o sábio — essa perda de peso não pode continuar por todo o sempre. O sistema solar, como todas as coisas, teve um princípio e tem, forçosamente, que ter um fim.”

A notícia, como se compreenderá, não nos deve alarmar.

E' bastante difícil que algum de nós chegue a viver milhões de anos e, se isto ocorresse, esse mortal estaria já em condições de não sentir falta do sol...



Realizou-se, em junho último, o casamento da Senhorita Haidée de Oliveira Veloso, filha do Sr. Joaquim Moss Veloso e sua exma. esposa, D. Maria Luíza de Oliveira Veloso, com o Sr. Felix Gerbson, técnico-industrial.

Foram testemunhas, no civil, por parte da noiva, o Dr. Alvaro A. Capfer e exma. senhora; e por parte do noivo, o Sr. José Abramo e a senhorita Maria Luíza Veloso. No religioso, foram padrinhos, da noiva, o Sr. Sila Moss Veloso e exma. senhora e do noivo, Sr. Artur Contagem Vilaça e exma. senhora.

A fotografia acima focaliza a cerimônia religiosa efetuada por Monsenhor João Rodrigues de Oliveira, na igreja de São Sebastião de Barro Preto, nesta Capital.

Sociedade Açucareira de Rio Branco, S. A.

SOCIÉTÉ SUCRIÈRE DE RIO BRANCO

PROPRIETÁRIA DA

USINA DE RIO BRANCO

SITUADA NA CIDADE DE VISCONDE DO RIO BRANCO — ESTADO DE MINAS GERAIS

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: “COBRACO” — TELEFONE 64



Capacidade de produção de açúcar — 1.000 sacos diários

Capacidade de produção do álcool — 10.000 litros diários

Fabricante do afamado açúcar cristal de primeira, extra branco marca “RIO BRANCO”. Instalações para álcool anidro de 99,9 a 99,8. Alcool potavel de 97°, extra-fino. Alcool-motor anidro, marca URB, o mais antigo, o melhor, o mais procurado e o mais econômico carburante do Estado de Minas.

Tempo é Dinheiro!



EVITE O TRABALHO DE
CONTAR E CONFERIR
O TROCO

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

A Bicicleta de Luís Carlos

J. M. de Andrade Sobrinho

A bicicleta é o grande ideal da meninada!

Os garotos ficam doidos, quando pensam nas máquinas, com suas peças niqueladas a brilharem; com suas rodas macias a rodarem silenciosamente. Quando se imaginam encarapitados sobre o selim de molas, a deslizarem gostosamente sobre o asfalto, sobre a areia da praia ou sobre o paralelepípedo mesmo, apesar dos solavancos, que não sentem.

Quem não desejou uma bicicleta?

Meu cunhado Carlos passou toda a sua meninice querendo uma bicicleta... sem conseguir realizar o seu ideal.

Por isso mesmo cresceu com enorme recalque.

Quando seu filho atingiu os 10 anos, deu-lhe uma bicicleta!

E ao vê-lo, feliz e risonho, montar na máquina nova, novinha em folha e sair pedalando, em ziguezague, pela calçada da rua, em risco de atropelar todo mundo, só então conseguiu "desabafar".

Chorou! Chorou copiosamente, como uma criança. Chorou de alegria!

Chorou por todo o tempo que não conseguira possuir uma bicicleta nova, novinha, como aquela que ali estava, na posse real e efetiva, do seu filho querido.

Mas não ficou aí. E, como o caminheiro errante que, para matar a recalcada sede, não lhe basta um copo d'água, foi além, muito além. Comprou mais uma, duas, mais três máquinas, para toda a sua família.

E era um gosto vê-los aos domingos, na praia de Santos, pedalando na frente do grupo, como guia e como chefe, a comandar o seu pelotão de ciclistas.

Mas as crianças foram crescendo, crescendo... E a menor, a menorzinha das máquinas, ficou atirada a um canto, abandonada, enferrujando as peças, no fundo da garage.

Foi quando apareci em sua casa, em visita. O assunto veio novamente à baila, quando vimos, ali, abandonada e só, a bicicleta do Luís Carlos.

Contou-me então o seu desabafado, com a voz a demonstrar ainda indistincta emoção.

Ao finalizar a conversa, per-

guntou-me em tom amigo e generoso:

— O teu filho já tem bicicleta?

Como lhe respondesse negativamente, alegando que ainda era muito pequenino, não esperou mais nada.

— Vou mandar despachá-la, hoje mesmo, para o teu Ricardo. Mandarás consertá-la e ele a usará, logo que possa.

Recebi-a em casa, de presente, sem ter tido sequer o trabalho de a despachar.

Quando a mostrei ao meu filho, os seus olhos brilharam com aquele mesmo brilho dos olhos de Carlos.

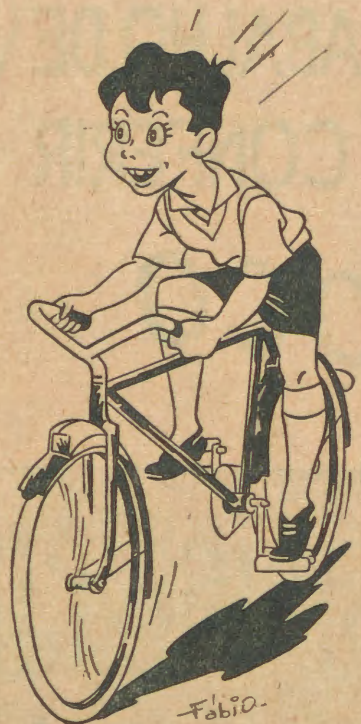
Compreendi, então, a delicadeza do gesto do meu amigo e também me recordei do meu passado.

A minha primeira máquina, me foi dada por meu pai, amoroso e cheio de cuidados com o seu caçula.

Um pouquinho grande para mim, que precisava esticar bem as pernas para pedalar.

Tôda pintada de preto, em esmalte lúcido, com suas peças niqueladas reluzindo ao sol, e a atração dos reluzentes raios das suas rodas.

Tinha paralamas, lanterna,



bomba de encher as rodas, freio de mão e até bolsinha de couro com ferramentas de emergência.

Recebi-a sob severas recomendações de a não usar sem a necessária autorização.

Foi a minha namorada de muitos dias, antes de entrar na posse definitiva.

Enquanto isso, passava os dias a contemplá-la, risonho e feliz, na esperança do dia que afinal chegou.

Quando me pus a andar, compreendi que não era tão fácil. Foi um custo para equilibrar!

O jardineiro de casa foi o meu primeiro instrutor. Suando e bufando, correu atrás de mim por vários dias a me amparar as quedas e trambulhões.

Quando aprendi a andar sozinho, desandei a realizar proezas arriscadas, e o resultado não se fez esperar.

Acertei em todas as árvores do quintal, subi em todos os mofios, atravessei todos os regos e valas, desmontei-a várias vezes e acabei com a máquina.

Comecei, então a sonhar com nova bicicleta.

A minha não valia mais nada. Além do mais, era "pedal fixo", o que me obrigava a pedalar continuamente, sem poder descansar.

E assim ficou desmoralizada e esquecida a minha primeira bicicleta.

Certo dia, estava eu no porão de casa, esperando o regresso de meu pai, quando passa um bonde "caradura" com uma linda bicicleta vermelha, bem maior que a minha, acompanhada por um mensageiro.

Como eu morava junto ao fim da linha dos bondes, meus olhos reluziram mais, pois já ficava sabendo que o seu feliz proprietário, havia de residir bem perto.

Jurei logo descobrir, no dia seguinte, quem era o "dono" da máquina. Tudo isso num segundo, enquanto o "caradura" passava por meu portão.

A campanha deu o sinal de parada. Salta o carregador com a bicicleta e dirige-se para o meu lado.

Meu coração pulsa mais forte: "o dono" moraria bem perto. Quem seria o felizardo?

— Aqui é a casa do Dr. Andrade?

— Sim, senhor — respondi

0

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS, S. A.

tem o prazer de participar a inauguração, a 1º de julho, de sua nova agência em

SANTA RITA DO SAPUCAÍ

colocando-a às ordens de seus prezados clientes.

meio confuso, na incompreensão do que se estava passando.

Só depois de plenamente confirmado o nome do destinatário, é que cai na realidade.

Era eu, o felizardo!

"Pedal livre" e, contra-pedalagem!

Finalmente a libertação do "pedal fixo" da minha velha e já inexpressiva máquina!

Quase não dormi nessa noite.

A's cinco da manhã, pulei da cama e, mesmo de camisola, sem desembrolhar totalmente a bicicleta, lá fui eu para o jardim, ensaiar os meus novos sucessos.

*

Assim foi o passado, assim é o

presente.

Estou com 40 anos; meu filho com 10.

A bicicleta do Luís Carlos está reparadinha: tôda, niquelada de novo, pintadinha de azul-celeste com frisos amarelo-canário, a brilhar e a luzir como tôdas.

O meu Ricardo já aprendeu a andar, já faz curvas, já salta, andando, já monta sem precisar de auxílio.

Passa os dias no seu cavallinho mecânico, a rodar, a rodar, numa eterna felicidade.

Quando não está no quintal, rodando, rodando, está dentro de casa, girando, girando, entre a cozinha e sala de visitas, por en-

tre móveis e cadeiras, sem um esbarro e no mais delicioso silêncio.

Parece uma sombra alada, a vagar pela casa girando, girando, rodando, rodando.

E eu me fico docemente sentado na minha poltrona, a contemplar sua radiante felicidade, com minha filha menor, sentada ao colo, a sonhar também com "a sua bicicleta".

Vem-me, então, à lembrança, o meu amigo Carlos, a figura querida de meu pai, de minha mãe, de minha casa antiga, e das minhas 2 bicicletas: a de pedal fixo e a de pedal livre e contrapedalagem...

O Brasil precisa de cimento

COMPANHIA FLUMINENSE DE CIMENTO PORTLAND

Devidamente autorizada a funcionar pelo Conselho Nacional de Minas e Metalurgia (Diário Oficial — 7-12-44) a COMPANHIA FLUMINENSE DE CIMENTO PORTLAND, comunica que em 31 de julho próximo, encerrará definitivamente a colocação das ações referentes a formação de seu capital. Aos interessados em adquirir as ultimas ações, procurem a sede da Cia. Rua do Rosário, 104, 4.º — Rio, ou nos Estados os seus representantes autorizados: à Rua dos Carijós, 218, sala 36, 3.º, em Belo Horizonte.

O INCORPORADOR

Alterosa

Publicação mensal da
Sociedade Editora ALTEROSA Ltda.

Dir.-gerente: MIRANDA E CASTRO
Dir.-redator-chefe: MÁRIO MATOS

Administração:

Rua Tupinambás, 643 - Sobreloja 5 —
Fone 2-0652 — Caixa Postal, 279 —
End. Telegr.: ALTEROSA — BELO
HORIZONTE — Est. de Minas Gerais

VENDA AVULSA EM TODO O BRASIL

Número comum Cr\$ 2,50

Número especial Cr\$ 3,00

Os números atrasados custam mais
Cr\$ 1,00.

Os números especiais são editados
em maio, agosto, novembro e de-
zembro.

ASSINATURAS

(Sob registro)

Semestre (6 números) . . Cr\$15,00

1 ano (12 números) . . Cr\$30,00

2 anos (24 números) . . Cr\$55,00

SUCURSAL NO RIO — Diretor: Nel-
son de Castro — Rua Visconde de
Santa Izabel, 515 — Fone 38-5684

PUBLICIDADE NO RIO E S. PAULO
Empresa Editora Publicidade Ltda.
Rio: Av. Presidente Wilson, 198 - 3.º
andar — Telefone 42-9264.

São Paulo: Rua Libero Badaró, 488
— 7.º andar. Direção de Nelson
da Cunha Melo.

SECRETÁRIO-FUNDADOR: Teófilo
Pereira.

SECRETÁRIO: Jorge Azevedo.

COLABORAÇÃO: Alberto Renart, Al-
phonse de Guimaraens Filho, Adel-
mar Tavares, Alvarus de Oliveira,
Austen Amaro, A. J. Hermenegil-
do Filho, Antônio Silveira, Aguiar
Brandão, Anita Carvalho, Almir Ne-
ves, Bahia de Vasconcelos, Benedito
Merlin, Bastos Portela, Cláudio de
Sousa, Carlos Maranhão, Djalma
Andrade, Dionísio Garcia, Edgarci Re-
sende, Edmundo Costa, Edison Pi-
nheiro, Evágrio Rodrigues, Francisco
Armond, Geraldo Dutra de Moraes,
Iluberto Rohden, Ilza Montenegro,
Joaquim Laranjeira, J. M. de Andra-
de Sobrinho, Luis de Bessa, Luis Otá-
vio, Luis Horta Lisboa, Luis de Pau-
la Lopes, Lourdes G. Silva, Malba
Tahan, Maria Antônia Sampaio, Ma-
ria Emília C. Goulart, Murilo
Araujo, Moacir Andrade, Muri-
lo Rubião, Nilo Aparecida Pinto,
Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Sil-
va, Oscar Mendes, Olga Obry, Paulo
Dantas, Pedro Ribeiro da Franca,
Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de
Azevedo, Vanderlei Vilela e Wilson Pe-
reira Barbosa.

FOTOGRAFIA — Amavel Costa, Fran-
cisco Martins e Stúdio Constantino.
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brei-
ner Ltda.

CLICHERIE — Fotogravura Minas Ge-
rais Ltda. e Gravador Araujo.

DESENHOS — Antônio Rocha, Érico,
Fábio Borges, Moura e Rodolfo.

INSPETORES — A serviço desta re-
vista percorrem presentemente os mu-
nicípios mineiros as srts. Elza Lan-
nes, Dalmatir Lannes, Zuleica Cam-
pos Couto e as sras. Minas Maria
Passini e Manoliciana Naveira Esteves.

A redação não devolve, em hipótese
alguma, fotografias ou originais, ain-
da que não tenham sido publicados.

★ CRIANÇAS ★

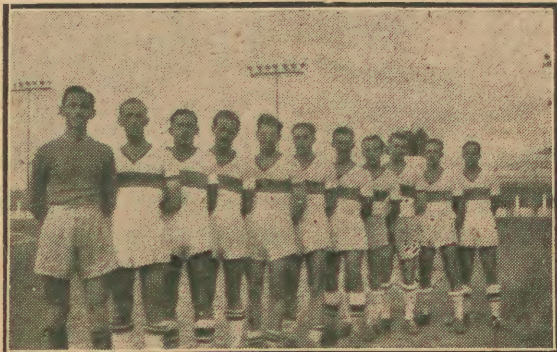


Luciana, filha do casal Carlos-Maria Nidia Martins, residente em Santa
Bárbara — Márcia, filha do casal Aloisio-Maisa Almeida Palva, residente em Var-
ginha. — Lincoln Almir, filho do casal Adolfo-Maria Elisa Amarante Ribeiro,
residente na Capital.



Arminda, Hiram e
Beatriz, interessan-
tes filhinhos do ca-
sal sr. Francisco
Gontijo de Azevedo-
D. Anisia Ferreira
da Silva, de Divinó-
polis, neste Estado.

★ BANCOMINAS E. CLUBE ★



O valoroso "team"
do Bancominas E.
Clube, que se sagrou
vice-líder do certa-
men bancário, nesta
Capital.

NÃO HAVIA PRESSA...

O mendigo:

— Dê-me alguma coisinha para um bocado de pão, senhor, que há três dias
não como.

O ricoço, avarento:

— Segundo as últimas descobertas científicas, um homem pode estar sem
comer nove dias. Volte, portanto, daqui a seis...



Não é tão fácil fazer batatas fritas!... POR QUE?

Porque para que sejam bem feitas, verdadeiramente, precisam reunir êstes predicados. não devem estar sêcas, nem encharcadas; douradinhas por fora e bem cozidas por

dentro. O óleo "A Patrôa" é super-refinado, proporcionando as condições indispensáveis a que as batatas se tornem não apenas saborosas, mas leves, macias e digeríveis.



SIGA ÊSTES CONSELHOS —

1 - Ponha bastante óleo na frigideira. Poderá usar o mesmo repetidas vêzes. Nunca tape a frigideira em que se fritam as batatas.



2 - Enrugue as batatas para não esfriar o óleo e ponha pequenas quantidades de cada vez. Mantenha sempre o óleo bem quente.



3 - Não enogue as batatas antes de fritá-las. É muito melhor polvilhar o sal depois de fritas.



ÓLEO

A Patrôa

PRODUTO DA Swift do Brasil



SOMOS TODOS *Americanos*

Somos todos americanos. Tradicionalmente solidários, procuramos sempre tirar ensinamentos da iniciativa de quantos pisam o chão pacífico deste continente. Em qualquer esfera do conhecimento humano, na América, essas conquistas vão sendo colhidas e incorporadas indiscriminadamente por todos os cidadãos americanos! Foi esse princípio que inspirou a Guanabara a lançar no seu setor de atividade -- a confecção de vestimentas masculinas -- a roupa americana, moderna e prática, tal como o é a América.

Poyares

Guanabara